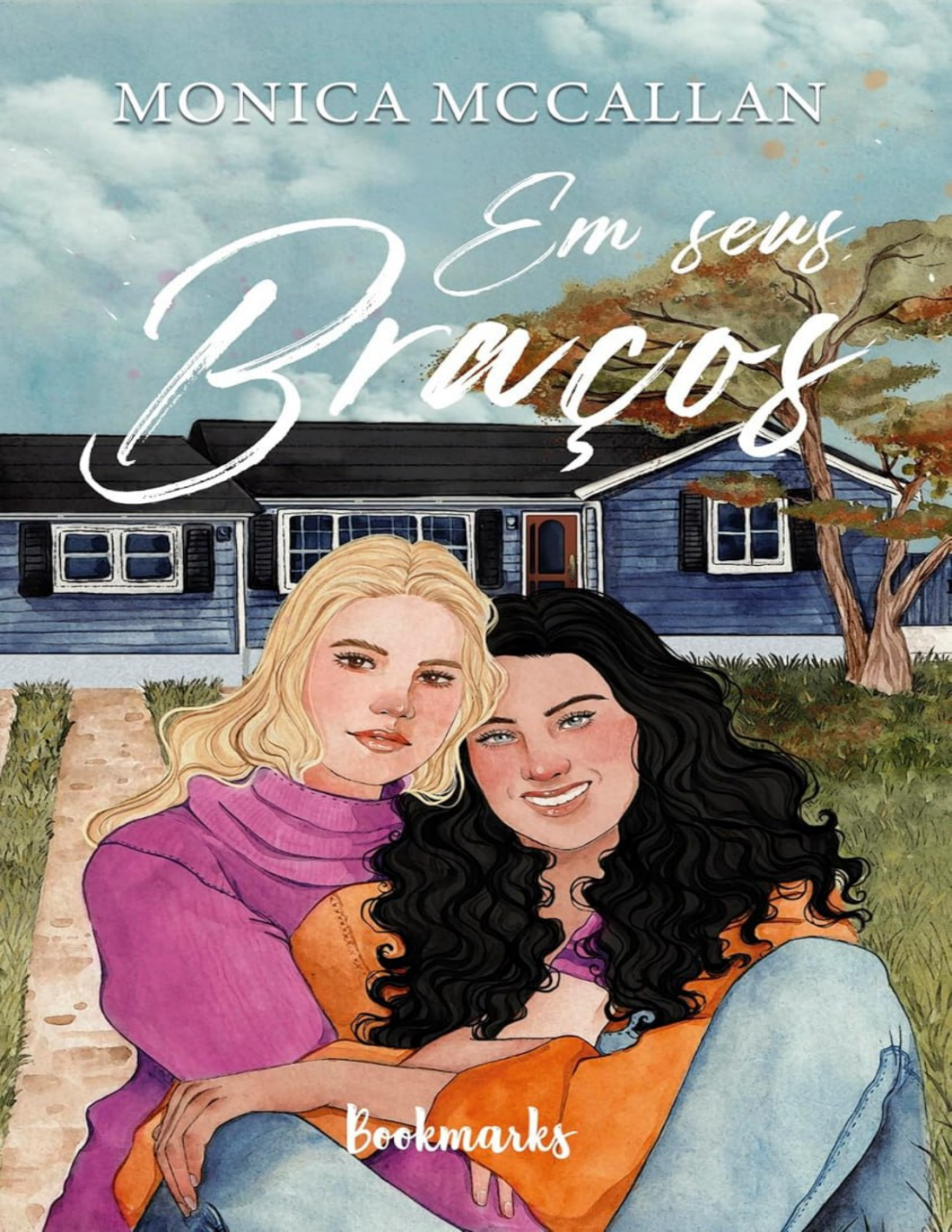

MONICA MCCALLAN
Em seus Braços
Bookmarks

MONICA MCCALLAN

Em seus Braços

Tradução:
Andreia Barboza

1ª edição
2025

Bookmarks

Copyright © 2021 por Monica McCallan
Copyright da tradução © 2025 por Editora Bookmarks.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução e diagramação digital: Andreia Barboza
Copidesque: Raphael Pellegrini
Edição: Luizyana Bueno
Capa: Carmell Louise

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Bookmarks.
Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972
contato@editorabookmarks.com
facebook.com/editorabookmarks
instagram.com/editorabookmarks
twitter.com/editorabookmark

SINOPSE

Há dezessete anos, Quinn McKinley deixou a pequena cidade de Kingsford em busca de uma vida mais feliz. Agora, trabalhando como corretora imobiliária de sucesso em Nova York, ela precisou voltar para fechar o negócio de sua vida.

Essa volta abre uma porta que ela fez o possível para manter fechada todos esses anos: como se sentia em relação à sua melhor amiga de infância, Sawyer Kent.

Sawyer passou a vida inteira em Kingsford, trabalhando na loja de antiguidades da família e tentando fazer todo mundo feliz. O retorno de Quinn é inesperado, desequilibrando sua existência rotineira. Ela ainda está frustrada com a forma como Quinn deixou as coisas entre as duas e, mesmo que tenha todos os tipos de sentimentos mal resolvidos, tem problemas maiores para se preocupar agora.

Uma história de segunda chance no amor que vai te emocionar do início ao fim.

Da autora indicada ao *Golden Crown Literary Awards*, o Oscar da literatura sáfica internacional.

DEDICATÓRIA

Eu amo a comunidade lésbica. Nada me trouxe mais felicidade nos últimos quatro anos do que fazer parte de um grupo com pessoas tão incríveis.

Este livro é dedicado a todos que fazem desta comunidade um lugar tão especial.

CAPÍTULO UM

— Preciso ficar na cidade. Estou trabalhando para fechar alguns contratos agora, mas tenho certeza de que a Jodie adoraria a oportunidade de trabalhar com o sr. Gleeson. — Quinn McKinley já fazia isso há muito tempo para demonstrar qualquer fraqueza, até mesmo para sua assistente pessoal. Então ela deu outra garfada na salada caesar com couve e continuou concentrada na tela do laptop. Tinha uma reunião em uma hora e precisava atravessar metade da cidade.

Belinda, sentada em uma poltrona luxuosa que custou a Quinn mais do que seu primeiro carro, estava inquieta e surpresa com a rejeição.

— Kristen pediu por você.

Quinn ergueu uma sobrancelha, mas não cedeu, manteve a expressão brincalhona o suficiente para manter o clima leve.

— Não consigo imaginar que ela queira me afastar dos fechamentos destes contratos e da negociação com a Merchant and Ruiz. — Foi então que Quinn ergueu o rosto e encontrou Belinda de olhos arregalados e sem piscar. Ela sabia que a capacidade de não demonstrar emoção era um dom, então tentava usar isso quando era necessário para causar impacto.

Belinda ajeitou os óculos e segurou o iPad como um escudo.

— Não atire no mensageiro. — Hoje, como em todos os dias, ela estava vestida de maneira profissional, com saia e uma blusa de cor creme. Se houvesse um cronograma a ser cumprido, um telefonema a ser feito ou um e-mail a ser redigido, Belinda poderia fazê-lo dormindo.

Mais do que tudo, Quinn sabia que sua assistente estava confusa. Elas trabalhavam juntas há quase uma década, e Belinda provavelmente a

conhecia melhor do que ela mesma. A assistente poderia cuidar do dia a dia em sua ausência, e era tanto seu braço direito quanto o esquerdo.

Qualquer pessoa que conhecesse Quinn saberia que ela tinha uma habilidade incrível de pensar a longo prazo. Clark Gleeson era mais do que um magnata em ascensão no mundo das *startups*. Seu aplicativo de processamento de pagamentos tinha acabado de ser adquirido por cerca de dois bilhões de dólares e, além de ser um dos homens mais ricos do mundo, ele desenvolveu um gosto pelo mercado imobiliário.

Tornar-se sua corretora de imóveis preferida era o mesmo que receber um cheque em branco. Sempre haveria uma casa nova e interessante para mostrar a ele, e um excelente corretor poderia conquistar uma renda de sete dígitos tendo-o como único cliente. O que tornava ainda mais difícil para Quinn manter a postura estoica.

Ela já tinha ouvido boatos sobre o que ele queria e sabia que sua chefe também. Kristen Bond, proprietária e fundadora do grupo Bond Real Estate, era diligente em todos os aspectos da sua vida e dos negócios. E ela sabia, embora Quinn só tivesse mencionado isso uma vez há cerca de vinte anos, onde a corretora cresceu.

Era bem inconveniente para Quinn que o lugar onde ele estava procurando casas para comprar fosse justamente sua cidadezinha natal, a algumas horas de Nova York. Pior ainda era o fato de ela conhecer bem a casa.

Em vez de responder à Belinda, calçou os sapatos e se levantou.

Alisou o terno cortado de maneira meticulosa, na tentativa de ganhar tempo, e fingiu tirar um fiapo inexistente. Caminhou lentamente até a janela panorâmica, tão distante do solo que era quase impossível distinguir os pedestres na rua.

Quinn adorava a vista, ainda mais porque trabalhou arduamente para conquistá-la. Cada vez que ficava diante daquela janela, se lembrava de quão longe chegou e, mais importante, do quanto se afastou de sua cidade natal, Kingsford, Nova York. Talvez não na distância literal, mas em todos os aspectos que importavam.

— São apenas algumas horas. Tenho certeza de que poderia até ser uma viagem de um dia, se necessário — Belinda pressionou, embora com cautela, acompanhando a chefe com o olhar.

— Acho que sou bastante hábil para saber como montar um cronograma. — As palavras desnecessariamente frias de Quinn fizeram com que a postura de Belinda murchasse. Merda. A moça não merecia ser vítima de sua incapacidade de lidar com o passado. Ela se aproximou e se sentou na beirada da mesa. — Mas agradeço a sugestão.

A assistente se animou um pouco e colocou as mãos na saia lápis cor de carvão.

— Quero fazer um bom trabalho para você, mas não sei por que este projeto não é adequado. Achei que, quando a Kristen te indicasse oficialmente, você ficaria emocionada.

E essa era a questão. Quinn deveria ter ficado emocionada. Mas seu estômago se agitou de uma forma desconfortável e o suor brotou em suas mãos, geralmente secas. Só que Belinda não precisava saber de nada disso. Esta situação inconveniente apresentou a Quinn a oportunidade de ensinar para a assistente uma lição que ela nunca teve: uma pessoa responsável não murcha quando as coisas ficam difíceis.

Quinn afastou a sensação de vazio no estômago e ficou de pé.

— Você está certa, Belinda. Esta é uma grande oportunidade. Podemos organizar algumas coisas.

O brilho que irradiou da assistente quase compensou a fraqueza que sentia nos joelhos. Obstinada. Criativa. Focada. Caramba, acrescente charmosa. Essas eram as palavras que Quinn queria que fossem usadas para descrevê-la. Nunca fraca. Nunca sem autocontrole.

Então ela teria que assumir o controle. Consultou o relógio, embora já soubesse a hora.

— Preciso ir para o Brooklyn. Por que você não organiza os detalhes? Podemos trabalhar neles quando eu voltar.

Belinda assentiu e se levantou depressa. Colocou a franja ruiva de volta no lugar e deu a Quinn um sorriso sincero. Deus, se ao menos pudesse ficar tão animada por ter mais trabalho. Este, especificamente.

— Combinado. Vou reunir as informações. Quer que eu peça comida tailandesa para o jantar? — Era a refeição favorita de Quinn quando trabalhava até mais tarde, e ela gostava do fato de que Belinda soubesse disso.

Foi até a mesa e pegou sua pasta.

— Sim. Vou para a academia depois dessa visita, mas estarei aqui por volta das seis.

Quando Belinda saiu do escritório, Quinn se permitiu alguns segundos pensando no quanto não queria fazer isso. Não queria voltar para Kingsford. Não queria encontrar sua família, o que era quase inevitável em uma cidade tão pequena. E, definitivamente, não queria trazer à tona quaisquer emoções das quais passou os últimos dezessete anos superando.

Respirou fundo e ajustou a alça no ombro antes de dizer baixinho:

— Mas você vai fazer isso. Vai comprar aquela casa e vai embora.

***

Depois de uma visita que foi melhor do que poderia esperar, sem mencionar uma corrida brutal que a deixaria dolorida na manhã seguinte, Quinn estava quase de bom humor quando se sentou novamente à mesa.

Como já passava do horário comercial, vestiu calça de ioga e uma camisa de botão grande depois do banho, prendendo o cabelo loiro ainda úmido em um coque bagunçado. Nunca deixaria que seus clientes a vissem assim, mas estava saboreando os últimos dias de paz antes de seu mundo virar de cabeça para baixo.

Ela já tinha saído de Kingsford há muito tempo. Nova York era seu lar. Sua vida. Seu trabalho. Se fosse pensar nas coisas que enraizavam as pessoas em um lugar, as dela estavam aqui. Era um caos previsível que aprendeu a compreender, a navegar não apenas com habilidade, mas de uma forma que a fez ser mais bem-sucedida.

Quando morava em Kingsford, as coisas eram estáveis, até que um dia deixaram de ser. Então pareceu que tudo caiu como uma fileira de dominós. E como ela nunca fazia nada pela metade, empurrou algumas peças sozinha. Talvez, de alguma forma que se recusava a admitir, ela não quisesse se dar a oportunidade de voltar.

Mesmo aos dezoito anos, não estava interessada em ser mártir. Esse conhecimento teve um custo que já estava disposta a pagar e, nos dezessete anos seguintes, nunca se perguntou se tudo tinha valido a pena.

Sua vida foi organizada da mesma forma que uma sala era habilmente planejada. Pretendia transmitir exatamente o que queria que o espectador visse. Destacando os recursos certos. Apresentando de forma harmoniosa os esquemas mais favoráveis. Isso não tornava sua vida menos real, mas significava que foi projetada para o prazer voyeurístico de outra pessoa, e não para o seu conforto. Jantares nos restaurantes certos. Convites para os eventos mais exclusivos. Uma vida para ser vista em vez de aproveitada,

sempre trabalhando para garantir os contatos certos para futuras apresentações de clientes.

Era excitante, intimidante e solitário.

Não, pensou, balançando a cabeça na sala vazia. Estava sozinha, não solitária. Isso era uma escolha.

Belinda apareceu com sacolas de comida tailandesa, desviando seus pensamentos de Kingsford.

A breve pausa durou apenas o tempo de desempacotar a comida e dividir os recipientes.

Usando um hashi, Belinda apontou para a pasta que já estava na mesa da chefe. Se a moça percebeu a guerra acontecendo na cabeça de Quinn, não mencionou.

— A cópia física está aí. Também enviei os detalhes por e-mail há uma hora.

Quinn assentiu, mas ignorou a pasta enquanto dava uma garfada na salada de mamão verde.

— Faça um resumo.

Belinda era inestimável no trabalho porque entendia que Quinn não estava apenas pedindo detalhes facilmente encontrados. Saber o que motivava seus clientes era importante. Ela não ia vender uma casa para eles. Ia explorar suas emoções para ajudá-los a sentir uma conexão com o futuro lar.

Se alguém queria viver perto do mar, Quinn queria saber por quê. Passavam o verão em um lago quando eram crianças? Alguém no passado já comentou sobre uma casa semelhante com um tom de reverência? A pessoa achava que ter uma casa ali era um símbolo de status para provar sucesso?

Com casas que poderiam custar milhões, saber as respostas a essas perguntas era fundamental para que encontrasse o lugar perfeito para um cliente. As pessoas com quem trabalhava podiam comprar o que quisessem, mas era trabalho de Quinn fazê-las sentir necessidade de tê-las para satisfazer algum desejo ilógico que as mantinha acordadas à noite ou as levava ao nível atual de sucesso.

Belinda segurava o iPad, embora Quinn soubesse que ela não precisava consultá-lo.

— Clark Gleeson comprou propriedades em Austin, São Francisco, Aspen e Manhattan no ano passado. Este pedido é um tanto fora do comum, e ele iniciou uma conversa com Kristen há alguns meses em um evento beneficente onde mencionou isso. — Belinda fez uma pausa e soltou o tablet. — Ela disse que ficaríamos felizes em fazer isso dar certo como um teste para futuros negócios.

Quinn assentiu e passou para os wraps crocantes de alface.

— Então, a pergunta de um milhão de dólares... por que esta propriedade?

— O sr. Gleeson conheceu a esposa lá há três anos. A família Kent estava organizando um pequeno evento em que leiloaram algumas antiguidades para caridade.

Quinn não mencionou que conhecia bem a casa dos Kent.

— A esposa dele quer que ele compre a casa?

— Ele quer surpreendê-la. — Bem, isso poderia acontecer de duas maneiras, mas não era da conta de Quinn.

— Ele já usou mais alguém para fazer uma oferta?

— Parece que houve alguma conversa com a antiga proprietária, mas ela morreu no ano passado.

Quinn franziu a testa. Não sabia disso, mas por que saberia?

— Uma pena para o sr. Gleeson — disse, removendo qualquer traço de emoção de seu rosto enquanto se recostava na cadeira. — Pelo que recebi do meu contato na empresa que estava lidando com a primeira conversa, parece que não foi adiante. É uma casa de família construída no início de 1900 e agora pertence à terceira geração. — Belinda torceu o nariz. — Acho.

A falta de segurança fez Quinn olhar para ela. Belinda poderia ter sido uma repórter investigativa de primeira linha se quisesse, e quase nunca vinha para uma reunião sem todos os fatos.

— Você não tem certeza se os Kent ainda são os donos da casa?

— Eles são. Só não estou certa de quem exatamente. As informações sobre a escritura estão vinculadas a um fideicomisso. S. Kent é citado no fundo, mas não tenho certeza se o dono da casa é o pai ou algum de seus filhos.

— Porque todos eles têm as mesmas iniciais — Quinn disse, reprimindo uma risada. Ela não esperava um mundo onde a ruína da existência adolescente de Sawyer Kent, tendo as mesmas iniciais do irmão e do pai, se tornaria relevante novamente.

— Sim — Belinda confirmou, inclinando a cabeça para o lado. — Como você sabia disso?

Não fazia sentido mentir para a assistente. O sucesso delas estava ligado uma à outra.

— Eu conheço a família. Cresci em Kingsford, o que Kristen pode ter mencionado. É por isso que ela acha que tenho a força extra necessária para fazer esse negócio acontecer.

Normalmente, Quinn adorava essa característica. O fracasso era tão raro que podia contar nos dedos de uma mão o número de vezes em que as coisas não aconteceram como ela queria profissionalmente.

Mas não era nessa parte da conversa que Belinda estava se concentrando naquele momento.

— Você não fala muito sobre sua cidade natal — ela disse baixinho, como se entendesse que estava entrando em um território inseguro. Se Quinn quisesse falar a respeito, já teria falado.

Quinn deu de ombros.

— Não há muito o que falar. Fui embora quando tinha dezoito anos. — Depois acrescentou, só para não haver espaço para confusão: — E não voltei.

Ela mantinha seu relacionamento com Belinda estritamente profissional, exceto em circunstâncias extremas em que informações sobre sua vida pessoal precisavam ser divulgadas. Mas eram coisas que a assistente precisava saber, como possíveis alergias alimentares antes de fazer algum pedido ou o tamanho das roupas se ela precisasse comprar algo para uma reunião.

— Humm — Belinda disse com um tom curioso.

Quinn fixou o olhar em sua assistente.

— O quê?

— É que... — Ela podia ver Belinda hesitar, como se estivesse se perguntando se deveria ir adiante, o que a deixou um pouco surpresa com a coragem dela quando o fez. — Então deve ser um pouco estranho para você, certo? Voltar depois de tanto tempo.

Se Quinn podia sorrir lindamente e vender uma casa de cinco milhões de dólares para um casal depois de ter dormido com a esposa do homem um mês antes, sem saber que ela era casada, poderia lidar com isso. Seria estranho, mas ela não era a mesma pessoa, ainda bem.

Não importava se a cidade ou as pessoas daquela região não tivessem mudado. Ela mudou.

— Não vejo essas pessoas há quase vinte anos. E, para nossa sorte, o sr. Gleeson está motivado pela emoção, o que significa que precisamos encontrar o preço certo para encorajar a família Kent a vender.

— Certo — Belinda respondeu, com um tom de voz que soou um tanto quanto incrédulo. Balançando a cabeça, ela abriu um sorriso enorme e mudou todo o seu comportamento. — Se há alguém que pode fazer isso, esse alguém é você.

— Sou grata por sua confiança. Preciso me encontrar com o sr. Gleeson primeiro, mas devo ir até lá na próxima semana para confirmar a propriedade e dar início a uma oferta preliminar. — Deus, ela gostaria de poder enviar uma solicitação por e-mail ou através de advogados, mas sabia que não era assim que a família Kent funcionava.

E, na verdade, não sabia se tê-la como corretora principal nesta venda seria uma ajuda ou um obstáculo. Ela não revelaria isso ao sr. Gleeson, mas pensou diversas vezes nesse assunto durante a corrida de oito quilômetros na academia.

— Vou conseguir informações sobre a área e aumentar em dez por cento, o que acha? — Belinda perguntou, terminando seu refogado de gengibre.

— É exatamente o que eu faria — Quinn falou e deu um sorriso genuíno.

Ela dominava avaliações comparativas. E vendas. E sabia trabalhar em direção a um objetivo específico. Se quisesse passar por esse processo, precisava se lembrar daquilo em que era boa e colocar todo o seu foco nisso.

***

Quinn entrou em uma cobertura minimalista no Upper East Side, os saltos batendo no chão brilhante.

— Obrigada por me encontrar em sua casa, sr. Gleeson. Acredito que compreender o que meus clientes valorizam em sua casa atual me ajude a conhecê-los melhor.

Clark Gleeson riu com bom humor e fechou a porta. Ele tinha pouco mais de trinta anos e cabelos levemente desgrenhados, nos quais já havia passado as mãos duas vezes. De camiseta e jeans, ele parecia a imagem de um novo rico despretensioso. Era atraente de um jeito nerd, com uma barba curta e bem cuidada que não desviava a atenção de seus dentes retos e brancos.

Ele apontou para a ilha da cozinha.

— Gostaria de se sentar? Sei que tenho muita sorte de ter várias casas que posso decorar para atender aos meus gostos em evolução.

— Obrigada — Quinn disse de maneira educada, colocando a bolsa no chão ao seu lado.

A cozinha tinha vista para uma ampla sala de estar com janelas do chão ao teto. Clark bateu no mostrador do relógio algumas vezes, e as persianas baixaram cerca de um terço para bloquear o sol do início da tarde.

Ele sorriu quase de maneira tímida.

— Sei que meu desejo pela casa que você está me ajudando a achar pode parecer surpreendente, dada minha afinidade com tecnologia.

Quinn juntou as mãos na bancada de mármore.

— De jeito nenhum. Como você disse, seus recursos lhe dão a oportunidade de ter tudo. Cidade ou campo. Tecnológico ou meditativo. Fico feliz em ajudá-lo a conseguir o que deseja. — Ela lançou um sorriso encantador para deixá-lo à vontade.

— Kristen me disse que você conhece a cidade.

Muito obrigada, Kristen.

— Conheço — Quinn disse, seu sorriso não vacilou por um segundo. — Cresci em Kingsford, embora não volte há algum tempo.

— Você conhece a família Kent? Acredito que os netos da sra. Kent tenham idade próxima da sua, certo? — Parecia que ela não era a única que fazia o dever de casa.

— Eu era da mesma turma que a Sawyer e alguns anos atrás do Shane. — Este não era o momento apropriado para trazer à tona sua história com nenhum deles.

Clark assentiu, como se estivesse feliz com a notícia.

— Espero que sua familiaridade com a área e com a família nos dê uma vantagem. Conheci os dois em uma festa anos atrás, quando conheci minha esposa, mas não os encontrei desde então.

Era hora de começar a trabalhar.

— Meu entendimento preliminar é que você está interessado em adquirir esta propriedade por motivos sentimentais. Isso está correto?

— Sim. Quero surpreender minha esposa. O ideal é que eu conseguisse fazer isso no nosso aniversário de um ano de casamento, daqui a quatro meses, mas a compra é a coisa mais importante, independentemente do cronograma. — Esta era uma informação importante. Quatro meses para convencer a família Kent a vender era algo possível de ser feito, embora não fosse o ideal para a situação.

Quinn assentiu e imitou a postura de Clark.

— Faz sentido. Bem, posso prometer que farei tudo ao meu alcance para que isso aconteça. Da minha parte, a única dúvida que ainda tenho é sobre o seu teto. — Ela se inclinou e pegou um iPad na bolsa. — As comparações com casas semelhantes na área estão na faixa de um milhão e

meio, embora o local tenha se tornado bastante popular ultimamente e as casas estejam valorizando mais de dez por cento ano após ano.

— Um e meio parece mais do que justo. Não quero parecer arrogante, mas estou disposto a oferecer o quanto for necessário. — Ele parecia quase envergonhado ao dizer a última parte enquanto mexia no *smartwatch*.

— Bem, então isso faz de você o tipo de cliente mais fácil de lidar. Estou confiante de que podemos conseguir — Quinn declarou com outro sorriso brilhante.

Ela já sabia que não havia mais nada a extrair de uma visita ao apartamento dele ou de uma conversa. Ele queria a casa por motivos sentimentais e pagaria qualquer quantia para consegui-la. Quinn não tinha certeza se queria rir ou chorar. Era uma oportunidade de progredir em sua carreira se envolvendo em um cenário de pesadelo.

— Não vou ocupar o restante do seu dia — ela disse, se levantou e estendeu a mão. — Obrigada por se encontrar comigo. Entrarei em contato assim que tiver mais informações.

— Ótimo — Clark disse enquanto a acompanhava até a porta.

Foi então que Quinn percebeu que tinha uma última pergunta.

— Onde está sua esposa, se não se importa que eu pergunte?

— Ela está em um retiro de meditação esta semana. Nós dois estamos descansando um pouco e relaxando após a venda da minha empresa.

Quinn assentiu, embora não achasse que meditar por uma semana inteira seria possível para ela. *Cada um com sua mania.*

— Bem, espero que ela se divirta.

— Avise se tiver alguma dúvida. — Clark pegou seu telefone. — A Kristen te deu meu número?

— Deu. Enviarei uma mensagem para você mais tarde com minhas informações de contato, mas aqui está meu cartão. — Quinn entregou um

cartão preto fosco com seu nome, e-mail e telefone impressos.

Nada mais. Nada menos.

Havia algumas situações em que ostentar o sucesso era útil, e outras em que fazia a pessoa parecer estar se esforçando demais. Seu cartão era simples e indefinido. A pessoa que o segurava precisaria conhecê-la para saber o que Quinn poderia fazer por ela. Havia poder nisso, ou pelo menos era o que ela sentia.

— Entrarei em contato em breve.

Foi só quando Quinn desceu pelo elevador particular e entrou na rua movimentada que tudo a atingiu, e com uma força que tornou difícil respirar por alguns segundos. O ar ao seu redor ficou um pouco frio, mas ela não percebeu com o calor correndo em suas veias. Caminhando de volta para o escritório, se concentrou na respiração, já começando a traçar estratégias. Era o que fazia de melhor e não havia motivo para parar agora.

Depois de dezessete anos, estava voltando para casa.

CAPÍTULO DOIS

Sawyer tinha quarenta e cinco minutos antes que a loja da família, a Kent Antiques, abrisse. Isso deu a ela um pouco mais de tempo para mexer em algumas coisas antes de entrar no banho. Seu mais novo projeto era restaurar um Big Game Hunter de 1930, um fliperama operado por moedas, e se ela não tomasse cuidado com a atenção que dava a cada rolamento das esferas, um dia se passaria rapidamente sem que ela percebesse.

Ela nunca se cansaria da sensação de desmontar uma máquina para depois montá-la e deixá-la melhor do que antes. Colocar tudo na ordem certa para que as correias e manivelas estivessem alinhadas e virassem pura magia mecânica. Ela gostaria que as pessoas fossem assim.

Infelizmente, humanos são muito caprichosos. Eles podem ser inesperados e decepcionantes. Os jogos que ela restaurava ficavam perfeitamente felizes por terem retornado à antiga glória. Como antiguidades, era ainda mais importante para eles manterem a originalidade. Em um mundo em modernização e necessidade constante de atualização, os itens com os quais ela trabalhava eram valiosos por não sofrerem alterações.

Os jogos que Sawyer restaurava não eram vendidos na loja de antiguidades da família, pois seu irmão não os considerava compatíveis com o estilo dos itens pelos quais queriam ser conhecidos. O único problema era que, com ele herdando a loja após a morte da avó, há um ano, eles não eram conhecidos por muita coisa, exceto por nunca abrir no horário, a menos que Sawyer fizesse questão de estar sempre lá.

Seu irmão, Shane Kent, gostava muito mais da ideia de ser dono de um estabelecimento comercial do que da parte prática da função. Os dois recebiam um salário, mas neste momento isso só era possível por causa de alguns clientes antigos que ele ainda não conseguiu assustar.

Erros nas faturas. Falta de estoque. Aquela vez em que ele esqueceu de pagar a conta de luz e a loja ficou um dia inteiro sem energia. Teria levado mais tempo, mas Sawyer ligou para a empresa e atualizou os dados bancários, já que ela morava em uma casinha situada nos fundos do terreno.

Originalmente, sua casa era uma oficina, mas parou de ser usada após a morte do avô. Ela passou horas com ele naquela oficina, observando-o consertar peças valiosas e aprendendo tudo o que podia. Essas eram algumas das suas melhores lembranças da infância, e junto com todas as outras mudanças que aconteceram em sua vida na época, a morte dele quando ela tinha dezoito anos a destruiu.

A mudança foi progressiva. Começou com ela dormindo em uma cama de montar enquanto trabalhava até tarde. Depois, Sawyer fez algumas reformas, dividindo o espaço em sala de estar e quarto, mas mantendo uma parte para continuar usando como oficina. Quando a tinta das paredes secou – lilás no quarto, cinza na sala e pêssego no banheiro – o espaço não parecia mais uma oficina.

Em uma época em que tudo parecia fora do seu controle, ela teve este lugar. Era repleto de alguns dos melhores e dos piores momentos de sua vida, e isso a fez se sentir em casa.

Olhando para o relógio na parede, ela murmurou um *ah, merda* e pulou do banquinho. Com cuidado, colocou a caixa de vidro no jogo e deu um tapinha carinhoso.

— Volto para te buscar mais tarde, amigo.

Ela chegaria em cima da hora, mas ainda daria tempo de tomar um banho antes de seguir pelo quintal que separava sua casa da loja. Despiu-se enquanto caminhava, soltando as fivelas da jardineira e tirando a camiseta. Soltou o cabelo e jogou o prendedor sobre a mesa de centro. Seus cachos caíram de forma selvagem pelas costas enquanto atravessava a sala.

Ela entrou no chuveiro e se permitiu alguns segundos sob o jato de água quente. Seu irmão provavelmente chegaria tarde, e dada sua natureza de agradar, lidar com pessoas todos os dias era exaustivo. Ela tinha ciência disso, mas não sabia como mudar. Como sempre, era um problema que ela tirou da cabeça para resolver depois.

Foi decisão da avó deixar a loja para seu irmão, e Sawyer decidiu, há muito tempo, que questionar essa decisão a enlouqueceria. Ela trabalhava lá em tempo integral nos últimos quinze anos. Seu irmão era ótimo com os clientes quando aparecia, mas isso não acontecia com muita frequência.

Talvez ele fosse a melhor pessoa para herdar a loja. Obviamente, a avó enxergou algo que ela não viu.

Ela conseguiu não pensar nisso por um tempo, mas a conversa que teve com o irmão na semana passada ainda a incomodava. Mais uma vez, ela recomendou a introdução das antiguidades que funcionam com moedas e, de novo, sua ideia foi recusada por nenhum outro motivo a não ser o orgulho dele. A economia unitária fazia sentido. Ela comprava itens por uma fração do valor e os consertava por conta própria. Sabia que era apenas arrogância quando ele não conseguia dar uma única razão para justificar que aquilo era uma má ideia.

Mas Shane era assim. Ele sempre conseguia o que queria.

Sawyer tentou afastar a irritação de sua mente, mas ainda persistia quando entrou na loja, às cinco para as dez, e se deparou com as luzes

apagadas. Sabia que seria esse o caso, mas deixou escapar um som de descontentamento de qualquer maneira.

Apenas uma vez, desejou que o irmão a surpreendesse de forma positiva, fazendo o mínimo necessário.

Hoje, não era esse dia.

***

— Setecentos e cinquenta — a mulher com o corte de cabelo severo repetiu. Estava ficando claro que ela não entendia nada de negociação. As partes tinham que se encontrar em algum lugar no meio do caminho, mas ela vinha repetindo a mesma oferta nos últimos cinco minutos.

Já era tarde, e Shane ainda não tinha aparecido na loja. Sawyer mandou duas mensagens para ele, mas não obteve resposta, embora pudesse ver que ele as leu.

A cliente estava tentando comprar uma estante de carvalho eduardiano. Construída em 1910, era um exemplar meticuloso, com puxadores originais de latão e laterais de carvalho maciço. Valia muito mais do que ela pedia. Sawyer sabia disso porque ela mesma a adquiriu.

Com poucos visitantes aparecendo durante a semana, a mulher tinha toda a sua atenção, para desgosto de Sawyer.

— Não posso vender por menos de mil, e já estou dando um desconto de duzentos dólares sobre o preço pedido — Sawyer falou com a voz firme. Quinze minutos com aquela mulher já a deixaram mais cansada do que um dia inteiro restaurando antiguidades.

— Disseram que este lugar fazia ótimos negócios. — A voz da mulher exalava julgamento, como se fosse Sawyer quem tivesse mentido para ela.

Ela inclinou a cabeça, considerando as próximas palavras. Odiava isso.

— Procuramos sempre negociar com os clientes, mas é a qualidade do nosso estoque que nos diferencia de outras lojas de antiguidades da região.

— Não — a mulher falou de maneira enfática, o cabelo com gel não se mexia. — Minha amiga esteve aqui e conversou com um cavalheiro jovem e bonito que basicamente a deixou definir o preço. Onde ele está?

Bem, essa era a pergunta do momento.

— Cada item tem um preço diferente, e embora tentemos encontrar um meio-termo para todos, infelizmente não posso permitir que você defina o preço. — Neste ponto, pechinchar era inútil. Diminuir o valor apenas prolongaria a tortura. — Gostaria de ver alguns itens de outra linha? Temos uma linda estante vitoriana aberta, feita de mogno. Custa mil, mas posso vender por oitocentos.

— Quer saber, esqueça. Voltarei quando a outra pessoa estiver trabalhando. — A mulher a olhou com frustração e pegou a bolsa da bancada de vidro no caixa.

Sawyer se sentou na banqueta redonda quase escondida pela caixa registradora. Ela se obrigou a ficar em silêncio e respirou pelo nariz enquanto observava a mulher sair da loja.

Quando a campainha da porta tocou, menos de cinco minutos depois, Sawyer teve vontade de apoiar a cabeça nas mãos e chorar.

— Achei que você gostaria de almoçar — Kelly falou enquanto colocava uma sacola no balcão. — Tofu *banh mi*.

A tensão nos ombros de Sawyer praticamente desapareceu ao ouvir a voz gentil de sua amiga.

— Você é uma salva-vidas. Shane ainda não chegou e não quero fechar a loja para ir comprar alguma coisa.

— Imaginei. Trevor disse que ele esteve na pista ontem à noite. — Kelly e o marido eram donos da pista de boliche que ficava no fim da rua principal, embora a moça trabalhasse como técnica veterinária. Ela era alguns anos mais nova, então só se tornaram amigas há quatro anos, quando a mãe de Trevor faleceu e eles discutiram a venda de algumas de suas antiguidades para a loja.

Era bom ter mais alguns amigos sendo adulta, mesmo que Sawyer tomasse cuidado para não entrar em território inseguro.

Desembrulhou o sanduíche e deu uma mordida, mastigando pensativa para não dizer algo sobre o irmão do qual se arrependeria.

— Obrigada. É exatamente o que eu precisava.

— Como você está? — Kelly perguntou, olhando para Sawyer com preocupação.

— Estou um pouco esgotada, mas nada que eu não possa resolver. A loja não está faturando como antes, e o Shane resiste a qualquer uma das minhas ideias.

— O que seus pais dizem?

Sawyer deu de ombros.

— Bem, pela primeira vez na vida, eles decidiram não se meter.

Kelly se encostou no balcão e franziu os lábios.

— Interessante.

Às vezes, Sawyer ficava impressionada com como Kelly era parecida com a irmã, mas afastava esse pensamento.

— Acho que eles não estão tomando partido para manter a paz, mas, quando fazem isso, acabam ficando do lado dele.

— Você acha que eles veem dessa forma? — Kelly era ótima com pessoas e animais, sempre dizendo a coisa certa para não agravar a situação.

— Eu não tenho ideia — Sawyer respondeu antes de morder outro pedaço do sanduíche.

— Bem...

Sawyer parou de focar no sanduíche e notou a mudança no comportamento de Kelly.

— O que aconteceu? Está tudo bem com o Trevor e com as meninas?

— Sim, estão todos bem — Kelly respondeu depressa para ajudar a aliviar qualquer preocupação. — Desculpe. Eu não queria soar alarmada. Eu... — A pausa foi longa, quase desconfortável.

— O que foi?

Sawyer perguntou novamente, se levantando para olhar Kelly nos olhos.

— Minha irmã ligou. Ela disse que virá à cidade e quer nos visitar.

O vidro sob as mãos de Sawyer embaçou. Durante o que foi considerado um dia decepcionantemente rotineiro, esta foi a coisa mais inesperada que ela esperava ouvir.

— Por que ela vem para a cidade?

— Ela não disse. Honestamente, nem acredito que ela ligou. — Sawyer assentiu como uma tola.

— Sim, já faz muito tempo.

— Dezessete anos. Ela foi embora há dezessete anos e nunca voltou para nos visitar. — A raiva na voz de Kelly era inconfundível.

— Você vai encontrá-la? — Sawyer estava fazendo um esforço tremendo para manter o foco na conversa.

— Olha — Kelly disse, se inclinando no balcão. — Ela agiu como se tivesse certeza de que eu estaria disposta a vê-la.

A Quinn McKinley de que Sawyer se lembrava sempre foi do tipo teimoso e que assumia o controle. Naquela época, isso a teria feito sorrir.

Agora, tudo o que ela sentia era tristeza por muitas coisas, inclusive por Kelly.

— Talvez seja bom vê-la — Sawyer disse baixinho, tentando não atiçar o fogo nos olhos da amiga. — No mínimo, para conseguir algum encerramento.

— Eu não quero nada dela, nem mesmo um encerramento.

— Já conversou com a sua mãe sobre isso?

— Não quero tocar no assunto ainda. Ela mal consegue dizer o nome da Quinn sem chorar. Se eu a vir, não quero contar para minha mãe até saber o que ela quer.

Sawyer escolheu as próximas palavras com cuidado, já que não sabia muito mais que a amiga.

— Talvez ela queira ter um relacionamento com você.

A maneira como Kelly balançou a cabeça fez Sawyer acreditar que ela não pensou nisso nem por um segundo.

— Por que agora? Depois de todo esse tempo?

— Acho que essas são perguntas que só ela pode responder. — Sawyer colocou a mão em cima da de Kelly e acrescentou: — Se você estiver procurando respostas.

— Conversamos no máximo uma vez por ano ao telefone. Eu nem sei por quê. São apenas gentilezas. Nada de substancial. É como conversar com um estranho. — A maneira como a voz de Kelly falhou fez Sawyer apertar sua mão. — Eu costumava pedir a ela para me visitar. Mas depois de alguns anos ouvindo sobre o quanto estava ocupada, ou que não poderia sair do trabalho, parei de tentar.

Sawyer não sabia disso. Kelly não falava sobre a irmã. Nunca. E, de forma egoísta, ela concordou com isso. A vida delas mudou quando Quinn deixou a cidade aos dezoito anos, quase sem se despedir. Infelizmente, a

amizade de Sawyer com a irmã mais velha dos McKinley se deteriorou antes disso, então a saudade provavelmente foi mais fácil de suportar.

— Bem, seja qual for a decisão que você tomar, será acertada.

Com um sorrisinho, Kelly fungou e enxugou uma lágrima com a mão livre.

— Obrigada por dizer isso. Por que nós duas temos irmãos tão idiotas? Você acha que é isso que nos conecta... o trauma?

Sawyer riu, apesar da agitação no estômago.

— Gosto de pensar que somos amigas porque você acha minhas habilidades no boliche impressionantes. Ou porque te ajudo muito fazendo tranças francesas perfeitas para as meninas saírem em fotos.

— É a destreza de trabalhar em todos esses pequenos mecanismos o tempo todo. — Kelly sorriu e acrescentou: — Você vai fazer uma mulher muito feliz um dia. Escreva o que estou te dizendo.

— Ah, meu Deus — Sawyer disse, seu rosto corando em um tom profundo de vermelho. Não se envergonhava por falar sobre sexo, mas sim por não transar há tanto tempo. Era ridículo.

— Às vezes, nem é divertido te provocar, de tão fácil. — Kelly riu, seu humor estava consideravelmente melhor do que há alguns minutos.

— Não é culpa minha.

— Você acha que talvez... — Kelly fixou o olhar em Sawyer de uma forma que a fez se contorcer. — Você estaria disposta a intervir quando a Quinn nos visitasse? Ou, pelo menos, oferecer algum apoio moral?

Foi ótimo que ela já estivesse corada. Felizmente, Kelly não percebeu o calor inundar o rosto de Sawyer novamente.

— Estava pensando em fazer com que ela me encontrasse na pista de boliche — Kelly comentou. — Será casual. Vai ser uma saída fácil para ela. Não vou causar uma cena no meu local de trabalho.

Sawyer sorriu, apesar da inquietação.

— Mas existem bolas de boliche muito pesadas que podem causar estrago.

— É por isso que tenho minha arma secreta... — Sawyer só conseguiu inclinar a cabeça, confusa. — Você — Kelly esclareceu. — Você é a arma secreta. Então, pode fazer isso? Vocês eram amigas, certo?

— Éramos. — *Eu estava secretamente apaixonada por ela, e então ela começou a namorar o meu irmão.*

Não que Sawyer fosse admitir essa parte em voz alta. Ela levou anos para conseguir admitir isso para si mesma.

— Isso é um sim? — Kelly perguntou com expectativa, de repente aparentando menos que seus trinta anos.

Deus, Sawyer se deixava levar com facilidade, e ela sabia disso, mas ao olhar para a amiga que raramente pedia alguma coisa, foi fácil decidir.

— Sim. Eu vou. Só me diga quando.

O sentimento de arrependimento veio logo em seguida, mas era tarde demais para voltar atrás.

***

Na quinta-feira, Shane apareceu antes do meio-dia, o que significava que Sawyer teria tempo de voltar para casa para um almoço rápido. Ficou acordada até tarde, trabalhando para se distrair da promessa de ir ao boliche na sexta-feira.

A única coisa que a animava era ver as filhas de Kelly, Luna e Ella. Aos três e cinco anos, elas eram tão tagarelas que conseguiam conversar sobre coisas fúteis e interessantes. Luna, a mais nova, era especialmente falante. Saía falando sobre tudo e qualquer coisa em seu caminho. Ela

desenvolveu um fascínio especial pelo carpete multicolorido da pista de boliche e implorava aos pais que colocassem um igual na casa deles.

Pensar nas duas melhorou um pouco o humor de Sawyer à medida que comia o restante da salada de macarrão soba.

Não havia razão para ficar ansiosa com o dia seguinte. Kelly faria o trabalho pesado na conversa, e Sawyer estaria lá apenas para dar apoio emocional à amiga. Quinn saiu de sua vida há muito mais tempo do que esteve nela. Mas e se sua melhor amiga do ensino médio tivesse sido a razão pela qual Sawyer percebeu que era lésbica? Não era como se ela tivesse contado a Quinn, especialmente depois que a amiga começou a namorar seu irmão. Aquele foi um ano terrível por vários motivos. Seu avô ficou doente, e mesmo que ela quisesse sentir pena de si mesma por seu irmão ficar em primeiro lugar mais de uma vez em uma competição que só ela conhecia, desperdiçar o tempo que restava com o avô não era uma opção.

De certa forma, perder a proximidade com Quinn foi uma bênção disfarçada.

Quando Quinn foi embora, a dor foi mais parecida com a de arrancar um band-aid do que de arrancar seu coração do peito. Ela teve tempo para compreender seus sentimentos, entender que elas provavelmente sempre caminhariam em direções diferentes, independentemente de o desejo ser correspondido ou não.

Ela nunca admitiria a sensação doentia de satisfação que a atingiu quando Quinn deixou Shane com um telefonema rápido depois que foi embora. Não era algo legal de se fazer, mas foi a primeira coisa que ela viu desequilibrar o irmão.

Só que nada disso impediu seu coração de acelerar e seus membros se agitarem ao pensar em ver Quinn pela primeira vez em tanto tempo.

Aproveitando a raiva que sentia pela amiga, se perguntou mais do que algumas vezes nas últimas vinte e quatro horas se conseguiria fingir uma doença grave e excepcionalmente conveniente.

Não. Não faria isso com Kelly.

Colocou a tigela vazia na pia, verificou seu reflexo no espelho vintage da sala, para se certificar de que não tinha nada nos dentes, e depois voltou para a loja.

Qualquer ansiedade sobre seu reencontro foi interrompida quando caminhou pela entrada dos fundos e, ao entrar, notou um rosto familiar. A mulher do dia anterior, em toda a sua glória, com gel no cabelo, exibia um sorriso triunfante enquanto guardava o cartão de crédito na bolsa.

Ela ficou parada na porta, esperando para ver como a interação se desenrolaria.

— Você é um fofo, Shane — a mulher disse com um tom meloso.

Shane sorriu e entregou a ela uma cópia do recibo para assinar.

— Minha avó, que Deus a tenha, ficaria muito feliz em ouvir isso.

— Ahhhh — Sawyer disse baixo o suficiente para não fazer uma cena.

— Vocês entregam amanhã? — a mulher perguntou no mesmo tom de antes. Sawyer esfregou o queixo como se estivesse desenvolvendo cárie só de ouvir.

— Sim, senhora — Shane respondeu quando ela devolveu o recibo para ele.

Quando a mulher saiu, Sawyer entrou em silêncio e foi até onde a cliente estava. Pegou o recibo da bancada antes mesmo de ele notar sua chegada. Pela primeira vez na vida, a distração dele funcionou a seu favor.

— Setecentos — Sawyer falou, examinando o recibo — pela estante de escritório eduardiana de carvalho.

— Pareceu que ela poderia ser uma ótima cliente regular, então fiz um bom negócio para ela — Shane disse, sem o menor indício do constrangimento que deveria estar sentindo.

— Por que ela não iria querer voltar quando você basicamente a deixou definir o preço? Isso quase nem cobre o custo. — Ela não parecia brava, apenas cansada.

— Dei a ela um desconto de fidelização. Agora ela virá sempre.

Sawyer balançou a cabeça.

— Não é assim que funciona. Você estabeleceu um padrão que ela espera que se mantenha se ela voltar.

— E quando você é o proprietário, pode tomar decisões sobre o valor pelo qual vendemos as coisas — Shane disse, ficando de pé atrás do balcão.

Ela respirou fundo com a afirmação óbvia, mas conteve a raiva.

— Você sabe que o serviço de entrega cobra uma taxa extra para o dia seguinte. Espero que ela pague.

— Isso não é grande coisa. — O jeito leviano e superior dele era o que mais a incomodava. Ainda mais do que a confirmação de que eles perderam dinheiro neste acordo com a entrega incluída.

— Quer saber, Shane? Você tem razão. A loja é sua, mas eu preferiria ter um lugar para trabalhar. — Ela lidou com a postura e os direitos de seu irmão durante toda a vida, mas agora ele tinha o poder de impactar no seu sustento. Tinha que traçar o limite em algum lugar.

— Você se preocupa demais — ele disse com desdém.

— Talvez eu esteja compensando a sua falta de preocupação — Sawyer insistiu com um último esforço. Já estava exausta.

— Droga, o que deu em você hoje, mana?

Sawyer levantou a mão.

— Nada. Se estiver tudo bem por aqui, vou trabalhar em algumas coisas.

Shane gesticulou para o salão e deu um sorriso que a maioria das mulheres achava extremamente carismático.

— Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades.

Em vez de morder a isca, Sawyer começou a caminhar em direção à saída dos fundos. Tudo o que queria era desmontar um jogo antigo e se perder nos mecanismos que faziam mais sentido para ela do que as pessoas jamais fariam.

CAPÍTULO TRÊS

A viagem até Kingsford na manhã de sexta-feira durou apenas duas horas.

O tráfego de Manhattan poderia estar mais pesado, assim levaria mais tempo para percorrer os cem quilômetros entre ele e seu destino. Quinn estava dividida entre desejar que demorasse mais e estar pronta para sair de seu Tesla para esticar as longas pernas.

Ela reservou duas noites em uma pequena pousada que não existia quando morava na cidade, cautelosamente otimista de que não encontraria ninguém conhecido lá. Em meados de abril, a alta temporada de turismo ainda não tinha começado, por isso não era difícil reservar um quarto de última hora.

As indesejáveis pontadas de nostalgia não a atingiram até que ela saiu da rodovia e começou a serpentear pelas vias estreitas que levavam ao centro da cidade. Quando ela partiu, estava pronta para tirar esse lugar da cabeça. Agora, era estranho como as memórias passavam por sua consciência e ainda conseguia fazer as curvas sem prestar muita atenção em seu destino.

Kingsford era como muitas cidades cortadas pelo rio Hudson. Havia casas que viraram museus dedicados aos paisagistas que moraram na região há algumas centenas de anos, uma linha antiga de trem de carga, que foi desativada na década de 1940 e se transformou em atração turística durante sua infância e destino de muitas excursões escolares quando ainda era uma garota.

Havia um lugar que ela estava ansiosa para visitar: um farol que se projetava no rio Hudson. Quando as coisas estavam ruins em casa, antes de seu pai partir, ela encontrava conforto na água, sentada em um banco, esperando a luz acender. Era algo consistente em um mundo de caos, por meses, ela se sentou naquele local todas as noites, esperando que o feixe de luz se projetasse na água.

Ficou imaginando se Sawyer se lembraria daquelas noites em que ficou sentada ao lado de Quinn, sem entender o que estavam fazendo, mas feliz por estar com ela. Nos últimos dias, Quinn teve que aceitar seu retorno, enfrentando as pessoas que deixou para trás. Havia apenas duas pessoas em quem pensou que forçaram uma pontada desconfortável de culpa no peito. Quinn tomou a decisão mais difícil de sua vida ao deixar Kingsford, e não havia razão para se angustiar com isso depois que a ação fosse cumprida.

Mesmo assim, pensou na irmã, a quem planejou ver enquanto estivesse na cidade. Foi a possibilidade de encontrá-la sem ter anunciado sua visita que levou Quinn a ligar para ela no início daquela semana. Também havia a preocupação de que pudessem se encontrar e Quinn nem reconhecesse a irmã. Isso, para ser honesta, foi o que a convenceu a pegar o telefone.

Kelly mal havia entrado na adolescência quando Quinn foi embora. Era doce, precoce e estava muito confusa com o que estava acontecendo... o que Quinn fez não foi justo. Sabia disso. Sabia tão bem quanto conhecia todas as cores do pôr do sol sobre o rio Hudson. Mas não estava pronta para agir como mãe em tempo integral. Talvez pudesse ter assumido esse papel, mas trabalhar duro para manter a mãe também fez Quinn querer afundar e se afogar. Eram muitas mudanças. Houve muita incerteza. Muita coisa estava fora de controle.

E havia Sawyer, em quem ela pensou mais do que algumas vezes ao longo dos anos. Os primeiros meses após deixar Kingsford foram brutais. Mesmo que a amizade das duas já tivesse se desintegrado, Quinn sentia muita falta dela. Perguntou-se o que Sawyer pensaria da sua nova vida, se ela a odiava pelo que fez. Quinn se odiava, então parecia coerente que Sawyer também se sentisse assim.

O remorso pela forma como a amizade das duas se desenrolou era algo que sempre carregou. Quinn não sentia culpa pela maioria das coisas, especialmente agora. Canalizava qualquer informação útil para conseguir um cliente. Ela não teve problemas em prejudicar outro profissional para conseguir o que queria. Era leal à Kristen, proprietária da Bond Real Estate, e à Belinda, sua assistente pessoal. Mantinha sua rede pequena, sempre avançando para o próximo negócio.

Mas agora foi essa vontade de dar mais um passo que a trouxe de volta ao ponto onde sua vida começou, esperando que fizesse o necessário para fechar o negócio para Clark Gleeson. Talvez tenha sido algum tipo de punição cármica pela decisão do passado.

Pensou que dezessete anos colocaram distância suficiente entre a tortura que sentiu em sua juventude e a mulher que se tornou.

O único problema era que não parecia mais tão fácil analisar suas decisões com base no certo e errado. Ao voltar, sentiu a força da confusão e da indecisão de tantos anos atrás, a sensação de que arruinou vidas por sua chance de felicidade.

No momento em que estacionou o carro, afastou esses pensamentos. Em vez de se preocupar, ela se instalou na pousada, levou quinze minutos para se arrumar e pegou a estrada novamente até a casa dos Kent.

Quinn vestiu sua máscara de corretora de imóveis e tentou ver Kingsford através dos olhos de um cliente. A cidade, maior do que outras

que faziam fronteira com o rio Hudson, estava dividida em três distritos menores... ou, pelo menos, era assim quando morava na região. Agora, como uma turista, Quinn podia ver por que alguém ia querer ter uma casa na cidade. Com uma população estável, apreço pelas artes e uma temporada turística movimentada, Kingsford era um grande equilíbrio entre agitação e conforto.

Ela sabia como chegar à casa dos Kent, um imóvel vitoriano, possivelmente considerado uma mansão se alguém fosse generoso com o anúncio, situado no limite do bairro à beira-mar, onde os negócios davam lugar à área residencial. Como a casa não estava à venda, ela não tinha fotos do interior, apenas a memória para orientar a avaliação do imóvel.

Quando chegou, os detalhes dos quais se lembrava se materializaram. Não era o tipo de arquitetura com o qual estava acostumada a lidar, embora soubesse o suficiente sobre o estilo. Afinal, era sua responsabilidade saber essas coisas.

Havia um telhado de mansarda policromado, com cristas de ferro em linha. Era mais complexo do que se lembrava. Mas não usou isso contra si mesma. A última vez que viu a casa, o vocabulário para descrever o estilo vitoriano ainda não existia para ela. As janelas do terceiro andar eram águas-furtadas, com o segundo e o primeiro andares ostentando grandes janelas que se projetavam vindas da estrutura. Estava claro que a casa era boa, embora tivesse ficado surpresa com o azul suave, quase desbotado, da pintura externa.

Quinn estacionou o carro na entrada de cascalho. Mais acima, havia um Jeep Rubicon preto, com um número excessivo de acessórios, estacionado. Ela esperava que isso significasse que o dono estava em casa. Caso contrário, precisaria ir até a Kent Antiques. Confirmou que a loja ainda existia através de uma rápida pesquisa no *Google* antes da viagem.

Hoje, ela estava vestida de forma um pouco mais casual do que costumava usar em Manhattan. Em vez de saia lápis ou terno com salto agulha, estava com uma calça preta justa e blazer cinza. Ainda estava frio o suficiente para a roupa combinar com o clima de meados de abril, e o cabelo loiro estava preso em um coque baixo. Nunca usaria esse penteado para encontrar um cliente em Manhattan, mas a Kingsford que ela conheceu antes de partir tinha tudo a ver com autenticidade, deixando o deslumbramento para a vista e a arquitetura histórica.

Esta primeira visita era intencionalmente casual. Para deixar o proprietário à vontade e iniciar uma conversa. Se aparecesse com uma oferta significativa, perderia qualquer vantagem na negociação. Talvez o dinheiro não fosse um problema para Clark Gleeson, mas o orgulho de Quinn não a deixava se contentar com outra coisa senão seu melhor.

Ela colocou o telefone no bolso do blazer e verificou a maquiagem no retrovisor mais uma vez antes de caminhar até a porta. Os degraus rangeram, e ela notou a pintura descascada no exterior silencioso enquanto se aproximava. Aquilo poderia ser resolvido com facilidade, mas também poderia ser um sinal de que talvez o novo proprietário estivesse perdendo a cabeça... ou que eles não eram tão sentimentalmente apegados quanto ela pensava.

Depois de uma batida rápida, deu um passo para trás e esperou, fazendo o possível para demonstrar uma atitude relaxada.

— Por favor, seja o sr. Kent — Quinn murmurou baixinho quando a porta se abriu.

— Bom dia — o homem disse, vestido casualmente com uma calça jeans surrada e uma camiseta desbotada.

Ele tinha a barba desgrenhada, e era Shane Kent, todo crescido e abrindo um amplo sorriso na sua direção.

— Como posso ajudá-la?

— Você talvez não se lembre de mim — Quinn disse com doçura, sabendo que isso era mentira. Ele podia não a reconhecer, mas ela tinha certeza de que Shane se lembrava. — Sou a Quinn McKinley.

— Puta merda. — Seu sorriso vacilou por um segundo antes de retornar ainda mais brilhante. Ele se encostou no batente da porta, cruzando os tornozelos em uma postura relaxada. — De todas as pessoas que pensei que nunca mais veria por aqui, você provavelmente estava no topo da lista.

Teria sido difícil não perceber o olhar descarado do rapaz. Quinn já lidou com comportamentos muito mais inconvenientes em sua vida, mas ela poderia usar o interesse dele a seu favor. Exatamente como planejou.

— Tenho certeza de que não será a primeira vez que ouvirei isso enquanto estiver na cidade.

— Visitando a família?

— Entre outras coisas — disse, sabendo que isso despertaria o interesse dele. O Shane Kent de que se lembrava sempre adorou ser o centro das atenções ou, pelo menos, ter acesso a informações privilegiadas. Ele não poderia ser mais diferente de Sawyer, que sempre viveu à sua sombra. Aos olhos de Quinn, ela conseguia ofuscar o irmão em todos os momentos.

— Eu adoraria ouvir tudo sobre essas outras coisas durante o jantar. Você está livre hoje à noite? — Ele mordeu a isca. Talvez fosse mais fácil do que ela pensava.

Quinn refletiu sua postura relaxada. Essa era a parte delicada da dança.

— Para ser completamente transparente, tenho alguns assuntos que gostaria de discutir com você. Não seria nada profissional deixar de mencionar isso.

— Nunca vi uma razão pela qual negócios e prazer não possam se misturar — ele disse com confiança, ou talvez com um tanto de bajulação. Pelo menos, parecia que ele não achava ter sido o motivo para ela fugir todos aqueles anos atrás, e era exatamente o que ela esperava.

— Você nem ouviu falar do que se trata — Quinn declarou com uma leve risada. Sentiu uma pontada desconfortável no estômago com o rumo que estava seguindo. Quase um flerte, o que nunca foi problema para ela.

— Faça uma oferta — ele disse sério. — Minha casa. Minha empresa. Meu coração. O que importa ter dinheiro quando uma pessoa do passado volta para sua vida? — Caramba, ele estava exagerando. Quinn teve de reprimir um revirar de olhos.

Shane foi o namorado perfeito no ensino médio, porque os dois sempre buscavam o primeiro lugar. Ela nunca se preocupou que as coisas ficassem confusas ou complicadas com os sentimentos.

Agora, a mesma falta de profundidade que sempre o caracterizou vinha à tona na conversa. Ele disse todas as palavras certas, mas Quinn estava confiante de que lhe faltava o comprometimento que vinha com a maturidade.

— Vamos começar com um jantar para discutir minha oferta. Para ser completamente transparente, trata-se desta casa. Tenho uma parte interessada. — Quinn pegou seu telefone. — Não estou livre esta noite, mas o que acha de amanhã?

Ele lançou um sorriso enorme em sua direção e passou a mão pelo cabelo escuro.

— Posso me organizar para amanhã.

— Perfeito. — Ela entregou um cartão de visita a ele. — Mande uma mensagem para resolvermos os detalhes.

Shane ficou na varanda e observou Quinn sair da garagem. Deu um suspiro de alívio por sua primeira tarefa do dia ter sido concluída, mas ela pareceu brincadeira em comparação com o que estava por vir.

***

Quinn se manteve no quarto pelo restante do dia, mergulhada em ligações com clientes e corretores. Duas negociações na cidade estavam perto de serem fechadas, o que significava que diversos detalhes precisavam ser gerenciados para garantir que tudo fosse concretizado sem demora.

Enquanto se preparava para dormir, ela se perguntou se o blazer seria adequado para uma pista de boliche. Porque era ali que sua irmã queria encontrá-la, dentre todos os lugares da cidade. A pista de boliche já existia em Kingsford quando Quinn morava lá, e ela passou muitas noites lá com os amigos.

Talvez Kelly estivesse tentando tocar em algum tipo de familiaridade, ou talvez só quisesse algo para entreter os filhos enquanto conversavam. Será que crianças de três anos conseguiriam jogar boliche? Quinn não tinha certeza.

Decidiu descartar o blazer depois do banho, optando por uma camisa de seda macia que era mais casual do que a que costumava usar na cidade grande. Mas adorava a peça e sabia que serviria melhor. Quinn se tornou um pouco camaleônica ao longo dos anos, transformando-se naquilo que deixava os clientes à vontade.

Quando estava com vinte e poucos anos, isso significava se vestir para parecer mais velha, com o intuito de inspirar confiança enquanto andava de um lado a outro da cidade para encontrar o máximo de clientes possível. Agora, na casa dos trinta, o que importava era projetar sucesso e

garantir que os clientes soubessem que seus milhões seriam bem gastos. *Não importa o método, desde que o objetivo seja alcançado* era seu lema e lhe serviu muito bem ao longo dos anos.

Faltando quinze minutos para o encontro, ela saiu da pousada, fazendo um pequeno desvio até a orla. O passeio ao longo do rio Hudson foi reformado desde que ela partiu, com luzes Edison penduradas entre os antigos postes que antes eram movidos a gás.

Famílias e grupos de adolescentes vagavam pela calçada, com alguns artistas vendendo produtos ao longo do caminho. A pista de boliche ficava no final do trecho de oitocentos metros em que ela caminhava. Ficava perto da casa dos Kent, mas escondido para não entrar em conflito com as galerias de arte e a arquitetura mais antiga.

Algumas crianças de skate estavam na porta do local, gravando vídeos enquanto tentavam fazer manobras em uma laje de concreto que se projetava da calçada. Era algo arriscado de se fazer, mas ela afastou o pensamento. A noite era para visitar sua irmã e conhecer as sobrinhas.

Ela já tinha fechado negócios milionários e viajado pelo mundo para debater com clientes sobre casas recém-chegadas ao mercado enquanto eles passavam o verão no sul da França ou esquiando na Suíça. Ver a irmã, embora já fizesse muito tempo, não deveria causar tanta ansiedade.

Em vez de ceder ao desconforto, enxugou as mãos suadas na calça jeans preta e entrou.

Mesmo depois de tantos anos, ainda podia sentir o cheiro de pipoca. O carpete, embora obviamente mais novo, evocava uma sensação retrô, com formas geométricas fluorescentes sobrepostas em uma disposição vertiginosa. Olhar para ele a fez sentir como se já tivesse bebido uma garrafa de vinho.

Quinn passou pelo balcão de aluguel de sapatos. Alugaria algo que outras pessoas usaram quando fosse obrigada. Havia uma lanchonete e um bar ao lado, com um fliperama escondido no canto mais distante do prédio. A máquina foi a primeira coisa que finalmente a fez sorrir, e Quinn se moveu em direção a ela instintivamente. Costumava passar horas lá com Sawyer, mesmo quando não era mais considerado divertido, em virtude da idade das duas.

Ela parou quando uma vida inteira de memórias veio à tona. Sempre adorou o fato de que Sawyer não parecia se importar em se encaixar, ou que preferisse passar o dia vagando sem rumo pelo calçadão do rio a ficar bêbada na floresta que ficava na periferia da cidade. Foi muito revigorante, durante um período na vida de Quinn em que todos estavam tentando ao máximo entrar na linha, independentemente de gostarem do que estavam fazendo.

Parada na frente de uma das máquinas, segurando uma garotinha, para que ela pudesse alcançar o clássico jogo *Pac-Man*, havia uma morena deslumbrante, que cresceu com mais graça do que Quinn poderia ter imaginado. Seu cabelo escuro estava desgrenhado e caindo pelas costas, e ela aplaudiu a menina. A criança gritou de alegria enquanto puxava o *joystick*.

Quinn prendeu a respiração. Não havia como impedir que seus olhos percorressem o corpo de Sawyer. Era uma cena tão inocente, que complicou ainda mais os sentimentos de Quinn. Sawyer adorava esse jogo quando as duas eram crianças. E ela soltava sons de excitação viciantes enquanto subia, nível por nível, até perder. Então Quinn pegava outra moeda e a colocava na máquina antes que Sawyer pudesse protestar, apenas para aproveitar a alegria dela novamente.

Mas agora a situação era diferente. Seu olhar capturou os braços tonificados de Sawyer enquanto segurava a garotinha. E aquele cabelo rebelde que Quinn sabia que seria incrível ao envolver em seus dedos. Sabia que se sentiria assim, já que se tratava de luxúria pura e não adulterada, mas era a fonte dessa luxúria que tornava difícil respirar.

Era muito para compreender. Tinha ciência dos seus sentimentos por Sawyer antes de partir, mas não estava preparada para finalmente vê-la de novo. Eram praticamente crianças quando foi embora. Não era para ser assim quando voltasse. Pensou que tinha feito um bom trabalho distanciando seus sentimentos da pessoa que era agora.

A garotinha com cabelos loiros cacheados soltou um *ah*, *droga* quando os fantasmas ultrapassaram *Pac-Man* e a mensagem *Game Over* apareceu na tela.

Por que colocar uma moeda na máquina e tentar alegrar o dia de Sawyer era tudo em que Quinn conseguia pensar?

— Você arrasou — Sawyer disse enquanto batia na mão da menina em cumprimento.

Uma estranha sensação de nostalgia inundou seu corpo, como se tivesse dezesseis anos novamente, com uma melhor amiga que pensava que estaria em sua vida para sempre e um mundo de possibilidades em seu caminho.

— Sawyer? — ela chamou antes que pudesse se conter. Já fazia muito tempo. Agora que a moça estava na sua frente, esperar mais um segundo parecia impossível.

Quando ela se virou, Quinn prendeu a respiração novamente, só que agora alguém estava prestando atenção. Ela era a mesma em todos os aspectos que importavam. Seus olhos ainda tinham o mesmo tom cativante de azul. Seu cabelo estava selvagem, mesmo que mais longo. E ela tinha

uma suavidade que irradiava, que fazia Quinn querer confiar todos os seus segredos a ela no momento em que seus olhos se encontraram.

— Ei, Quinn. — Sawyer não pareceu surpresa ao vê-la, o que causou confusão sobre todas as outras emoções que percorriam seu corpo.

Quinn sorriu para a garotinha que segurava a mão de Sawyer antes de levantar o olhar.

— Parece que você sabia que eu viria aqui.

Sawyer olhou para a garota e apertou sua mão.

— Querida, por que você não vai encontrar sua mãe? Ela está na pista dez. Você sabe qual é a dez? — A garotinha apontou para o local. — Ótimo trabalho, garota. — Sawyer sorriu para ela. — Vou ficar te olhando até você chegar lá.

— Posso comer nachos? — a garota perguntou, sem se mover.

— Sei que você jantou antes de vir, então precisa perguntar para sua mãe. — Sawyer se agachou e sorriu. — Mas talvez eu esteja com fome e pegue alguns nachos mais tarde. Se eu fizer isso... — disse, cutucando gentilmente a barriga da menina — você pode comer alguns.

— Uhuuuu — a menina disse em um frenesi de alegria e saiu correndo em direção ao estande atrás da pista dez.

Quando Sawyer se levantou, seus olhos ficaram quase nivelados. Quinn costumava ser um pouco mais alta, mas os papéis se inverteram na idade adulta.

— A propósito, aquela é a sua sobrinha, Ella — Sawyer disse, cruzando os braços. — Achei que seria melhor deixar a Kelly fazer as apresentações.

Quinn foi poupada de perguntar se a menina era filha de Sawyer, embora não soubesse ao certo qual resposta esperava.

Era muita coisa para assimilar. Pareceu tão óbvio depois que Sawyer disse.

— Você e Kelly são amigas?

— Somos — Sawyer respondeu. Ela podia ser surpreendentemente teimosa quando queria.

— Eu... — Quinn respirou fundo e se firmou. — Não sabia.

Sawyer deu de ombros.

— O tempo não para.

Quinn se encolheu com a alfinetada óbvia, ainda mais dolorosa por ter vindo de Sawyer.

— Preciso ir encontrar a Kelly. Não quero que ela pense que estou atrasada.

Sawyer assentiu, mas acrescentou:

— Antes tarde do que nunca.

— Não sei como lidar com isso.

— Você foi embora há muito tempo. Não use isso contra Kelly, independentemente de como ela se sinta a respeito. Ela era apenas uma criança na época.

Quinn não conseguiu evitar de fazer a pergunta. Ela não percebeu o quanto entrou cegamente na situação até aquele momento.

— Ela fala sobre o assunto? Fala sobre mim?

Sawyer sorriu de forma triste, mas não chegou nem perto de alcançar seus olhos.

— Mesmo que eu soubesse, não contaria a você. Kelly é uma das minhas amigas mais próximas. — Se era possível, o sorriso dela ficou ainda mais desamparado. — Você é uma velha conhecida que voltou à cidade para passar o fim de semana.

Essa frase destruiu algo em Quinn. Embora partir tenha sido a decisão mais difícil de sua vida, uma vez que decidiu fazê-lo, tudo pareceu muito claro. Agora, minutos depois de ser confrontada por aqueles olhos azuis, nada parecia mais tão claro e fácil.

— Gostaria de conversar com você algum dia também... se estiver aberta a isso. Não neste fim de semana, mas voltarei em breve. Podemos jantar ou beber alguma coisa? Eu adoraria saber o que você tem feito. — Ela não ouvia aquele timbre inseguro em sua voz há anos e não sabia como se sentir a respeito.

Observou Sawyer soltar um suspiro pensativo, seu olhar percorrendo as feições de Quinn. No passado, ela sentia que era capaz de desvendar as expressões de Sawyer. Agora, era impossível, e só teve a confirmação quando Sawyer respondeu:

— Claro. Podemos nos encontrar.

Quinn assentiu.

— Que bom. Fico feliz em ouvir isso. Posso te dar meu número? — Ela pegou o telefone. — Ou você pode me dar o seu. O que for melhor. — Ela se aproximou antes que pensasse demais. — Mas eu gostaria de ficar com o seu, se possível. Quero ter certeza de que vou te ver de novo.

Talvez Quinn estivesse enganada, mas viu um leve tom de vermelho nas bochechas de Sawyer.

— Ainda é o mesmo desde o ensino médio. Sou uma criatura de hábitos.

— Sempre foi — Quinn disse, percorrendo seus contatos. Ela mudou de número várias vezes ao longo dos anos, mas salvou os que importavam. Mesmo que nunca tivesse planejado usá-lo, saber que Sawyer estava a um telefonema de distância se precisasse sempre foi reconfortante. Não que

fosse isso ou que ainda tivesse memorizado. — Acho que tenho aqui. Aquele que termina em 0588?

Sawyer assentiu, a expressão indecifrável.

— É esse mesmo.

— Ótimo. Nos vemos na pista? Você vai ficar por aqui hoje? — Quinn odiava ouvir o leve desespero em sua voz.

— Vou deixar vocês duas conversarem. — Quando Sawyer colocou a mão no braço de Quinn, as duas ficaram tensas com a conexão. — Quinn?

— Sim?

— Você pode me dar o cano e não voltar, e isso não vai importar. Mas não diga à Kelly que você voltará a menos que esteja falando sério.

Quinn assentiu. As palavras de Sawyer eram justas, mesmo que doloridas.

— Pode deixar. Prometo.

— Foi bom te ver, Quinn. Espero te encontrar em breve.

Enquanto Quinn caminhava para a pista dez, ela tentou se concentrar em ver Kelly. Sua irmã mais nova cresceu e já tinha filhos, que enfrentaram o desafio de crescer com a mãe depois que Quinn foi embora. As ligações ocasionais não compensavam o tempo perdido, ela sabia disso, mas na época não sabia mais o que fazer. E com o passar dos anos, sua vida se enraizou em Nova York, e uma ruptura completa fez sentido.

Pelo menos, a irmã tinha Sawyer. Quinn não esperava descobrir que elas eram amigas, mas a ideia lhe deu uma estranha sensação de conforto. As duas pessoas que ela mais gostava quando jovem se encontraram.

Quando se aproximou da pista, sua irmã se levantou segurando uma garotinha enquanto a criança que ela viu antes estudava cuidadosamente as bolas de boliche.

— Oi, Kelly.

Kelly sorriu e abraçou a filha.

— Oi, Quinn.

CAPÍTULO QUATRO

— As meninas estão na casa da sua mãe? — Era domingo de manhã, e Sawyer estava terminando uma de suas tarefas favoritas: espalhar manteiga nas panquecas de trigo sarraceno no Kingsford Diner.

As quatro geralmente tomavam café juntas aos domingos, mas Ella e Luna estavam ausentes hoje.

Kelly assentiu.

— Achei que nos daria chance de conversar. Ela as deixa assistir Patrulha Canina o tempo todo, então não foi difícil convencê-las.

Sawyer sorriu e mastigou um pedaço enorme de panqueca.

— Para ser totalmente sincera, Ella está guardando um certo rancor pela promessa não cumprida de alguns nachos.

— Eu não prometi nachos a ela. Eu disse que se eu fosse pedir, a deixaria comer alguns. — Sawyer levantou o dedo para dar ênfase. — Tem uma grande diferença.

— Diga isso a uma criança de cinco anos.

— Eu diria, se ela aparecesse! — Sawyer riu ao imaginar a expressão atônita de Ella quando as coisas não saíram do jeito que imaginava.

Parecia que Kelly escolheu cuidadosamente as palavras quando disse:

— Você não foi nos encontrar na sexta-feira.

— Estava monitorando a situação. Parecia que as coisas estavam indo bem, então não queria atrapalhar *a vibe*.

— Quem diz *vibe*?

— Crianças no *TikTok*.

Kelly riu.

— Você precisa sair do *TikTok*.

— Há pessoas lá que postam vídeos sobre antiguidades. Tem sido uma ótima maneira de encontrar produtos e obter inspiração para o que está em alta — Sawyer disse.

— Ella só terá um celular quando fizer dezoito anos.

Sawyer balançou o garfo.

— Até lá, estaremos com microchips embutidos no cérebro. O celular será o menor dos seus problemas.

— Deus, espero que não. E isso é bem exagerado, até para você.

— Sou uma pessoa complexa.

— Comerciante de antiguidades de dia. Teórica da conspiração futurista à noite?

— O tempo é um círculo plano.

— Você está chapada? — Kelly perguntou, arqueando as sobrancelhas.

— Não. Só tive um fim de semana estranho. Na verdade, acabei conversando com a Quinn antes de ela ir te ver.

— Como foi?

— Como foi para você ver alguém depois de dezessete anos?

— Foi... — Kelly colocou o garfo de lado e ficou pensativa. — Estranhamente agradável. E esquisito. Eu queria sentir raiva dela, mas praticamente me derreti quando ela me abraçou.

— Não se culpe. Você nunca conseguiu guardar rancor ou manter sua posição contra a Quinn. Acho que querer deixá-la voltar não é algo ruim. Você é assim.

Kelly balançou a cabeça, mas havia uma dúvida em sua voz.

— Não? Ela foi embora. Sei que nossa mãe estava péssima e que nossa vida em casa não era das melhores na época, mas eu tinha treze anos.

Acho que fiquei muito ressentida por ela me deixar naquela situação.

— Você disse isso a ela?

— Não parecia o momento certo para trazer o assunto à tona, ainda mais com as meninas lá.

Sawyer assentiu.

— É justo. Em que pé ficaram as coisas entre vocês?

— Ainda não a perdoei. E ainda estou com a guarda levantada. Não há motivos para esperar que ela não vá desaparecer de novo. Ah, e escute isso — Kelly disse, batendo a mão na mesa. — Ela está na cidade a trabalho.

Sawyer fechou as mãos em punhos por baixo da mesa.

— Então, fazer as pazes nem foi a principal razão para ela vir?

Kelly franziu o nariz.

— Se eu quisesse ser positiva a esse respeito, veria essa outra razão como algo bom.

— Como assim? — Sawyer perguntou.

— Bem, se ela voltasse para consertar as coisas, eu pensaria que ela estava morrendo ou algo assim.

— Que macabro.

Kelly deu de ombros.

— Provavelmente. Mas não faz com que seja menos verdade. Por que alguém simplesmente acordaria um dia e decidiria fazer algo diferente do que tem feito nos últimos dezessete anos?

— Quinn sempre foi imprevisível. Eu teria acreditado. O que ela faz, afinal?

— É corretora de imóveis.

— Consigo vê-la trabalhando com isso. — E Sawyer realmente conseguia. Quinn sempre foi ótima com as pessoas, as atraía e fazia com

que quisessem gravitar ao seu redor. Mas sempre foi indiferente à existência delas. Era a posição de poder suprema, o que significava que ela sempre conseguia conversar com qualquer um sob quaisquer circunstâncias. — Mas não consigo pensar em um motivo para ela estar aqui a trabalho.

— Provavelmente está trabalhando para um milionário de Nova York que precisa de mais uma casa de férias — Sawyer falou com toda a indiferença que conseguiu. Já teve de lidar com muitas pessoas desse tipo na cidade.

— Talvez ela te conte tudo enquanto tomam alguns drinques — Kelly disse com uma sobrancelha arqueada.

O peito de Sawyer se aqueceu.

— Ela te contou sobre isso?

— Contou. E só estou mencionando porque quero esclarecer que você tem uma relação com ela, assim como eu. Você deve fazer o que quiser. Isso não vai impactar na nossa amizade.

— É muito gentil dizer isso, Kel, mas também estou com a guarda levantada. Vai ser bom colocar a conversa em dia e ver como ela está, mas não espero que Quinn permaneça na minha vida de maneira significativa.

— Eu sei. É só que... — Kelly parou, mordiscando o lábio. — Você tem tanto a oferecer ao mundo, Sawyer. Se quer se esconder no seu ateliê, é uma escolha sua, mas acho que muitas pessoas adorariam ter a chance de te conhecer.

O calor queimando a pele de Sawyer se intensificou a um grau quase doloroso.

— Parece que você está tentando me arranjar com sua irmã. Achei que estávamos "*mantendo nossa guarda levantada*" — Sawyer disse, fazendo aspas com os dedos.

— De jeito nenhum! — Kelly disse com uma risada profunda. — Você é boa demais para ela.

— Isso não é justo. Você não conhece a versão adulta dela. — Não sabia por que sentia a necessidade de defender Quinn.

— E de quem é a culpa?

— Certo. — Sawyer levantou as mãos. — Essa conversa saiu completamente do rumo.

— Mas ela está bonita, não é? É até injusto. Parte de mim quase se sente grata por não ter de crescer à sombra dela.

— Você é linda, Kelly. No departamento da aparência e em todos os aspectos que fazem as pessoas serem ótimas. Você é uma mãe incrível. E sua história com Trevor é digna de um filme da *Hallmark*. — Sawyer balançou a cabeça, fingindo estar indignada. — Além de tudo isso, você literalmente passa o dia salvando animais.

Kelly acenou com a mão.

— Eu só os seguro para que não arranhem ninguém durante o exame.

Sawyer ignorou o comentário de Kelly.

— Sim, a Quinn é bonita, mas ela teria sorte de ter alguém como você na vida dela. — O sorriso de Kelly para Sawyer encheu seu coração com a certeza de que podia chamá-la de amiga.

— Já disse uma vez e direi de novo, Sawyer Kent: você vai fazer alguma mulher insanamente feliz um dia.

Sawyer evitou fazer contato visual.

— Se isso acontecer, ótimo, mas não estou procurando ninguém agora.

— Já faz quase cinco anos. Ainda não está pronta para voltar a sair depois da Dani?

— Não é sobre a Dani — ela respondeu, se perguntando se estava sendo honesta. Sawyer conheceu Kelly alguns meses depois de Dani terminar com ela e fez questão de rotular como um "término ruim" em vez de entrar em todos os detalhes devastadores.

— Então, qual é o problema? Você é jovem. Atraente. Tem um gosto incrível para amigos.

Sawyer arqueou as sobrancelhas.

— Não posso discordar do que você disse por causa desse último ponto. Embora eu possa adicionar que trabalho para o meu irmão. Moro em uma oficina convertida. Ah, e acidentalmente quase furei meu olho outro dia.

— Presumi que tinha sido um acidente. Quem faria isso intencionalmente?

— Justo — Sawyer disse com um sorriso. — Aprecio muito sua positividade acerca dos meus méritos. Se eu quiser fazer um perfil de namoro, você será a primeira pessoa para quem vou ligar.

— É bom mesmo. — E então Kelly mudou de assunto com tanta rapidez que deixou Sawyer tonta. — Já que as meninas não estão aqui, queria te perguntar: quando você vai expulsar seu irmão de casa? Sua avó deixou a casa para *você*. Se deixar ele lá, vai ficar cada vez mais difícil tirá-lo.

Sawyer fez um ótimo trabalho em não deixar seus pensamentos focarem nessa situação. Ela gostava de onde morava, mas também sabia que não era justo o irmão viver na sua casa sem pagar aluguel e ainda ser dono da loja de antiguidades.

Sawyer balançou a cabeça e suspirou.

— É uma casa grande. Não preciso de todo aquele espaço. Seria egoísmo pegar de volta quando nem sei o que fazer com ela. E Tate fica lá

com ele às vezes.

— Tate quase nunca está lá, e você sabe disso. Isso foi uma desculpa que ele usou para fazer com que você se sentisse culpada e conseguir o que queria.

Kelly não estava errada. Sawyer via Ella e Luna com muito mais frequência do que encontrava o próprio sobrinho de treze anos. Era um milagre que Shane só tivesse engravidado uma moça ao longo dos anos, dada a completa falta de cautela e planejamento que permeava todos os aspectos da vida dele.

— Quando o negócio estiver mais estável, vou tocar no assunto. Prefiro ainda ter um emprego a mudar para uma casa maior. Não faria muito sentido, não é?

— Ele não está nem aí para nada, e tudo o que você faz é se preocupar. É como se alguém tivesse dividido uma pessoa prática ao meio para criar vocês dois.

Sawyer endireitou a postura.

— Está tentando dizer que sou tensa?

— Eu te amo do jeito que você é, mas estou dizendo que talvez se soltar seja uma coisa boa. Saia e viva um pouco. Arrisque-se. Experimente coisas novas.

— Eu experimento coisas novas — Sawyer disse, na defensiva.

Kelly já estava rindo quando respondeu:

— Jogar boliche na pista onze em vez de na pista dez não conta.

Sua amiga não estava errada, mas isso acabou tocando um ponto sensível. Era o que as ex-namoradas achavam que faltava nela. Era o que ajudava seu irmão a brilhar enquanto ela murchava nas sombras. E foi por isso que, todos aqueles anos atrás, quando recebeu uma mensagem de texto

nas primeiras horas da manhã perguntando se queria visitar Nova York, ela não respondeu.

***

Quando Sawyer chegou à casa dos pais no domingo à noite, finalmente estava se sentindo um pouco mais normal. Depois do café da manhã com Kelly, ela voltou para a oficina e fez progressos no jogo *Big Hunter*, além de encontrar tempo para fazer lances em alguns itens na internet. Exigiriam um trabalho significativo para consertar, mas dia após dia, suas habilidades nessa área continuavam a melhorar.

Não é que não gostasse de mudanças, ela se deu conta. Ela só gostava das coisas no seu tempo, devagar e metódico. Era importante ver suas opções por todos os ângulos antes de tomar a melhor decisão. Ela era assim desde pequena, chegava a agonizar sobre a ordem em que seus bonecos de ação deveriam ficar para o desfile pelo quarto.

Sawyer entrou na casa vitoriana que era menor do que a da avó – na verdade, era sua casa, embora ainda não tivesse se acostumado a pensar nela como sua – e deixou a bolsa na porta.

— Oi, mãe.

— Oi, querida — a mãe disse da cozinha enquanto Sawyer se aproximava.

Desde que a mãe se aposentou, alguns anos atrás, se transformou em uma máquina de cozinhar. Se as coisas fossem como ela queria, os filhos viriam para jantar todas as noites.

Sawyer deu um abraço rápido na mãe e olhou dentro da grande panela no fogão.

— O que você está fazendo?

— Um molho à bolonhesa que está no fogo o dia todo. Provavelmente é a última vez que vou poder preparar antes que fique quente demais. — Quando Sawyer franziu a testa, percebendo que não poderia comer, a mãe pegou seu queixo para chamar sua atenção. — É vegano, mas não conte ao seu irmão.

Um sorriso sincero apareceu em seu rosto enquanto olhava para olhos azuis iguais aos dela.

— Você é a melhor.

Ela pensou em contar à mãe que Quinn estava de volta à cidade, mas algo a impediu. Não era só porque não queria fazer da situação um espetáculo. Também não sabia como se sentia a respeito disso.

A oferta de Quinn para tomar alguns drinques a surpreendeu, e o comportamento estranho de Kelly naquela manhã a confundiu. Ela passou o dia inteiro mexendo em antiguidades para se esquecer disso, e não queria trazer o assunto de volta à mente.

— O cheiro está ótimo, mãe — Shane disse ao passar pela porta que dava acesso ao quintal. Ele fez a barba pela primeira vez em tempos e estava surpreendentemente animado, considerando que domingo era o dia em que ele trabalhava sozinho na loja.

— As coisas foram bem na loja hoje? — Sawyer esperava, para o bem dos dois, que a resposta fosse sim.

— Abri tarde, mas fiz algumas vendas. — Ela nunca entenderia por que Shane não tinha vergonha de admitir coisas assim.

Sawyer contornou o balcão da cozinha com pratos em mãos para arrumar a mesa.

— Tarde quanto?

— Não é nada de mais. — Ele se sentou na mesma cadeira que ocupava desde que eram crianças e cruzou os dedos atrás da cabeça como

se não tivesse uma preocupação no mundo.

A irritação surgiu no peito de Sawyer.

— Shane, é, sim. Estamos entrando na época mais movimentada. Cada hora conta.

— O que significa que teremos muito tempo para compensar. — A condescendência em seu tom a fez querer gritar.

Colocou os pratos cuidadosamente na mesa e respirou fundo algumas vezes. Sawyer não queria que a mãe os visse discutindo.

— Você não vai me perguntar como foi o meu fim de semana?

Sawyer terminou de arrumar a mesa e voltou ao balcão para pegar os talheres.

— Eu te vi ontem, então não pretendia.

— Eu jantei com Quinn McKinley ontem à noite — ele disse em um tom tão presunçoso, que Sawyer se perguntou se ele não sufocaria de orgulho.

— Nunca pensei que a veríamos por aqui novamente. — A mãe não parecia surpresa, mas Sawyer não conseguia entender o que o tom da voz dela significava.

— Foi o que eu disse a ela — Shane concordou com uma risada alta.

Sawyer faria o mínimo para manter essa conversa.

— Deve ter sido bom colocar o papo em dia.

Ela e Quinn não significavam nada uma para a outra, pelo menos não mais. O fato de Quinn ter procurado Shane para jantar não deveria importar para ela. Mas o que a incomodava era o fato de sempre ficar em segundo lugar. Quinn garantiu que teria tempo para encontrar Shane em sua primeira visita, e só perguntou a Sawyer se ela gostaria de se encontrar com ela quando se encontraram acidentalmente na sexta-feira. Sem dúvida, ela já tinha planejado o jantar com Shane para a noite seguinte.

Aquilo tudo era uma idiotice. A melhor coisa que Sawyer poderia fazer, se Quinn realmente entrasse em contato, era fingir que estava ocupada. Não seria tão difícil. Não era como se Quinn morasse em Kingsford. Na pior das hipóteses, ela encontraria uma maneira de fazer Kelly ir junto, então teria a amiga e, com sorte, as sobrinhas de Quinn como um amortecedor.

— Não acredito que você não esteja morrendo de vontade de saber mais, Sawyer.

Ela balançou a cabeça.

— Não sei por que você acharia isso. Quinn não faz parte da minha vida há muito tempo, mas espero que ela esteja bem. — Sawyer adicionou a última parte para que não soasse tão amargurada.

Shane se recostou na cadeira.

— Eu sempre achei que você tinha uma queda por ela.

Houve um momento, embora tenha passado rapidamente, em que Sawyer considerou espetá-lo com um garfo. Merda. De onde veio esse nível de raiva?

— Chega, Shane. — A voz forte da mãe deveria ter interrompido o restante da conversa.

Mas Shane decidiu que não ficaria calado por mais um segundo.

— Só estou dizendo que não quero que haja problemas se nós dois voltarmos. Ela parece querer passar mais tempo na cidade, e me disseram que sou um excelente guia turístico. — Ele deu de ombros e acrescentou: — Desculpe se estava tentando levar em consideração seus sentimentos.

Deus, ele era muito idiota. Com a loja e a casa, adicionar o retorno de Quinn à mistura poderia significar um desastre para a habilidade de Sawyer de lidar com o irmão. Ela não conseguiu se conter quando disse:

— Você nunca se importou com os sentimentos dos outros. Não sei por que começaria agora, a não ser para tentar me espezinhar com algo que nem me incomoda.

— Do meu ponto de vista, você parece muito incomodada.

— É tão comum você ficar sentado aí em vez de ajudar, que estou surpresa por sua bunda não ter derretido no assento.

— Sawyer — a mãe disse em advertência.

— Desculpe. — A contrição em sua voz era genuína, embora não fosse em benefício do irmão. Ela odiava que a mãe visse esse seu lado.

Mais que isso, odiava que Shane a subestimasse constantemente. E mesmo depois de todos esses anos, ele ainda sabia exatamente onde cutucar para incitá-la.

O retorno de Quinn mudou a rotina de Sawyer em questão de dias. Ela não teve tempo suficiente para considerar todos os ângulos, porque mesmo estando ausente há dezessete anos, ainda estava profundamente enraizada na vida de Sawyer. Era irmã da Kelly, ex-namorada de Shane, ex-melhor amiga. Será que nada escaparia do caos que Quinn poderia causar em sua vida?

Qualquer que fosse o significado do retorno de Quinn à cidade, não seria bom.

CAPÍTULO CINCO

Na manhã de quarta-feira, Quinn finalmente teve a chance de se sentar em seu escritório e começar a trabalhar na proposta para Shane Kent. Ela voltou para a cidade na manhã de domingo, realizando exibições consecutivas que definiram o tom de sua semana até agora.

Na segunda-feira, já havia redigido uma oferta para um loft de cinco milhões de dólares em Williamsburg e esperava obter uma resposta dos vendedores até o final do dia. Como previsto, Belinda fez um trabalho fantástico mantendo as coisas em ordem durante sua ausência. Aquela mulher era um gênio em fazer os clientes reagendarem e acreditarem que a ideia foi deles. Um pedido de visita na manhã de sábado foi remanejado para domingo à noite, graças às habilidades da assistente, e perfeitamente alinhado com a disponibilidade de Quinn.

Quando a moça entrou em seu escritório, dez minutos depois, com um *parfait* na mão para a chefe, Quinn assentiu em agradecimento antes de começar a trabalhar.

— Como conseguiu que Dana Dreyer aceitasse a visita no domingo? Ela adorou o espaço.

Sentando-se na poltrona, Belinda cruzou as pernas e deu um sorriso dissimulado.

— Disse a ela que ver o apartamento ao entardecer significaria que ela poderia encerrar a busca.

— Impressionante — Quinn falou com sinceridade. — Obrigada por fazer isso. Eu precisava ficar mais tempo em Kingsford. — Ela tirou a

tampa do doce e usou a colher. — Acho que talvez precise ir com calma com este cliente.

— O comprador não está interessado em vender?

Quinn hesitou. Não sabia o quanto seria apropriado admitir para Belinda, mesmo sabendo que poderia confiar nela de olhos fechados.

— Ele é... uma pessoa que conheci no passado — resolveu dizer.

Quinn falou de um jeito que deixou bem claro o que estava implícito. Belinda, que só marcava encontros com mulheres na agenda de Quinn, assentiu.

— Eu era jovem — ela falou, rindo. — Vamos dizer que foi uma tentativa desesperada de fazer funcionar com a pessoa que eu achava que deveria ser.

Belinda assentiu novamente.

— Entendi.

— Ele parece mais interessado em querer relembrar os velhos tempos do que em discutir o negócio. — Quinn não conseguiu guardar as palavras para si e acrescentou: — Meu Deus, como ele é chato. Não acho que teve uma ideia nova desde que eu o conheci, aos dezoito anos.

— Parece que você fez a escolha certa ao deixá-lo no passado. No trabalho e na vida pessoal.

Ela conteve o riso.

— Sempre achei que ele era confiante, mas agora vejo que é apenas arrogância sem qualquer fundamento. — O oposto exato da outra irmã Kent, para quem Quinn ainda não havia mandado mensagem sobre jantar na próxima vez que estivesse na cidade.

— Você tem a sensação de que ele está te enrolando? — Belinda era do tipo que ia direto ao ponto, felizmente distraindo-a de pensar em Sawyer.

— Não tenho certeza. Algo parece... estranho. — E isso a incomodou nos últimos dias.

Belinda se inclinou para frente.

— Estranho como?

Quinn tentou encontrar as palavras certas para explicar o comportamento de Shane no jantar.

— Embora eu tenha uma boa opinião sobre mim — ela disse com um sorriso —, ele só queria falar do passado. Sempre que eu tentava falar sobre a casa, ele era evasivo.

— Parece que não está interessado em vender, mas quer monopolizar seu tempo.

— Sim, provavelmente é isso. — Porém, parecia mais do que aquilo, embora Quinn não quisesse admitir ainda. Sua intuição para esses assuntos geralmente era certeira. Ela sabia quando um comprador estava perdendo o interesse, mesmo que nunca tivesse colocado isso em palavras. Sabia qual abordagem usar com os vendedores para garantir que sempre sentissem que estavam levando a melhor, embora quase nunca fosse o caso.

Era como se seus superpoderes tivessem sido atenuados pela história da cidade e ela não conseguisse mais ter uma visão clara de qual era o caminho certo a seguir. Isso a estava deixando enlouquecida, mas as negociações ainda estavam nas fases iniciais. Com qualquer outro cliente ou vendedor, ela não estaria preocupada.

— Você está trabalhando na proposta? — Belinda perguntou, acenando com a cabeça para os papéis na mesa de Quinn.

— Sim, mas vou começar com um valor um pouco mais baixo do que o planejado. Ele vai prolongar essas negociações, já posso sentir, então é melhor mudar o ponto de partida.

— Quando você vai voltar? Não vi nada na sua agenda. — Ser ótima no trabalho significava ter habilidade para conciliar coisas até alcançar sua missão. Belinda sabia disso, e a ajuda da assistente era a razão pela qual Quinn conseguia ter tanto êxito nas suas ações.

Ela tinha planos de se encontrar com Kelly e as meninas na manhã de sábado, mas ainda precisava encontrar tempo para entregar a oferta a Shane. Além disso, ainda não tinha entrado em contato com Sawyer. Será que estava com medo de que ela dissesse não? Sawyer não foi hostil quando se encontraram, mas Quinn pôde ver que a moça não estava exatamente morrendo de amores por ela. Há muito tempo já, na verdade. Mas isso era culpa de Quinn, e as duas sabiam disso.

Belinda olhou para ela de um jeito estranho, provavelmente porque Quinn ficou em silêncio nos últimos trinta segundos.

— Espero sair na sexta de manhã. Posso trabalhar da pousada durante o dia e entregar a oferta.

— Volta no sábado? — Belinda abriu o iPad na agenda de Quinn, pronta para ajustar o horário.

— Vou me encontrar com a minha irmã e minhas sobrinhas no sábado. Provavelmente vou conhecer o marido também — ela disse, esperando não parecer nervosa.

Belinda encarou a chefe.

— Quinn McKinley em um evento familiar. Eu pagaria para ver isso.

— O marido dela é dono de uma pista de boliche. É tanta doçura de cidade pequena, que acho que vou ter uma cárie. — Suas palavras sarcásticas cobriam a sensação desconfortável que se instalou no seu corpo desde que viu Kelly. Foi agradável, de uma maneira estranha, o modo como a irmã falou sobre sua vida com o marido e as filhas, como as meninas

brincavam e corriam pela pista de boliche, obviamente confortáveis no local.

— Por que não deixo o fim de semana livre? Se você voltar mais cedo, podemos agendar algumas exibições de última hora. O que acha?

— Perfeito. — Mais uma vez, Belinda a estava salvando de si e da possibilidade de faltar com a irmã porque um negócio lucrativo havia aparecido. Ela nunca negou um antes, o que ficava óbvio pelo fato de estar correndo atrás de uma comissão em um lugar para o qual não tinha motivos para voltar.

Belinda se levantou e ajeitou a saia.

— Vou te deixar trabalhar na proposta. — Quando chegou à porta, parou e se virou. — Acho bom você passar um tempo com a sua família. Perdi meus pais muito cedo e não tenho irmãos, então sempre fico feliz quando as pessoas conseguem aproveitar seus entes queridos. — Ela não deu chance de Quinn responder, partindo em seguida para sua sala.

Quinn refletiu sobre as últimas palavras de Belinda. Elas deram um novo combustível a uma ideia que já a incomodava há alguns dias. Por muito tempo, só se permitiu pensar no que ganhou ao deixar a cidade, mas desde que voltou, não conseguia parar de pensar no que havia perdido.

***

Conseguia lidar com questões de qualquer nível de complexidade, desde que fosse relacionado ao trabalho. A casa dos Kent estava ultrapassando limites difíceis, embora ainda não impossíveis, de contornar.

Ela suportou negócios de quinze meses quando sabia que os proprietários eram exigentes, mas sérios. Mediou problemas de relacionamento e indecisões de compradores para finalizar a papelada dias depois. Era uma aplicação muito prática de suas habilidades, onde o ganho

era claro. O dinheiro era depositado em sua conta bancária no fechamento e, às vezes, recebia uma garrafa de champanhe exorbitantemente cara em seu escritório.

Uma cópia do contrato estava na sua pasta, e ela iria entregá-lo na casa de Shane na manhã seguinte. Sem dúvida, haveria alguma necessidade de evitar seu interesse enquanto ainda se mostrava amigável, mas essa era, infelizmente, a vida de muitas mulheres, mesmo que não houvesse negócios envolvidos.

Quando descobriu que Shane era o proprietário da casa, sentiu uma combinação de alívio e tristeza. Se Sawyer fosse a dona, teriam um motivo para se comunicar, uma razão para Quinn mostrar as habilidades que desenvolveu e o tipo de mulher que se tornou. E, mais importante, poderia provar a ela, através de seu sucesso, que o caminho que seguiu e que as levou até este momento foi o correto.

A resposta dela ao retorno de Quinn foi frustrante, embora não inesperada. Elas não estavam bem quando foi embora. Quinn acreditava que já tinha se perdoado por isso há muito tempo, mas ver Sawyer novamente, com sua essência tão real e sólida, era muito para lidar.

Enviou uma mensagem para ela na quarta-feira, depois de fazer planos com Kelly para sexta à noite, mas a amizade entre ela e a irmã complicou os planos de Quinn. Sawyer já estava ciente da programação e pediu para vê-la.

Por isso, pela segunda semana consecutiva, Quinn estava indo para uma pista de boliche, dentre todos os lugares possíveis. Sua calça jeans era bem justa, e seu cabelo loiro estava preso em um rabo de cavalo alto, que ela sabia que acentuava as maçãs do rosto.

O lugar ficava mais movimentado à medida que a alta temporada se aproximava, ela teve inclusive que se mudar para um hotel, já que todos os

quartos da pousada estavam ocupados.

Kelly já estava na área atrás da pista dez com as meninas, e Quinn fez o melhor para parecer indiferente enquanto se aproximava.

— Oi.

— Oi, Quinn. — Kelly olhou para as filhas. — Meninas, minha irmã, Quinn, está aqui. Querem vir dizer oi?

Luna parou de tentar colocar os dedinhos nos buracos da bola de boliche, e Ella terminou de prender o velcro nos sapatos. Quinn não deixou de notar que não foi apresentada como tia. Era compreensível, já que nunca desempenhou esse papel.

— É bom ver vocês de novo — falou, acenando para elas. Não fazia ideia do que crianças dessa idade gostariam de conversar. Duvidava que estivessem interessadas na macroeconomia do mercado imobiliário, mas pelo menos não estavam tirando meleca do nariz como o menino da pista doze.

Ella abraçou Kelly pela cintura e olhou para Quinn com expectativa.

— Por que você não mora aqui?

— Eu moro em Nova York. Você já esteve lá?

— Dã — Ella disse. A confiança da menina de cinco anos fez Quinn sorrir, e ela se perguntou se era também tão audaciosa nesta idade.

Ella aparentemente decidiu que era toda a informação necessária, então Quinn olhou para Kelly, que respondeu:

— Levamos as meninas para ver a árvore de Natal em dezembro passado.

Não foi surpresa para Quinn que Kelly não tivesse avisado que estava na cidade. No último Natal, Quinn estava em Barbados, hospedada em uma *villa* na praia, com palmeiras decoradas com luzes e praticamente passando o dia só de biquíni.

Quinn assentiu.

— A árvore de Natal é muito bonita.

— Eu gosto mais da que temos em casa. — Ella pegou ar e continuou falando. — Tem todos os enfeites que fizemos e decoramos juntos.

Quinn foi tomada por uma onda de nostalgia, lembrando-se de quando segurava Kelly no colo para decorar a própria árvore.

— Realmente, parece o máximo. — E, surpreendentemente, falou sério.

Enquanto tentava pensar em algo mais para dizer, Luna, que estava andando pela área do lounge, soltou um som de empolgação. Estendeu as mãozinhas e começou a correr em direção a Quinn.

— Saw-saw!

— Você está mais bonita do que a lua cheia — Sawyer declarou, pegando Luna no colo e brincando com um dos cachinhos loiros. Tocou no nariz da garotinha e acrescentou: — Gentil e inteligente também.

Luna fez o mesmo com o cabelo de Sawyer, puxando o cacho solto e observando-o voltar ao lugar.

— Não pula tanto — Luna disse, olhando para Sawyer com desconfiança.

— Se ela deixasse secar naturalmente, pularia — Quinn falou antes de registrar as palavras. Era o tipo de memória que não acessava há anos. Elas iam andar de caiaque no rio, e Quinn o virava porque era divertido, emocionante e parecia o auge da vida aos quatorze anos. Elas voltavam para o barco ensopadas, e Sawyer a olhava feio por alguns minutos antes de admitir que a água era uma mudança agradável em relação ao sol quente. E então elas remavam, e Quinn observava o cabelo de Sawyer secar. Em um momento da sua vida, sentia que conhecia cada cacho selvagem e emaranhado.

Sawyer lhe deu um olhar carregado de significados, mas passou rapidamente quando Ella colocou os braços em volta das pernas dela, querendo atenção.

— Você vai jogar boliche? Você precisa jogar boliche. Estou ficando muito boa.

Com Luna ainda no colo, Sawyer se agachou e fixou sua atenção na garota mais velha.

— Você está me desafiando, Ella?

Ella olhou ao redor, nervosa, e bateu o dedo do pé no chão acarpetado.

— Talvez.

Foi cômico como Sawyer ergueu as sobrancelhas e se inclinou.

— Você sabe o que acontece se eu ganhar, certo?

— O que acontece se você ganhar? — Quinn perguntou, curiosa.

As duas olharam para ela, mas foi Sawyer quem falou.

— Se eu ganhar, escolho o programa que vamos assistir na televisão.

— É um custo muito alto — Kelly disse, horrorizada, colocando a mão na boca em sinal de pavor.

— Você nunca escolhe desenhos animados — Ella sussurrou, com os olhos arregalados.

Sawyer assentiu, sombria.

— Às vezes... o que eu escolho nem música tem.

Quinn se sentiu uma intrusa. A conexão entre Sawyer e as meninas era tão óbvia quanto a falta de conexão delas.

— E se eu ganhar? — Quinn perguntou.

Em vez de responder de imediato, Sawyer colocou Luna no chão e tirou algumas moedas do bolso.

— Por que vocês não vão jogar fliperama? — ela perguntou. A voz ficou mais séria quando acrescentou: — Ella, fique de olho na sua irmã o tempo todo. Vocês podem jogar um jogo cada e depois voltar. Entendido?

Ella assentiu e pegou as moedas.

— Entendido.

Kelly as observou correrem de mãos dadas antes de se levantar.

— Vou ver como estão as coisas com o Trevor.

— E dar uma espiada nas meninas? — Sawyer acrescentou com um sorriso que Quinn desejava que fosse dirigido a ela.

— Talvez só um pouquinho.

Quando Kelly se afastou, Sawyer voltou sua atenção para Quinn, o sorriso desaparecendo.

Quinn não costumava se sentir insegura, mas era exatamente assim que se sentia diante do olhar intenso de Sawyer.

— Eu disse algo errado? Sinto que acabei de fazer o equivalente a gritar “fogo” em um teatro lotado.

Sawyer balançou a cabeça lentamente, a resignação estampada em suas feições.

— Eu só não quero que você faça promessas para as meninas se não pretende cumpri-las.

— Não é isso que está acontecendo aqui — Quinn falou. Ela ajeitou um pouco a postura e cruzou os braços.

— Você não pode simplesmente aparecer e fingir que nunca esteve ausente. — Sawyer deu um pequeno passo à frente. — Especialmente se não pretende continuar voltando.

Quinn sentiu o lábio tremer e descruzou os braços, adotando uma postura mais relaxada.

— Você está falando das meninas? Ou de Kelly? — Ela analisou o rosto de Sawyer e disse as palavras que pairavam entre elas. — Ou está falando de você?

Sawyer soltou uma risada profunda e rouca que teria sido muito mais bem recebida se a situação fosse diferente.

— Não se iluda.

— Jante comigo.

Sawyer arregalou os olhos azuis, o que disse a Quinn que ela conseguiu tirá-la do eixo, mas a moça se recuperou rapidamente.

— Podemos jantar aqui. Ella gosta dos nachos.

Quinn balançou a cabeça.

— Nós duas. Quero me atualizar e saber o que você tem feito.

Sawyer deu de ombros.

— Não há muito para contar. Eu trabalho na loja que era dos meus avós. Vivi em Kingsford a vida toda. Agora você está atualizada. Acho que seu tempo na cidade seria mais bem aproveitado com a Kelly e suas sobrinhas.

— Sou excelente em fazer várias coisas ao mesmo tempo — Quinn declarou com sinceridade. Ela queria que Sawyer dissesse sim.

— E modesta também.

— Não se faz sucesso em Nova York na minha área sem um pouco de confiança.

Sawyer lançou um olhar para Quinn que lhe disse exatamente o que pensava dela.

— Um pouco?

— Escuta, não estou fingindo que quero me mudar de volta para Kingsford ou que estarei aqui todos os finais de semana, mas não estou tentando desestabilizar a vida de ninguém. Estou na cidade a trabalho e

queria ver a Kelly e a família dela. — Quinn hesitou, se perguntando se deveria admitir a próxima parte. Sawyer sempre gostou de honestidade. — Eu queria ver você também.

Um pequeno riso escapou dos lábios de Sawyer.

— Faz muito tempo. Realmente não acho que teremos assunto suficiente para um jantar.

— Me dê um pouco de crédito. — Quinn se aproximou um pouco, de modo que elas quase se tocassem. — E a você também.

Para Quinn, Sawyer sempre foi "a pessoa". O que ela sabia, contrariando todo o bom senso que tinha desenvolvido nos últimos vinte anos, era algo terrível de se pensar. A mulher na sua frente era linda, inteligente e sincera. Ela sempre foi assim. Um pouco reservada, claro, mas sempre apaixonada daquele jeito nerd. Quinn só precisava descobrir o que fazer para despertá-la. No momento, não era tanto um desafio, mas um desejo de saber se aquela empolgação ainda existia, mesmo que escondida sob um exterior espinhoso em decorrência do seu retorno.

Sawyer ponderou, mudando o peso de um pé para o outro.

— Só um jantar?

Quinn não conseguiu conter o sorriso. Ela não tinha de se esforçar tanto por nada há muito tempo, e estava descobrindo que gostava disso. E muito.

— O que mais você acha que estou propondo?

O rubor que apareceu nas bochechas de Sawyer era como a primeira flor desabrochando após um longo inverno.

Ela pigarreou e balançou a mão, dando um passo atrás. Isso criou um espaço que Quinn não queria que existisse, mesmo assim continuou parada.

— Nada. Eu só queria deixar claro... sabe, agenda cheia e tudo o mais — ela terminou, com o rosto mais vermelho que antes.

Quinn assentiu e se permitiu mais um olhar indulgente para as flores que surgiam no pescoço e no peito de Sawyer.

— Jantar. Apenas jantar. Amanhã à noite está bom para você? Se puder me encaixar na sua agenda cheia?

— Posso escolher o lugar?

Quinn ficou surpresa com a empolgação de Sawyer, mas a resposta veio com facilidade.

— Você é a especialista em Kingsford. Parece justo.

— Certo. Sete horas? Eu te mando os detalhes por mensagem.

— Combinado. Mas tenho uma pergunta muito séria a fazer. — Sawyer franziu a testa, e Quinn se aproximou um pouco, se inclinando e baixando a voz. — Estou prestes a ser derrotada por uma criança de cinco anos?

A risada doce e leve de Sawyer cortou o barulho do boliche. Era como se não houvesse um milhão de coisas não ditas entre as duas e que tornavam a ideia de voltarem a ser amigas algo impossível. Nesse momento, Quinn fingiu que poderiam. E então ela pensou, pela primeira vez desde que voltou a Kingsford, que isso talvez fosse realmente possível. Sawyer cutucou seu ombro, como fazia quando eram crianças.

— Acho que você vai ter de descobrir.

CAPÍTULO SEIS

Sawyer acordou na manhã de sábado sem saber se queria correr uma maratona ou voltar para a cama e dormir até domingo. Nenhuma das opções era possível, então ela se levantou às seis da manhã para passar algumas horas trabalhando na mais nova peça em sua oficina.

Era um Bryans Double Decker Penny Pusher, de 1968, uma verdadeira raridade. Só tinha um ônibus, mas ainda assim era um belo exemplar da época. Ela o comprou em um leilão de espólios por um valor muito baixo. Infelizmente, no momento, não estava funcionando, mas ela estava determinada a restaurá-lo.

Até desmontá-lo peça por peça, não saberia com o que estava lidando.

Essa ideia a fez se mover mais rápido do que qualquer xícara de café poderia fazer, embora tivesse pegado uma no caminho para a oficina.

Às oito da manhã, ela já tinha tirado a frente de vidro e estava se aproximando dos mecanismos que ficavam escondidos na parte traseira. A próxima camada estava se mostrando mais difícil. Gotas de suor apareciam na testa enquanto ela desparafusava com cuidado o suporte que compunha a visão do jogador. Encontrou um elo horizontal ligado a uma polia que permitia centralizar os varredores.

O jogo, embora muito antigo, foi uma maravilha na época. Moedas desciam pelos canais centrais, saltando aleatoriamente para a esquerda ou direita, o que tornava o jogo imprevisível. Um pulo favorável poderia significar um prêmio em moedas, similar às máquinas caça-níqueis que eram vistas em salas de jogos.

Ela achava mais fácil aproveitar o progresso quando entendia onde as coisas começavam. Por mais diferentes que cada geração parecesse ser, as pessoas sempre amavam os jogos. Era da natureza humana, e isso a ajudava a se sentir um pouco mais conectada à sociedade.

E talvez ela gostasse um pouco demais dessas máquinas, pensou ao olhar para o relógio e notar que mais trinta minutos se passaram sem que percebesse.

— Merda — disse, como fazia na maior parte dos dias em que trabalhava mais do que o planejado. Não tinha tempo para tomar banho antes de ir para a loja, mas era difícil que se importasse com isso. Shane deveria estar lá, embora soubesse que isso provavelmente não aconteceria.

Ela prendeu os cabelos em um rabo de cavalo e tirou o macacão que adorava usar para trabalhar. O bolso da frente era o lugar perfeito para guardar suas ferramentas mais úteis sempre ao alcance da mão.

Estava manchado de graxa e respingos de tinta, mas isso só fazia com que ela gostasse ainda mais dele.

Quinze minutos depois, estava suficientemente apresentável para se juntar ao grupo de idosos que tratava a compra de antiguidades como um esporte radical.

O local estava surpreendentemente silencioso quando ela chegou, cinco minutos antes da abertura. Depois de uma rápida verificação, para garantir que tudo estava no mesmo lugar onde havia deixado na noite anterior, destrancou a porta e virou a placa para *aberto*.

Ao voltar para o balcão, ouviu o sino da porta tocar. Sawyer soltou um suspiro de alívio ao ver que era Kelly, segurando dois copos de café.

Sawyer estendeu as mãos.

— Você é boa demais para mim.

— Te amo, mas não é para você.

Sawyer fez bico atrás do balcão.

— Por que você me tortura assim?

— Estou indo encontrar Quinn em cinco minutos, mas queria passar aqui antes.

A postura de Sawyer murchou.

— Dois dias seguidos. Parece que as coisas estão indo bem.

— Vamos chamar de otimismo cauteloso — Kelly disse. — Sinto que, de muitas maneiras, estou conhecendo uma estranha, mas também há pontadas de familiaridade que me pegam de surpresa.

Sawyer conhecia esse sentimento. Na noite anterior, quando estavam jogando boliche, Quinn fez um strike que surpreendeu a todos, e seu rosto se iluminou com animação. Sawyer sentiu como se fossem crianças novamente... aquele mesmo olhar costumava dominar o rosto de Quinn quando ela se destacava em algo. E ela tentava se destacar em tudo. Sawyer a teria odiado se não fossem melhores amigas.

Em vez de admitir, Sawyer se contentou em dizer:

— Entendo completamente.

— Queria falar com a Quinn sobre ver a nossa mãe. Não contei para ela que a Quinn está na cidade, e estou começando a sentir que estou mentindo por omissão.

Era uma situação delicada, e Sawyer não invejava a posição de Kelly.

— Como você acha que ela vai reagir?

— Acho que ela culpa minha mãe por muitas coisas que aconteceram quando éramos crianças. E acho que ela absorveu a maior parte disso, já que eu era mais nova. — O sorriso normalmente brilhante de Kelly se apagou. — Não espero que ela fique animada com a possibilidade de se reconectarem, mesmo que seja meu desejo.

— Sua mãe não é mais a mesma pessoa.

— E não acho que alguém vai embora e fica longe por dezessete anos se tiver superado algo.

Sawyer assentiu.

— Essa situação ainda é muito nova. Ninguém precisa decidir nada agora.

— Eu sei — Kelly disse com um suspiro dramático. — Só odeio que seja dessa maneira.

— Se quiser conversar sobre qualquer coisa, estou aqui.

— Bem, há o fato de que ouvi dizer que você vai jantar com a Quinn esta noite.

— Isso não é o “algo” que eu tinha em mente.

Kelly sorriu.

— Nada de voltar atrás.

Sawyer bufou.

— Espero que você não esteja planejando passar essa crueldade para suas filhas.

— Você está sendo evasiva. Ela mencionou isso ontem à noite.

Sawyer pensou no que poderia contar. Provavelmente só os fatos, não como se sentia sobre eles. Mas era difícil não deixar que a dor, misturada com irritação, se infiltrasse na sua voz.

— Ela pediu para conversar, embora tenha jantado com Shane na semana passada, então parece que só está cumprindo uma agenda.

— Eca. — A forma como Kelly franziu o rosto fez Sawyer rir.

— Eu sei. Mas ela foi insistente, e você sabe que eu sou mole.

— Você não é mole, só gosta de manter a paz. Há uma diferença. — Kelly sorriu e acrescentou: — Acho que a Quinn valoriza muito sua opinião e seu tempo. Pelo menos, essa foi a impressão que tive.

— Não sei por que ela teve que estragar minha vontade de me reconectar com ela passando tempo com o Shane. Quer dizer, que gosto péssimo. — Sawyer fingiu que ia vomitar.

— Quero acreditar que ele vai crescer, mas a verdade é que ele já chegou ao ponto de ter um filho que está seguindo o mesmo caminho.

Sawyer franziu a testa.

— Tate está dando trabalho na pista de boliche de novo? Posso pedir ao Shane para falar com ele.

Kelly acenou.

— Ele está apenas se rebelando. É um garoto que vê o pai ir lá várias vezes por semana sem nem dar um oi. Não é de se admirar que esteja chateado. — A raiva na voz de Kelly era palpável. — Na verdade, é o Shane quem precisa colocar a cabeça no lugar.

— Poderia até concordar, mas você não me trouxe café.

— Vou me arrepender disso pelo resto da vida e nunca mais cometerei o mesmo erro. — Kelly olhou para o relógio. — Preciso ir.

— Boa sorte na conversa. Espero que tudo corra do jeito que você deseja.

Kelly suspirou.

— Quase me esqueci disso pela raiva do seu irmão, então obrigada por me lembrar.

— Amo você. As coisas vão acontecer como devem ser, e lidaremos com as consequências.

— É mais provável que você tenha de lidar com elas no jantar, se ela estiver de mau humor. Pelo menos, você vai saber que a culpa não é sua.

— Isso tira uma pressão enorme de mim — Sawyer falou com uma expressão positiva.

— Até mais, garota. — Kelly pegou os cafés do balcão e acenou antes de sair.

Pela primeira vez em muito tempo, Sawyer torceu para que a loja ficasse cheia e que Shane não aparecesse. Ter mais trabalho para se concentrar seria muito mais bem-vindo do que agonizar pensando no jantar com Quinn.

***

Sawyer teve seu desejo atendido. Depois que Kelly saiu, a loja se transformou em um caos o dia todo. E Shane não apareceu até o meio-dia.

Ele permaneceu surpreendentemente quieto, a não ser quando tinha de atender algum cliente. Sempre que não havia ninguém na loja, ele desaparecia nos fundos para que não ficassem juntos no salão. Ela se perguntou se ainda estava chateado pela briga no domingo, mas ele esteve bem a semana toda, então não achou que fosse isso.

Quando o último cliente foi embora, Sawyer tinha menos de uma hora para tomar banho e se arrumar. Provavelmente era uma coisa boa, já que não poderia ficar pensando no tempo em que passaria frente a frente com Quinn McKinley.

Quando estava saindo pela porta dos fundos, ouviu a voz de Shane vindo do pequeno escritório da loja.

— Sawyer?

Ela olhou para dentro.

— Sim?

Ele estava sentado à mesa de carvalho onde sua avó costumava ficar.

— Eu queria conversar com você.

Um milhão de coisas passaram pela sua cabeça, embora esperasse que ele estivesse disposto a considerar vender algumas de suas antiguidades

mecânicas na loja. Já tinha sete delas em perfeitas condições de funcionamento. Além disso, estava com cada vez menos espaço para guardá-las na oficina.

— O que foi?

Shane olhou para a pilha de papéis em sua mesa antes de encontrar o olhar de Sawyer.

— Sei que você tem feito uma quantidade significativa de trabalho por aqui, e isso não passou despercebido.

Isso a surpreendeu.

— Agradeço por você dizer isso.

— Tenho pensado no futuro e estou tentando descobrir como fazer tudo funcionar. — Ele fez um gesto em direção à mesa, como se estivesse tentando desvendar o segredo da vida em vez de como pagar os funcionários no próximo mês.

Os pelos da nuca dela se arrepiaram com o pragmatismo incomum de Shane, mas ela conteve a sensação. Queria ouvir o que ele tinha a dizer antes de se animar demais.

— Chegou a alguma conclusão?

— Eu gostaria de te tornar sócia da loja de antiguidades.

Levou alguns segundos para ela absorver as palavras.

— Estou um pouco surpresa. Como você está pensando em estruturar essa sociedade?

— De maneira semelhante ao que já fazemos. Você cuida da aquisição e eu da venda. Isso apenas tornaria as coisas oficiais.

Sawyer se apoiou no batente da porta, cheia de emoções confusas a atravessando. Era muita coisa para processar e parecia bom demais para ser verdade.

— Você está simplesmente me dando metade do negócio?

Foi então que ela notou o leve tremor no lábio dele e como, mesmo que sua postura parecesse relaxada, seus dedos estavam entrelaçados com firmeza atrás da cabeça.

— Não exatamente. Estou disposto a vender metade para você.

Sawyer desanimou. Sempre havia uma pegadinha, especialmente quando se tratava do irmão.

— Eu não tenho o dinheiro necessário para comprar sua parte.

— É sobre isso que tenho pensado. O valor da casa corresponde à metade do valor para comprar a participação na loja. Eu estaria disposto a trocar metade da empresa pela casa. — Ele sorriu daquela forma encantadora e fez o possível para parecer sincero. — Se você estiver aberta a isso.

Novamente, ela sentiu que algo estava errado. Por que, de repente, ele estava tentando se tornar proprietário de um lugar onde já morava de graça?

— Preciso pensar a respeito.

Shane assentiu.

— Por favor, pense, mas estou falando sério, Sawyer. Se você concordar, estou pronto para iniciar os trâmites.

Ela assentiu e saiu pela porta dos fundos. Entrou em sua casa, fechou a porta e se apoiou nela. Não era uma ideia ruim. Se ela fosse sócia, finalmente poderia ter voz quanto à administração do negócio. Ao vender a casa para Shane, ela a manteria na família e teria capital para investir na empresa.

Em sua vida adulta, as coisas não mudaram tanto, a não ser pela morte da avó. Agora, ela estava prestes a jantar com uma mulher com quem não ficava sozinha há quase duas décadas, e seu irmão tinha acabado de oferecer uma sociedade em troca da casa que recebeu como herança. Não

havia tempo para pensar naquilo, e a cada segundo que passava, ela se sentia mais exausta.

Até o momento em que tomou banho e se arrumou, parecia que seu cérebro ia derreter. Estava difícil juntar um pensamento coerente ao outro. Ela precisava de um dia inteiro para trabalhar em restaurar seu novo projeto. De certa forma, era como uma terapia, e ela sempre se sentia mais lúcida depois de encarar mecanismos intricados.

Estava caminhando em direção ao Murph's, um bar e restaurante situado a algumas quadras do rio, quando conseguiu raciocinar novamente. O lugar ficava longe o suficiente da área com maior fluxo de turistas para que principalmente os moradores visitassem, embora estivesse se tornando mais popular com o público sazonal conforme os anos passavam.

Respirou fundo ao virar a esquina. Quinn estava perto da entrada, vestida com um conjunto que a deixava linda. O blazer azul-marinho com calças combinando era cortado à perfeição, e uma camisa de seda branca com bolinhas da mesma cor do conjunto contrastava com o terno casual. Os cabelos loiros estavam soltos, bagunçados e caindo pelos ombros. Sawyer sempre amou o cabelo dela: brilhante e magnético, assim como Quinn.

Ela precisaria de uma bebida para sobreviver àquela noite.

Passou as mãos pela blusa cinza macia, com a intenção de se preparar psicologicamente. Os dedos encontraram o colar comprido, o metal repousando suave e reconfortante em sua pele.

— Você foi pontual — Sawyer disse quando se aproximou, esperando que sua voz não a traísse.

— Não gosto mais de me atrasar — Quinn disse com um sorriso sincero enquanto abria a porta. — Você primeiro?

Sawyer deu o nome delas ao recepcionista, que já havia encontrado algumas vezes. Quando ele riscou a lista de reservas, Sawyer falou:

— Se tiver lugar vago no bar, gostaríamos de ir para lá.

Quinn lançou um olhar confuso para ela, mas não disse nada.

— Claro. Alguns lugares acabaram de vagar — o rapaz disse, pegou dois cardápios e as conduziu até os dois últimos lugares em um balcão em forma de L na lateral do salão. O bartender as cumprimentou e anotou os pedidos.

Quando se instalaram lado a lado, Quinn inclinou o corpo em direção a Sawyer.

— Fazer reservas só para se sentar no bar?

Sawyer deu de ombros.

— Gosto de ficar aqui. Fiz a reserva para o caso de não haver lugar livre.

Quinn ficou pensativa.

— Acho que nunca te vi em um bar.

E ali estava ele, o tema que provavelmente permearia toda a noite.

— Nós convivemos por quatro anos antes de você partir. Então, pelos meus cálculos, você esteve fora quatro vezes mais tempo do que fomos amigas.

— Mas vivemos bastante, não é? — Quinn perguntou, seus olhos acompanhando cada movimento de Sawyer.

— Se contar virar constantemente nosso caiaque e tentar me afogar, então, sim. Vamos chamar isso de viver.

Quinn riu, mas não pareceu arrependida. Sawyer sempre amou seu jeito.

— Não pensava nisso há anos. — Ela apoiou o cotovelo no balcão e virou o corpo para Sawyer. — É muito bom te ver. Eu esperava que nos encontrássemos quando eu voltasse.

— Eu... — Ela hesitou, procurando as palavras certas. — É bom te ver também.

— Mas você não está necessariamente feliz em me ver, não é? — Quinn bebeu um gole da água que o barman colocou na frente delas. — E não se incomode em mentir. Você mostra seus sentimentos com muita clareza, e mesmo que não o fizesse, sou boa em decifrar as pessoas.

Droga, ela nunca foi boa em mentir.

— Estou em conflito. — Quinn era a única pessoa com quem ela não era muito passiva, por razões que ainda não entendia. Aparentemente, isso não mudou.

— Sobre o quê?

— Não estávamos muito bem quando você foi embora. Não me oponho a colocar o papo em dia, mas não tenho certeza do que tenho a te oferecer. Nada mudou. — E o que quer que você tenha achado insuficiente provavelmente ainda está aqui, foram as palavras que ela deixou não ditas.

Um olhar de desculpas passou pelo rosto de Quinn.

— Quero que saiba que o que aconteceu nunca teve relação com você.

— Obrigada por dizer isso, mas foi há muito tempo.

Quinn colocou a mão em cima da de Sawyer e apertou de leve, capturando sua atenção.

— Podemos relembrar o passado ou falar sobre o presente. Mas, sendo egoísta, estou gostando muito de te ver de novo.

Era tão fácil querer voltar para a órbita de Quinn. Ela exalava uma energia que fazia Sawyer querer se deixar levar. Contra todas as probabilidades, elas tinham se dado bem como melhores amigas. Quinn, a popular e extrovertida. Sawyer, a prática e introvertida. Quando se conheceram no primeiro ano do ensino médio, forçadas a trabalharem

juntas em um projeto de espanhol, a amizade evoluiu de forma natural. Sawyer nunca teve uma melhor amiga antes. Quinn tinha mais amigos do que podia lidar. De alguma forma, elas permaneceram juntas.

Mas essas eram diferenças de uma época mais simples, quando a vida das duas era ditada por forças externas como pais e escolas. Hoje em dia, eram duas pessoas que seguiram caminhos muito diferentes, e Sawyer precisava se lembrar de que realmente não conhecia a mulher sentada ao seu lado.

Ela não queria falar sobre o passado e tinha preocupações suficientes com o futuro. Talvez fosse bom se dedicar a conhecer outra pessoa por algumas horas.

— Bem, então vamos começar com o básico: como é sua vida em Nova York?

Os olhos cor de avelã de Quinn se fixaram nela de maneira significativa.

— Sou bem-sucedida, e isso é algo que sempre quis.

— Era algo importante para você? Sempre senti que você seguia seu próprio ritmo. — Para Sawyer, Quinn era a pessoa mais confiante que já conheceu, e entender que ela esteve buscando algum tipo de sucesso todos esses anos distante era mais do que um pouco perturbador.

Quinn demorou alguns segundos para responder e deu um longo gole no gin tônica enquanto ponderava. Sawyer ficou surpresa com a honestidade crua na voz de Quinn quando ela finalmente respondeu:

— Quando fui embora, as coisas não estavam boas em casa. Meus pais tinham se separado no ano anterior, e vi meu mundo inteiro virar de cabeça para baixo. Eu não queria me sentir daquele jeito de novo.

— Você encontrou sua mãe desde que voltou? — Quinn enrijeceu.

— Está de complô com Kelly?

— Só no que diz respeito às minhas alianças no boliche — Sawyer disse, tomando um gole da bebida antes de adicionar com um sorriso: — e ela é minha melhor amiga.

— *Touché* — Quinn falou, levantando seu copo. — Estou feliz que vocês tenham se encontrado. Ela era praticamente uma criança quando fui embora, então nunca cogitei essa amizade, mas faz sentido.

— Por eu ter um espírito jovial?

Quinn revirou os olhos, mas então disse:

— Porque, pelo que pude perceber, vocês duas são mulheres incríveis e centradas.

As bochechas de Sawyer coraram com o elogio.

— A incrível é a Kelly. Ela faz parecer tão fácil, mas estou constantemente admirada com o que ela consegue fazer em um único dia. Você já conheceu o Trevor?

— Encontrei com ele e as meninas ontem, depois de passar um tempo com a Kelly. Ele é ótimo, e estou muito feliz por ela. Parece que eles construíram uma vida maravilhosa juntos.

— E você? E a vida que você construiu? Como é? — Sawyer perguntou, incapaz de conter a curiosidade. Estaria mentindo se dissesse que não pensou em Quinn ao longo dos anos. No que ela estava fazendo. Em como e onde estava.

— Eu... sou bem-sucedida da maneira convencional — Quinn disse após uma pausa. — Mudei para a cidade e acabei no ramo imobiliário.

— Você gosta?

— Gosto de algumas coisas na área, então, geralmente, sim. Eu me sinto sortuda por ter encontrado uma carreira sendo tão jovem.

Sawyer se apoiou no balcão, imitando a posição de Quinn. Havia tantas perguntas para as quais ela nunca imaginou que teria resposta, todas

apenas esperando que ela as fizesse.

— O que você gosta na sua profissão?

— Gosto de trabalhar com pessoas. — Sawyer fez uma careta que atraiu o foco de Quinn. — Você não?

— Eu gosto de antiguidades.

— Você administra a loja da família, certo?

— Sim. Trabalho lá em tempo integral desde que terminei o ensino médio. — Ela tentou não se sentir envergonhada ao dizer isso. Não foi para a faculdade ou seguiu outros caminhos de carreira. Gostava da empresa da família e queria tentar fazer dar certo. O que ela não esperava era que sua avó deixasse a loja para o irmão, tornando Sawyer uma vítima da falta de habilidade que o irmão tinha em gerenciar a empresa.

— Tenho certeza de que você é ótima nisso. — Mesmo quando não merecia, Quinn sempre acreditou nela. Isso significou algo para Sawyer. Ela sentiu a pontada de nostalgia que vinha com a presença de Quinn.

Quando o bartender se aproximou para anotar os pedidos, finalmente pegaram os cardápios.

— Precisamos de mais alguns minutos — Quinn disse antes de voltar sua atenção para Sawyer. — Então, o que é bom aqui?

Sawyer tentou não se perder olhando para Quinn por muito tempo. Chamá-la de bonita outro dia foi um eufemismo. Ela voltou a olhar para o cardápio e o examinou, embora já soubesse o que iria pedir.

— Tudo.

CAPÍTULO SETE

— Por que um bar irlandês serve comida italiana? — Quinn perguntou.

As duas estavam caminhando pelo calçadão, perto da água, e Quinn não queria que a noite acabasse. Depois que se acalmou, o que geralmente não era um problema, a conversa fluiu. Elas se mantiveram em temas seguros na maior parte do tempo. Ideias e eventos atuais, e como Kingsford mudou desde que ela saiu de lá. Ela perguntaria quase qualquer coisa para ouvir o som leve e melódico da voz de Sawyer respondendo com paciência às perguntas.

— O dono do bar, que é irlandês, e um chef italiano fizeram amizade. Acho que as filhas deles gostam uma da outra. É bonito vê-las tentando não se tocar no bar. — Sawyer ainda via muito mais do que revelava, como evidenciado pelos pequenos detalhes que deixava escapar nas conversas, talvez sem nem perceber.

Quinn diminuiu o passo e olhou para ela.

— Quem? Eu não as vi.

— Bianca, a garçonete alta de cabelos escuros, e Maeve, a loira mais baixa com piercings na orelha.

— Que fofo. — Foi tudo o que Quinn conseguiu dizer, esperando que seu rosto escondesse o tremor que sentia no estômago. O amor jovem sempre foi um assunto complicado para ela.

— É. Não sei se elas sabem disso ainda, então não vou perguntar nada. — Sawyer suspirou quase com nostalgia. — Além disso — ela

acrescentou com uma risada —, elas me dão pão de graça, então não vou trazer isso à tona tão cedo.

Já estava bem escuro, então os postes de luz do calçadão começaram a acender, como se o mundo estivesse se desenrolando bem diante delas. Quinn contemplou a vista por alguns segundos antes de responder.

— Tudo parece muito mais óbvio quando se está de fora.

— Verdade — Sawyer concordou. Elas continuaram caminhando. As pessoas ainda estavam aproveitando a noite excepcionalmente quente para maio, e uma buzina de barco soou em algum lugar ao longe.

— E quanto a você? — Quinn falou.

— O que tem eu?

Ela quis perguntar isso diversas vezes. Mas, ao cair da noite, de alguma forma parecia mais seguro dizer as palavras em voz alta.

— Tem alguém na sua vida?

Sawyer gaguejou, o que era fofo de uma maneira injusta. Ela sempre foi tímida para falar sobre qualquer coisa que se aproximasse de romance.

— Não. Não estou saindo com ninguém. Não tive nada sério nos últimos anos. E você? Tem um parceiro chique para combinar com sua vida chique?

As palavras de Sawyer não estavam carregadas de julgamento, mas Quinn sentiu a pontada mesmo assim.

— Não. Eu geralmente voo sozinha.

Quando Sawyer parou, Quinn fez o mesmo. Virando-se para ela, a moça lhe deu um olhar indecifrável enquanto examinava sua expressão.

— Isso me surpreende.

Quinn arqueou a sobrancelha e tentou decifrar a expressão de Sawyer. Mas não conseguiu.

— Por quê?

— Quero dizer... surpreende e não surpreende. Você sempre foi independente, mas nunca faltaram pessoas disputando sua atenção.

Elas caminharam até a beira do calçadão, e Quinn se apoiou no corrimão de madeira.

— Ser desejada não é a mesma coisa que desejar alguém.

Sawyer levou alguns segundos para considerar as palavras de Quinn. Uma tristeza se instalou em sua expressão quando ela disse:

— Acho que é verdade.

Parecia que o último relacionamento de Sawyer a afetou muito.

— Você disse que não houve ninguém nos últimos anos. O que aconteceu, se não se importar em contar?

O olhar desanimado no rosto de Sawyer deixava claro que ela preferia falar de qualquer outra coisa.

— Acho que simplesmente nos afastamos.

Quinn franziu a testa, tentando encontrar o certo para dizer, o que normalmente não era tão difícil para ela.

— É decepcionante quando isso acontece.

Sawyer deu de ombros como se não fosse grande coisa. A dor em seus olhos dizia o contrário.

— As coisas mudam. Nem sempre gosto disso, mas eu já tinha prática com esse ponto.

— Sei que parece clichê, mas não é você quem perde. — Quinn descansou a mão no antebraço de Sawyer, quente contra sua pele. — Você merece uma pessoa que te trate muito bem. Sempre mereceu.

— Infelizmente, acho que a questão é eu não ser boa o suficiente para outras pessoas — Sawyer admitiu.

Os dedos de Quinn pressionaram sua pele macia de forma inconsciente, desejando que ela entendesse.

— Elas estão erradas. Acredite em mim, consigo ver essa situação com mais clareza porque estou de fora. A pessoa com quem você se relacionou é uma idiota.

— Já se passaram muitos anos, mas eu estava realmente encantada com Dani.

— Bem, agora tenho um nome, então posso dizer oficialmente que Dani é um idiota.

— Ela era tudo, menos idiota...

Quinn reprimiu a surpresa e todos os sentimentos complicados que vieram à tona. Perceber que Sawyer se interessava por mulheres não era o objetivo da conversa, mesmo que quisesse desesperadamente perguntar mais. Em vez disso, ela esperou que a outra continuasse, sabendo que Sawyer o faria se tivesse tempo e espaço para formar seus pensamentos.

Depois de alguns segundos, ela começou a falar.

— Ela era emocionante e divertida. Eu não podia acreditar que estava interessada em mim, mas deveria ter ficado alerta. — Sawyer sorriu com tristeza e passou a mão pelos cachos. — Ou não ter levado tudo tão a sério, pensado em um futuro com ela.

Quinn balançou a cabeça.

— Você não pode ter um relacionamento com alguém a menos que se permita ser vulnerável. — Não que ela seguisse esse conselho.

— Às vezes, você só quer que algo seja verdade e, por isso, ignora todos os outros sinais.

— E, às vezes, as pessoas só mostram o que querem que você veja, porque isso faz com que elas se sintam melhores.

— Não acho que ela teve más intenções. A forma como apontou meus defeitos no final poderia ter sido um pouco mais branda, mas ela não estava errada.

— Vai por mim, ela estava — Quinn falou sério. A ideia de alguém dizer a Sawyer que ela era inferior a fazia querer explodir.

— Não tem como você saber. Não me vê há dezessete anos.

Ela não suportaria deixar Sawyer pensar dessa maneira. Aproximando-se, Quinn ergueu o queixo de Sawyer para que ela fosse forçada a encontrar seu olhar.

— Eu sabia que você era gentil naquela época, porque sempre ajudava outras crianças com a lição de casa depois de terminar a sua. Sei disso agora, porque a Ella e a Luna te adoram. — Quinn estava fascinada pelo olhar sincero que Sawyer estava dirigindo a ela. Não pôde deixar de continuar. Havia tantas coisas que deveria ter dito a Sawyer no passado. Não podia voltar atrás, mas podia ser mais honesta agora. — Eu sabia que você era generosa naquela época, porque sempre dividia seu lanche comigo quando eu não levava nada. Sei disso agora, porque vi a gorjeta que você deixou para a bartender. E... — Sawyer abriu a boca para dizer algo, provavelmente para tentar impedir Quinn enquanto um rubor se espalhava por suas bochechas, mas a outra passou os dedos pela mandíbula de Sawyer antes de brincar com um cacho escuro e solto que repousava em seu ombro. — Você sempre foi bonita, mas não acreditaria em mim se eu tivesse dito naquela época. Agora, você está deslumbrante, mas duvido que acreditará em mim também.

— Ah, caramba — Sawyer disse com uma risada envergonhada. — Você está disputando com a Kelly o título de minha irmã McKinley favorita.

Quinn respirou, surpresa com tudo o que acabou de admitir, mas feliz por ter dito.

— Como eu disse, a Dani é uma idiota. E qualquer um que deixe você ir embora também é. — Ela tocou no cabelo de Sawyer com delicadeza, da

mesma forma que viu Ella fazer na pista de boliche, e deu um pequeno passo atrás.

— Isso tudo foi... — Sawyer soltou um longo suspiro e sorriu. Quinn gostou do calor que irradiava da pele de Sawyer. — Foram coisas muito boas que não estou acostumada a ouvir sobre mim. E significa muito ouvir vindo de você.

— Só estou sendo sincera. — Quinn passou a mão pelo braço de Sawyer, ignorando as pequenas faíscas de consciência que percorriam sua pele. Descobrir que ela tinha interesse por mulheres era... uma coisa. Agir sobre isso era outra coisa completamente diferente.

— Bem, foi um momento torturante de revisita ao meu passado. Já que estamos colocando tudo para fora, você vai encontrar com a sua mãe enquanto está na cidade?

Quinn respirou tão fundo que suas narinas se dilataram. Ela não tinha direito a um momento agradável sem que as coisas ruins do passado invadissem o presente.

— Sério, a Kelly te envolveu nisso?

— De jeito nenhum — Sawyer falou. — Ela não tem nada a ver com isso. Embora eu saiba que vocês duas se encontrarem faria a Kelly feliz, estou perguntando por você.

A insegurança permeava suas palavras.

— Ainda não me decidi.

— E está tudo bem. — Sawyer se aproximou e envolveu Quinn em um abraço inesperado. O abraço foi apertado. A sensação foi estranha, mas ao mesmo tempo familiar, então falou baixinho no ouvido dela. — Sei que aquela época foi difícil. Sei que sua mãe te decepcionou. Não estou te dizendo o que fazer, apenas deixando claro que estou aqui se precisar de uma amiga.

Quando Sawyer tentou se afastar, Quinn não permitiu e manteve os braços ao redor dela.

— Podemos ficar assim por mais um tempinho? — ela perguntou, com o rosto enterrado no pescoço de Sawyer.

Ela sussurrou:

— Claro que podemos.

Sawyer era a única pessoa com quem sempre se sentiu segura, independentemente do que estivesse acontecendo na sua vida. Dada sua relutância em soltá-la, parecia que isso não havia mudado. O que significava? Um mundo de problemas. Ela percebeu a leve respiração de Sawyer em sua bochecha. Pensou em como era bom estar em seus braços, como se pudesse desmanchar e ainda ter um lugar seguro para pousar.

Sawyer sentia a mesma coisa? Não precisou pensar muito na resposta, porque a outra soltou um suspiro e sorriu.

— O farol acabou de acender. Você sempre adorou a vista.

Virando-se, Sawyer passou a mão pelo braço de Quinn e se afastou, embora mantivesse seus braços entrelaçados enquanto encaravam a água.

— Algumas coisas nunca mudam — Quinn comentou com a voz embargada.

Quinn se virou, encontrando o sorriso ligeiramente torto de Sawyer.

— E algumas coisas mudam. — Quinn sussurrou baixinho para si mesma, as palavras abafadas pelos sons do Hudson. — Espero que isso, não.

Quinn estava errada. Pensou que queria ver o farol porque ele lhe lembrava segurança, um lugar onde tinha espaço para existir e fingir por alguns minutos que sua vida não estava desmoronando. Perceber a verdade tornava tudo muito mais difícil de lidar. Não era o lugar, era quem sempre esteve ao seu lado.

***

Crises emocionais não eram o estilo de Quinn. Ela planejava sua vida de maneira deliberada, evitando distrações que não fossem relacionadas ao trabalho. E funcionava... até não funcionar mais. Em trinta minutos, ela se encontraria com Kelly, sua mãe e as meninas em um parque perto do rio.

Não sabia como se sentir a respeito disso.

Depois da conversa com Sawyer, decidiu enfrentar o problema de frente. A amiga tinha uma maneira de guiá-la para uma decisão sem ser insistente. E, pensando de maneira realista, prolongar o inevitável não traria benefício algum.

Parecia que agora que ela voltou, suas emoções e as complicações associadas a elas estavam aumentando exponencialmente. Estava brava com a mãe pelo que enfrentou anos antes, quando o pai as deixou. E estava triste por ter sido privada de uma infância. Além disso, havia o fato de que não sabia como reagiria à mãe quando a visse.

Encontrar alguém por quem sentiu ódio por tanto tempo era novo. Não poderia saber como se sentiria quando isso acontecesse. Odiava quando as pessoas diziam o que fazer sem ter realmente passado por aquilo. Uma coisa era expectativa, mas a realidade geralmente era bem diferente.

— Não tenho tempo para enlouquecer com isso — disse para sua imagem no espelho. Ajeitou o cabelo loiro ondulado atrás da orelha e colocou um brinco de diamante pequeno. Passou a língua pelos dentes para limpar qualquer mancha de batom e se olhou novamente, analisando o visual. — Vamos lá.

A caminhada era de cerca de dez minutos até o parque. Os sinos da igreja tocaram para avisar uma nova hora enquanto Quinn virava a esquina para o Kingsford Community Park, situado a um quarteirão do rio. Dizer que o lugar mudou depois que ela foi embora era um eufemismo. Quando

era criança, havia um parquinho com escorregadores e barras, juntamente com algumas mesas de piquenique ao redor da área de recreação.

Agora havia um grande navio pirata com uma pequena área de escalada, dois escorregadores e canhões falsos nas laterais que pareciam se mover para frente e para trás.

Kelly se aproximou pela lateral e levantou a mão para bloquear o sol da manhã.

— Que época boa para viver... pelo menos, se você tem cinco anos.

Quinn assentiu em concordância.

— Verdade.

— Estou feliz por você ter decidido fazer isso — Kelly falou com sinceridade.

— Conversei com a Sawyer ontem.

Kelly inclinou a cabeça para o lado.

— Ela é muito convincente para alguém tão modesta, não acha?

Quinn riu.

— Que bom que não sou a única que ela afeta assim. Ela nem me disse o que fazer. Só perguntou o que eu ia fazer e depois me abraçou.

Kelly olhou para Quinn com curiosidade, como se a estivesse analisando, e abriu um sorriso.

— Ah, você não sabe de nada. Tenho certeza de que ela poderia convencer a Ella e a Luna a fazerem uma rebelião contra mim se quisesse.

Isso arrancou uma risada de Quinn, apesar do nervosismo que a dominava.

— Tenho certeza de que ela é uma boa capitã em uma tempestade.

Kelly inclinou a cabeça na direção de Quinn e sorriu.

— Estamos fazendo trocadilhos marítimos por causa do navio pirata?

— Eeeestamos?

— Eu me esqueci de que você pode ser engraçada — Kelly falou, batendo no ombro da irmã.

— Eu não era tão engraçada antes. Era uma adolescente angustiada.

Kelly balançou a cabeça. O olhar que deu para Quinn acertou seu coração.

— Não era. Você sempre esteve presente, disposta a fazer o jantar para mim ou me ajudar com os deveres de casa. Você transformava coisas tristes em momentos divertidos e sempre me fez rir.

Quinn não se lembrava das coisas dessa forma, mas gostou mais da versão de Kelly.

— Como estão as coisas entre você e a mãe?

Kelly apontou para a área de recreação onde a mãe delas, dezessete anos mais velha, empurrava as meninas nos balanços.

— Ela adora as meninas. Quando você foi embora, ela se dedicou a melhorar. Acho que não percebeu o quanto as coisas estavam ruins até que você partiu. — Kelly olhou para ela com um olhar penetrante e acrescentou: — O tanto que você aguentou.

— Fico feliz em saber que ela está melhor. — Havia muitos dias em que a mãe não conseguia – ou não queria – sair da cama. Muitos dias em que Quinn abria a geladeira e a encontrava vazia. Uma vez, a eletricidade foi cortada porque a mãe não pagou a conta.

— Vou levar as meninas para o navio pirata, para que vocês tenham um tempo para conversar. Tudo bem?

— Claro — Quinn respondeu, escondendo a falha na voz ao pigarrear.

Ela seguiu Kelly até os balanços.

— Meninas — Kelly disse, fazendo um gesto para Ella e Luna. — Vamos brincar um pouco no navio.

Elas desceram dos balanços, e Ella pulou na frente. Colocou as mãos nos quadris e semicerrou os olhos por causa do sol.

— Oi, Quinn. Você vem almoçar depois?

Sentindo-se encurralada, Quinn olhou para Kelly, que interveio.

— Vamos ver, querida, mas foi gentil de sua parte convidá-la. — Precisou de mais alguns segundos de malabarismo para Kelly afastar as meninas, que agora corriam animadas na frente dela em direção ao navio.

O tempo era uma coisa estranha, e a memória, ainda mais. Quando ela partiu para Nova York, fez um esforço para deixar o passado para trás. Perdoar, mas também esquecer. Ao longo dos anos, fez um trabalho melhor do que esperava, mas ao ficar diante da mãe, diversas memórias – boas e ruins – voltaram.

Jane McKinley tinha os mesmos cabelos loiros de Quinn e da irmã, com alguns fios grisalhos que indicavam maturidade. Ela era mais bonita do que Quinn se lembrava, mas, naquela época, já era uma luta fazê-la tomar banho, que dirá parecer apresentável. Agora, aos sessenta anos, parecia cerca de dez anos mais jovem.

Foi o sorriso da mãe que fez as emoções de Quinn definirem como ela se sentia. Uma felicidade genuína no rosto da mulher que nunca pensou que veria novamente. Naquele momento, a felicidade a preencheu. Ela nunca quis que a mãe sofresse, apenas melhorasse. Mas entendeu, mesmo aos dezoito anos, que se prejudicar para protegê-la não era a melhor solução.

Sua mãe juntou as mãos.

— Oi, Quinn. É bom te ver. Faz tempo. — Ela notou que a mulher já estava à beira das lágrimas.

Ela sorriu, a voz embargada quando disse:

— É bom te ver também.

— Eu não tinha certeza se você acharia isso.

Sua mãe deu um passo à frente, mas manteve as mãos unidas.

— Você se importa se eu te abraçar? Entenderei se não quiser.

Quinn assentiu, e pela segunda vez em vinte e quatro horas, se viu envolta por alguém que nunca pensou que veria novamente. Sua mãe ainda tinha cheiro de lilases. Ela não esperava que isso a abalaria, mas a fragrância a fez se lembrar de se sentar no colo da mãe em frente à penteadeira, assistindo-a se arrumar de manhã. Antes de as coisas declinarem.

Jane deixou escapar um soluço enquanto levantava a mão para enxugar as lágrimas.

— Estou tão feliz por te ver de novo, Quinn. Sinto muito por tudo. — Depois de algumas respirações profundas, ela recuou para olhar a filha nos olhos. — Não precisa ser hoje, mas, se você quiser, eu gostaria de conversar sobre o que aconteceu. Gostaria de fazer o possível para explicar as coisas. Não para me justificar, apenas para dizer tudo que deveria ter dito naquela época.

Quinn enxugou uma lágrima e assentiu.

— Claro. Podemos fazer isso.

— E quero saber tudo sobre a sua vida em Nova York.

Ela só conseguiu assentir novamente.

— Quer vir almoçar conosco? Tenho certeza de que as meninas adorariam passar um tempo com você.

Pela primeira vez em muito tempo, Quinn pensou em ligar para Belinda para cancelar suas visitas noturnas. Hesitou, mas um encontro agradável não mudaria os hábitos que construiu ao longo das últimas décadas. E independentemente do quanto as coisas estavam indo bem com seu retorno à Kingston, aquele lugar já não era mais o seu lar.

— Eu adoraria, mas preciso voltar para a cidade. Tenho algumas visitas agendadas para esta noite que não posso remarcar.

Sua mãe assentiu em compreensão.

— Eu adoraria te ver de novo. Você vai voltar à cidade?

— Sim. Estou negociando uma propriedade da região para um cliente.

— Me avise. Onde e quando for.

— Preciso ir em alguns minutos — Quinn disse depois de verificar a hora no celular, reunindo alguns segundos necessários para se recompor. — Quer ir até o navio comigo, para eu me despedir da Kelly e das meninas?

Enquanto caminhavam em direção ao navio pirata, Quinn sentia os olhos da mãe sobre ela. Houve um momento em que ficou com medo que a mãe tropeçasse, dado sua relutância em desviar o olhar. Quinn não iria desaparecer novamente.

Nada estava resolvido, mas fez algo do qual estava orgulhosa. Talvez ela percebesse que passou muito tempo e que não conseguiria mais sentir que eram uma família, mas foi bom ver possibilidades onde antes havia uma porta fechada.

Depois de se despedir de todos, o que levou mais tempo do que o esperado, Quinn entrou no carro para voltar para a cidade. Com a incerteza sobre o reencontro posta de lado, seus pensamentos vagaram enquanto dirigia pela rodovia 87, já familiarizada com o trajeto. Ela assobiava ao ritmo de uma música no rádio enquanto pensava na noite anterior – e não pela primeira vez na vida, em como Sawyer Kent estava bonita sob a luz da lua.

CAPÍTULO OITO

Na manhã de quarta-feira, Sawyer esperava dentro da Kent Antiques, checando o celular a cada poucos minutos. A liga infantil de boliche que ela liderava com Kelly estava programada para começar em vinte minutos, e Shane ainda não tinha aparecido. Ela nunca pedia para que ele ficasse em seu lugar na loja, a não ser aos domingos, seu dia de folga. Sempre estava lá, disposta a ajustar sua vida para garantir que estivesse disponível para clientes em potencial.

Faltando dez para as onze, ele ainda não havia chegado. Foi então que a voz de Quinn flutuou na sua mente, repetindo todas as coisas boas que havia dito sobre Sawyer na noite de sábado, coisas que a faziam sorrir de maneira indulgente enquanto a confiança fluía pelo seu corpo.

Queria ser todas aquelas coisas. E não poderia fazer isso se estivesse sempre esperando por Shane para viver sua vida.

Depois de apagar as luzes do salão, seguiu para a porta e virou a placa. Quando estava prestes a virar a maçaneta, Shane apareceu do outro lado da porta, com o cabelo bagunçado.

Sawyer passou pela porta antes que ele entrasse.

— Noite longa?

Ele assentiu, com os olhos sonolentos. Quando ela chegou à calçada, ele virou a cabeça, como se tivesse se lembrado de algo.

— Você pensou sobre o que conversamos?

— O quê? — Ela não fazia ideia do que ele estava falando. Na verdade, havia um milhão de coisas que o “mestre de se aproveitar dos outros” havia pedido apenas na semana passada.

— A sociedade na loja.

Ela se irritou, pois tinha feito a contabilidade na noite anterior.

— Você quer dizer da loja que quase não dá lucro?

Shane sorriu.

— Seríamos uma boa equipe.

Sawyer cruzou os braços.

— Por que agora?

Sem perder o ritmo, ele continuou sorrindo.

— Como eu disse, sei o quanto você tem trabalhado. Quero reconhecer isso.

Algo ainda não estava certo. Shane raramente fazia algo altruísta, mas ela estava atrasada para encontrar Kelly e não tinha tempo para pressioná-lo.

— Vamos falar sobre isso depois. Preciso ir para a liga de boliche.

— Vai voltar hoje, certo?

Ela se virou, para que ele não a visse revirar os olhos, e disse enquanto seguia pela rua:

— Claro.

No próximo final de semana, a cidade ganharia vida com o Festival de Jazz de Kingsford, que acontecia no Memorial Day todo ano, inaugurando oficialmente a temporada de verão. A loja ficaria aberta enquanto houvesse clientes querendo fazer compras, e Sawyer já estava lamentando as jornadas mais longas.

Mas aproveitaria essa última semana enquanto podia. Era uma manhã quente e já tinha tirado o casaco enquanto acelerava o passo para chegar ao boliche. Ao abrir as portas duplas, cerca de vinte crianças já estavam sentadas ao redor das quatro pistas, mas Sawyer podia ver a tensão

aumentar à medida que os mais ousados começavam a subir nos móveis e mexer nas coisas.

Com uma prancheta na mão, Kelly estava designando os lugares para as pistas. Ela focou sua atenção em uma das crianças, apontando o lápis para ele.

— Michael, não coloque a mão na devolução de bolas. Não vai terminar bem, e você não vai ficar feliz.

Ele sorriu envergonhado e retirou a mão.

— Desculpa.

Quando Kelly notou Sawyer, sorriu.

— Certo, crianças. Por favor, vão para as pistas designadas. — As crianças se levantaram com diferentes graus de velocidade e coordenação, se rearranjando ao longo das pistas.

Este era o início da liga de boliche, já que as aulas haviam terminado na sexta-feira anterior. Sawyer reconheceu alguns rostos nessa faixa etária, mas o interesse dobrou de tamanho no último ano.

Trevor, com sua barba desgrenhada e braços tatuados, saiu do escritório atrás do balcão de sapatos e caminhou até o grupo. Sawyer tinha vindo principalmente para fazer a supervisão, embora pudesse dar instruções se alguma das crianças tivesse dificuldades. Trevor parecia ameaçador até que sorriu e bateu palmas, animado.

— Tudo bem, futuros jogadores profissionais de boliche. Alguns de vocês já me conhecem. Eu me chamo Trevor e vou ensinar alguns conceitos básicos de boliche, além de dar algumas dicas de segurança.

— Trevor! — uma das crianças gritou enquanto erguia a mão. Trevor tinha um fã-clube.

Ele se aproximou da criança e a cumprimentou.

— E aí, Drake? Bom te ver de novo este ano. — Virando-se para as crianças, ele se inclinou de forma conspiratória. — Dizemos aos seus pais que é uma liga, já que eles parecem gostar disso, mas essas duas horas podem ser o que vocês quiserem.

Algumas crianças se entreolharam com expectativa, tentando entender se aquilo era uma pegadinha. Elas passaram o ano escolar inteiro com alguém dizendo o que fazer. Sawyer precisava de rotina, mas sabia que não era o caso de muitas crianças.

— Se quiserem jogar e lançar a bola pela pista, tudo bem. Se preferirem aprender algumas dicas extras para melhorar a técnica de vocês, podemos ajudar com isso. — Ele deu um sorriso doce para Kelly, o que fez Sawyer se derreter um pouco com a força da conexão do casal. — Queremos que vocês se divirtam, se mexam e talvez façam alguns amigos.

— Só isso? — um garoto perguntou com um tom suspeito. — Só se divertir?

Trevor deu de ombros.

— Só se vocês quiserem.

Enquanto Trevor mantinha as crianças focadas nele, Sawyer se aproximou de Kelly atrás dos sofás das pistas.

— Vocês dois fazem parecer tão fácil.

Kelly sorriu.

— Você também.

Sawyer balançou a cabeça.

— Não com grupos assim. Com Ella e Luna, talvez, mas só porque posso suborná-las com comida. — Então, ela riu ao ver Trevor jogando caramelo para as crianças depois de confirmar que estavam usando sapatos de boliche.

— O Pavlov não é nada comparado a ele. — Kelly disse antes de acrescentar: — Shane se atrasou de novo hoje?

— O que te fez pensar isso?

— Você chegando com mais de dez minutos de atraso.

— Ele está... regredindo. Se é que isso é possível.

Kelly fez uma careta.

— Ele precisa se organizar.

Sawyer vinha adiando contar a Kelly sobre a oferta até refletir um pouco mais sobre isso. Parecia um momento bom para falar a respeito.

— Ele me propôs comprar a casa em troca da sociedade na loja.

Kelly virou a cabeça rapidamente.

— O quê? A casa deve valer muito mais que a metade da loja.

— Eu sei, mas de que outra forma eu conseguiria o capital para entrar na sociedade? E ele já está morando lá sem pagar aluguel.

— Então cobre aluguel dele e continue recebendo seu salário. Parece ser uma vantagem para você.

Sawyer pegou o lápis na prancheta de Kelly e começou a brincar com ele, distraída.

— Pode ser.

— Escute, sei que não é de bom tom falar mal dos mortos, mas não sei onde sua avó estava com a cabeça ao deixar a loja para ele. A impressão é de que ela quis afundá-la em menos de um ano.

Sawyer não gostou do que Kelly estava dizendo, principalmente porque era a verdade.

— Eu também não entendo — Sawyer admitiu, embora não tivesse dito isso para ninguém da família desde que leram o testamento, treze meses atrás.

— Antes de qualquer coisa, você precisa falar com um advogado. Nada de acordos verbais e coisas do tipo, porque Shane não é confiável.

Sawyer riu.

— Vou fazer isso. Na verdade, estava pensando em falar com Quinn. Não em um contexto legal, mas ela é corretora de imóveis. — Só de mencionar o nome da moça, seu estômago se revirava de forma desconfortável.

— Falando nisso... — Os olhos de Kelly estavam focados em Sawyer, como se estivesse tentando descobrir algo. — Como foi o jantar?

O tumulto no estômago de Sawyer se intensificou.

— Foi bom. É legal colocar o papo em dia.

— Você está corando, Sawyer Kent.

Sawyer cobriu o rosto.

— Porque sou uma pessoa estranha. Não significa nada. Eu fico corada o tempo todo.

— Quinn foi ao parque com a gente no domingo.

Sawyer baixou as mãos, mirando Kelly com olhos arregalados.

— Espero que tenha corrido tudo bem.

— Foi um começo. Eu esperava que Quinn gritasse com a mamãe ou algo assim, mas não foi nada disso.

Sawyer sorriu com tristeza, lembrando de Quinn aos dezesseis anos.

— Houve momentos de raiva, é claro, mas ela era uma garota triste e perdida. — Era tão estranho pensar na Quinn que ela conhecia naquela época em contraste com a mulher que voltou para Kingsford. Na noite passada, Sawyer teve um vislumbre da amiga quando ela se derreteu em seus braços e se permitiu ser confortada. Sawyer acariciou as costas dela para acalmar sua respiração.

Houve um tempo em que se sentia como o porto seguro de Quinn. E então, por razões que ainda não entendia, a moça decidiu que não era mais a posição que Sawyer deveria ocupar em sua vida.

Kelly ofegou quando falou.

— Ela nunca me deixou ver esse lado.

— Você era só uma criança — Sawyer disse, colocando a mão no ombro de Kelly. — Ela queria te proteger. — *E eu também*.

— As coisas melhoraram assim que ela foi embora, e eu sempre esperei que ela voltasse. Mas isso não aconteceu.

A saudade também atingia Sawyer. Quando Quinn se mudou, deixou um vazio na vida delas.

— Eu sei. Ela fez planos para voltar?

A expressão de Kelly se transformou em um sorriso irônico ao mesmo tempo em que arqueava uma sobrancelha.

— Imaginei que você soubesse mais disso do que eu.

— Não faço ideia do que você está falando, e não, ela não me disse se vai voltar. — E Sawyer não ia perguntar. Nada assustava mais um animal ferido do que tentar colocá-lo em uma gaiola.

— Fizemos planos para o próximo fim de semana. Acho que vamos juntas ao festival de jazz.

Uma decepção inesperada se infiltrou na voz dela por Quinn não ter mencionado que estaria na cidade.

— Boa sorte em encontrar um quarto de hotel.

— Ela disse que já tem um lugar — Kelly disse em um tom repleto de insinuações.

Sawyer ergueu as mãos.

— Não comigo.

— Bem, tenho certeza de que ela vai te mandar mensagem. Você tem sido a única constante, além de nos visitar, desde que ela voltou.

— Ela jantou com Shane — Sawyer apontou.

— Talvez para se desculpar por ter fugido no passado. Só porque ele é idiota, não significa que ela não esteja tentando se redimir.

Sawyer considerou a ideia.

— Talvez. Mas não vou fingir que a conheço ou que sei o que ela quer só porque passei um tempo com ela. — Olhando para o local, Sawyer viu uma garotinha, menor que as outras crianças, lutando para conseguir jogar. — Vou ajudar o Trevor. Parece que temos um grupo ansioso e inexperiente este ano.

Kelly assentiu, parecendo entender que Sawyer não queria mais falar sobre o assunto.

A capacidade de deixar um assunto de lado quando Sawyer queria era uma das coisas que mais admirava na amiga.

Talvez Sawyer encontrasse com Quinn na semana que vem, talvez não. Uma noite em que retomaram um pouco da antiga amizade não mudaria nada. Sua vida continuaria avançando, como sempre.

***

Afastou o pensamento que causava ansiedade e terminou de amarrar seus tênis de corrida. Era pouco depois das oito da manhã, e uma corrida parecia ser a melhor maneira de clarear a mente antes do início de mais um dia agitado. Arrumar suas antiguidades mecânicas teria sido a maneira preferida, mas Sawyer se perderia em seu mundo e se ressentiria quando precisasse tirar as lentes de aumento e ir para a loja. Pelo menos, dessa forma, estaria mais feliz em fazer qualquer outra coisa, incluindo o trabalho, quando terminasse.

Ela sempre corria o mesmo percurso. Primeiro, seguia para longe da água, até onde as casas ficavam mais espaçadas, perto da rodovia que entrava na cidade. Quando chegava lá, virava à direita e corria ao longo do último quarteirão. No final desse trecho de um quilômetro, virava à direita novamente para voltar a se aproximar da água, passando pela casa da avó e pelo boliche. Sempre terminava com uma corrida ao longo do calçadão, garantindo uma vista bonita e a brisa para se refrescar.

Seus músculos ficavam tensos nos primeiros dois quilômetros, mas quando se aproximava da casa que foi dos avós, encontrava seu ritmo. A respiração se equilibrava quando chegava ao quarteirão onde ficava a casa, próximo de onde a área residencial terminava e os comércios começavam.

Olhou na direção da casa, diminuindo o ritmo para um trote e depois uma parada repentina.

O Jeep de Shane estava na garagem e havia outro carro estacionado atrás dele. Um Tesla elegante, que ela imaginava pertencer a Quinn McKinley. Se fosse honesta consigo, poderia afirmar com certeza que era da moça, já que no jantar ela mencionou haver apenas um ponto de recarga para carro elétrico na cidade.

Quando Quinn disse a Kelly que encontrou um lugar para ficar, aparentemente não se referia a um hotel ou pousada. Foi uma surpresa para Sawyer perceber todas as emoções que a atravessaram. Parecia que alguém a tinha feito engolir areia.

Estava frustrada com Quinn por ter qualquer coisa a ver com seu irmão, e mais do que isso, estava frustrada consigo mesma. Quinn não a quis na época e não a queria agora. Talvez como amigas, mas o fato de estar passando tempo com Shane, por qualquer motivo que fosse, fazia Sawyer querer vomitar. Ela se perguntava se sairia areia se ela o fizesse.

Em vez de se torturar ao ficar ali parada pensando no que estava acontecendo dentro da casa, fez um esforço para se mover. Isso não ajudou na raiva que sentia, mas quando chegou ao calçadão, estava focada novamente na respiração, em como inspirava e expirava e depois fazia tudo de novo.

Parecia que ela poderia consertar qualquer coisa, menos a si mesma.

Quando estava a cerca de um quilômetro de casa, diminuiu a velocidade e começou a caminhar ao lado da água. O calçadão geralmente estaria deserto nessa hora do dia, mas, com o festival, as pessoas já estavam saindo para tomar café ou montar mesas para vender suas peças de arte durante o dia.

O evento acontecia em um grande parque gramado a algumas quadras do calçadão, mas a maioria dos negócios na cidade trabalhava para atrair turistas para eles. A cidade havia criado mapas este ano.

Sawyer enviou formulários para incluir as Antiguidades Kent, o que estava tendo um impacto perceptível no fluxo de clientes.

Quase superou a raiva irracional pelo que viu na casa dos avós quando uma voz a chamou do outro lado do calçadão.

— Sawyer?

Girou a cabeça e foi recebida pelo olhar de uma morena de pele dourada, com um sorriso que sempre a enfraquecia.

Dani.

Ela parecia impecável em um vestido de verão, o cabelo preso em uma trança ornamentada que se enrolava em sua cabeça.

— Estava me perguntando se ia te encontrar — ela disse de bom humor, como se tivessem terminado de forma amigável anos atrás.

Mas Sawyer nunca foi de fazer uma cena. Ela afastou o cabelo suado do rosto e sorriu.

— Ainda estou aqui. Você veio para o Festival de Jazz?

Dani assentiu.

— Sim. Alguns amigos estão na cidade, vou me reunir com duas galerias para falar sobre algumas peças em que estou trabalhando.

— Parece que a vida de um artista profissional não é tão sombria quanto dizem — Sawyer brincou, tentando manter o clima ameno. Gotas de suor começaram a escorrer pelas suas costas, e ela desejava desesperadamente poder fugir.

— As coisas foram bem em Nova York. Algumas portas se abriram, o que levou a outras. — Pelo menos, Dani estava se elogiando menos do que na última vez em que se encontraram.

— Que ótimo. — Sawyer só conseguia pensar em tirar suas roupas o mais rápido possível e pular no chuveiro.

Dani lhe lançou um olhar de avaliação.

— Você parece bem. — Ela sempre foi direta. Era uma das coisas que tanto aterrorizava quanto atraía Sawyer para Dani. — Como estão as coisas?

Sawyer mentiu descaradamente.

— Boas.

— Fico feliz em ouvir isso — Dani falou com sinceridade, como se não tivesse arrancado o coração de Sawyer e o esmagado.

Sabendo que quanto mais demorasse, mais curto seria seu banho, Sawyer olhou para o relógio.

— Estou atrasada, então preciso ir. Foi bom te ver — disse, já começando a correr.

Sawyer acenou enquanto corria pelo calçadão. Não parou até chegar ao final do seu quarteirão para entrar em sua casa.

No caminho, pensou nas últimas coisas que Dani disse quando terminou: que faltava espontaneidade nela. Faltava paixão. Que ela se contentava em assistir o mundo passar em vez de aproveitar as oportunidades.

Encostou na porta e soltou um gemido frustrado, se lembrando da dor que sentiu. Deus, será que este dia poderia piorar?

CAPÍTULO NOVE

O dia de Quinn não poderia ficar pior. Eram apenas dez da manhã de uma sexta-feira, e ela já estava mergulhada até o pescoço em problemas de trabalho. Normalmente, isso a deixava animada. Hoje, só a deixava cansada.

Estava com Belinda no viva-voz enquanto andava de um lado para outro em um dos últimos quartos de hotel disponíveis em Kingsford. Era caro, apertado e a fazia se sentir como um animal enjaulado.

A inspeção em uma das suas vendas apresentou alguns problemas, e o comprador estava com medo. Não era o fim do mundo, mas eles estavam prestes a sair do país a trabalho.

— Como estão as coisas com Dana Dreyer? — ela perguntou enquanto se aproximava do telefone.

— Conversei com a assistente dela esta manhã. Dana vai viajar para o Reino Unido em uma hora, mas volta na terça-feira.

Quinn cerrou os dentes, feliz por Belinda não poder vê-la.

— Essa é a casa certa para ela, eu sei disso.

— Ela não parecia muito interessada por não estar pronta.

Isso fez Quinn apertar a ponte do nariz.

— Entendo. Vou ligar para ela, mas gostaria que tivéssemos algumas soluções para apresentar. No mínimo, os vendedores devem nos dar um crédito no fechamento. Você pode incluir isso no contrato?

— Claro.

— Há outras ofertas?

Ela podia sentir que Belinda estava verificando os detalhes no *iPad* antes de responder.

— Não ouvi falar de nenhuma outra oferta, nem o agente do vendedor mencionou algo.

Quinn assentiu para o quarto vazio.

— Ótimo. Isso significa que temos poder de negociação. Se me lembro bem, os vendedores precisam do capital desta casa para fechar a compra de uma nova. É do interesse deles trabalharmos em conjunto para que isso aconteça. O único problema é a parte elétrica, certo?

Outra pausa.

— Sim. Todo o resto está em ordem.

— Perfeito — Quinn disse, a ideia se formando em sua mente. — Ligue para o Sal. Diga a ele que estou cobrando o favor. Coloque o agente do vendedor em contato com ele imediatamente. — Ela fez uma pausa para esperar Belinda anotar as instruções. — Depois disso, redija um segundo contrato. Este dispensa o crédito, já que os problemas serão resolvidos. Não envie até que eles tenham visto o primeiro. Eles verão a diferença de preço se fizerem o serviço por conta própria e vão pensar que estão ganhando muito. — Ela sorriu, imaginando tudo se desenrolando como sabia que aconteceria. — Dana Dreyer terá sua casa pronta para morar, e os vendedores economizarão dinheiro.

— Só isso? — Belinda perguntou com uma risada.

Quinn sorriu.

— Se fizermos tudo certo.

— Perfeito. Kristen também queria que eu verificasse a venda de Clark Gleeson.

— Está demorando mais do que o esperado, mas ainda acredito que fecharemos o negócio — ela disse em um tom confiante, embora fosse tudo

fachada.

Shane teve duas semanas para pensar sobre a primeira oferta, o tempo que ele disse que precisava. Ela esperava voltar para a cidade neste fim de semana com uma resposta definitiva. Mas estava presa em um estado de espera.

Nesta manhã, quando parou para discutir isso, ele a enrolou. Queria, pelo menos, mais duas semanas. Ele não estava tentando mudar nada ou pedir mais dinheiro, apenas queria mais tempo.

Em vez de conversar sobre seus termos para vender, ele queria tomar café da manhã e importunar Quinn, perguntando se ela lembrava dos velhos tempos.

— Precisamos redigir uma nova oferta?

— Ainda não — Quinn disse, distraída pelo barulho de um grupo de pessoas passando na rua. Nada sobre Shane Kent conseguia prender sua atenção, mesmo no que dizia respeito ao lado profissional.

A voz de Belinda a trouxe de volta à conversa.

— Isso torna meu trabalho fácil.

— Você só faz parecer fácil porque é a melhor, Belinda.

Depois de um segundo, ela respondeu.

— Obrigada, Quinn. Como estão as coisas em Kingsford? — Com os fins de semana tomados por viagens, ela passou menos tempo no escritório nas últimas semanas para acompanhar os pedidos de visitação.

— Indo. Tem sido... — Ela lutou para encontrar as palavras certas. — Tem sido uma experiência nova, e eu não vivia isso há um tempo.

— Ótimo. Certifique-se de se divertir um pouco enquanto estiver por aí.

Quinn revirou os olhos de forma bem-humorada.

— Vou tentar.

***

No ramo imobiliário, a ideia de “hora de parar” não existia, mas quando Quinn fechou o laptop às seis da tarde, os sons da rua eram altos demais para ignorar. Ela falou com Dana Dreyer antes que a cliente embarcasse para a Europa e se mostrou confiante de que teria boas notícias na terça-feira, quando Dana voltasse. Sal, confiável e rabugento como sempre, estava a caminho da casa no Brooklyn, para começar a trabalhar na parte elétrica pela manhã.

Tudo estava indo exatamente como ela planejou, apesar dos obstáculos. Então, por que não se sentia animada?

Depois de quase vinte anos no mercado imobiliário, treze deles como corretora, houve um tempo em que ela pensou que a empolgação nunca iria embora. Nos últimos tempos, ela vinha evitando lidar com o desconforto causado pela falta de empolgação com cada vez mais frequência.

Em vez de se preocupar com isso ou tentar outra investida para avançar com a venda da casa com Shane, decidiu aproveitar ao máximo seu fim de semana livre.

Pegou o telefone e ligou para Kelly.

— Oi, Quinn. O que houve? — Kelly parecia estar andando, Ella e Luna gritavam ao fundo.

— Só queria saber o que você vai fazer hoje à noite.

— Agora estou tentando convencer duas crianças muito independentes a se vestirem.

— Parece... selvagem.

Kelly riu.

— Vai por mim, é mesmo. Sei que fizemos planos para ir ao festival amanhã, mas vamos ver os fogos de artifício hoje. Não te chamei porque não sabia a que horas você chegaria. Quer ir também?

Quinn ficou surpresa por não hesitar.

— Parece divertido.

— Perfeito. A Sawyer ficou de nos encontrar lá. Quer pegá-la no caminho?

Sawyer. Sentiu falta dela nas últimas duas semanas... mais do que gostaria de admitir. Era tão fácil voltar a desejar que ela estivesse perto. Que estivesse ao seu lado.

— Claro, posso passar por lá.

— Ótimo. A loja fechou às seis, mas você pode seguir pelos fundos e bater na porta da casa dela. Vamos nos encontrar às sete e meia.

Quinn gostou dessa resposta, pois significava que veria Sawyer em uma hora, então não gastou muito tempo pensando se era uma boa ideia ou não aparecer sem avisar.

— Combinado.

Ela desligou e foi para o banho rapidamente para ter o máximo de tempo possível para se arrumar. Não estava exatamente se esforçando, mas também não estava... despreocupada. Era complicado, até para si. Sawyer gostava de mulheres. E conseguia fazer todos os medos e dúvidas de Quinn derreterem com um abraço. E a moça ficou ainda mais bonita quando comparada ao tempo em que eram mais novas.

As pessoas poderiam acusar Quinn de ser muitas coisas. Ser imprudente não era uma delas. Ela sabia, desde o jantar de algumas semanas atrás, que estava interessada em Sawyer e que esse interesse ia além da amizade. O que não era justo.

Então, como ela mesma disse pela décima vez, passaria por lá e depois caminharia com Sawyer até um parque público, onde haveria uma queima de fogos ao anoitecer.

Mas isso não a impediu de se maquiar. Sawyer nunca se importou com a aparência de Quinn. Ela nunca se importou com sua popularidade no colégio. A pessoa que todos esperavam que Quinn fosse não importava para Sawyer.

Elas tinham a chance de recomeçar, mesmo que fosse apenas como amigas, o que era mais do que Quinn pensou que conseguiria.

Às sete horas, fez a curta caminhada até a Kent Antiques. Não entrava naquele local desde que voltou à cidade, grata por não ter precisado envolver Sawyer em suas negociações com Shane.

Em vez de ir até a entrada principal, caminhou até a rua lateral, que criava uma espécie de beco atrás dos prédios. Os lotes eram profundos, as lojas eram muito maiores que a loja de antiguidades. Ela não podia fingir que não estava curiosa.

O prédio atrás da loja, que anteriormente era uma oficina, parecia ser a casa de Sawyer. Honestamente, não era surpresa. A amiga sempre adorou passar os dias lá com o avô, restaurando antiguidades.

Parte de Quinn se sentia desconfortável por aparecer sem avisar, mas já era tarde demais para voltar atrás. Pelo menos, era o que disse a si mesma. Subiu até a unidade, com o exterior de madeira pintado de azul, com branco nas molduras das janelas e nas persianas.

Depois que bateu, a porta demorou para se abrir. Tempo suficiente para Quinn se perguntar mais uma vez se não era má ideia. Mesmo pensando nisso sem parar, não se afastou.

— Oi — Sawyer disse ao abrir a porta, mas seu rosto se apagou ao ver Quinn à sua frente. — Achei que fosse Kelly.

O cabelo estava molhado, com os cachos soltos caindo de forma selvagem ao redor do rosto. A camisa de manga curta tinha pequenos tubarões azul-marinho pintados no tecido de mesmo tom, embora mais

claro. Mas Quinn só tinha olhos para os diferentes tons de azul nos olhos de Sawyer.

— Ela me convidou para ver os fogos e perguntou se eu queria passar para te buscar.

Sawyer apertou a porta.

— Bom saber.

— Desculpe. Eu deveria ter avisado que estava vindo. Posso me encontrar com vocês no parque. — Quinn se virou para sair, sentindo suas bochechas esquentarem quando Sawyer a chamou de volta.

— Desculpe — ela falou com a voz baixa. — Foi um dia longo. — Sawyer gesticulou para dentro da casa. — Só preciso de alguns minutos para me arrumar. Quer entrar?

Quinn já tinha entrado ali algumas vezes antes de o avô de Sawyer falecer. Naquela época, era uma construção de madeira com um único cômodo grande cheio de antiguidades que precisavam ser restauradas.

A casa em que ela entrou não poderia ser mais diferente. Era exatamente o que esperava de Sawyer, da melhor maneira possível. Aconchegante e bem decorada, havia um cuidado no espaço que exalava aconchego.

— Você fez isso? — Quinn perguntou, um pouco impressionada.

Sawyer gesticulou em direção ao sofá com a postura rígida.

— Sim. Quer beber alguma coisa? Tenho cerveja, vinho e água.

Quinn se sentou. Sabe-se lá qual fosse a causa, a familiaridade construída nas últimas semanas havia desaparecido. Ela não se sentia bem ao notar essa ausência.

— O que você for beber.

Um tempo depois, Sawyer voltou com duas garrafas de cerveja.

— Só preciso de alguns minutos — disse antes de desaparecer por outra porta.

Quinn só conseguia descrever a situação como tensa. Ela esperou alguns minutos até que a moça retornasse, da mesma forma de quando saiu. Ela estava bonita.

Quinn se levantou.

— Está tudo bem? Mais uma vez, me desculpe se ultrapassei os limites ao vir aqui.

Sawyer acenou com a mão de forma displicente e soltou um longo suspiro frustrado.

— O dia foi longo. E estranho. — Como se isso esclarecesse alguma coisa.

— Sou uma boa ouvinte — Quinn disse, dando um pequeno passo à frente. Ela queria diminuir a distância, recuperar a proximidade que sentiu quando caminharam no calçadão algumas semanas antes. Para ser honesta, ela se viu perseguindo esse sentimento algumas vezes desde aquele dia. Como a sensação havia desaparecido, um pequeno vazio pesava em seu estômago.

Encostada na parede, Sawyer bebeu um gole da cerveja. Parecia estar refletindo sobre algo quando mordeu o lábio. Finalmente, ela falou:

— Escute, foi ótimo colocar a conversa em dia, mas não gosto de coisas complicadas.

Quinn inclinou a cabeça para o lado.

— Complicadas?

Sawyer balançou a cabeça.

— Esqueça. Não quero falar sobre isso.

— Eu nem sei o que “isso” significa. — Ela tentou buscar o olhar de Sawyer, mas a moça se recusava a fazer contato visual.

— Eu já encontro com meu irmão com frequência suficiente. Prefiro não ter que ficar de vela para ele hoje à noite — Sawyer falou, respirando fundo ao admitir em voz alta.

— Vela? — Quinn perguntou. Ela colocou a cerveja na mesa lateral e se aproximou.

Quando Sawyer encontrou seu olhar, havia um fogo em seus olhos azuis que atraía Quinn. Era paixão, mesmo que não fosse do tipo bom.

— Não vou fazer isso de novo. Posso não ser ousada, corajosa ou carismática, mas não sou idiota. — Ela soltou um suspiro indignado. — E, ao contrário do que as pessoas podem pensar, ainda tenho algum orgulho dentro de mim.

— De novo? — Quinn perguntou. O ar estava pesado com muitas palavras não ditas.

— Você está fazendo muitas perguntas, considerando que eu disse que não quero falar sobre isso. — Sawyer levou a mão ao peito de Quinn como se fosse empurrá-la, mas só a manteve ali, contra o coração acelerado da amiga.

O ar entre elas estava carregado de eletricidade, e Quinn não se importava mais com o teor da conversa. Ela só queria se aproximar. Olhou de maneira indulgente para os lábios de Sawyer, ansiedade tomando seu estômago ao pensar em beijá-la. Beijar Sawyer.

— O que você quer de mim, Quinn? — A voz suave de Sawyer soava mais exasperada do que qualquer outra coisa, mas seus dedos começaram a brincar com o colar de Quinn.

Em vez de responder, passou os dedos pelo maxilar de Sawyer, a outra mão subindo para se apoiar na parede atrás dela. Imaginou-se diminuindo a distância, empurrando-a contra a parede e encaixando seus

corpos. Aproximou-se um pouco mais, sentindo a respiração dela em sua bochecha quando tirou a mão do maxilar para segurar a nuca de Sawyer.

— Quero saber se seus lábios são tão macios quanto parecem. — Quinn esperou, dando a ela a chance de dizer não. Então inclinou a cabeça e puxou o lábio inferior de Sawyer entre os seus. Quando obteve sua resposta – um retumbante sim quanto à maciez –, junto com uma ânsia desesperada em seu centro, se afastou um pouco. — Não há um mundo em que você não seja a primeira escolha, Sawyer. Quer façamos isso de novo ou não, você precisa saber disso.

Sawyer soltou o colar e pressionou a mão no peito de Quinn.

— E como decidimos se fazemos isso de novo ou não?

— Depende de você ter gostado ou não, de você me querer também — Quinn sussurrou enquanto Sawyer mexia os dedos. Cada terminação nervosa no corpo de Quinn estava em chamas enquanto Sawyer mudou de direção para deslizá-los por sua barriga. Um som involuntário escapou de sua boca, encorajando-a a continuar a explorar. Ela afastou uma mecha de cabelo do rosto de Quinn de maneira tão terna, que quase a fez esquecer o desejo que borbulhava em seu corpo.

Mas Sawyer não tinha respondido ainda. Ela estava demorando para tomar uma decisão enquanto a deixava em um frenesi com apenas alguns toques. Elas nem estavam se beijando, e Quinn já se sentia desse jeito. Não conseguia imaginar o que aconteceria se, finalmente, depois de todos esses anos, soubesse como seria fazer Sawyer Kent se desmanchar e cair em êxtase.

Quando eram mais jovens, essa possibilidade era abstrata para Quinn. Os olhares furtivos e a confusão que sentia sempre que Sawyer estava por perto. Não era mais assim. Agora era real. Era no presente, a consumia, e Quinn sabia exatamente onde queria colocar as mãos, a língua e o corpo

para fazer Sawyer gozar de forma tão intensa, que qualquer outro nome, exceto o de Quinn, nunca soaria adequado saindo de seus lábios.

Finalmente, Sawyer falou, a voz rouca de uma maneira que Quinn sentiu em todo lugar.

— Eu gostei. Gostei muito.

Inclinando-se para frente, Quinn disse as próximas palavras baixinho:

— Então, me beije.

CAPÍTULO DEZ

Sawyer estava acordada desde o nascer do sol. Como deveria fazer algo remotamente relaxante quando ainda podia se lembrar do gosto dos lábios de Quinn? Caramba, aquela mulher beijava bem. Lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. Mas havia também uma intencionalidade nos toques, quase uma necessidade enquanto a abraçava forte.

Sawyer queria puxá-la para si e se esquecer de que precisavam estar no parque em dez minutos.

Foi Quinn quem se segurou, se afastando enquanto passava as mãos nas laterais do corpo de Sawyer. Ela queria continuar o beijo, mas parou quando ouviu a suavidade e um toque de nervosismo na voz de Quinn.

— Não quero que Kelly pense que eu dei bolo nela.

Sawyer assentiu e tentou voltar à terra firme. As palavras afastaram o calor do momento e deixaram uma vulnerabilidade no lugar. Ela ficou parecendo levemente insegura.

Sawyer apertou os quadris de Quinn e se encostou na parede, para criar algum espaço entre elas.

— Claro. Sei que você está fazendo o possível para agir da maneira correta com Kelly.

Quinn relaxou e, em vez de falar, afastou uma mecha de cabelo da testa de Sawyer, se demorando a interromper o contato.

Um tempo depois, Sawyer se encontrou impaciente, com uma necessidade que nunca havia experimentado, como um brinquedo de corda que não funcionava, desconfortavelmente cercada pelo que parecia ser toda

a cidade de Kingsford. À medida que a noite avançava, a confiança que adquiriu com os beijos de Quinn diminuiu e foi substituída por incerteza e confusão.

Ela observava o perfil de Quinn, que assistia à queima de fogos. A mulher era linda. Era suave, mas forte. Paciente, mas exigente. Pensar nisso a fez se sentir mais nervosa do que sortuda. Quando os fogos terminaram, não teve coragem de convidá-la para ir à sua casa. E talvez Quinn, percebendo que era uma má ideia, não se manifestou.

A noite em que poderia acontecer uma transa que Sawyer jamais esqueceria, não se materializou. Então estava usando seu macacão favorito e regata, consertando uma peça mecânica à medida em que o sol finalmente surgia no horizonte.

A peça estava totalmente desmontada, e ela documentou o processo com fotos e vídeos. Provavelmente se arrependeria da decisão em algumas horas, quando precisasse ir para a loja. Mas, por enquanto, aproveitaria para catalogar as peças e entender como todas se encaixavam de forma cuidadosa.

Uma batida na porta chamou sua atenção. Depois de garantir que tudo estava guardado com segurança, foi atender.

E lá estava Quinn, usando calça jeans skinny e camisa de linho *oversized*, com dois copos de café e uma sacola pequena nas mãos. Para Sawyer, ela estava perfeita.

Quinn a olhou nos olhos quando a porta se abriu. Ela caminhou até Sawyer, levantou os copos e sorriu.

— Trouxe café para você. Achei que já estaria acordada.

— Você sempre odiou acordar cedo.

— Mas sempre fiz isso por você. — Quando Quinn deu de ombros e virou a cabeça para o lado, seu coque balançou de um jeito que quase fez

Sawyer derreter.

— Você é boa com as palavras. — Sawyer não estava preparada para aprofundar o gesto atencioso... especialmente antes de saber como essa conversa iria se desenrolar.

Quinn olhou ao redor.

— Você manteve parte do lugar como oficina?

— Sim. Quer entrar?

— Gostei do seu macacão — Quinn disse antes de entrar na sala, observando as paredes de madeira e as antiguidades mecânicas de vários níveis de funcionalidade posicionadas em todas as superfícies disponíveis.

Sawyer apontou para a roupa e para as ferramentas que saíam do bolso superior.

— Tem bolsos.

— É prático.

Ela estremeceu diante do olhar de Quinn.

— Essa sou eu.

— Isso é parte de você, e não pense que é algo ruim.

— Então você gosta de mulheres — Sawyer disparou exatamente ao mesmo tempo em que Quinn disse:

— Precisamos conversar.

Quinn deu um passo à frente.

— Gosto. — Algo que Sawyer confundiu com silêncio, mas não era, crepitava ao redor delas até que as próximas palavras de Quinn o cortaram. — Mas também gosto especificamente de você. É sobre isso que queria conversar.

As bochechas de Sawyer esquentaram. Elas se beijaram na noite anterior como se o mundo estivesse acabando, mas ouvir aquelas palavras

ainda a deixava surpresa. Sawyer pigarreou e se forçou a falar. Bem ou mal, precisavam ter essa conversa. Nunca quis se esconder de Quinn.

— Claro. Não sou muito boa com as palavras. Costumo preferir isso. — Ela mostrou o cômodo e todas as máquinas desmontadas.

— Fico com a parte da conversa, e você, do pensamento. Funcionamos melhor assim. — Quinn sorriu com sinceridade. Depois, apontou para o copo de café e para uma peça de compensado usada como mesa. — Posso colocar isso aqui?

— Sim. — Sawyer também colocou seu copo.

— Minha vida não é aqui, e não posso garantir com que frequência virei. — Um som exasperado escapou da garganta de Quinn. Ela fixou os olhos cor de avelã nos lábios de Sawyer. Quando os olhares se encontraram, havia uma honestidade crua na expressão de Quinn. Então ela disse baixinho: — Mas não consigo parar de pensar em você.

Novamente, um silêncio confuso recaiu sobre elas. Era como se o passado e o futuro não importassem. A única coisa que havia entre elas era o presente.

Enquanto se concentrava nos batimentos acelerados, Sawyer percebeu que o momento estava carregado de tensão. O peito de Quinn subia e descia ligeiramente fora de ritmo. Os dedos de Sawyer estavam inquietos nas laterais do corpo. O ar ao redor delas parecia um gás inflamável pronto para incendiar o local.

Isso era uma má ideia por um milhão de razões, mas não conseguia conter o calor que se espalhava por seu corpo. Odiava pensar nas palavras de Dani quando terminaram, sobre como ela não era passional ou disposta a correr riscos, porque ali, na sua frente, estava Quinn McKinley, querendo que ela assumisse um grande risco, algo confuso e complicado que nunca terminaria bem.

Racionalmente, sabia de tudo isso, mas seu cérebro não estava no comando quando deu um pequeno passo em direção a Quinn, de modo que apenas alguns centímetros as separassem.

— Nada de expectativas.

Quinn deu um sorriso torto e seus olhos passearam pelos traços de Sawyer. Aquilo a fez se sentir vulnerável e desejada. Sexy também. Porque não havia outra maneira de se sentir quando alguém como Quinn a olhava daquela forma.

— Isso é um acordo ou só estamos esclarecendo as coisas? — Quinn colocou a mão no quadril de Sawyer e a puxou para mais perto. — Porque realmente espero que seja um acordo.

Havia uma palavra para quando suas fantasias se tornavam realidade? Porque era isso que estava acontecendo com Sawyer.

Ela mordeu o lábio antes de conseguir dizer:

— É um acordo. Definitivamente, um acordo.

Pela primeira vez na vida, ela só se preocuparia com as consequências depois.

— Qualquer coisa que te deixe confortável. Só não consigo imaginar não te beijar de novo.

— Só isso? — Sawyer perguntou com mais força na voz do que o normal, estimulada pelo olhar ardente de Quinn.

Quinn assentiu.

Com a outra mão, ela acariciou a clavícula de Sawyer, onde pequenas sardas marcavam a pele. A moça sempre as odiou, mas Quinn se aproximou e começou a beijar o mesmo caminho que fez com a mão, como se fosse um mapa a ser explorado.

— Posso tentar ir devagar — ela disse entre os beijos. — Mas não posso prometer nada.

O desejo entre as pernas de Sawyer se tornou insistente. Teria deixado Quinn a possuir no chão do ateliê se ela quisesse. Então, por que sua mente não se calava?

— Por que agora? Por que não me disse isso ontem à noite?

Quinn mordiscou a clavícula de Sawyer mais uma vez antes de levantar a cabeça para encontrar seu olhar.

— Eu queria te dar tempo para ter certeza de que era isso que você queria.

E então Sawyer desmoronou. Ao mesmo tempo em que tirava as ferramentas do bolso e as colocava em uma mesa, pegou a mão de Quinn e a conduziu pela sala de estar.

Quinn a acompanhou pacientemente, mas quando chegaram perto da cama, sua gentileza acabou. Ela moveu as mãos hábeis até o fecho do macacão e falou com a voz ofegante:

— Posso tirar isso?

Nenhuma palavra contemplaria a importância do que estava acontecendo. Quinn McKinley. Em seu quarto. Pedindo para despi-la.

Não era apenas uma mulher bonita. Era *Quinn*. Mas ela não parecia impactada pelo peso do que isso significava para Sawyer. Uma adolescência repleta de anseios, desejos e medo de rejeição culminando em uma chance que ela nunca imaginou que teria.

Afastou os pensamentos. Independentemente do que aconteceu, Quinn a queria agora.

Isso era suficiente. Tinha de ser.

Sawyer assentiu e mordeu o lábio para impedir que sua voz a traísse.

Quinn tirou a peça de roupa, e assim que ela atingiu o chão, suas mãos já estavam em Sawyer, puxando sua camiseta.

— E isso? — ela perguntou enquanto Sawyer a ajudava a tirar. E, em um piscar de olhos, ela estava apenas de roupa íntima. — Você não está usando sutiã — Quinn gemeu, com a voz rouca, quase dolorida.

Uma onda de confiança atingiu Sawyer, pois neste momento ela soube que mesmo que fosse apenas desejo, Quinn a queria, estava encantada, excitada e frustrada pelo que estava descobrindo.

Não teve tempo de responder, pois Quinn alcançou seu seio e brincou de leve com o mamilo. Era o melhor tipo de tortura.

— Gosta disso? — Quinn perguntou baixinho, com os olhos semicerrados e os lábios úmidos.

Elas ainda nem tinham se beijado naquela manhã, e Sawyer sentia que o que estava prestes a acontecer seria mais intenso do que qualquer coisa que já havia experimentado. O desejo já estava se transformando em uma pulsação insistente.

— Sim — ela disse, suspirando quando Quinn tocou no outro seio.

No fundo, sabia que Quinn seria boa na cama. Mas não se permitiu pensar nisso por muito tempo. Pensou no assunto algumas vezes ao longo dos anos, quando estava com outras mulheres. A primeira vez foi quando tinha vinte e dois anos e dormiu com uma moça que tinha uma propriedade na cidade. Na época, sentiu muita raiva. Não via Quinn há quatro anos e muitas coisas a fizeram seguir caminhos distintos. Sawyer estava muito frustrada por pensar em alguém que não fazia parte do momento.

Mas, talvez, mesmo que não quisesse admitir, Quinn fazia parte de muitos momentos de sua vida.

— Uau, Sawyer. — Quinn se aproximou de seus lábios. — Você é linda. — E então ela a beijou com uma intensidade que fez todo o restante desaparecer. Era quente e desesperado, e ela se sentiu a mulher mais sortuda do mundo.

Pela primeira vez, não precisava torcer para Quinn não invadir sua cabeça, pois era ela ali na sua frente. Quinn passou as mãos pelo corpo de Sawyer e parou logo abaixo dos seios. Quinn sempre amou provocá-la.

Quinn deslizou a língua para dentro, como se tivessem feito isso um milhão de vezes antes. Pressionou o corpo contra o dela, Sawyer nua contra a leveza da camisa de Quinn. A fricção a fez arder, e ela queria desesperadamente ver Quinn. Tocá-la. Estava sem fôlego quando finalmente voltou à realidade.

— Você pode tirar suas roupas?

Sem hesitar, Quinn tirou a calça. Foi o olhar aquecido que Quinn lhe deu antes de falar que acabou com Sawyer, como se ela já não estivesse perdida antes. Quinn apontou para sua camisa, brincando com um dos botões.

— Quero que você a tire de mim. — Sawyer engoliu em seco, e Quinn se inclinou para beijá-la. Quando recuou, deu um sorriso encorajador. — Sawyer Kent, quero que você me dispa. Você pode fazer isso por mim?

Sawyer flexionou os dedos para ter certeza de que ainda funcionavam. Moderadamente confiante de que sim, ela assentiu e estendeu a mão para começar a desabotoar a camisa que descia até as coxas de Quinn. No primeiro botão, ela deu outro sorriso encorajador quando os nós dos dedos de Sawyer tocavam sua clavícula. No segundo, ela conseguiu se mover um pouco mais rápido, seus dedos se acalmando com a quietude de Quinn. Como uma estátua, Quinn encorajava Sawyer a continuar com nada além de palavras baixas e suspiros. A cada botão, mais da pele macia de Quinn era exposta, e Sawyer se sentia um pouco tonta com o que estava acontecendo. Com o último botão aberto, a camisa se abriu. Levantando a

mão, Sawyer passou seus dedos contra os ombros de Quinn e viu a camisa cair no chão.

— Obrigada — Quinn falou e passou a ponta dos dedos pelo abdômen de Sawyer. — Eu não acho que você perceba o quanto isso foi bom para mim. — Ela a beijou novamente e a conduziu para a cama. — Eu ficaria feliz em te mostrar.

A confusão no rosto de Sawyer deve ter sido evidente. Quinn rapidamente tirou o sutiã e a calcinha. Ao mesmo tempo, ela se colocou entre as pernas de Sawyer, colocando as mãos nos ombros dela como um pedido para se sentar.

Foi exatamente o que Quinn queria, considerando como já estava cavalgando nas coxas de Sawyer quando atingiram o colchão. Inclinou seu corpo para frente, seus quadris se movendo para fora para acomodar Sawyer entre eles.

Sawyer soltou um suspiro quando o centro de Quinn roçou seu abdômen. Inclinando a cabeça para trás, Quinn soltou o som mais satisfeito que Sawyer já teve o prazer de ouvir. Foi suave, baixo e sedutor. Combinado com o peso dela, pressionando-a insistentemente no colchão, Sawyer sabia que talvez estivesse mais molhada do que nunca.

— Posso te tocar? — Quinn perguntou quando os olhos de Sawyer encontraram os dela, pupilas tão dilatadas, que ela quase acreditava que Quinn estava gostando mais do que ela.

Sawyer conseguiu responder... mal.

— Huhmmm.

Quinn passou a mão direita contra o centro de Sawyer, que estava coberto pela roupa íntima, enquanto se inclinava e mordiscava o lóbulo da orelha de Sawyer.

— Você vai me tocar? — ela perguntou, seu hálito quente e necessitado no ouvido de Sawyer.

Sawyer ficou ansiosa quando deslizou os dedos contra o centro de Quinn, incapaz de continuar no ritmo provocante que ela estava impondo. Talvez nunca tivesse essa chance novamente, e não queria desperdiçá-la. Seus dedos foram envolvidos por um calor quente e úmido, tão intoxicante, que eles tremiam, procurando uma penetração mais profunda. Sawyer queria perseguir essa sensação para sempre, mas se contentaria com o momento presente.

— Isso. Assim mesmo. — Quinn suspirou enquanto começava a mover os quadris contra a mão de Sawyer. Aparentemente, ela tinha decidido que o tempo de esperar tinha acabado, então deslizou dois dedos para dentro. — Caramba, Sawyer. Você é muito gostosa. — Quinn circulou o indicador contra o clitóris, e as duas gemeram.

Os movimentos de Quinn já estavam levando-a ao limite. Ela se maravilhou com como as costas da parceira se arquearam, seu peito se projetando para frente. Era uma oportunidade que não podia desperdiçar, então abaixou a cabeça para colocar um dos mamilos de Quinn na sua boca, girando a língua contra o ponto intumescido.

As coisas escalaram rapidamente depois disso. Quinn mordeu o ombro de Sawyer, mas continuou esfregando os dedos contra o clitóris, o que tornou ainda mais difícil para Sawyer se concentrar no ritmo que estabeleceu com seus próprios dedos. E então houve um momento, como se duas engrenagens se encaixassem perfeitamente em sincronia, quando o que estavam fazendo uma com a outra se tornou o que estavam fazendo juntas, seus corpos encontrando um fluxo. Quinn puxou Sawyer pelo pescoço e deu nela um beijo ardente que fez as laterais da sua visão ficarem turvas.

Isso até Quinn dizer:

— Por favor, Sawyer.

Cada molécula no corpo de Sawyer entrou em estado de atenção, as palavras que se seguiram tornaram impossível para ela fazer qualquer coisa além de observar a profundidade das emoções cintilarem no rosto de Quinn.

— Estou quase lá.

Sawyer moveu os dedos para dentro e fora de Quinn enquanto seu próprio orgasmo a atingia. E fiel às suas palavras, Quinn estava logo atrás. Ela estremeceu, suas coxas tensas enquanto cravava os dedos no pescoço de Sawyer. Sua parceira sentiu como se flutuasse para fora da cama, mas Quinn manteve seus quadris e pernas presos contra o colchão, o braço envolto ao redor enquanto se entregava ao orgasmo. Sawyer não sabia quanto tempo durou, nem sequer registrou a passagem do tempo até que Quinn soltou seu pescoço para acariciar suas costas, ajudando-a a se acalmar.

— Caramba — Quinn murmurou com uma risadinha leve, inclinando a cabeça para descansar no ombro de Sawyer.

Ela o mordeu antes de dar um beijo.

— Isso foi melhor do que eu tinha imaginado. — Sawyer recuou para olhar Quinn, observando os olhos saciados da moça e os lábios úmidos, vendo como seu peito ainda se movia de leve pelo esforço.

— Você imaginava isso?

Os dedos pararam na lombar de Sawyer.

— Qualquer uma seria tola se não desejasse isso. — Foi a franqueza na voz de Quinn que fez Sawyer precisar afastar o frio na barriga.

Ela precisava perguntar.

— Seja lá o que isso for — disse, com uma ponta de preocupação na voz —, ainda seremos amigas, certo?

— Sim. Não quero que isso afete as coisas entre nós. — Quinn levantou a cabeça, buscando os olhos de Sawyer. — Você está arrependida?

Sawyer balançou a cabeça.

— Não. Não disso. Sobre muitas outras coisas na minha vida, sim, mas disso, não.

Quinn sorriu e segurou o queixo de Sawyer.

— Talvez um dia você possa me contar sobre essas coisas, e eu possa ajudar.

— Eu adoraria. E por mais que eu gostaria de ficar nessa posição o dia todo, preciso tomar banho e me preparar para o trabalho. — Sendo honesta, Sawyer estava impressionada com a força de vontade interna que estava demonstrando agora.

— Preciso ir encontrar Kelly, Trevor, minha mãe e as meninas mais tarde no festival.

— Ella vai te pedir por doces o tempo todo. Vai fazer você se sentir privilegiada, mas ela vai vomitar se você der muito a ela.

Quinn riu e continuou passando os dedos pelas costas de Sawyer de uma forma reconfortante.

— Você é boa com elas, e eu definitivamente vou lembrar disso.

— Eu aprendi da maneira difícil. — A casualidade do momento pegou Sawyer de surpresa, segurando Quinn enquanto conversavam sobre suas sobrinhas.

— Você vai…? — Quinn parecia um pouco incerta. — Você vai nos encontrar depois? Prometo que vou me comportar.

Sawyer levantou uma sobrancelha.

— E o que isso significa?

O grunhido malicioso que Quinn dirigiu em sua direção fez o corpo inteiro de Sawyer vibrar.

— Que não vou te agarrar em público.

Ela estava cada vez mais consciente de como era bom ter o corpo de Quinn contra ela. Aliado à admissão de que a moça queria fazer isso de novo, aquilo estava deixando-a mais do que pronta para uma segunda rodada. Mas não poderia ser naquele momento. Sawyer passou os braços em volta de Quinn e se levantou.

Mas seu esforço para se desvencilhar não estava indo de acordo com o plano.

Quinn envolveu as pernas ao redor dos quadris de Sawyer e as prendeu pelos tornozelos. Um arrepio atravessou a coluna de Sawyer quando ela mordeu de leve seu pescoço e disse:

— Mas não posso fazer promessas se você fizer algo assim.

Sawyer virou-se e colocou Quinn de volta na cama, pairando sobre ela.

— Juro que isso não foi um convite.

— Eu preferiria se fosse. — Quinn manteve as pernas travadas no lugar e puxou Sawyer contra si. — Além disso, tenho boas informações de que a loja não abre até às dez. Isso são duas horas a partir de agora. Você não vai se arrepender de não usar esse tempo da melhor maneira possível se não tivermos a chance de fazer isso de novo em breve?

Ela lamentava muitas coisas, e não queria que essa fosse uma delas. Seja lá o que estivesse acontecendo, Sawyer nunca se perdoaria se recuasse.

Um sorriso tomou o rosto de Sawyer, e ela se inclinou, apoiando o antebraço na cama e deslizando uma das coxas entre as de Quinn.

— Você está me dando um argumento convincente.

***

Nem mesmo o cliente mais difícil conseguiu diminuir o brilho de Sawyer naquele dia. E realmente alguns deles tentaram. Nada, nem mesmo Shane, que apareceu uma hora depois que a loja abriu, teve impacto em seu humor.

E por quê? Porque ela dormiu com Quinn McKinley. Ela, Sawyer Kent, teve a incrível oportunidade de ver o corpo de Quinn de perto, de beijar, lamber e tocar em lugares que nunca pensou ser possível.

Tinha corrido bem de maneiras óbvias. Estavam em sintonia sexualmente, e Sawyer adorava que Quinn quisesse despertar sua natureza mais reservada sem nunca ir longe demais.

Mas foram os outros aspectos que fizeram Sawyer sorrir horas depois, enquanto lembrava da manhã. Quinn era doce, atenciosa e tão sexy, que Sawyer às vezes se esquecia de respirar quando relembrava cada detalhe.

Por algumas horas, finalmente desligou o cérebro e apenas se entregou... existiu no momento e se permitiu sentir cada sensação que Quinn arrancou do seu corpo. E, surpreendentemente, não tinha falsas ideias sobre essa coisa entre elas. Eram duas adultas que sentiram atração e agiram com base nesse sentimento. Sawyer estava bem com isso. Mais do que bem, na verdade.

Entre decidir o que fazer com a casa e manter o negócio funcionando, não tinha tempo para mais complicações em sua vida. Embora a situação com Quinn não parecesse simples no papel, era. Ou, pelo menos, poderia ser se ela não cutucasse e analisasse isso por todos os ângulos concebíveis.

Quando Quinn estivesse na cidade, talvez pudessem se encontrar. E, além disso, não havia expectativa entre elas. Sawyer gostava de sexo e, como não era do tipo de uma noite só, ter alguém que pudesse satisfazer essa necessidade de forma casual talvez fosse exatamente o que a manteria sã enquanto descobria os próximos passos em sua vida. Se por acaso

conhecesse alguém, o que era totalmente improvável, cruzaria essa ponte quando chegasse a hora.

Afastou os pensamentos. Pela primeira vez na vida, não precisava complicar as coisas. Em vez disso, se deliciava com a leveza em seus membros e a memória persistente dos lábios de Quinn.

Infelizmente, com todo o seu entusiasmo, ela se esqueceu completamente de pedir a opinião de Quinn sobre a casa. Shane mencionou o assunto duas vezes naquele dia, então estava se tornando um problema mais urgente a ser resolvido.

A loja estava movimentada, e mais importante ainda, Sawyer conseguiu vender algumas das peças maiores que estavam ocupando espaço no showroom. Em vez de substituí-las pelo que costumavam estocar, queria tentar persuadir Shane a adicionar algumas das antiguidades mecânicas que ela terminou de consertar recentemente. Se as visualizações que seus vídeos no TikTok estavam recebendo fossem alguma indicação de popularidade, ela não tinha dúvidas de que venderiam bem. Mas, com o fluxo constante de pessoas na loja, suas lembranças da manhã e seu planejamento para o futuro foram colocados em segundo plano.

Até às seis horas, Sawyer estava morta de cansaço. Só pensava na sua cama quando o sino acima da porta tocou. Na sua lentidão, não conseguiu chegar à entrada a tempo de trancá-la.

Ao olhar para cima, viu Quinn passear pela loja, vestida com a mesma roupa daquela manhã. Uma onda de desejo a atravessou. Ela se concentrou nisso em vez do leve tremor em seu coração.

— Oi, estranha — Quinn disse quando chegou ao balcão. Apoiando as palmas das mãos no balcão, se inclinou para frente, com o sutiã visível logo abaixo do último botão aberto. — Recebi instruções muito claras para te levar ao festival.

— Tem certeza de que é a pessoa certa para essa missão? — Sawyer perguntou, surpresa com o tom de flerte que escapou na sua voz, o cansaço já esquecido.

O olhar de Quinn indicava que talvez não tivesse sido a única a reviver os eventos do dia.

— Você se surpreenderia com o que posso realizar quando me dedico.

— Não duvido.

— Ou o que meus dedos podem. — As bochechas de Sawyer já estavam ficando vermelhas quando Quinn se aproximou e acrescentou: — Ou a minha língua.

O fato de Quinn a desejar, e ainda parecer querê-la depois daquela manhã, tornava um pouco difícil para Sawyer pensar.

— Como devo agir em público quando você diz coisas assim para mim? — ela perguntou com sinceridade.

Quinn sorriu.

— Sempre houve algo em você que me faz querer ir com tudo.

Seja lá o que Quinn via nela, Sawyer desejaria poder enxergar isso em si mesma.

— Então você gosta de me torturar?

Quinn balançou a cabeça, os fios loiros emoldurando seu rosto. Cabelo que Sawyer acariciou apenas algumas horas antes.

— Tortura, não. Provocação. Há uma grande diferença, e se me lembro corretamente, você pareceu gostar disso esta manhã.

Mesmo que tivesse sido uma participante ativa nas atividades daquela manhã, ainda era um pouco difícil assimilar. Tudo parecia perfeito demais, fácil demais. Mas é aquela história: Quinn sempre fora movida a buscar objetivos. Pela primeira vez na vida, Sawyer precisava parar de se

preocupar, especialmente com algo o qual já havia estabelecido limites claros.

— Eu gostei, sim — admitiu. — Muito.

Quinn passou a língua pelos lábios.

— Passei o dia inteiro com as pernas doloridas.

— Minha nossa — Sawyer murmurou, apoiando a cabeça nas mãos.

— Vamos lá. — Quinn segurou a mão de Sawyer e a puxou do banco em que estava sentada. — Tem duas crianças alimentadas com muito açúcar que vão me matar se eu não te levar para o evento. — Ela ergueu as mãos entrelaçadas sobre os itens no balcão e caminhou com Sawyer ao lado, as duas de lados opostos até se encontrarem no final. — Somos as únicas aqui? — Sawyer assentiu, e Quinn colocou as mãos na cintura dela. — Você é um pouco viciante, sabia? — Quinn se inclinou e deu um beijo leve no pescoço de Sawyer.

Era bom ser desejada dessa maneira. Sawyer não se sentia tão desejada há muito tempo.

— E você é uma má influência.

— Então nada mudou, não é mesmo? — Quinn disse com uma risadinha antes de abaixar a cabeça novamente e sugar o ponto em que a veia pulsava no pescoço de Sawyer.

Sawyer estava indefesa, incapaz de fazer qualquer coisa além de se derreter com o toque, aceitando o calor que se instalou baixo em seu abdômen.

— Eu diria que algumas áreas-chave da nossa amizade mudaram.

Quinn olhou para Sawyer sem reservas, os olhos cheios de desejo.

— Tenho de voltar para a cidade amanhã, e não devo voltar aqui por algumas semanas. Posso passar a noite aqui?

Este era o plano. Este era o acordo. Sawyer só tinha um trabalho a fazer, além de proporcionar orgasmos inesquecíveis a Quinn: não se apegar. Ela abaixou a cabeça e chupou de leve o lábio inferior de Quinn antes de soltar com um leve estalo.

— Claro.

CAPÍTULO ONZE

Com a cabeça de Sawyer inclinada para trás e o pescoço esticado contra o travesseiro, Quinn teve alguns segundos de indulgência para observá-la. Aquela mulher realmente era uma maravilha. Braços tonificados pressionados contra a cama. Suas longas pernas estendidas enquanto Quinn descansava entre elas. Pequenas sardas iluminavam sua pele, e era especialmente difícil não prestar atenção especial no ponto onde elas se espalhavam em seu peito. Mas seu foco agora era outro, algo que ela estava realmente desfrutando.

Elas conseguiram ter algumas horas de sono, mas como iria embora em pouco tempo, queria aproveitar ao máximo o tempo juntas. Ela esperou tempo demais para fazer isso. Beijou a coxa macia de Sawyer e depois puxou a perna para colocá-la sobre seu ombro. Isso rendeu um gemido, o que só fez com que Quinn desejasse continuar.

Normalmente quieta e pensativa, Sawyer emitia os gemidos mais expressivos quando estava prestes a chegar ao clímax. Isso criava uma situação em que tudo o que Quinn queria era começar de novo assim que terminavam, determinada a extrair aquele som repetidamente.

— Quinn, minha nossa, você vai me matar — Sawyer falou, ofegante, a cabeça repousada no travesseiro.

— Você morrerá feliz? — ela perguntou antes de passar a língua contra o centro de Sawyer. Mesmo com o histórico das duas, era fácil. Estar com Sawyer era confortável e emocionante. Movendo-se para cima e para baixo, ela explorava sem pressa, fazendo o máximo para prolongar o momento. Quando chegou ao clitóris, usou os lábios para tocar no ponto

sensível e depois para sugar, girando a língua antes de achatar o movimento. As pernas de Sawyer tremeram, e ela prendeu a mão onde a coxa e o torso se encontravam para mantê-la no lugar.

Com mais alguns movimentos deliberados, o abdômen de Sawyer se contraiu, e ela apertou a colcha entre os punhos cerrados. E lá estava. O som que Quinn ouviria em seus sonhos. Era um pouco alto e muito lascivo, todas as coisas que Sawyer não era em público. Talvez isso a fizesse se sentir especial, por poder ver essa parte em si que mais ninguém via. Saber que, apesar da compostura e do foco, havia uma parte além de seu controle cuidadoso, uma parte que agia por impulso e respondia à necessidade.

E não era apenas sobre enxergar isso... era ser a responsável por esse fato que fazia o próprio centro de Quinn doer.

Quando ela subiu na cama, Sawyer já estava em um estado em que conseguia formar frases coerentes novamente.

— Se você sentir algo parecido, não sei como vai voltar para a cidade dirigindo. Minhas pernas estão parecendo gelatina.

Quinn beijou o ombro de Sawyer.

— Eu dirijo muito por causa do trabalho. Confie em mim, uma viagem de duas horas é um sonho comparado ao trânsito de Manhattan.

Ela suspirou quando Sawyer começou a brincar com um fio do seu cabelo loiro.

— Parece estressante.

— Dirigir é estressante, mas eu gosto do restante do meu trabalho. — E realmente gostava, na maior parte do tempo. Não tanto quanto antes, mas o suficiente para ainda se sentir orgulhosa do quanto era boa. O que era surpreendente, considerando que, durante a manhã toda, não pensou na lista de coisas que precisava fazer quando chegasse em casa.

Sawyer se virou e se apoiou no antebraço para olhar para Quinn com os olhos azuis brilhantes.

— Você sempre foi corretora de imóveis? Quero dizer, desde que saiu de Kingsford — ela esclareceu.

O tempo amorteceu as emoções intensas que Quinn sentia quando partiu. Não tinha se tornado mais difícil falar sobre isso, mas geralmente essa não era uma conversa que tinha com pessoas que conhecia naquela época, pessoas conectadas a esse momento de sua vida.

— Quando saí, consegui um emprego como recepcionista em um restaurante em Midtown e, eventualmente, me tornei garçonete. — Dada a breve experiência de trabalho, Quinn não tinha ilusões de que o trabalho havia vindo por qualquer razão além da sua aparência, mas ela trabalhou duro para provar seu valor. — Eu não tinha dinheiro para nada além do aluguel, então andava muito pela cidade quando não estava trabalhando. Cerca de um ano depois de me mudar para Nova York, fiquei amiga de uma das clientes regulares que estava começando sua própria corretora de imóveis. — Quinn sorriu ao lembrar das primeiras conversas com Kristen, quando estava muito encantada com a possibilidade. — Ela precisava de uma assistente e perguntou se eu gostaria de tentar. E foi honesta comigo, o que gostei. Salário bom, mas longas jornadas de trabalho. Basicamente, eu tinha de ser sua sombra, e aquela mulher trabalhava sem parar.

— Você sempre esteve disposta a trabalhar duro.

Só quando Sawyer disse essas palavras, Quinn percebeu que precisava ouvi-las.

— Acho que era bom me sentir vinculada a algo que não parecia uma obrigação.

Sawyer passou a ponta dos dedos pelo braço de Quinn, os olhos azul-escuro estudando-a atentamente.

— É assim que você se sentia em Kingsford? Obrigada?

Quinn franziu os lábios. Falar sobre fatos e sentimentos eram duas coisas totalmente diferentes, mas queria ser honesta com Sawyer. Devia pelo menos isso depois de todos esses anos.

— Meu pai foi embora, e parecia que o mundo da minha mãe desmoronou. Ela não conseguia lidar com essa mudança. Por muito tempo, eu a odiei por isso — disse baixinho. Eram palavras que ela nunca havia dito a ninguém.

— Acho que é justo. Você basicamente perdeu seu pai e sua mãe ao mesmo tempo, e ainda teve de manter a vida familiar de pé para a Kelly. É muito para uma pessoa lidar, especialmente uma criança.

Quinn deu de ombros, como se não fosse um grande problema. Com o passado pairando entre elas, nublando o prazer que tinham acabado de compartilhar, percebeu que não queria mais falar sobre o assunto.

— Prefiro não ficar remoendo isso. Estou me esforçando para reconstruir um relacionamento com minha mãe e minha irmã, e amo minha vida em Nova York. No final das contas, tudo deu certo. — Inclinando-se para frente, ela distraiu Sawyer com um beijo rápido. — Gostaria de saber mais sobre o que você tem feito. Sinto muito pela perda da sua avó, a propósito.

O brilho nos olhos de Sawyer se apagou, mas ela se recuperou rapidamente.

— Obrigada. Tem sido um ano estranho de transição, mas estamos conseguindo dar um jeito.

— Nunca vi nada parecido com as coisas da sua oficina na loja. O que são aquelas coisas?

Sawyer piscou para ela antes de seus olhos brilharem, e Quinn soube que tinha encontrado uma das coisas que animavam Sawyer.

— São antiguidades mecânicas. Principalmente do início ao meio do século XX. Tento encontrar quebradas custando um preço baixo e depois as conserto.

Quinn lembrou da oficina cheia até o teto.

— Parece que você encontrou muitas. Elas têm conserto?

— Elas só precisam de um pouco de ajuda. — O tom sincero na voz de Sawyer fez Quinn sentir um calor no estômago.

— Pode me mostrar uma? — Quinn sempre amou ouvir Sawyer falar sobre suas paixões. Era assim que ela sempre conseguia animar a amiga antes de descobrir que o sexo atuava de forma semelhante. Mas precisava ir embora logo, e se não saísse da cama agora, provavelmente não o faria.

Sawyer assentiu, e Quinn usou toda a sua força de vontade para não a beijar novamente.

Depois de sair da cama, Quinn vestiu sua camisa oversized e abotoou o suficiente para evitar qualquer exposição indesejada.

— Tudo bem eu usar isso na oficina? Preciso de óculos de proteção ou algo assim? — A risada doce que saiu de Sawyer a fez sorrir em resposta.

— Não tem problema nenhum, embora eu recomende usar sapatos.

— Não sei onde estão. — Quando voltaram, na noite anterior, as roupas foram tiradas rapidamente. Encontrar a camisa tão facilmente foi uma surpresa bem-vinda.

Sawyer apontou para a porta que levava à sala de estar.

— Pode pegar minhas pantufas emprestadas.

Quando Quinn voltou, Sawyer estava vestida com uma camiseta e um macacão curto, o cabelo preso em um emaranhado bagunçado de cachos.

— Você tem um pescoço muito sexy — Quinn flertou, incapaz de se conter. Era verdade, gostava dos pequenos toques de cor que surgiam no

peito e pescoço de Sawyer sempre que recebia um elogio.

Soltando um muxoxo indiferente, Sawyer saiu do quarto. No caminho até a sala de estar, com Quinn a seguindo, disse:

— Não sei o que você espera conseguir dizendo essas coisas. Já me levou para a cama.

Quinn deu de ombros.

— Não faz sentido guardar um elogio merecido.

Entraram na oficina, e a postura de Sawyer voltou ao entusiasmo relaxado de antes.

— Quer ver uma máquina que estou consertando ou uma que já consertei?

Quinn ainda sentia a proximidade por causa do sexo, mas se surpreendeu ao perceber que queria parar atrás de Sawyer e abraçá-la. Em vez disso, se forçou a vagar pela oficina, com as mãos entrelaçadas à frente.

— Este é o seu campo, então quero ver o que você quiser me mostrar. — Quando chegou à mesa maior, notou um tripé e uma *ring light*. — Para que serve isso?

— É para fazer vídeos.

Levantando uma sobrancelha, Quinn sorriu e mudou o tom de voz.

— Que tipo de vídeos?

— Controle-se, McKinley — Sawyer disse antes de se aproximar e dar um tapa brincalhão no braço de Quinn. — Você realmente tem uma mente focada.

Quinn deu uma olhada em Sawyer, demorando um pouco mais nos lábios.

— Foi uma transa muito boa. — Pelo menos, Sawyer precisava aceitar isso como um fato.

Sawyer corou novamente, que era a resposta que Quinn desejava receber. Era o que queria muitos anos atrás, e talvez sua nova habilidade de flertar com Sawyer a fizesse se sentir inebriada com o poder. Não significava nada, mesmo que estivesse cautelosa sobre como estava caindo sob o feitiço de Sawyer tão rapidamente.

— Enfim — Sawyer disse, se aproximando da mesa. — Esta é a peça em que estou trabalhando agora. — Ela apontou para o canto. — Oito das outras peças já estão prontas e funcionando.

Quinn fez exatamente o que disse a si mesma que não faria, passou os braços ao redor da cintura de Sawyer e apoiou a cabeça em seu ombro.

— Fale mais sobre elas.

Sawyer recostou-se nela e suspirou. Quinn ficou surpresa, Sawyer não era uma mulher que se distraía com facilidade.

— Quando você me toca, eu mal consigo lembrar do meu nome, quanto mais os nomes de todas essas peças.

Quinn passou a mão pelo abdômen de Sawyer e a puxou para mais perto.

— Isso é ruim?

— Talvez sim, talvez não.

— Gostaria de te ver novamente — Quinn sussurrou perto do ouvido de Sawyer antes de mordiscar de brincadeira. — Podemos até nos encontrar em um lugar público, se você quiser.

Com um gemido, Sawyer se virou e colocou os braços ao redor do pescoço de Quinn.

— Ainda me sinto... conectada a você. Mesmo depois de todos esses anos. É confuso.

Quinn não poderia olhar para outro lugar senão para os olhos expressivos de Sawyer, mesmo que quisesse. Não conseguiria se impedir

tanto quanto conseguiria não admitir a verdade.

— Eu também.

— Eu fiquei realmente brava quando você foi embora. Mesmo que não fôssemos mais amigas e que você estivesse namorando meu irmão.

— É por isso que você não respondeu às minhas mensagens? — Quinn tentou esconder a decepção na voz, sem ter certeza se tinha conseguido.

— E dizer o quê? Eu não sabia o que você queria, Quinn.

— Tudo o que eu queria era ouvir sua voz novamente. E, acredite em mim, se eu soubesse que essa química estava aqui o tempo todo… — Não era exatamente a verdade, mas também não era mentira.

Admitir algo para além disso não faria bem a nenhuma das duas agora.

— Geralmente não sou assim.

Quinn umedeceu os lábios.

— Assim como?

— Com todo mundo, parece que estou sendo pressionada contra minha vontade. Mas com você, eu sempre senti que estava sendo... — Sawyer balançou a cabeça. — Não sei realmente como descrever isso, e não é importante.

Ela colocou um cacho rebelde atrás da orelha de Sawyer.

— Seja lá o que você tenha a dizer, isso sempre será importante.

— Aí está — Sawyer apontou, com exasperação na voz. — É isso que quero dizer. Esse apoio e confiança descarados em mim. Por quê?

Não era como se Quinn pudesse explicar isso também. Era o que a mantinha em Kingsford por tanto tempo e o que a assustava mais do que qualquer coisa.

— Porque você merece.

— Eu só... tem muita coisa acontecendo agora.

Ela assentiu.

— E eu entendo isso — disse, mas também estava acostumada a conseguir o que queria, e o que ela queria era Sawyer. — Estou insensatamente atraída por você. Vou ser aberta sobre isso, mas não estou te pedindo para fazer ou ser algo que você não queira ou não possa encaixar na sua vida.

A expressão de Sawyer era de pura frustração.

— Vinte e quatro horas atrás, eu estava lidando bem com tudo isso. Caramba, doze horas atrás eu estava bem com tudo isso.

— E agora?

Sawyer se inclinou e beijou Quinn de leve.

— Digamos apenas que você também é um pouco viciante.

— Podemos manter isso casual — Quinn propôs. Ainda era mentira se ela esperasse que fosse verdade? Sawyer a observou com desconfiança.

— Podemos?

Quinn assentiu.

— Claro. Somos adultas. Temos vidas para além disso. Parecemos realmente gostar de proporcionar orgasmos uma à outra. Não consigo imaginar como dormir com alguém que eu realmente goste seja uma coisa ruim.

— Por que você sempre diz as coisas de uma forma que as faz parecer tão simples?

— Só parece simples porque você também quer isso.

— Então, quando houver tempo, nos encontraremos. E não desviaremos de nossas vidas normais para fazer isso dar certo.

Quinn assentiu, com a excitação correndo pelo corpo, tentando moderá-la.

— Parece justo.

Sawyer soltou um longo suspiro e piscou algumas vezes. Quinn sabia que ela estava avaliando as opções, analisando a viabilidade. Passou os dedos pelos lábios de Sawyer, trazendo sua atenção de volta.

— Funciona justamente porque não vamos pensar muito nisso.

Os olhos de Sawyer se voltaram rapidamente para Quinn.

— Certo.

— Preciso ir. — Ela deu um beijo casto nos lábios de Sawyer, com cautela para que não se transformasse em algo mais.

Trinta minutos depois, Quinn estava na estrada de volta para Nova York, já pensando na viagem de retorno em duas semanas. Na terceira vez que pensou em fazer a curva na estrada e voltar, se forçou a pensar no trabalho. Tinha um novo cliente e precisava ligar para Sal, para garantir que ele estivesse no caminho certo para terminar seu trabalho em Brooklyn.

Viu? Ela dava conta disso. Tinha de dar, porque qualquer outra coisa seria desastrosa. Não machucar Sawyer era a prioridade número um. Depois disso, era se recusar a considerar, pela primeira vez em muito tempo, que Sawyer ainda exercia uma força sobre ela a qual Quinn não era capaz de combater.

***

Era quinta-feira da primeira semana de junho, e Quinn já tinha trocado de roupa por volta do meio da manhã. A primeira estava muito suada para o seu gosto, depois de correr pela cidade para atender a um pedido de última hora. Geralmente, não lidava com esses pedidos, mas Clark Gleeson viu outra propriedade disponível em seu prédio e estava interessado.

Ela ainda não tinha fechado a casa de Kingsford, mas pedir para ela mostrar outra casa era um sinal de confiança, de que ele achava que Quinn conseguiria finalizar o negócio. E ela conseguiria. Shane Kent era um saco, mas relutar em vender a casa da família não era novidade. Ele ainda tinha oito dias para responder ao prazo estendido da oferta original. Mesmo depois que isso acontecesse, a batalha estaria longe de acabar. Se ele aceitasse, começariam a trabalhar no fechamento. Se ele rejeitasse a oferta, ofereceria mais dinheiro.

Às doze horas em ponto, Belinda entrou em seu escritório com uma salada e utensílios. Ela os colocou ao lado do laptop de Quinn.

— Kristen pediu para você passar no escritório dela antes do final do dia.

Quinn se segurou para não fazer uma careta. Provavelmente era sobre Clark Gleeson. Pelo menos ela tinha boas notícias sobre a outra exibição.

— Obrigada por me avisar — respondeu e apontou para a salada. — E obrigada por isso. — Em vez de comer, olhou para Belinda e começou a entender algo.

Belinda percebeu e a olhou confusa.

— Está tudo bem?

— Você me lembra alguém que eu conheço. Não sei por que não percebi isso antes.

— Espero que você goste dessa pessoa — Belinda respondeu com um sorriso hesitante.

Quinn assentiu.

— Gosto. Ela é ótima. Uma das pessoas mais competentes que já conheci.

Belinda pareceu gostar da resposta. Seu sorriso se alargou.

— Fico feliz em ouvir isso. Há mais alguma coisa com a qual eu possa ajudar?

— Estava me perguntando... — A conversa com Sawyer no último fim de semana a fez pensar. Kristen lhe deu uma chance anos atrás, e ela queria ter certeza de que estava fazendo o suficiente por Belinda e o caminho que a assistente desejava seguir. — Você tem interesse em usar sua licença?

Um brilho de algo que Quinn não conseguiu interpretar passou pelo rosto de Belinda, mas desapareceu rapidamente.

— Na verdade, não pensei muito sobre o assunto. Gosto muito de trabalhar para você.

Isso fez Quinn sorrir, mas ela continuou:

— E você é, sem dúvida, uma parte indispensável desta equipe. Só quero ter certeza de que você está feliz e sente que seu crescimento não está estagnado. E... — Ela tentou encontrar uma forma delicada de dizer a próxima parte. — Seu horário está completamente atrelado ao meu. Sei que isso pode dificultar ter uma vida fora daqui. Embora não signifique necessariamente que teria menos trabalho como agente, você teria mais controle sobre certos aspectos.

Quinn não se considerava especialmente altruísta. Sua lealdade se estendia a Belinda e Kristen, mas isso era algo simbiótico, pois permitia que ela brilhasse mais. Belinda seguir seu próprio caminho seria um golpe em sua própria produtividade, algo do qual Quinn provavelmente nunca se recuperaria. De alguma forma, isso não parecia importar muito.

Dar a Belinda uma chance parecia mais importante, e isso a surpreendeu ainda mais.

Belinda pensou nas palavras com cuidado, por isso não respondeu de imediato. Era exatamente o que Sawyer teria feito, e agora as semelhanças

pareciam dolorosamente óbvias. Isso fazia a decisão parecer dolorosamente óbvia também.

Mas talvez fosse sua mente pregando peças. Longe de Sawyer pelos últimos quatro dias, Quinn ainda esperava encontrá-la, o que só era realidade em uma cidade como Kingsford. Mas não a impediu de ver uma mulher com cabelo escuro na calçada e atravessar a rua para cumprimentá-la, apenas para confirmar que estava imaginando coisas.

E agora, olhando para Belinda, se perguntava se seu último fim de semana com Sawyer foi mais marcante do que ela gostaria de acreditar na época. Porque Quinn a queria por perto, estava se agarrando a qualquer coisa para fazer aquilo soar como se fosse real.

— Enfim — Quinn disse, balançando a cabeça. — Não estou com expectativa de nada, só queria conversar sobre isso com você. Seja lá o que decidir fazer, você tem meu total apoio.

— Eu agradeço. — Belinda se dirigiu para a porta. — Me avise se precisar de alguma coisa após o encontro com a Kristen.

Ela conteve um gemido e forçou um sorriso.

— Pode deixar.

Quinn não voltou para seu apartamento em Chelsea até bem depois do entardecer, o que era ainda mais impressionante à medida que se aproximavam dos longos dias de verão. Pensou em mandar uma mensagem para Sawyer, mas não queria complicar as coisas. As duas tinham concordado em se encontrar quando fizesse sentido. Levando em conta o quanto já estava descompensada, sabia que não traria nenhum benefício um aprofundamento ainda maior.

Ainda assim, isso não a impediu de sentir um pequeno aperto no coração ao pensar no fato de que não veria Sawyer até o próximo fim de semana... se ela estivesse disponível. E uma vez que concluísse a compra da

casa dos Kent, haveria ainda menos razões para ir a Kingsford para além das visitas ocasionais à sua família. O que aconteceria então?

CAPÍTULO DOZE

Kelly olhou para Sawyer, que a encarava de volta. A competição de olhares durou quase um minuto, enquanto os outros clientes do Kingsford Diner permaneciam alheios ao duelo em andamento. Elas não se viam desde o início da semana, então estavam tomando café da manhã na sexta-feira antes do trabalho.

Sawyer foi a primeira a desviar o olhar, se remexendo de maneira desconfortável do outro lado da mesa.

— Por que está me olhando assim?

— O que está acontecendo com você?

Não era como se ela fosse admitir ter dormido com a irmã de Kelly.

— Não sei o que você quer dizer. Tenho andado ocupada na loja. Eu me esqueci do seu aniversário ou algo assim? — Sawyer sabia que não era o caso, mas talvez isso afastasse Kelly do assunto.

— Você está sendo... evasiva. — Foi a palavra que Kelly escolheu. E não estava errada.

Sawyer cancelou o *brunch* na semana passada, desesperada para recuperar o sono depois que Quinn voltou para a cidade. Então, ela não apareceu na liga de boliche das crianças na quinta-feira, embora isso não fosse exatamente por culpa sua.

— Eu te falei, Shane decidiu ir pescar, e eu precisei ficar na loja na quinta-feira.

Era o jeito como Kelly semicerrava os olhos que dizia a ela que ainda estavam longe de terminar esse assunto. Tentava não vacilar sob um olhar

que parecia desconfortavelmente semelhante ao que passou horas memorizando no fim de semana anterior.

— Não é isso.

— Não sei o que te dizer então. — Também não ajudava que Sawyer fosse uma péssima mentirosa. Ela podia sentir a verdade tentando sair de sua boca.

— Eu só... sinto que estamos um pouco fora de sintonia ultimamente. Estou sentindo a sua falta. Espero que saiba que pode me contar qualquer coisa.

Bem, isso não era justo.

Ah, não.

Estava acontecendo.

As palavras começaram a borbulhar. Sawyer não conseguia impedi-las, apesar de estar tentando. Era exatamente o que a fez evitar Kelly durante toda a semana. Ela não colocava tudo para fora há muito tempo, mas provavelmente era parecido com o que Ella sentia depois de se entupir de doces, traída pelo próprio corpo. Quinn McKinley se tornou rapidamente o deleite favorito de Sawyer, e agora ela estava pagando o preço.

Talvez a verdade a fizesse se sentir melhor. Talvez... mas provavelmente não.

Ela estava prestes a descobrir.

— Eu vi a Dani no Jazz Fest — disse antes de rapidamente adicionar: — E dormi com a Quinn — murmurou essa parte, na esperança de que Kelly achasse ter ouvido errado.

A amiga arregalou os olhos, e seus dedos pararam sobre a xícara de café. Finalmente, ela soltou um suspiro.

— Essas coisas têm alguma relação uma com a outra?

Não havia motivo para mentir para Kelly. Esse não era o tipo de amizade que queria construir com ela.

— Talvez, a princípio. Mas então eu dormi com a Quinn de novo, e isso definitivamente não teve nada a ver com a Dani. — Talvez essa última parte fosse exagero, mas era tarde demais para voltar atrás.

Para dar crédito à amiga, ela estava se mantendo mais firme do que Sawyer teria ficado se os papéis fossem invertidos. Kelly pegou seu café e tomou um gole longo, sem dizer nada.

— Eu joguei esse monte de informações em cima de você. O mínimo que você pode fazer é responder. — Ela abaixou a cabeça, sentindo a ansiedade crescer a cada segundo que Kelly continuava em silêncio.

Sawyer se preparou para o impacto.

— Estou feliz por você.

Ela levantou a cabeça, que antes estava apoiada entre as mãos.

— Você está feliz por mim?

— Sim. Eu gosto de você. E, embora ainda esteja conhecendo de novo a Quinn, também gosto dela. Se vocês se gostam, melhor.

Sawyer não conseguia se livrar da sensação de que tudo isso era uma encenação por parte de Kelly, o que era uma projeção da sua própria insegurança.

— É que... parece um desastre iminente, mesmo que estejamos mantendo as coisas casuais.

— Quero dizer... não é como se você tivesse sentido interesse por ela todos esses anos. — Sawyer não falou nada e, pior, não fez um bom trabalho ao esconder as emoções que sabia que apareciam em seu rosto. Kelly soltou um “ah” baixo e se recostou na cabine. — Bem, isso complica um pouco as coisas. — Seu olhar suavizou. — Você nunca me contou.

Porque era constrangedor admitir.

— Nunca contei a ninguém. Nós duas nos afastamos. Ela começou a namorar com o meu irmão. Então foi embora. Não houve um bom momento no meio de tudo isso para mencionar que eu a amava desde o momento em que ela se sentou na minha frente na aula de espanhol e começou a distrair o professor para que ele não me chamasse.

— Você já contou isso a ela? — Sawyer negou com a cabeça. — Vai contar a ela?

— Não estava planejando fazer isso. Estamos fazendo o lance ser simples. E — Sawyer continuou, como se precisasse provar a Kelly exatamente o oposto do que disse um minuto atrás — não é importante. Faz muito tempo, e realmente somos pessoas diferentes.

— Mas... — Ela podia ver que Kelly estava tentando encontrar uma maneira de ter tato na hora de tocar no assunto. — Você gostava dela, e agora foi para a cama com ela. Parece que algumas coisas não mudaram.

— Voltar no tempo e relembrar algo que não pode ser mudado não adianta nada.

— Ela meio que partiu seu coração, não foi? — Kelly perguntou com empatia e um olhar de preocupação. Era a mesma voz que ela usava com as meninas quando estavam tendo um dia ruim e ela tentava ajudá-las a lidar com suas emoções.

— Mas ela não sabia. E saber agora provavelmente só traria uma culpa que não serve para nada.

Surpreendentemente, essa resposta pareceu satisfazer Kelly.

— Deus, cidades pequenas realmente têm dramas de primeira qualidade. E bem debaixo do meu nariz!

A aceitação de Kelly foi um grande alívio para Sawyer, que temia que a amiga ficasse com raiva dela por ter dormido com Quinn, mas não impediu a outra preocupação de crescer rapidamente por seu corpo.

— Eu preferiria que você mantivesse isso entre nós. Nada de contar para Trevor na cama. Definitivamente, nada de mencionar à Quinn.

Kelly colocou a mão sobre o coração de maneira dramática, mas o tom da sua voz era mais sério do que Sawyer esperava.

— Estou magoada que você precise dizer isso.

— Desculpe. É que... quando se guarda algo por vinte anos, a gente se sente um pouco vulnerável ao ver isso se espalhar pelo mundo.

— Você não se sente um pouco melhor?

Sawyer balançou a cabeça.

— Estou apavorada. Se eu estivesse sozinha em casa, provavelmente estaria à beira de um ataque de pânico.

Kelly devia ter notado o tom frenético na voz de Sawyer, pois ela estendeu a mão sobre a mesa e segurou a mão de Sawyer.

— Ei — disse, tentando fazer a amiga olhar para ela. — Não vou dizer nada, e obrigada por confiar em mim o suficiente para me contar. Seu segredo estará seguro comigo.

Com um aceno de cabeça, Sawyer levou alguns segundos para se recompor. Ela sabia que podia confiar em Kelly. O problema era que não sabia se podia confiar em si mesma. Ela e Quinn foram de zero a cem em um fim de semana. Sawyer estava irritada com a precisão dos estereótipos lésbicos naquele momento. Mas havia uma química que não queria negar. Se houvesse alguma coisa, seria estúpido deixar o passado arruinar o presente. Quinn não fez nada de errado todos aqueles anos atrás.

A voz de Kelly cortou os pensamentos errantes de Sawyer.

— Vocês têm planos de se verem novamente?

— Estamos mantendo tudo...

Kelly a interrompeu.

— Casual. Eu sei. Você tinha algum plano de dizer *casualmente* a ela que estará em Nova York neste fim de semana?

Ela considerou essa hipótese, mais do que algumas vezes na verdade, mas não queria parecer desesperada.

— Eu não tinha pensado nisso.

— Você é uma péssima mentirosa. — Era irritante como as duas irmãs McKinley a conheciam tão bem.

Talvez falar sobre isso ajudasse. Ela havia repassado mentalmente a situação a semana inteira. As partes boas, obviamente, como a sensação do corpo de Quinn contra o seu. Mas também as partes que causavam ansiedade, como o que tudo isso significava, um pensamento que surgia toda hora e fazia com que sentisse que não conseguia respirar.

— Acha que seria estranho contar a ela?

— Você tem de fazer o que quiser, mas acho que seria mais estranho não contar. Se está evitando ativamente conversas porque está preocupada com a reação dela, isso já é um mau sinal.

Sawyer assentiu para a lógica irrefutável de Kelly.

— Deus, vocês duas fazem tudo parecer tão simples. Realmente é um dom.

Kelly desconsiderou suas palavras com um gesto.

— Bem, sou terrível em seguir meus próprios conselhos, mas ótima em dá-los. Não sei qual é a posição da Quinn nesse aspecto.

— Então vou mandar uma mensagem para ela — disse, então gemeu ao ver o quanto estava se doando. Um toque de insegurança teria sido mais agradável do que a completa falta de confiança que suas palavras carregavam.

— Se estão em busca de algo divertido e casual, o que pode ser melhor do que se encontrar na cidade e ver para onde as coisas vão?

— Ela provavelmente vai estar ocupada.

Kelly deu um sorriso reconfortante à amiga.

— Pode ser o caso, mas não é como se você fosse aparecer na porta do apartamento dela com um alto-falante para declarar seu amor. Você tem um motivo para estar na cidade, só está avisando a ela que estará por perto.

— Certo — Sawyer disse com um sorriso autodepreciativo. — Porque eu sou Sawyer Kent, uma trintona divertida e despreocupada, com uma relação casual... — Ela parou de falar ao mencionar seja lá o que fosse esse relacionamento com Quinn. Ela gostava das certezas. Gostava de se sentir centrada. Saber como as peças se encaixavam era importante. Sob as palavras persuasivas de Quinn e Kelly, tudo parecia fazer sentido. Só quando deixava sua mente vagar é que as coisas se tornavam nebulosas, até mesmo confusas.

— Você tem uma amante — Kelly disse com uma risada maníaca que atraiu mais do que alguns olhares.

Sawyer corou profusamente e baixou a cabeça de novo.

— Você não pode zombar de mim. Não estou emocionalmente forte para suportar isso.

Kelly se acalmou e puxou a mão de Sawyer para longe do rosto dela.

— Desculpe. Você me diz qual termo quer que eu use quando você estiver pronta, mas até lá, vou chamar Quinn de sua...

Sawyer se arrependeu de ter olhado para cima e visto o sorriso travesso de Kelly.

***

Sawyer não estava se encontrando com seu casinho, como Kelly falou antes de ela se derreter em um lago de vergonha. Não havia um mundo no qual ela fosse descolada o suficiente para fazer isso dar certo. Estava se

encontrando com sua amiga, Quinn, que decidiu acompanhar uma venda de itens no Brooklyn.

Ela pegou o primeiro trem que saía de Kingsford na manhã de domingo, terminando a maior parte de um livro durante a viagem de quatro horas. Era uma viagem longa, mas era melhor ficar assistindo a paisagens e pequenas cidades passarem pela janela do que dirigir.

Nova York não era seu lugar favorito no mundo, mas acabava indo pelo menos uma vez a cada poucos meses para vasculhar vendas de bens, na tentativa de encontrar tesouros perdidos perfeitos para a loja de antiguidades. Havia algo no anonimato que a assustava, o fato de que ela poderia morrer na rua movimentada da cidade sem que ninguém soubesse quem ela era. Kingsford não era uma cidade minúscula, mas dada a loja da família dela, não demoraria até que alguém passasse a informação para as pessoas certas e acabasse chegando aos seus pais. Quem precisava de celulares quando se tinha a fofoca da cidade? Ela sabia que esses pensamentos tinham a voz da sua ansiedade, o medo de estar fora e sozinha no mundo. A situação de Quinn, todos aqueles anos atrás, era praticamente inconcebível para Sawyer. Ela teria murchado nas mesmas circunstâncias, sozinha em uma cidade gigante sem ninguém para chamar de amiga.

Quando Quinn foi embora, pareceu quase injusto o modo como entrou em contato com Sawyer alguns meses depois. Elas não conversaram muito antes da partida, e Sawyer estava com raiva. Raiva por Quinn ter partido sem avisá-la. Raiva por, agora que ela estava longe, Quinn a querer em sua vida. E então o avô de Sawyer adoeceu, e tudo o mais foi jogado para segundo plano.

Ela ainda pensava em Quinn... como poderia não pensar? Mas isso se tornou menos agudo, mais como uma curiosidade sobre se ela gostava do lugar onde vivia ou no que estava trabalhando. Será que ela tinha ido para a

faculdade? Tinha namorado? Era mais fácil dizer a si mesma que Quinn partiu em busca de pastos mais verdes, destinada a algo maior do que Kingsford.

Com a conversa delas na semana anterior, percebeu o quanto esteve errada. Quinn queria partir, mas não era para encontrar algo mais. Tudo o que ela queria era escapar das expectativas opressivas e esmagadoras colocadas injustamente sobre os seus ombros quando ainda era tão jovem. Compreender isso significava algo para Sawyer, e ao entender esses pormenores, a situação já delicada se complicava ainda mais.

Depois de trocar de trem para chegar ao Brooklyn, pegou um táxi até a venda de bens que estava acontecendo em um edifício industrial perto do cais. Quando chegou, o estacionamento de cascalho estava lotado com diferentes tipos de veículos, desde caminhonetes desgastadas até sedãs de luxo. Antiguidades, apesar do estereótipo de riqueza e decadência, podiam ser democratizantes caso se fosse direto à fonte. Vendas de bens eram mais benéficas para pessoas que sabiam o que estavam procurando, já que os preços costumavam ser baseados no desejo de vender rapidamente, não no quanto o item valia de verdade. O lucro surgia quando os vendedores de antiguidades colocavam as mãos nos itens, garantindo que fossem colocados diante dos olhos dos colecionadores certos, que pagariam muito para uma nova adição à sua coleção.

Era por isso que, pela milionésima vez, Sawyer balançou a cabeça com frustração pela relutância de seu irmão em vender antiguidades mecânicas. Era um mercado em expansão, especialmente atraente para os *millennials* e entusiastas de tecnologia, que apreciavam peças que evocavam uma época anterior, mas que ainda eram marcos culturais para eles.

Quando ouviu uma porta de carro se abrir, Sawyer levantou o rosto, distraída de seu monólogo interno, e viu Quinn sair de seu Tesla. Ela estava com um jeans skinny, uma blusa e um casaco leve por cima, o cabelo preso em um coque alto.

Quinn caminhou até a lateral do edifício onde Sawyer estava e estendeu uma pequena sacola de papel.

— Trouxe um bagel para você. Lembro que essa viagem de trem foi um saco — disse com um sorriso fácil.

Era impossível não devolver o mesmo sorriso. Sawyer estava preocupada que ver Quinn pudesse parecer estranho, dada a situação atual, mas olhar para ela, tão deslumbrante e ainda assim real, a acalmou em vez de deixá-la nervosa.

— Obrigada. Você salvou minha vida.

— Devo interpretar de alguma forma o fato de você ter aceitado me encontrar em um lugar público?

Sawyer balançou a cabeça e tirou os óculos de sol. Mesmo que manter o relacionamento delas em Kingsford fosse provavelmente mais seguro, em público ou não, não era isso que ela queria fazer.

— Apenas que eu não tinha dúvidas de que você teria interesse em visitar armazéns empoeirados.

Quinn deu um sorriso charmoso em sua direção.

— Não é um local que venho muito, mas acho que vou me sair bem.

— Certo, bem, essas coisas costumam ser bem discretas — Sawyer disse, explicando o que Quinn deveria esperar enquanto desembrulhava o bagel. — Esta é uma das vendas maiores, mas provavelmente todo mundo está aqui procurando coisas diferentes. — Quinn assentiu, absorvendo as palavras, e Sawyer aproveitou para dar uma mordida no bagel. — Ah, meu

Deus, que gostoso — ela disse enquanto um gemido de satisfação escapava de seus lábios.

Uma expressão nebulosa se firmou no rosto de Quinn, e ela deu um passo para mais perto. Caramba, Sawyer nem sabia o que fazer com um olhar como aquele, intenso e desconcertante, enquanto os olhos de Quinn passeavam pelas suas feições.

— Estou com *cream cheese* no rosto? — ela perguntou baixinho, sem saber o que dizer. Levantou a mão para tocar a pele, mas Quinn a segurou, puxando Sawyer para perto de si.

Com a voz um pouco baixa e muito desejosa, Quinn disse:

— Se vamos fazer coisas públicas juntas, você não pode, repito, *não pode* fazer sons como esse. — Era acusatório da melhor maneira, como se, pela primeira vez, fosse Sawyer a fazer o papel de torturadora. Não que ela soubesse que era isso que estava fazendo, mas gostou do efeito que causava em Quinn.

— Foi um som de apreciação — Sawyer respondeu, tentando não pressionar seu corpo contra o de Quinn, a memória do último fim de semana ainda fresca na pele.

— Que soou injustamente parecido com os sons que você faz quando eu... te aprecio. — Havia uma possessividade na voz de Quinn que fazia o desejo percorrer o corpo de Sawyer.

— Você está com ciúmes de um bagel?

Quinn umedeceu os lábios.

— Não — disse, mas os olhos fixos na boca de Sawyer contavam uma história diferente.

Era intenso saber que o que aconteceu no último fim de semana não foi um acaso. Quinn também sentiu, e ainda estava sentindo, e havia mais do que uma boa possibilidade de que isso acontecesse novamente.

Sawyer apontou para o bagel em sua mão.

— Vou terminar isso... e tentar ser respeitosa com suas sensibilidades agora.

— Obrigada — Quinn disse com um tom sério, se não um pouco irritado. Isso fez Sawyer querer rir.

— E então vamos entrar naquele prédio... — Sawyer não sabia o que estava acontecendo com ela. Algo sobre o desejo descarado no rosto de Quinn, o modo aberto como ela reconhecia o desejo fluindo entre as duas a fez querer retribuir o sentimento. E, pela primeira vez na vida, estar longe de Kingsford parecia mais seguro, porque Quinn estava com ela, mas também porque parecia um pouco surreal, como se aquele momento estivesse acontecendo com outra pessoa. Alguém mais corajoso. Alguém que tivesse a coragem de se entregar ao momento e beijar Quinn antes de dizer: — E eu não pensarei em te fazer gozar.

CAPÍTULO TREZE

Toda vez que Quinn pensava que estava firme, Sawyer fazia algo que desintegrava o chão sob seus pés. O gemido do bagel foi um acidente, ela sabia disso, mas tudo o que veio depois... uau. Ela mal sabia o que era direita, o que era esquerda. Levou uma hora vagando pelos corredores de antiguidades antes de começar a recuperar um pouco da compostura.

Quando entraram, Sawyer recebeu alguns adesivos, onde ela escreveu SK em letra cursiva. Enquanto vagavam pelos corredores, Quinn tentava, sem muito sucesso, focar em qualquer coisa além da sensibilidade entre suas pernas, enquanto Sawyer colocava adesivos em itens não etiquetados que queria comprar.

Duas horas depois, e com a maior parte do prédio vasculhada, Sawyer parou diante de uma variedade de itens antigos e disse, ofegante, de uma forma que fez o corpo de Quinn despertar:

— Eu estava esperando encontrar alguns desses.

Parecia uma máquina caça-níqueis muito antiga, embora o vidro estivesse sujo, e o metal do gabinete empoeirado provavelmente já tenha sido lustroso em algum momento.

— O que é isso? — Quinn perguntou, franzindo a testa para a peça que estava capturando a atenção de Sawyer.

— Acho que é um Columbia Mech, da Groetchen. — A empolgação de Sawyer era contagiante, mesmo que Quinn não soubesse o que isso significava. Seu estômago deu uma pequena reviravolta quando Sawyer pegou sua mão e as puxou para mais perto. — Veja — disse, apontando para a máquina. — Tem cinco roldanas e, se eu estiver certa, dentro há uma

única haste que move os mecanismos quando um pagamento é detectado. Tem até o vidro frontal circular. — O que só poderia ser descrito como admiração se infiltrou na voz de Sawyer, e ela se inclinou para mais perto, como uma criança, para ter uma visão melhor.

Quinn sabia que Sawyer não estava olhando para o que estava fisicamente à sua frente, ela estava olhando para a possibilidade, para tornar algo melhor do que era quando o encontrou. Era uma das coisas que ela sempre gostou na amiga, e estava feliz em ver que isso não diminuiu com os anos.

— É valioso? — Quinn perguntou, não sabendo exatamente quais perguntas fazer. Isso era extremamente estranho para sua área de expertise, mas ela queria que Sawyer continuasse falando apenas para ouvir o som de sua voz.

— Não muito em comparação com outras antiguidades. É só... muito legal.

Quinn sorriu e apertou a mão de Sawyer.

— Conte mais sobre isso.

O rosto de Sawyer brilhou.

— Bem, era muito mais barato de fabricar do que outras máquinas caça-níqueis da época, mas também era propenso a travar. Não espero que esta funcione, mas sei que posso consertá-la. — Ela respirou fundo e começou a despejar mais informações de sua mente enciclopédica. — Olha ali... — disse e apontou. — Um operador poderia trocar as denominações de moedas no local se quisesse cobrar mais por jogada. — Sawyer se inclinou mais para perto e, quando o fez, seus dedos se entrelaçaram com os de Quinn e a seguraram firme.

Fazia tanto tempo que Quinn não se sentia tão empolgada com nada, e era fácil se deixar levar pelo entusiasmo de Sawyer.

— Você vai levar, não vai?

— Não conseguiria me perdoar se não levasse.

— Janta comigo? — Era a mesma pergunta que ela fez algumas semanas antes, embora a natureza de seu relacionamento tivesse mudado significativamente desde então. E mais uma vez, como se estivesse presa em algum tipo de loop temporal estranho e infinito, Quinn não planejou fazer o convite, mas as palavras saíram antes que pudesse se preocupar com como seriam recebidas. Era apenas uma amiga convidando outra amiga para jantar. Só que agora elas tinham feito sexo. Um sexo muito, muito bom, mas, ainda assim, apenas sexo. Não era um encontro, e não precisava ser complicado, mas a ideia de se separar de Sawyer depois de ver seu entusiasmo descarado parecia errada. Ela queria se apegar a isso. Poder se envolver nesse sentimento, na proximidade que não sentia com outra pessoa há muito tempo.

A julgar pela expressão de Sawyer, Quinn se perguntou se cometeu um erro. Finalmente, com as bochechas de um tom rosa-claro que Quinn queria tocar apenas para ver se eram tão macias quanto pareciam, ela disse:

— Não é que eu não queira, mas não posso perder o último trem.

— Você pode ficar na minha casa — Quinn ofereceu, novamente se recusando a usar a parte cognitiva do cérebro e decidindo agir apenas com a emoção. Porque, claro, a abordagem certa quando alguém está preocupada com o jantar é oferecer para passar a noite.

O rubor de Sawyer intensificou-se dez vezes, como se Quinn tivesse pedido para ela correr nua pela Times Square. Havia momentos em que Quinn ficava contente que Sawyer seguisse seu próprio ritmo, e então havia momentos, como agora, quando a tomada de decisão parecia a única opção.

— Isso te deixa nervosa? — Quinn afastou um fio de cabelo encaracolado do rosto de Sawyer apenas para aproveitar o contato.

— Isso complica as coisas... — Sawyer respondeu após alguns segundos de contemplação, mas Quinn não deixou de notar como ela encostou a bochecha na sua mão.

— Por quê? Eu passei a noite na sua casa.

Sawyer soltou uma risada.

— Sim, mas isso parece mais intencional.

Quinn assentiu, não entendendo muito bem por que ela se recusava a entender.

— Eu sou muito intencional em querer passar tempo com você. — Ela enrolou um cacho ao redor dos dedos e brincou com os fios. — E acho que, enquanto formos honestas uma com a outra, tudo vai ficar bem.

— Bem, se eu for honesta — Sawyer conseguiu dizer —, você flerta comigo, e isso me faz querer cair na cama com você.

Um calor percorreu o corpo de Quinn com as palavras sinceras de Sawyer. Realmente, as surpresas que essa mulher lhe proporcionava inadvertidamente não acabavam. Na verdade, sabia que Sawyer estava apenas sendo honesta, como havia pedido, e não flertando com ela. O problema era que isso só fazia Quinn a querer ainda mais.

— E isso é um problema?

Sawyer balançou a cabeça. O rubor persistente em suas bochechas se acalmou, mas não desapareceu.

— Mas o acordo era continuar fazendo o que estamos fazendo e, quando for para ser, será. E eu pretendia ir para casa de trem esta noite.

Ela esqueceu o quanto Sawyer conseguia ser lógica. E talvez, se Quinn realmente fosse sincera, saberia que ficar com Sawyer naquela noite adicionaria uma camada de complicação ao bom momento que estavam vivendo.

Mas queria Sawyer em sua cama, com seus cabelos escuros espalhados sobre os lençóis de fibra de bambu exorbitantemente caros. E queria saber, se tivesse chance, se ela se agarraria à cabeceira de metal para ter mais apoio enquanto Quinn provocava os seus sons preferidos, os gemidos de Sawyer.

Deixando de lado seus desejos, Sawyer merecia respeito e nunca deveria ser pressionada para algo com o qual não se sentisse confortável. Soltando um suspiro moderado, ela deu um pequeno passo atrás e passou a mão pelo rabo de cavalo.

— Você está certa. Está absolutamente certa.

Sawyer inclinou a cabeça para o lado.

— Estou?

Quinn assentiu.

— Está. Tive um dia divertido com você, então podemos deixar assim.

— Eu não estou... — Sawyer soltou seu próprio suspiro instável. — Eu não estou tentando te confundir. Juro.

— Sei que não. Esta situação, por mais casual ou descomplicada que queiramos tornar nosso relacionamento, tem alguns aspectos delicados.

— Por sua irmã ser minha melhor amiga?

— Claro, digamos que é isso — Quinn disse, o que lhe rendeu um revirar de olhos de Sawyer.

— Mas... e no próximo fim de semana? — Sawyer perguntou, com sua voz suave que era uma mistura de esperança e nervosismo. Isso fez Quinn lembrar de quando tinha quinze anos e de quando Sawyer começou a dar pequenos passos em sua direção, antes de tudo desmoronar.

Quinn sentiu os lábios se curvarem em um sorriso genuíno, apesar de tudo não estar saindo do jeito que ela queria. Seu estômago se agitou de

animação, como se ela realmente fosse uma adolescente novamente, com a possibilidade se desenrolando diante dela.

— No próximo fim de semana.

***

O fim de semana seguinte chegou mais rápido do que Quinn esperava, mas não pelos motivos que desejava. Se, por um lado, Sawyer permaneceu em sua mente a semana toda como uma música presa no *repeat*, seus planos de sexta-feira com a família deixavam Quinn mais inquieta do que o habitual.

Mesmo que seu primeiro encontro com a mãe tivesse sido positivo, era apenas um começo, não um desfecho. Essa nova e hesitante versão de relacionamento familiar estava apenas começando. Quinn sentiu a dor aguda de feridas antigas conforme a semana avançava. Com tempo e espaço para lembrar, as memórias ganharam forma, deixando-a um pouco mais instável do que gostaria.

Foi mais fácil manter tudo guardado em um canto da mente para o qual não costumava ir. Somando o trabalho e, bem, mais trabalho, além dos casos que ela teve naqueles anos, desde que se encaixassem em sua agenda, não havia muito tempo para introspecção. E, na verdade, preferia assim. Olhar para esses sentimentos significava navegar sem bússola, o que poderia ter o desagradável desfecho de reabrir velhas feridas. Era como passar o dedo sobre uma crosta que se pensava ter cicatrizado e depois descobrir que a recuperação era superficial e a ferida persistia por baixo.

Quinn estava feliz que a mãe estivesse se recuperando, mas será que ela seria capaz de perdoá-la de verdade? Mais de uma vez, se perguntou se fazer esse caminho não era apenas uma caminhada longa e infeliz em direção à decepção. Mas não, ela ainda precisava fazer isso. Pelo menos,

queria manter Kelly em sua vida, e tentar se aproximar da mãe era o mínimo necessário para que isso acontecesse.

Kristen, à sua maneira, apareceu em seu escritório na manhã de sexta-feira e deixou claro, em termos inequívocos, que esperava uma atualização positiva sobre a casa Kent até o final do fim de semana. O trabalho era a última coisa na sua mente, e foi quase um pensamento secundário marcar um encontro com Shane. O que era incomum para ela, algo que não sabia bem como lidar. Ela se sentia fora de sintonia. Normalmente, estaria trabalhando em propostas alternativas ou procurando informações privilegiadas para ajudar a fechar o negócio. Em vez disso, estava apenas passando pelos protocolos usuais em um dos negócios mais importantes de sua vida. Pelo menos, era um negócio que poderia abrir um mundo de novas portas para ela.

Enquanto dirigia para Kingsford, a ansiedade se estabeleceu em seu estômago, e a única porta na qual ela pensava era a que levava à oficina de Sawyer. Infelizmente, qualquer encontro teria de esperar. Ela deixou a cidade por volta das três e, depois de enfrentar o trânsito do fim de semana, chegou a Kingsford três horas depois. Foi tempo suficiente para deixar suas malas na pousada em que ficou na primeira semana, retocar a maquiagem e sair novamente para o calor persistente do verão.

O calçadão ao longo do rio estava cheio de turistas. Havia crianças de várias idades diante da grade de madeira, olhando para a água. Algumas estavam com os pais e gesticulavam animadas quando um barco passava. Outras, mais velhas, pareciam desinteressadas da maneira que apenas adolescentes sempre conseguiam parecer. Quinn lembrava bem daquela idade, mas, para ela, era como se uma linha gigante tivesse sido desenhada através dela. Podia ver duas versões de si mesma em pé naquela grade. Havia o tempo antes de seu pai ir embora, quando ele estava

emocionalmente ausente, mas fisicamente presente, e Quinn fazia um bom trabalho em seguir com a vida, fingindo que tudo estava bem. Ela ria e participava. As coisas não estavam boas, mas tudo seguia de pé, estáveis até. Quando seu pai lhe disse que estava indo embora, o tempo para se ajustar não foi além de uma conversa de cinco minutos, quando ela voltou da escola e viu as malas prontas.

Depois disso, tudo foi diferente.

Era uma segunda-feira no meio da temporada de basquete, algumas semanas antes das férias de inverno do seu penúltimo ano. Ela conseguiu fingir que estava tudo bem na primeira semana, passando pelas rotinas da escola e dos treinos. Estar ocupada ajudou, e só no primeiro fim de semana que ele estava ausente que sua nova realidade começou a tomar forma. De alguma forma, parecia errado dizer que ela se acostumou com aquilo. Mais precisamente, a nova realidade se acomodou ao seu redor, e Quinn teve de aprender a atravessar um mundo que parecia uma existência alternativa, forçada a viver no espaço que restava. Com o passar dos dias, a mãe foi se afastando cada vez mais. Preparar o almoço se transformou em deixar o dinheiro do almoço na mesa, o que eventualmente deixou de existir, enquanto Kelly, confusa, perguntava à irmã o que estava acontecendo.

E, sim, se ela cutucasse a ferida até doer, o ressentimento viria à tona. Ressentimento com a mãe. Com o pai. Com circunstâncias fora do seu controle que a arrastavam como um tronco no rio. Ela passou os quase vinte anos seguintes se certificando de que, não importava o que acontecesse, estaria no controle.

Se cutucasse a ferida mais fundo, pressionando até que a dor se tornasse um entorpecimento, ela pensava em Sawyer. Sawyer, que foi o equilíbrio perfeito entre quietude e força, para ajudá-la a superar aqueles primeiros meses. A pessoa que sempre parecia carregar lanches extras na

mochila e estava disposta a *estar* com ela, fosse um dia bom ou ruim. Sawyer, com dezesseis anos, não tinha medo de situações difíceis, especialmente quando seu papel era oferecer apoio.

No final das contas, Quinn se afastou. Era algo que ela nunca planejou admitir porque acabaria com todo o propósito do que ela fez. Arrastar-se pela própria existência era uma coisa... mas Sawyer? Não foi justo com ela.

O arrependimento é uma coisa curiosa. Quinn agiria diferente se tivesse a chance de voltar no tempo? A resposta não importava, porque já tinha acontecido, mas isso não a impedia de fazer a pergunta.

Ela chegou à pista de boliche na hora. O cheiro de pipoca e do carpete levemente enjoativo eram uma distração bem-vinda das memórias que não a ajudariam a encarar as próximas horas.

Kelly, sua mãe e as meninas já estavam lá quando Quinn virou à esquerda e desceu os poucos degraus até a área de lounge atrás das pistas.

— Oi — sua mãe a cumprimentou, desviando a atenção de Ella, embora não tenha feito menção de abraçá-la. Quinn ficou grata por isso e interpretou como um reconhecimento de que a mãe entendia que as coisas não estavam magicamente melhores após uma única conversa cheia de lágrimas.

— Oi, Quinn — Kelly disse, com um sorriso imenso no rosto enquanto tentava fazer tranças em Luna.

— Eu quero que a Saw-Saw faça minha trança — Luna reclamou, se movendo animada entre as pernas da mãe.

Depois de um suspiro derrotado, Kelly se inclinou para trás e deixou Luna correr solta.

— Chamam essa idade de *atreslescência*.

Quinn não tentou esconder a risada, mas um suspiro surpreso ficou preso na garganta quando Luna contornou a devolução de bolas e esmagou seu corpinho contra as suas pernas, passando os braços pequenos ao redor delas.

— Oi, Quinn. Eu gostei do seu cabelo. Parece com o meu.

Kelly a olhou com uma sobrancelha arqueada, observando a cena se desenrolar. Sua mãe também estava permitindo que o momento evoluísse de maneira orgânica, mantendo o foco em Ella enquanto ela seguia colorindo um desenho na pequena mesa entre os sofás de frente um para o outro.

Ela deu a Kelly um olhar questionador e murmurou para a irmã:

— Tudo bem? — Kelly assentiu. Quinn se abaixou e encontrou o olhar brilhante e curioso de Luna. — Bem, sua mamãe te contou que ela é minha irmã. Isso significa que você e eu também somos parentes. Às vezes, pessoas que são parentes se parecem.

Luna franziu a testa e estendeu a língua enquanto usava a pequena mente no que parecia ser sua capacidade total.

— Como eu e a vovó?

— Exatamente assim! Sua vovó é minha mãe. — Ela se perguntou se estava se aprofundando demais ao dizer: — Então eu e sua mamãe somos como você e a Ella. Nós somos irmãs.

O rosto de Luna se iluminou, e seus olhos se abriram com surpresa.

— Como Anna e Elsa — ela sussurrou.

— São meninas da sua turma? — Quinn perguntou.

A menininha riu como se fosse a coisa mais engraçada do mundo antes de soltar um suspiro dramático.

— Não, boba. Elas são do *Frozen*.

— Ah, do filme.

— Você já viu? — Luna perguntou, aproximando as mãozinhas para brincar com o cabelo de Quinn.

Ela não queria considerar todas as coisas que os dedinhos de Luna provavelmente tocaram naquele dia enquanto ela deixava a pequena brincar com seu rabo de cavalo. De algum modo, isso não parecia importar muito.

— Não.

— Humm. Vamos assistir quando você vier aqui. — Quando Kelly encontrava tempo para dormir tendo essas duas? Suas meninas eram brilhantes e curiosas, e constantemente propagavam uma ideologia de "quanto mais, melhor". Quinn se surpreendia que não tivessem horários fixos para visitas na residência dos McKinley-Warren.

Era agradável, de certa forma. Já fazia muito tempo que ela não era convidada para algum lugar que não tinha relação com trabalho.

— Parece divertido, mas precisamos garantir que sua mãe esteja de acordo.

Luna virou a cabeça e gritou:

— Mamãe, a Quinn pode vir aqui para assistir Frozen?

Kelly assentiu.

— Claro que pode, mas a Quinn está muito ocupada, então pode ser que não seja neste fim de semana.

— Eu posso... — Quinn pigarreou. — Quer dizer, eu estou livre este fim de semana.

— Legal — Luna disse, já se afastando para ver o que Ella estava fazendo.

— Ótimo. — O rosto inteiro de Kelly se iluminou com um sorriso, e isso fez com que Quinn se lembrasse bem de quando eram crianças e a irmã achava que ela era perfeita. Levantando-se, ela gesticulou para Ella e Luna. — Meninas, podem escolher algo do bar de lanches e depois vamos dar um

oi para o papai. — Canetinhas foram deixadas de lado. Distrações esquecidas. Quinn tinha quase certeza de que Ella já estava a meio caminho da lanchonete antes de Kelly terminar a frase. — Alguém quer alguma coisa? — Kelly perguntou, deixando claro que nem Quinn nem a mãe estavam convidadas a acompanhar.

E assim as deixou sozinhas. Juntas.

Para começar uma conversa que estava vinte anos em construção.

Em vez de pensar no que estava prestes a acontecer, ela pensou em Sawyer novamente e na pergunta que fez a si mesma durante o trajeto.

Quinn agiria de outra forma se tivesse a chance de voltar?

A resposta a deixava indecisa, não importava qual escolha tivesse feito. Ficar parecia uma morte vagarosa com a possibilidade incerta de um amor jovem. Partir significava fechar a porta para a pessoa que ela mais amava no mundo, mas dando a si uma chance de liberdade e autonomia. Mas quando olhava para seus sentimentos e cutucava a ferida até que sua visão embaçasse e ela achasse que poderia desmaiar de dor, sabia a verdade. Permaneceu em uma prateleira, escondida nos fundos de sua mente, todos esses anos. Se tivesse tido coragem de dizer a Sawyer como se sentia naquela época, e se por algum milagre dos deuses Sawyer sentisse a mesma coisa, ela não teria conseguido partir.

Quinn afastou o arrependimento e se sentou no sofá ao lado da mãe. Ela se sentia encorajada pela noção de que, embora tivesse perdido tempo com Sawyer, ainda não havia perdido sua chance.

Com um sorriso cauteloso, olhou para sua mãe e disse:

— Então, acho que ficamos de conversar sobre algumas coisas.

A mãe a olhou de volta com uma mistura tão potente de tristeza, esperança e amor, que apenas vê-la capaz de demonstrar essas emoções

novamente, de sentir algo depois de ter sido o fantasma de uma pessoa que Quinn conheceu quando partiu, a fez querer chorar de felicidade.

CAPÍTULO CATORZE

A noite de filmes na casa dos McKinley-Warren foi dramática. Somando a escolha de qual filme assistir, a batalha pelos petiscos e a capacidade de duas crianças pequenas de ficarem gigantes quando se estendem no sofá, Sawyer precisava se preparar para a batalha quando entrasse pela porta.

Mas ela ainda sorria lembrando dessas coisas enquanto trancava a loja na noite de sábado. Porque Luna a rodearia como um filhote animado. E Ella ficaria tão absorta no filme que, às vezes, erraria a boca ao tentar comer uma pipoca. E Kelly, que para Sawyer era uma verdadeira super-heroína, teria a chance de adormecer na poltrona sabendo que as meninas estavam sendo cuidadas por algumas horas.

A família de Trevor sempre foi dona da pista de boliche. Quando sua mãe faleceu inesperadamente há alguns anos, razão pela qual Sawyer se tornou tão amiga de Kelly, eles tiveram de decidir o que fazer. Trevor já gerenciava alguns aspectos do negócio familiar, mas assumir as responsabilidades diárias, além de lidar com a perda de seu último parente vivo, não era tarefa fácil. Ella estava com um ano, e Kelly estava grávida de Luna na época. Eles enfrentaram o desafio da melhor forma que conseguiram, apoiando-se mutuamente, com Sawyer por perto ajudando sempre que possível.

Ela nunca disse a Kelly, mas havia uma parte sua que era grata por ter tido a chance de estar ao lado dela, de apoiar a amiga em um momento difícil de uma maneira que não pôde fazer com Quinn.

Talvez, se tivesse feito, Quinn não teria sentido que partir era sua única opção.

Sawyer e Kelly não falaram sobre Quinn nos primeiros dias, e à medida que a amizade cresceu, Sawyer não quis tocar no assunto. Com exceção de um “ah, você era amiga da minha irmã” vindo de Kelly, quando se conheceram na loja de antiguidades, não tocavam no nome de Quinn. Sawyer supunha que era mais fácil para as duas assim.

Mas agora Quinn estava de volta, de certa forma. Vinha construindo um relacionamento com a irmã. Fazendo... seja lá o que ela estava fazendo com Sawyer. A linha reta entre ela e Kelly se tornou um triângulo, e Sawyer estava tentando ao máximo navegar nessa crescente complexidade.

Por isso, quando abriu a porta da casa de Kelly sem bater, porque essa época já tinha passado, e virou a esquina para a sala de estar, teve de controlar suas expressões ao ver Quinn sentada entre duas crianças muito animadas.

Ela teria uma conversa com Kelly mais tarde sobre a completa falta de aviso... ou melhor, emboscada, se fosse mais honesta com suas palavras.

— Saw-Saw — Luna gritou, descendo do sofá da maneira desajeitada, mas corajosa, que só uma criança de três anos conseguiria fazer. Ela correu e estendeu os braços para ser levantada. Sawyer a atendeu sem hesitar.

Ela colocou os braços ao redor da pequena e a apertou com força antes de beijar sua bochecha.

— E aí, o que está pegando no parquinho, meu toucinho?

— Nada. O que está fazendo de bom, meu bombom? — Luna respondeu, explodindo em risadas. Elas vinham ensaiando essa troca de palavras há quase um ano, e Luna finalmente estava ficando boa nisso.

— Vejo que temos uma nova convidada esta noite. — Sawyer acenou para Quinn e deu um sorrisinho, mantendo a maior parte de sua atenção focada em Luna. Quinn estava à vontade e relaxada, usando um short de linho e camisa branca sem mangas que destacava seus braços tonificados.

Quinn retribuiu o sorriso e passou a mão pelo cabelo loiro, que estava solto esta noite, caindo ao redor dos ombros.

— Ouvi dizer que *Frozen* é um filme imperdível.

Sawyer gemeu. Era um bom filme, mas eles já o assistiram pelo menos meia dúzia de vezes só naquele ano. Pelo menos com um filme novo, ela teria mais chance de se concentrar em qualquer coisa que não fosse Quinn, que provavelmente estaria a poucos metros dela enquanto assistiam.

— Você não é fã? — Quinn provocou, baixando um pouco a voz enquanto seu olhar passeava pelo corpo de Sawyer.

— Por que seu rosto está todo vermelho? — Ella, que Sawyer havia assumido não estar prestando atenção, a observava do sofá ao lado de Quinn, que levantou uma sobrancelha ao ouvir a pergunta.

— Porque sua irmã é um forno ambulante — Sawyer disse rapidamente enquanto colocava Luna no chão.

Luna pisou descalça no carpete.

— O que é isso?

— Significa que você gera muito calor — Quinn explicou, com os olhos ainda fixos em Sawyer, curvando os lábios em um sorriso injustamente revelador.

— Oh — Luna disse, lutando para entender e absorver o significado daquilo.

Um segundo depois, Kelly passou pela porta da cozinha com três pequenas tigelas de pipoca.

— Oi, Sawyer. Bem que achei ter ouvido sua voz.

— Oi, Kelly — Sawyer respondeu impassível.

Ela meio que adorava que Kelly não se incomodasse com o caos que estava causando.

— Quinn conseguiu vir ver o filme conosco hoje. Não é ótimo?

— Ótimo mesmo — Kelly ecoou enquanto entregava uma tigela de pipoca a Sawyer.

Luna, que estava entre elas, protestou.

— Eu já sou grande para segurar a tigela.

Sawyer riu, lembrando-se dos muitos desfechos da corrida de Luna em busca de independência.

— Da última vez que assistimos Frozen, você caiu do sofá cantando.

— Mas era uma música boa — Ella veio em defesa da irmã. As duas podiam brigar feito gatos e cães, mas eram inseparáveis quando necessário.

Sawyer adorava a camaradagem das duas, e quando lançou um olhar furtivo para Quinn, viu a emoção em seu rosto enquanto observava a cena. O sorriso de momentos antes foi substituído por um que não chegava aos olhos.

Kelly caminhou até a poltrona afastada do sofá e colocou uma das tigelas de pipoca ao lado.

— Eu fico com a poltrona. — Ela apontou para Sawyer e Quinn. — Parece que sobrou para vocês duas ficarem com as pestinhas.

Estava tudo bem. Tudo ficaria bem. Eles estavam em uma sala cheia de outras pessoas, e mesmo que a pressão arterial de Sawyer subisse sempre que Quinn estivesse perto, ela conseguiria se controlar. Era uma mulher adulta. Uma adulta incrivelmente composta.

Assim como quando eram mais jovens, Quinn parecia ter algum tipo de código secreto para contornar todas as defesas e intenções de Sawyer.

Ainda estava pensando no fim de semana passado e nas palavras provocativas que saíram de sua boca, tão diferentes de seu comportamento habitual, mesmo nos dias mais corajosos. Quinn fazia Sawyer querer fazer mais. Ser mais.

Mas, esta noite, o papel de Sawyer era ser uma amiga da família em uma noite de filme e evitar que as meninas derrubassem pipoca na sala toda. Era uma tarefa na qual ela se jogaria de corpo e alma, porque a alternativa era ficar espiando Quinn e se perguntando desesperadamente o que a outra mulher estava pensando.

Sawyer respirou fundo e começou a atravessar a sala para se sentar em uma das extremidades do sofá. Poderiam se sentar em uma disposição adulto-criança e todos ficariam felizes, especialmente ela.

Mas Luna tinha outros planos.

— Eu quero a ponta — disse, passando por Sawyer e atirando seu corpo no sofá. Ela já estava toda esticada antes que Sawyer tivesse a chance de processar sua corrida pela sala.

Ella, não querendo ficar para trás em relação à irmãzinha, rastejou sobre Quinn e ocupou a outra extremidade.

— Eu também.

Só havia um espaço restante entre Quinn e Luna para Sawyer se sentar. Grande o suficiente para ela caber, mas pequeno o bastante para haver uma possibilidade clara de seus braços e coxas se tocarem. Depois do que já fizeram juntas, isso não deveria deixar Sawyer nervosa. Talvez fosse exatamente por causa do que fizeram que isso a deixasse inegavelmente nervosa.

Ela suspirou derrotada, mas não se sentou. Como aquelas crianças ocupavam tanto espaço?

Quinn bateu no assento vazio.

— Eu não vou morder.

— Chomp, chomp — Luna disse, antes de rir descontroladamente da sua piada. Quando Sawyer finalmente se sentou, a menina se inclinou sobre ela para olhar para a tia com seriedade. — Eu mordi a Ella e me dei mal, então nada de mordidas.

Quinn concordou com a cabeça, e Sawyer pôde ver as bordas dos lábios de Quinn se curvando para um sorriso que ela tentava esconder.

— Farei o meu melhor.

— Certo — Luna falou, soltando um longo e expressivo suspiro, como se tivesse visto as verdades da guerra e estivesse de volta para contar a Quinn a história. — Mas eu fui colocada de castigo por tipo... para sempre. Só estou avisando.

Kelly entregou a outra tigela de pipoca para Quinn antes de apagar as luzes. Depois que Kelly se sentou, ela balançou a cabeça.

— A parte das mordidas foi uma surpresa. Muito divertido.

— Saw-Saw disse que a Ella estava azeda. — A voz de Luna saiu ofegante quando ela adicionou seriamente, ainda olhando para Quinn: — Eu quis ver se estava mesmo.

Quinn riu então. Lentamente no começo, mas quanto mais pensava na cena, mais engraçado se tornava. Ela colocou os braços ao redor do corpo e tentou se controlar, o que não parecia estar acontecendo facilmente. Finalmente, enxugou uma lágrima do olho e se acalmou enquanto todos a observavam com níveis variados de surpresa.

— Desculpe. É que isso foi... pelo menos havia uma razão — ela disse antes de olhar para Luna e acrescentar: — Mas você está certa. Não é legal sair mordendo as pessoas.

— Eu seeeeei — Luna choramingou enquanto se empurrava contra o sofá e cerrava as pequenas mãos. — Eu pedi desculpas.

Olhando com um semblante arrependido, Quinn se inclinou sobre Sawyer para olhar para a menina novamente.

— Eu sei, querida. Foi muito legal de sua parte pedir desculpas.

Sawyer puxou o ar e tentou se encolher o máximo possível, mas não adiantou.

O antebraço de Quinn roçou no seu antebraço coberto pela camiseta, tornando quase impossível esconder a respiração ofegante. Seria mentira fingir que não pensou em Quinn em muitos tipos de situações na semana passada, embora nenhuma fosse tão amigável para a família quanto a que estavam no momento.

Quinn deu um sorriso para Luna e se acomodou de volta em seu lugar antes de olhar para Sawyer, as duas se recostando no sofá. Kelly aproveitou o intervalo na conversa para iniciar o filme, o que imediatamente capturou a atenção de todas. Pelo menos, todas que não estavam em um estado de pânico induzido pelo desejo.

— Desculpe — Quinn falou baixinho, como se soubesse exatamente o impacto que estava causando em Sawyer.

— Está tudo bem — Sawyer sussurrou de volta. O calor pulsava por suas veias só com aquela conexão simples. Ela sentiu falta disso na última semana.

Quinn balançou a cabeça e se inclinou mais para perto, para que seus lábios ficassem próximos ao ouvido de Sawyer.

— Não — ela disse, tão baixinho que Sawyer teve de usar toda a sua atenção para ouvir por cima do barulho do sangue que corria em seus ouvidos. — Estou pedindo desculpas por te morder. — Outro suspiro agudo escapou de Sawyer, e ela podia sentir o sorriso de Quinn contra seu pescoço. Provavelmente não era uma coincidência, já que era quase exatamente onde as mordidas ocorreram semanas antes.

Sawyer estava agradecida pelas luzes estarem apagadas e que o crescendo da abertura estivesse distraindo todos do brilho em seu rosto ou de como sua boca se abriu em surpresa. Exceto para Quinn, aparentemente, que se recostou em seu lugar como se não tivesse acabado de dizer isso, embora parecesse determinada a continuar atormentando Sawyer a cada chance possível.

***

Naquela noite, Sawyer e Quinn foram embora da casa de Kelly a pé. Mas quando chegaram à pousada onde Quinn estava hospedada, ela passou os dedos pelos de Sawyer e deu um sorrisinho, dando de ombros e esperando que Sawyer tomasse a decisão por ambas.

Como se fosse uma decisão difícil. Na verdade, não era bem uma decisão, mas sim convencer a si mesma a parar de lutar contra o inevitável, um pensamento esmagador que Sawyer não se permitia prolongar por mais do que alguns minutos, apenas o tempo necessário para caminhar de mãos dadas com Quinn de volta à sua casa.

Quando a porta se fechou assim que as duas entraram, Sawyer estava envolvida pelos braços de Quinn, cercada de doçura e suavidade, na sensação caótica de se sentir segura como nunca enquanto oscilava na beira de um penhasco.

Elas já estavam se entrosando no sexo. A química estava presente desde o início, mas agora que já tinham explorado o corpo uma da outra algumas vezes, Sawyer sabia o que Quinn gostava. Sabia como fazer suas coxas se contraírem e suas costas arquearem, sabia a pressão certa a ser aplicada e quando ela estava à beira de se desfazer. Era intenso ter esse tipo de poder sobre alguém como Quinn, e talvez mais do que um pouco

aterrorizante, já que ninguém jamais acusaria Sawyer de ser o tipo de pessoa que toma a frente.

Nem mesmo com Dani foi assim, Sawyer pensou de forma fugaz enquanto passava os dedos pelo ombro de Quinn. Por mais que a assustasse, ela fazia um milhão de outras coisas com Sawyer também. Quinn a excitava. Fascinava. Fazia com que se sentisse segura, apesar de essa coisa entre elas estar crescendo e mudando mais rápido do que Sawyer estava preparada.

Independentemente do que fosse, tudo o que Sawyer queria fazer era se entregar. Ela passou os dedos pelo ombro de Quinn, seguiu pelo braço e então até o quadril. Desenhando padrões preguiçosos na pele macia, observou Quinn sorrir contra o travesseiro.

— Isso é muito bom.

Sawyer notou que, depois do sexo, Quinn gostava de ser tocada dessa maneira. Suavemente. Com doçura. Como se o mundo para além delas duas não existisse.

— É realmente uma dificuldade para mim, sabe? — Sawyer disse com um tom brincalhão na voz.

— Acho que a sua cama é o único lugar onde eu realmente relaxo e simplesmente me deixo aproveitar o momento — Quinn admitiu, embora provavelmente ainda estivesse um pouco inebriada do orgasmo, extasiada por mais uma noite entrelaçada com Sawyer.

Ainda assim, isso fez um tipo de sentimento esperançoso crescer no peito da moça, um que não se atrevia a explorar muito a fundo. Nomeá-lo, sem dúvida, viria com todos os tipos de consequências para seu coração.

Continuando com seus padrões preguiçosos, Sawyer mergulhou os dedos abaixo do lençol que cobria a metade inferior de um corpo que ainda não conseguia realmente acreditar que podia tocar. Quinn tinha a pele muito

macia, com músculos sob a superfície que se contraíam quando se moviam juntas. Em vez de se aprofundar nas palavras da outra mulher, Sawyer redirecionou a conversa de volta para Quinn.

— Está tudo bem?

Quinn suspirou e se aproximou. Com o movimento, Sawyer conseguiu alcançar suas costas e começou a traçar toques leves por toda a coluna de Quinn, aproveitando os murmúrios de contentamento dela.

Finalmente, Quinn a olhou com olhos calmos e um sorriso sonolento.

— São só coisas do trabalho. Nada com que precisemos nos preocupar nas nossas últimas horas juntas antes de eu voltar para a cidade.

E lá estava, a fria realidade que cortava um pouco mais áspero o coração de Sawyer quando a ouvia novamente. Elas só estavam juntas há poucas semanas, mas Sawyer já estava fazendo o que prometeu a si mesma que não faria: se apegar.

Ella decidiu, na metade do filme, se aproximar e se deitar sobre as coxas de Quinn. Quando o filme acabou, estava dormindo profundamente enquanto a tia acariciava sua cabeça com gentileza, como se fosse normal para ela fazer isso. E isso era a cara de Quinn mesmo.

Era adaptável. Destemida. Sempre capaz de enfrentar qualquer situação e sair dela com uma multidão de admiradores. Sawyer não ficou nem um pouco surpresa ao ver que, quando estavam indo embora, as crianças lhe deram os abraços de sempre, mas também abraçaram Quinn, beijando suas bochechas e perguntando quando a veriam novamente.

Fazer um sexo incrível era uma coisa, mas ver a mulher que Quinn se tornou, o quanto ela se entrosava com as sobrinhas e construía um relacionamento com a família, não estava ajudando em nada a manter os limites claros.

Quinn se inclinou e beijou a clavícula de Sawyer. Foi um beijo leve como uma pena, e Sawyer sentiu o toque dos cílios de Quinn contra sua pele. Era um beijo destinado a saborear o momento, e não a provocar algo mais. Isso não segurou o desejo que a atravessou, mesmo que não tivesse nenhuma razão para tentar um novo round.

Quinn deu outro beijo no peito de Sawyer antes de mudar seu peso para o antebraço, imitando a posição da outra. Ela sorriu, os olhos brilhando à medida que os abria e começava a acordar com a luz do final da manhã. E então o olhar de Quinn vagou pelo rosto de Sawyer, como se ela fosse a coisa mais importante que já tivesse olhado, como se quisesse memorizar cada detalhe e guardá-lo consigo até se encontrarem novamente. O que Sawyer sabia que era apenas uma fantasia sua. Porém, era muito fácil querer acreditar que fosse verdade.

Quinn levantou a mão e passou o polegar pelos lábios de Sawyer, apenas observando a respiração dela presa.

— Você é tão linda.

— Eu... obrigada. — Sawyer sabia que qualquer rejeição ao elogio de Quinn não seria bem aceita. Quinn ia querer saber por que ela não se achava bonita, por que ela não se sentia digna de alguém dizer isso.

— Sinto que eu quem deveria te agradecer — ela disse antes de morder o lábio inferior.

Sawyer inclinou a cabeça de lado e tentou não se perder na sensação dos dedos de Quinn acariciando sua mandíbula.

— Como assim? — perguntou distraidamente.

Quinn riu de leve ao ver o óbvio impacto de seu toque.

— Bem, a resposta fácil seria por causa dos orgasmos, mas isso não abrange tudo.

— Não abrange o quê?

O silêncio se estendeu entre as duas. Quinn segurou a nuca de Sawyer e fez uma massagem. Parecia que Sawyer não conseguiria respirar até que Quinn respondesse.

— A forma como eu me sinto com você. O quanto eu gosto de te tocar. A pessoa incrível que você é. Ter essa chance com você foi tão... inesperado.

Alguém tinha trocado o coração de Sawyer por asas de beija-flor. Seu corpo vibrava com todas as palavras que queria dizer, mas não conseguia.

— Eu me sinto da mesma forma quando penso em você.

— Então, o que nós somos? — Quinn perguntou, quando uma batida soou pela casa.

Ela cortou o momento, e Quinn cobriu os seios com o edredom.

— Provavelmente é o Shane me pedindo para ir trabalhar no lugar dele, para que ele possa se enfiar em algum lugar. — Sawyer estava irritada porque, mais uma vez, seu irmão estava atrapalhando sua vida. Como ele sempre fazia.

Quinn deu a ela um olhar estranho e puxou o edredom em torno de si.

— Você vai atender?

— Se ele quiser falar comigo, não vai embora até eu atender. Eu deixei o telefone desligado — ela lamentou antes de dar um beijo leve e rápido nos lábios de Quinn. — Mas terminaremos essa conversa quando eu voltar, pode ser? — Porque, caramba, Sawyer queria terminar essa conversa, e não queria que a possibilidade de seu irmão as interromper pairasse sobre as duas.

Levou apenas alguns segundos para colocar uma camiseta e seu macacão favorito antes de lançar um sorriso apologético na direção de Quinn. Ao sair do quarto, fechou parcialmente a porta de estilo celeiro que dava para a sala de estar.

Quando chegou à porta, a abriu rapidamente, sem se preocupar com as formalidades. Ela tinha lugares muito mais importantes para estar naquele momento.

— Não posso trabalhar para você hoje, se é isso que veio me pedir. Estou ocupada.

Ele balançou a cabeça, quase parecendo arrependido.

— Não é por isso que estou aqui. Eu queria falar sobre a sociedade da loja.

A irritação a atingiu. Shane não estava disposto a deixar isso quieto, e nas últimas semanas, perguntou a respeito quase todos os dias. Ela não tinha mais palavras gentis ou elogios para oferecer, especialmente considerando o que ele acabou de interromper. — Shane, eu te disse que estou pensando no assunto. Não vou tomar uma decisão rápida. A vovó me deixou a casa, e a você, a loja. Não é algo que vou considerar sem examinar minhas opções.

— Quando você acha que vai decidir? Eu preciso saber.

Ela deveria ter conversado com Quinn sobre isso antes, mas estava tão envolvida no tempo que passaram juntos, que foi um alívio não pensar nas decisões que estava adiando.

— Preciso falar com um advogado primeiro.

— Um advogado? — ele perguntou, surpreso, mas rapidamente relaxou a postura e se encostou na porta de tela que estava segurando aberta. — Eu pensei que criaríamos um novo contrato de negócios com você incluída na loja, e você poderia transferir a escritura para mim. Advogados demoram uma eternidade e cobram uma fortuna. Nós poderíamos resolver isso em alguns dias por nossa conta.

Há alguns meses, ela teria cedido. Teria escolhido o caminho da menor resistência, e se decidisse seguir em frente, teria feito do jeito que Shane queria.

Infelizmente para seu irmão, Sawyer não era mais a mesma. E a linda mulher que estava esperando por ela na cama agora era parcialmente responsável por sua coragem recém-descoberta. Ela podia ver o sorriso encorajador de Quinn em sua mente enquanto dizia suas próximas palavras.

— Não, Shane. Isso não é algo simples para mim. É a casa dos nossos avós. É a casa que a vovó me deixou quando morreu. Eu vou dar a essa decisão o tempo e o respeito que merece.

— Mana, você não confia em mim? Somos uma família.

— Shane, isso não é sobre confiança. Não tem nada a ver com isso.

Ele balançou a cabeça com desapontamento.

— Não parece assim do meu ponto de vista. Achei que éramos uma equipe.

Foi um esforço não rir. Eles eram uma equipe na medida em que Shane fazia o que queria, como sempre fez, e Sawyer ficava para arrumar a bagunça.

— Ouça, vou fechar esta porta agora e não quero que você me incomode novamente hoje. Se precisar de algo, me mande uma mensagem, e eu responderei quando puder.

Outro olhar de surpresa se instalou em seu rosto, mas ele não desistiu.

— Podemos discutir isso amanhã no trabalho?

Ela deu de ombros. Àquela altura, faria quase qualquer coisa para fazê-lo ir embora.

— Tudo bem. De novo: sem promessas. Eu farei isso, ou não, no meu ritmo.

Shane parecia chateado, mas não havia nada que ele pudesse usar para conseguir o que queria. Seus pais não o apoiariam quanto a assumir a casa a menos que fosse o que Sawyer quisesse, e ele não poderia demiti-la, porque teria de administrar a loja sozinho. Com um aceno, ele fechou a

porta de tela que estava segurando e foi para os fundos do pátio, em direção à entrada dos fundos da loja.

Sawyer correu pela sala de estar e abriu a porta do quarto, esperando encontrar Quinn encolhida debaixo das cobertas, para que pudessem continuar o que estavam fazendo.

A ansiedade de Sawyer aumentou ao ver Quinn vestindo a blusa da noite anterior.

— Quinn, o que está acontecendo?

Ela estava prendendo o cabelo desarrumado em um coque alto, e tudo o que Sawyer queria era convencê-la a voltar para a cama.

— Passei os últimos dois minutos tentando descobrir o que dizer, mas preciso ser profissional, então vou apenas dizer. — Sua voz estava distante, tão diferente do tom leve que de minutos atrás, quando estavam perdidas uma na outra, compartilhando um momento que Sawyer acreditava que ambas sentiam.

Agora, tudo o que Sawyer sentia era o vazio no estômago enquanto tentava se reorientar à rapidez com que as coisas estavam mudando.

— Certo...

Respirando fundo, Quinn atravessou os poucos metros entre elas para ficar na frente de Sawyer. Ela não a tocou, mas Sawyer percebeu como os dedos de Quinn tamborilavam contra o short enquanto a moça olhava ao redor do quarto para qualquer coisa, exceto para ela. Quando Quinn finalmente a olhou nos olhos, viu que os dela estavam cheios de profundidade e um pouco atormentados. Sawyer sabia que ela não ia gostar de ouvir o que viria a seguir.

— O negócio pelo qual estou na cidade é para comprar a antiga casa dos seus avós para um cliente. Tenho me encontrado com Shane nas últimas semanas, já que ele me fez acreditar que era o proprietário. — Com suas

últimas palavras, um flash de raiva passou pelos olhos de Quinn, iluminando-os antes de ela respirar fundo e seus traços se tornarem impassíveis.

— Eu não... — Isso era muita informação para processar, e nada fazia sentido, exceto que Shane fez algo de ruim e as implicações estavam reverberando na sua vida.

— O que significa que, se o que ouvi entre vocês dois estiver correto, você é a única proprietária da casa. Você é a S. K. listada no contrato, e a pessoa com quem eu preciso coordenar os termos da oferta e, espero, da eventual venda. — Era tão estranho ouvir a voz de Quinn mudar para o modo corretora de imóveis. Ela queria voltar no tempo, para sussurros, e toques, e um momento em que queria envolver-se nela como em um cobertor quente.

— Você está…? — Sawyer não conseguia encontrar as palavras certas. Seu cérebro não funcionava desse jeito. Quinn avançou quilômetros para uma nova ordem mundial enquanto Sawyer lutava para não estender a mão e confortar Quinn, que estava claramente infeliz, mesmo que sua voz permanecesse firme ao apresentar essa nova informação. — Você está tentando comprar a casa?

Quinn assentiu. Outra expressão passou pelo seu rosto, como se isso tudo fosse mais difícil para ela do que suas palavras deixavam transparecer. Como se talvez Quinn estivesse sentindo o peso esmagador da perda de um momento que também lhe foi roubado. Só que mesmo se Quinn estivesse sentindo isso, não ia deixar que a impedisse.

— Para um cliente. Foi o que originalmente me trouxe a Kingsford, e, francamente, é algo no qual eu deveria ter focado mais. Talvez eu tivesse conseguido perceber a relutância de Shane um pouco mais rápido.

Sawyer não queria deixar a alfinetada sobre onde Quinn estava gastando seu tempo ganhar terreno, mas desgastou um pouco do seu coração e da sua felicidade. Ela estava claramente frustrada. Talvez até um pouco envergonhada. Esta conversa tinha muitos *talvez* pelo lado de Sawyer, porque Quinn estava totalmente voltada para os negócios agora.

— Não tinha como você saber sobre o Shane. Tenho certeza de que ele fez de tudo para dar a impressão de que era o proprietário da casa, isso se não mentiu diretamente para você.

Levantando a mão, Quinn interrompeu as próximas palavras de Sawyer.

— Não é importante. O importante é que dormir com a pessoa que está vendendo a casa é, na melhor das hipóteses, uma violação ética e, na pior, uma razão para revogar a licença. — E aí estava. Quinn sentia que tinha de escolher entre seu trabalho e... algo novo e incerto. Algo com Sawyer.

— Ao menos parece que isso nunca aconteceu com você antes, então já é alguma coisa. — Doía fazer um comentário tão superficial, mas tudo o que Sawyer queria era recapturar a doçura e a natureza brincalhona da manhã que compartilharam.

Quinn não riu, nem mesmo deu um sorriso. Na verdade, ela parecia ainda mais resoluta quando endireitou a postura.

— Sinto muito, Sawyer. Eu também não esperava que isso acontecesse. Preciso voltar para a cidade agora. Vou te ligar em breve para discutir os detalhes da oferta que meu cliente gostaria de apresentar. — Quando Quinn chegou à porta, ela se virou e olhou para Sawyer, a olhou de verdade, de uma maneira que soava tanto como um adeus, que ela sentiu ter levado um soco no estômago. — Quero que você saiba que sinto muito.

E, enquanto via Quinn partir, Sawyer, como se a história estivesse se repetindo de uma forma que fazia seu corpo inteiro doer, se perguntou se o que tinha a oferecer algum dia seria o suficiente.

CAPÍTULO QUINZE

De volta à pousada, Quinn jogou as roupas na mala e tentou não vomitar. Ou chorar. Ou sentir qualquer coisa, na verdade. Não ficava irritada assim há muito tempo. A raiva percorria suas veias como uma droga, aumentando sua potência à medida que os minutos passavam e que sua frustração e vergonha cresciam cada vez que ela pensava no rosto estúpido de Shane Kent.

Seja lá o que estivesse dentro dela, tinha uma meia-vida longa e ainda estava na fase de crescimento.

Ela fechou os dedos ao redor do laptop. Considerou por um instante jogá-lo contra a parede. Desperdiçou meses. Meses pensando que Shane Kent era dono da casa, trabalhando para seu cliente com essa suposição sustentando tudo. Tudo parecia se alinhar superficialmente, então não investigou mais a fundo. Ele morava lá. Suas iniciais correspondiam ao nome da escritura. *Tudo estava certo*, exceto que Quinn nunca foi de fazer o mínimo. Se fosse qualquer outra casa, em qualquer outra cidade, de qualquer outra família, saberia a árvore genealógica de quatro gerações e teria perfis construídos de qualquer pessoa que pudesse ajudar ou atrapalhar o negócio.

Com seu próprio passado no caminho e sua relação crescente com a própria família, não podia fingir que seu foco não estava dividido.

E Sawyer...

Deus. O olhar triste e confuso no rosto de Sawyer quando Quinn saiu correndo da casa a fez querer se encolher na cama e chorar. Mais do que isso, a situação tênue e incipiente entre elas foi cortada pela raiz.

Não havia motivo para dizer a Sawyer as palavras que estava prestes a dizer antes de Shane aparecer. Que não podia fazer promessas, mas queria que o relacionamento delas se tornasse algo mais. Que arranjaria tempo para ela e que desejava que Sawyer fizesse a mesma coisa, se estivesse aberta a isso. Que acordar ao lado dela pela manhã era a coisa mais feliz que fazia em muito tempo. Que queria mais manhãs como aquela.

Agora não havia chance disso.

Não eram adversárias, mas Quinn estava profissionalmente obrigada a colocar os interesses de outra pessoa acima dos de Sawyer. Eticamente, qualquer envolvimento romântico entre as duas tinha de ser posto em suspensão, e duvidava que poderia reatar depois que a poeira baixasse. Ou Sawyer se recusaria a vender a casa, e Quinn perderia o contrato mais importante de sua carreira. Ou convenceria Sawyer a vender por algum milagre, e teria de lidar com a culpa de se perguntar se de alguma forma usou o conhecimento derivado do relacionamento romântico para fechar a venda.

Era uma situação em que todos perdiam. Quinn odiava perder.

Pensou em parar na Kent Antiques para acabar com Shane Kent, mas ele poderia sumir para ela neste ponto. Gastar energia com ele significava apenas mais tempo perdido para conseguir que Clark Gleeson obtivesse a casa dos seus sonhos.

Também pensou em parar para ver Sawyer antes de sair da cidade, para se desculpar pelo modo como as coisas terminaram. No fundo, porém, sabia que não seria uma boa ideia. Sawyer precisava de tempo para absorver a bomba que foi lançada entre elas. E se Quinn voltasse, poderia se ajoelhar diante de Sawyer e dizer todas as coisas que estava prestes a dizer. Não seria justo com nenhuma das duas.

No entanto, a vida nunca parecia justa para Quinn. Tudo que podia fazer era buscar a melhor saída frente ao que se apresentava. Ela não queria encarar o fato de que, após apenas alguns meses perto de Sawyer, aquela não fora uma decisão fácil. Houve um momento, quando estava na cama absorvendo a conversa, em que pensou em desistir dessa venda. Caramba, pensou em desistir de toda a sua carreira pela chance de passar mais tempo com Sawyer. Para ver como a coisa entre elas criaria raízes, florescendo e se desenvolvendo. Como seria um mundo de manhãs na cama com Sawyer e tardes passadas com sua irmã e sobrinhas na cidade?

Talvez fosse como estar em casa?

Não, pensou, balançando a cabeça. Lar era a existência que havia construído em Nova York. Na dimensão de que tinha o controle da sua vida, que não havia ninguém que pudesse puxar um fio qualquer e desmanchar tudo. Pais que não foram capazes de agir como tal. Uma irmã que precisava de um pai. E uma amiga que estava disposta a absorver toda a tristeza e dor de Quinn como se fosse combustível em vez de veneno. Ela não queria ser necessária assim, e não queria precisar de ninguém em troca.

Foi Tennyson quem disse que era melhor ter amado e perdido o amor do que nunca ter amado? Se sim, esse cara era um idiota, na opinião de Quinn. O poço da solidão era amplo, mas o poço do desespero também era. Pelo menos no primeiro, ninguém mais estava se afogando com ela.

Convencida de que estava tomando a decisão certa, arrumou seus itens restantes e, menos de vinte minutos depois, estava na estrada. Mas sabia que, em breve, com um contrato em mãos e uma intimidade que exigiria toda a força de Quinn para se afastar, ela e Sawyer se veriam novamente.

***

Às dez da manhã de segunda-feira, assim como Quinn pediu, Belinda entrou em seu escritório. Quinn não dormiu muito na noite anterior, ficou projetando todos os cenários possíveis em sua mente. Todos terminavam da mesma forma.

— Está tudo bem? — Belinda perguntou, com a voz hesitante, enquanto se sentava na cadeira em frente à mesa de Quinn.

Quinn se levantou, foi até a porta e a fechou. Ela usou os poucos segundos para esticar as pernas e se preparar para o que precisava admitir. Quando voltou a se sentar à sua mesa, viu medo nos olhos de Belinda.

— Não é nada sobre você, Belinda. Preciso de sua ajuda.

A expiração de Belinda foi audível.

— Fico feliz em ajudar.

— Primeiro, vou começar pedindo sua total discrição. Serei completamente honesta, sinto que preciso admitir o que estou prestes a lhe dizer porque, caso contrário, será difícil para você fazer seu trabalho.

— Prometo que tudo o que você me disser ficará entre nós — Belinda respondeu, a curiosidade estampada em seu rosto.

Quinn nunca fazia essas coisas. Não cometia erros e não pedia ajuda além do suporte profissional necessário. Mas tinha quebrado muitas de suas próprias regras ultimamente, então poderia muito bem quebrar mais uma.

— Houve uma... — Tentou encontrar uma maneira de expressar sem se fazer parecer uma completa idiota. — Houve uma complicação com a venda para Gleeson. Originalmente, fui mal-informada sobre certos aspectos da casa.

A expressão de Belinda murchou.

— Há algo de errado com a casa? Tenho certeza de que ele ainda vai querer comprá-la, dado o valor sentimental.

Deus, ela amava a natureza orientada para soluções de Belinda. Era uma constante reconfortante em um mundo que não havia parado de girar desde a manhã de ontem. Quinn balançou a cabeça e apoiou as palmas das mãos contra a mesa. Poderia muito bem ir até o fim, mesmo que dizer aquelas palavras em voz alta a fizesse querer jogar algo pela sala.

— Cometi um erro. — Nos dez anos em que trabalhavam juntas, era uma frase que Quinn nunca havia pronunciado, pelo menos não nesse grau. Ela precisava “ajustar as coisas” ou “suavizar as coisas”, mas um erro como esse? Nunca.

— Que tipo de erro? — Belinda perguntou.

— Não investiguei profundamente o suficiente o proprietário da casa Kent. Há três membros da família com as mesmas iniciais. Um deles estava morando lá quando cheguei, e ele insinuou fortemente que era o proprietário da residência. — Quinn respirou fundo e se forçou a continuar. Ela ainda se sentia incrivelmente estúpida dizendo isso em voz alta. — Infelizmente, não é o caso.

— Ah, droga.

— Sim. Ah, droga. — Quinn conseguiu dar um sorriso irônico. — Então, a realidade é que os meses que gastei trabalhando com essa pessoa foram todos em vão.

— O que você vai fazer? — Belinda pegou o iPad. — Quer que eu tome notas?

Quinn fez um gesto como se dispensasse a oferta.

— Se quiser, mas o que eu preciso mesmo é esclarecer as razões das complicações que ainda podem surgir.

— Que tipo de complicações?

— Bem, Kristen, por exemplo. Ela tem interesse genuíno em garantir o sr. Gleeson como cliente. Não quero que ela descubra sobre isso. Se isso

tudo vier à tona, a história oficial é que o proprietário hesitou, mas que estamos trabalhando da melhor forma que podemos. — Isso soava plausível e acontecia o tempo todo, atrasando muitos negócios.

Belinda assentiu.

— Entendido. Vou secretamente anotar isso como “preciso comprar meias” na minha lista.

Quinn riu da leveza necessária que Belinda estava trazendo para essa catástrofe.

— Perfeito.

— O que mais?

Ehhh... Quinn não queria entrar nas outras partes até que fosse absolutamente necessário, como o fato de já ter dormido com Sawyer. Contanto que não dormissem juntas novamente, poderia contornar os códigos éticos necessários para fazer a venda dar certo. Deus, como aquilo soava sombrio. Necessário, mas sombrio. Passou as últimas vinte e quatro horas se convencendo de que, contanto que pudesse manter tudo no profissional, as coisas poderiam dar certo. Essa era a história dela, e ela iria sustentá-la.

— Isso é tudo por enquanto. Preciso que você faça uma interferência com Kristen se o assunto surgir. — Deu a Belinda um sorriso confiante para que ela soubesse que estava tudo sendo tratado e que superariam esse obstáculo sem danos.

— Quando você vai se encontrar com o verdadeiro proprietário? — Ela agradeceu que não houvesse um tom de julgamento na voz de Belinda. Quinn passou a mão pelo cabelo e se recostou na cadeira.

— Não tenho certeza. Conheço toda a família Kent, então já conheço a verdadeira proprietária. Só não percebi que era ela.

Parecia que Belinda havia notado algo na voz de Quinn quando empurrou os óculos para cima do nariz antes de olhar para sua chefe por alguns segundos.

— Isso me parece bem distante do ideal, embora eu não tenha certeza do motivo.

— É complicado. Vou enviar a nova versão do contrato e agendar uma reunião inicial para discutir os termos.

— Espero que dê certo. — Belinda colocou seu iPad sobre a mesa de Quinn e a olhou pensativamente. — E mesmo que haja um problema com a venda, pelo menos você está tendo chance de passar algum tempo com sua família.

Quinn suspirou e massageou as têmporas. Nem queria pensar no pesadelo que isso se tornaria, dado o quanto Sawyer era próxima de Kelly.

— Tem sido bom. Um lado positivo inesperado em tudo isso. — E tinha sido mesmo, até ontem.

***

Na quinta à noite, Quinn voltou ao apartamento em Chelsea e deixou sua bolsa cair no sofá. Ela voltaria ao trabalho restante mais tarde.

Pelo menos tinha se lembrado de pedir comida, que foi entregue apenas alguns minutos antes dela. Belinda tinha oferecido mandar o jantar para o escritório, mas Quinn recusou. Queria estar em casa. Estar sozinha com seus pensamentos não era exatamente ideal, mas queria estar distante de quaisquer obrigações profissionais pelo restante da noite.

Servir uma taça de vinho caro para aproveitar com sua massa não seria difícil. Qualquer coisa para se sentir remotamente humana, para se entregar a algo que fosse agradável. Não era tão atraente quanto acordar na cama de uma mulher que a fazia se sentir uma pessoa melhor do que

realmente era, mas era o suficiente para trazer uma dose de serotonina que a não deixaria desmoronar.

A semana havia sido o oposto de agradável. Pegou uma taça de vinho do suporte pendurado em um armário e abriu uma garrafa de tinto para deixá-la respirar.

E então, como fazia na maioria das noites quando estava sozinha, vagou sem rumo, sem nada para prendê-la no lugar. O andar térreo de seu apartamento tinha uma planta com conceito aberto, decorada por uma designer de interiores requisitada que Quinn conheceu anos antes em um evento comercial. Era estranho como, neste momento, tinha dificuldade em se lembrar dos detalhes daquele primeiro encontro. Parecia que seu cérebro estava tão abarrotado de outras preocupações que não havia espaço para mais nada.

Mas quando Vivian recomendou cores fortes e linhas depuradas, Quinn concordou.

Era disso que ela se lembrava... de como se sentiu. O sentimento era de alívio, de dar as rédeas a outra pessoa e deixá-la fazer escolhas por ela. Claro, Quinn participou do projeto, mas deu carta branca para Vivian implementar sua *visão*, como ela chamava o trabalho.

Para alguém que trabalhava no mercado imobiliário, ela surpreendentemente tinha pouco a dizer sobre esquemas de cores e elementos de design. Quinn só se importava com a casa italiana do século XIX com varandas em todos os andares. Evocava um sentimento dentro dela, como se estivesse segura e protegida da cidade selvagem e imprevisível a poucos passos de distância.

Seus clientes, a maioria compradores, precisavam de algo mais dela. O seu ponto forte era o toque de vendedor, a capacidade de buscar e

entender o que os motivava. Isso e um interesse em arquitetura, focando na estrutura da casa em vez do que as pessoas colocavam nela.

Qualquer outra coisa era apenas um ponto superficial que poderia ser trocado por impulso, especialmente dado o patrimônio líquido de seus clientes.

Abriu a porta da varanda no primeiro andar, que ficava cerca de nove metros acima da calçada abaixo. Toda semana, uma empresa de paisagismo cuidava de uma variedade de plantas nativas que criavam um oásis isolado para ela. Em vez de seguir para o deque de madeira, com uma mesa para quatro pessoas, que nunca foi totalmente ocupada, deixou a porta aberta e voltou para servir sua taça de vinho.

Era um contraste gritante em relação a pistas de boliche com tapetes desorganizados. Ou oficinas reformadas, que eram mais habitadas do que o apartamento multimilionário de Quinn jamais seria. Doía pensar nisso, lembrando das poucas manhãs que passou nesses locais no último mês, quando o sol entrava pelas janelas voltadas para o leste, e ela sentia o cheiro de lençóis que a lembravam de uma chuva de verão.

Se alguém tivesse perguntado a Quinn alguns meses atrás, ela teria dito que aproveitava a vida ao máximo. Tinha uma ótima casa. Uma carreira de sucesso. Ia a jantares caros. Recebia convites para eventos exclusivos. Tinha dinheiro suficiente no banco para fazer o que desejasse. Alcançou todas as suas metas, mas isso só a levava a definir uma meta maior e mais ambiciosa na vez seguinte.

Quando deixou Kingsford, não estava procurando outro lar. Queria segurança, claro, mas não queria que isso viesse das mãos de outros. Tudo o que desejava era saber que sua vida foi construída de tal forma que poderia recuar a qualquer momento e sentir que o mundo ao seu redor não iria

desmoronar. Não se sentiu assim quando deixou sua mãe nem quando deixou Kelly.

Tudo o que ela fez foi a serviço de manter uma distância emocional de outras pessoas para que nunca mais tivesse que fazer uma escolha como aquela. Um ano depois que foi embora, Kelly ligou para dizer que a mãe estava muito melhor. Quinn não queria ouvir isso. Claro, disse para Kelly que eram ótimas notícias, mas sua vida estava melhorando, e não fazia sentido voltar.

Ela estava com medo. Com medo de ser puxada para dentro do problema novamente. Com medo de sua mãe ter uma recaída. Com medo de que fosse uma orquestração elaborada, embora provavelmente inocente, de Kelly para fazê-la voltar para casa.

E ela estava assustada, aterrorizada até, com a ideia de ver Sawyer novamente. Podia ao menos admitir isso para si mesma. Não era difícil sentir que fez a escolha certa quando viu o que floresceu entre as duas em apenas alguns meses, mesmo depois de dezessete anos terem se passado.

Quinn sempre sentiu atração por ela.

Ainda sentia atração por ela.

Terminando a primeira taça de vinho, voltou para a cozinha para servir outra.

Ela voltaria para Kingsford no dia seguinte. Só isso merecia uma segunda taça. Quinn não sabia o que Sawyer teria dito a Kelly, mas provavelmente seria bom esperar algum tipo de consequência.

Quinn precisava vê-la o mais rápido possível para limpar o ar. Pelo menos não se encontrariam dessa forma, com Kelly acabando como dano colateral em uma conversa dolorosamente estranha. Sim, era isso que faria. Teve a semana para lamber as feridas, e agora era hora de arrancar o *Band-Aid.*

Evitar Sawyer não era uma possibilidade, e se Quinn estava desistindo de sua chance com ela, era melhor pelo menos conseguir aquilo pelo qual estava desistindo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Na sexta-feira de manhã, como sempre fazia, Sawyer saiu de sua casa pela entrada dos fundos da loja, a fim de começar o dia.

A última semana foi mais do que um pouco desgastante do ponto de vista emocional, e parecia não ter acabado.

Shane não a incomodou no restante do domingo, não que isso importasse. Sua manhã relaxante com Quinn se transformou em algo que ela preferia não pensar, e se dedicou a trabalhar nas novas antiguidades mecânicas que chegaram da compra no Brooklyn na semana anterior.

Todos os dias, ela se levantava cedo, trabalhava por algumas horas restaurando os itens, ia trabalhar na loja e, depois, voltava para casa e começava a trabalhar em seus próprios projetos. O desgosto podia ser um poderoso motivador para fazer qualquer coisa que a impedisse de olhar para dentro de si e lidar com suas emoções.

Durante toda a semana, Sawyer tentou descobrir qual seria a melhor maneira de dizer a Shane que não queria mais falar com ele. Era difícil, já que eles trabalhavam juntos... pelo menos quando ele se dava ao trabalho de aparecer, mas ela não queria apressar a conversa em uma explosão de raiva. Se ele não tivesse mentido para Quinn, nada disso teria acontecido. As duas saberiam o resultado do primeiro encontro, e o relacionamento delas teria evoluído, ou não, com transparência a respeito do que Quinn queria de Sawyer.

De certa forma, era reconfortante saber que Quinn só queria passar um tempo com ela para conhecê-la novamente. De outra forma, seria

esmagador sentir como se tivesse sido roubada de uma oportunidade que ela queria muito ter.

No fundo, sempre soube que o irmão era um aproveitador. Mesmo quando ele estava tentando tirar proveito de Sawyer e fazer com que ela entregasse a casa para que ele pudesse vendê-la, ele ainda tinha a audácia de aparecer tarde e fingir que estava fazendo um favor ao deixá-la trabalhar na loja. Era *gaslighting* na sua melhor forma, um fato que se tornou surpreendentemente claro.

Sawyer nunca se sentiu devedora de nada. Não achava que seus avós precisavam deixar a loja ou a casa para eles, embora fosse grata por isso. Talvez não tivesse entendido por que Shane foi o escolhido para receber a loja depois que a decisão foi tomada, mas ela aceitou. Mas, depois do que aconteceu com Quinn, ficou furiosa. Ela se sentiu tão próxima de conquistar algo, e agora culpava o irmão por ter estragado tudo, criando um drama shakespeariano com seu egoísmo.

Quando a raiva diminuiu, ela começou a pensar seriamente no futuro. O negócio, sob o comando de Shane, mal valia o estabelecimento e o estoque existente. Ela conhecia o mercado. Conhecia as tendências. Não havia motivo para continuar ligada a ele e à loja da família, exceto pela tradição. Mesmo assim, considerar a possibilidade de empreender sozinha não era uma decisão fácil de ser tomada. Era preciso considerar o capital para o estoque inicial, sem mencionar um local que não ficasse muito próximo das outras poucas lojas da cidade. E, o mais importante, encontrar uma maneira de comunicar sua decisão aos pais sem causar uma ruptura no seio familiar.

Ela estava pensando na ideia quando Shane entrou às onze da manhã, uma hora depois da abertura.

— Bom dia, Sawyer — ele a cumprimentou, animado, parecendo uma criança na manhã de Natal. Sawyer sabia que ele estava alegre porque ela disse que lhe daria uma resposta hoje, depois de ter adiado suas perguntas durante toda a semana. Talvez tivesse dado a ele a impressão de que estava inclinada a aceitar e, além disso, que estava disposta a ceder e fazer um acordo sem envolver os advogados.

Ela nunca foi especialmente calculista, a menos que fosse para desmontar, consertar e remontar suas antiguidades mecânicas. Com as pessoas, geralmente lidava com as coisas pelo que pareciam ser, o que a deixava alguns passos atrás. Ela estava muito atrás em relação ao que Shane estava planejando, mas essa semana lhe deu um pouco de espaço para recuperar o atraso.

— Oi, Shane. Eu estava indo almoçar com a Kelly. Você não se importa de me cobrir, não é?

— Oh... — Ela observou as engrenagens girando na mente dele ao ser deixado para cuidar da loja sozinho. Pela primeira vez, Sawyer se perguntou com que frequência a loja realmente ficava aberta aos domingos, quando ele *deveria* trabalhar sozinho. — Sim, acho que não tem problema. Você vai fazer o inventário hoje à noite, certo?

Ela sorriu.

— Com certeza.

— Isso me faz lembrar. Quando você quer conversar sobre a proposta? — ele perguntou como se fosse uma reflexão tardia e não algo em que provavelmente não parou de pensar desde segunda-feira. A julgar pela insistência em pressionar a decisão dela, ficou claro que Quinn não conversou com ele.

— Que tal enquanto eu faço o inventário? Você pode ficar por aqui e garantir que tudo está certo.

Ela o viu vacilar, o que provocou uma faísca de animação em seu corpo. Ele odiava ficar até tarde.

— Bem, na verdade, eu ia me encontrar com algumas pessoas hoje à noite.

Sawyer assentiu, compreensiva.

— Sempre podemos conversar na segunda-feira, se for melhor para você.

— Não — ele recusou depressa, com a voz um pouco alta demais para a despreocupação que estava tentando projetar. — Posso vir esta noite. Às seis? Vamos conversar e depois você pode terminar o inventário?

Ela sorriu amplamente.

— Perfeito.

***

— Como estão as coisas? — Kelly perguntou. Elas estavam sentadas em uma cafeteria a alguns quarteirões da loja de antiguidades.

— Os tomates estão muito bons nesta época do ano — Sawyer respondeu antes de dar uma mordida no sanduíche. Ela passou mais alguns momentos saboreando o equilíbrio de sabores e texturas do panini.

Kelly assentiu e tomou um gole de chá sem açúcar.

— Ótimo. Agora que sabemos como estão os tomates, vamos voltar a falar de você.

— Eu só... não vejo sentido em repetir tudo de novo. Eu lhe disse na segunda-feira, e conversamos sobre isso novamente ontem. — Sawyer suspirou profundamente. — Eu vou ficar bem.

— No entanto, o verbo no futuro implica que você não está bem agora, e é por isso que estou perguntando.

Outro suspiro profundo não a ajudou em nada.

— Eu fiquei surpresa. E agora tenho de lidar com Quinn em um âmbito estranhamente profissional e fingir que os últimos meses não aconteceram. — Sawyer estava descobrindo que, quando começava a falar, tinha mais a dizer do que pensava. — E quero matar Shane. Não sabia que tinha esse nível de raiva dentro de mim.

Kelly estava acompanhando enquanto dava a Sawyer a chance de desabafar. Quando Sawyer se recostou na cadeira e deu outra mordida, Kelly respondeu.

— Como ele estava hoje?

Ela mastigou, pensativa por alguns segundos, tentando permanecer diplomática, sua frustração era difícil de abalar.

— O mesmo de sempre. Ele acha que vou dar a casa em troca de uma parte de um negócio sem valor. Deus, ele deve realmente pensar que sou estúpida.

— Ele não acha que você é estúpida — Kelly discordou rapidamente, balançando a cabeça. — Ele sabe que você confia nele. Está tirando vantagem disso. Não há ninguém para culpar nessa situação, exceto ele.

Isso fez com que Sawyer se sentisse um pouco melhor, mas não amenizou a dor de ter um irmão idiota. Ela sabia que não valia a pena perder tempo com ele.

— E você... não está brava com a Quinn?

Kelly arqueou uma sobrancelha.

— Você está brava com a Quinn?

Sawyer balançou a cabeça. Ela pensou muito sobre isso na última semana.

— Não. Um pouco magoada, talvez, principalmente meu orgulho, que está ferido. Mas não a culpo. Eu só queria ter certeza de que tudo vai ficar bem entre vocês duas. — Porque a pior coisa que poderia acontecer seria se isso atrapalhasse o novo relacionamento entre Kelly e Quinn.

— Como amiga, estou chateada com a situação por você, mas é você quem deve decidir como quer agir. Eu te apoiarei, não importa o que aconteça. — Kelly terminou seu sanduíche e se recostou na cadeira, espelhando a posição de Sawyer. — E, além do mais, você disse que era apenas casual, certo?

— Era... mas também parecia que talvez algo mais estivesse acontecendo — admitiu, passando a mão pelos cachos e soltando um suspiro exasperado. Talvez devesse ter informado a Kelly sobre a mudança na dinâmica um pouco antes, mas tudo aconteceu muito rápido. — Não sei. Não conversamos sobre isso. Eu achava que íamos falar a respeito, mas então ela descobriu que eu era a dona da casa. E ela ficou tipo... se desculpando, mas não era isso que eu queria. Eu não queria um pedido de desculpas. Queria saber o que ela sentia por mim.

— E agora você tem sentimentos mal resolvidos?

— Acho que sempre tive sentimentos mal resolvidos.

— Aí está.

Sawyer lhe lançou um olhar confuso.

— Do que você está falando?

— Já vi como vocês são uma com a outra. Talvez eu não conheça Quinn tão bem, mas eu te conheço. Não posso fingir que sei como Quinn se sente, mas ficou claro que você estava desenvolvendo sentimentos. — Era uma maneira de dizer isso, uma maneira mais agradável do que dizer que Sawyer provavelmente estava agindo como uma adolescente apaixonada. Mas Kelly tinha mais a dizer. — E você é cautelosa. Não

acho que teria se envolvido nisso a menos que já houvesse algo. Algo que reacendeu quando ela voltou.

— Foi uma ideia ruim desde o início. Fingi que não tinha sentimentos não resolvidos para me sentir melhor ao fazer algo que sabia que não deveria fazer. — Ela gemeu antes de acrescentar: — E agora tenho o dobro de sentimentos mal resolvidos. É como uma espécie de piada de mau gosto.

Kelly absorveu suas palavras e deu um sorriso compreensivo do outro lado da mesa.

— Arriscar não é ruim, mesmo que o fim não seja como esperamos.

— É mais fácil falar do que fazer.

— Ella não foi planejada.

Sawyer olhou para cima e encontrou os olhos de Kelly.

— Não sabia disso.

— Não é algo que costumamos falar. Quando fiquei grávida, tivemos de tomar uma decisão muito difícil. Eu ainda estava estudando para me tornar técnica em veterinária e o Trevor estava trabalhando à noite em seu emprego na fábrica. Não sabíamos como daremos conta.

Deus, ela nem conseguia imaginar. E Kelly e Trevor faziam tudo parecer tão fácil, como se soubessem constantemente o que estavam fazendo.

— Como vocês decidiram?

— Tivemos sorte de querer ter filhos, mas não imaginávamos que seria tão cedo. Queríamos estar mais estabelecidos, mais seguros. Mas eu não queria me arrepender de não ter minha filha.

Sawyer assentiu, absorvendo tudo.

— Mas parece que foi melhor assim, certo?

— Sim — Kelly disse com um sorriso, e Sawyer sabia que a amiga estava pensando em Ella. — E quando a mãe do Trevor morreu, tivemos de tomar outra decisão. Ele ainda estava trabalhando na fábrica no turno da manhã, mas ajudava a mãe na pista de boliche quase todas as noites. Estávamos melhor financeiramente, já que eu tinha me formado, mas, ainda assim, a ideia de ele largar o emprego de tempo integral para assumir a pista de boliche era aterrorizante.

— Eu... sim. Eu lembro que conheci vocês dois naquela época. Vocês pareciam um pouco perdidos — Sawyer comentou baixinho. Ser capaz de apoiar Kelly durante esse período foi e sempre seria uma de suas maiores realizações como pessoa.

— E você nunca hesitou em me apoiar, Sawyer. Você é uma pessoa maravilhosa e se tornou minha melhor amiga. Quando se trata da felicidade de outra pessoa, você é a primeira a se envolver. — Kelly olhou para ela com seriedade. — Mas quando se trata da sua própria felicidade, você age como se a vida estivesse fora do seu controle.

Sawyer odiava ouvir essas palavras, mesmo sabendo que eram verdadeiras.

— Não é tão simples...

— Estamos todos fazendo escolhas, esperando que o melhor aconteça. Você não pode obrigar alguém a fazer algo, mas pode fazer suas escolhas para tentar ao máximo ser feliz. Acho... — O rosto de Kelly se franziu, e ela tomou um gole de chá de uma forma que Sawyer sabia que era para ganhar tempo. — Acho que você tem sido passiva com a sua própria vida, desde que eu te conheço. Seu irmão mora na sua casa. Você trabalha para ele em vez de ser a dona da loja. E deixou que a Dani te magoasse, fazendo-a sentir que realmente faltava algo em você. Você

deixa que as decisões das outras pessoas ditem a sua vida. A escolha que você sempre faz é não fazer escolhas, se é que isso faz sentido.

Isso atingiu Sawyer em cheio, e ela tentou esconder as lágrimas que se formaram em seus olhos. Sua voz estava embargada quando disse *eu sei* para Kelly, que era sua melhor amiga e estava apenas tentando ajudá-la.

— Não quero que você sinta que fez algo errado ao se arriscar com a Quinn. Parece que você está olhando para isso da perspectiva de não ter dado certo, mas, para mim, isso não é o mais importante.

Sawyer gemeu.

— E no que eu deveria estar me concentrando, então?

Um sorriso surgiu nos lábios de Kelly.

— Achei que você nunca perguntaria. Quinn também te quer. Talvez não esteja dando certo por outros motivos, mas não tenho dúvidas de que, no mínimo, Quinn se sente muito atraída por você. Assim, pelo menos, você nunca terá de se perguntar se foi apenas unilateral.

Essa era, de fato, uma maneira muito interessante e surpreendentemente positiva de ver as coisas.

Ela deu um sorriso de agradecimento a Kelly.

— Isso faz muito sentido.

Kelly se esquivou da gratidão.

— Isso tudo é só para dizer que você está deixando Quinn ditar se vocês terão ou não um desfecho sobre o que é o relacionamento de vocês. Você não pode obrigá-la a conversar com você, mas pode ao menos tentar responsabilizá-la por isso. Acho que você deve isso a si mesma, pelo menos tentar.

Sawyer sentiu um nó apertar o estômago.

— Ela não quer falar sobre isso. Eu nem sei se legalmente ela pode falar.

— Não é uma questão de vida ou morte — Kelly disse, com uma sobrancelha levantada que dizia mais do que suas palavras poderiam expressar. — Ela é uma corretora de imóveis, não é responsável por códigos de mísseis nucleares.

— Tenho a sensação de que toda a identidade da Quinn está ligada à sua carreira. Talvez não seja uma questão de vida ou morte, mas eu diria que ela definitivamente vê isso como sua vida.

— Então diga a ela essas coisas, se estiverem pesando sobre você — Kelly pressionou. — Ela vai ter de te procurar para falar sobre a casa. Por que você não pode conseguir algo com isso também?

Ah. Mas será que ela realmente queria saber?

— Vou pensar no assunto — ela hesitou.

Kelly deu de ombros, como se não estivesse preocupada com a decisão que Sawyer tomaria. Ela estava colocando a bola no campo para que ela fizesse a escolha, para que decidisse como queria que tudo isso acontecesse.

E depois de uma vida inteira de indecisão, Sawyer sabia que precisava começar a assumir o controle. Hoje à noite, Shane Kent seria o primeiro de sua lista.

***

Por volta das seis horas, Shane a estava cercando como um tubarão que sentiu o cheiro de sangue. Ele estava tentando agir de forma casual, ficando perto dela no salão principal, fingindo tirar o pó de antiguidades que já estavam impecavelmente limpas graças a Sawyer. Pela primeira vez, ela sentiu que estava vendo as coisas com clareza.

Quando o relógio Seth Thomas, pendurado perto da porta, tocou na hora de fechar, Shane correu para a porta, virou a placa e trancou.

— Então — ele começou, aproximando-se do balcão e chamando a atenção dela, que estava compilando os recibos das vendas. — Qual é o veredito? Posso te enviar os documentos para você assinar?

Lentamente, Sawyer juntou os recibos. Ela os colocou em uma pasta sobre o balcão e pegou uma caneta para preencher os formulários de entrega. Sem olhar para ele, perguntou de forma neutra:

— Quando foi a última vez que você viu o Tate? Quando foi a última vez que ele passou a noite na sua casa?

A pergunta claramente o pegou desprevenido, e seu sorriso encantador vacilou quando ela ergueu o olhar para encará-lo.

— O que isso tem a ver com o fato de estarmos discutindo o negócio?

Sawyer apoiou os cotovelos no balcão e o encarou.

— Vamos chamar isso de fazer a minha devida diligência.

Shane enrijeceu.

— Não acho que meu relacionamento com meu filho seja da sua conta.

— Que relacionamento, Shane? Quando foi a última vez que ele passou a noite com você? Você queria ficar com a casa para ter mais espaço para ele. Então, minha pergunta se mantém: quando foi a última vez que ele passou a noite com você?

— Recentemente — ele respondeu.

Lentamente, ela se ergueu e olhou para ele do outro lado do balcão.

— Liguei para Bridget hoje. Ela me disse que Tate não fica com você há mais de quatro meses.

— Bridget mentiu — Shane disse isso com tanta facilidade, que ela se perguntou se ele realmente acreditava no que dizia.

— Por que Bridget mentiria?

Ele passou as mãos pelo cabelo bagunçado e abriu os braços para os lados, com a voz mais alta.

— Provavelmente para me deixar mal na fita. Não sei.

— Acho que você está fazendo um bom trabalho sozinho. — Ela balançou a cabeça, enojada por ter ficado tão cega ao fato de Shane ter sido uma pessoa e um pai tão ruim por muito tempo.

— Achei que você queria ser sócia. Não sei por que, de repente, você está distorcendo isso para me tornar o vilão de alguma forma. — *Continue se afundando, Shane.* Nesse ritmo, Sawyer nem precisaria lhe dar a pá.

— Você vai convidar Tate para morar com você lá em casa? Ele tem se metido em encrencas, você sabe. Provavelmente precisaria de mais atenção sua.

— É uma opção.

— Meu Deus, Shane. Você consegue ouvir o que está falando? Você recebeu tudo, e ainda quer jogar isso fora por algo mais brilhante. Tem um filho que adoraria ter um relacionamento com você. Recebeu um negócio lucrativo do qual poderia literalmente sobreviver se fizesse um pouco de esforço. — Ela bufou, mas levantou a mão quando ele começou a falar. Ela não estava nem perto de terminar. Anos de frustração reprimida estavam transbordando. — Mas você quer que as coisas sejam fáceis. Você quer ter, ter, ter em vez de trabalhar por qualquer coisa.

— Isso já passou dos limites, Sawyer. Você não tem ideia do que acontece na minha vida.

— Não, não é mesmo? Quero dizer, eu deveria, considerando que deveríamos estar aqui trabalhando juntos, mas você nunca está por perto.

Ele parecia chocado com o fato de ela estar dando uma bronca nele. Ela nunca chegou perto desse nível de honestidade em relação à forma como ele estava vivendo. Pela maneira como os olhos dele se moviam, Sawyer podia dizer que ele queria falar, rebater. Mas Shane não podia. Não com a casa em jogo.

Com um tom de voz mais calmo, ele disse lentamente:

— O que eu faço como proprietário não é da sua conta.

— Minhas perguntas como possível sócia estão dentro dos limites. E minhas perguntas como sua irmã são ainda mais relevantes, quer você goste delas ou não.

— Bem, fique à vontade para me marcar na coluna *não gosto* então.

Ele já estava voltando a fazer a choradeira de sempre, mas Sawyer se segurou para não rir. Não queria mais fazer isso, se manter nesse vai e vem em que ele não assumia nenhuma responsabilidade por suas ações. Kelly estava certa. Tudo o que ela podia fazer era tomar as próprias decisões e ver as consequências delas.

— Não vou vender a casa. Ou dá-la como parte de uma troca na sociedade ou seja lá como você esteja chamando.

E então ele gargalhou, de verdade, como se essa fosse a coisa mais ridícula que ele já havia escutado.

— É mesmo? — ele finalmente perguntou, quando sua perplexidade pareceu passar o suficiente para que ele pudesse falar.

— Tive tempo para pensar sobre o assunto, e não é uma decisão comercial prudente.

— Você está cometendo um erro.

— Não estou, mas obrigada por sua opinião. — Ela lhe deu alguns segundos para se recuperar antes de virar a conversa de cabeça para baixo. — E com relação a isso, vou fazer algumas reformas na casa, que exigem que ela seja desocupada. Você pode considerar como seu aviso de trinta dias.

— Você está brincando comigo, Sawyer? Depois de tudo o que fiz por você? Onde vou morar?

Ela deu de ombros.

— Tenho certeza de que nossos pais te deixariam ficar com eles enquanto encontra um lugar. E Tate também. Eles adorariam te ver mais.

Quando a avó morreu, ela deu a Sawyer a casa e a oficina, e Shane ficou com o prédio da loja de antiguidades e os direitos do negócio. Até aquele momento, ela nunca se sentiu tão feliz com a divisão de tudo.

Shane parecia chocado, o que só a fez sorrir.

— Se você acha que nossos pais vão te apoiar nisso, você está enganada. Aposto que eles não fazem ideia do que você está tentando fazer agora.

— Nós descobriremos — ela respondeu, antes de fechar o laptop de trabalho e começar a caminhar ao longo do balcão em direção à entrada dos fundos. — Estou feliz por termos tido a chance de tomar algumas decisões sobre tudo. Tenho planos para esta noite, mas vejo você bem cedo para o meu turno amanhã. — Ela não deu a ele a chance de responder enquanto atravessava o corredor que levava à porta dos fundos e saía do prédio para ir para casa.

Foi só quando ela entrou em casa que percebeu que a duplicidade dele em relação à casa sequer foi mencionada. Ele se enforcou muito antes de a casa entrar em jogo, mas Sawyer não queria acreditar nisso.

Ela deixou de ser uma observadora passiva do mundo ao seu redor. Seus olhos estavam finalmente abertos, e agora o verdadeiro trabalho começava.

CAPÍTULO DEZESSETE

Àquela altura, Quinn achava que deveria comprar uma participação nos hotéis de Kingsford. Ela alugou um quarto em quase todos os fins de semana nos últimos dois meses. Será que conseguiria manter um fixo? Belinda sempre parecia capaz de fazer algum tipo de mágica e conseguir um lugar para Quinn se hospedar, mesmo em cima da hora.

Quinn ficou mais do que surpresa quando recebeu uma mensagem de Sawyer, perguntando se elas poderiam se encontrar no domingo para discutir os termos da oferta. Sawyer deveria estar considerando a possibilidade, se estava disposta a ouvi-la, certo?

Talvez Quinn não estivesse meses atrasada para fechar a casa por causa de seu erro idiota. Mas sabia que não devia subestimar Sawyer.

Ela queria desesperadamente perguntar à Kelly, quando a visitasse hoje, mas isso não era justo. Quinn já obteve uma quantidade significativa de informações da própria Sawyer. Era difícil descobrir o que era jogo limpo e o que não era, algo que nunca foi um problema antes.

Antes, qualquer caminho estava aberto às sutis insinuações e investigações de Quinn. Ela tinha dossiês inteiros sobre alguns vendedores que precisava convencer com um argumento centrado em algo além do que dinheiro.

Tudo o que precisava para convencer Sawyer a vender já estava exposto à sua frente. E mais, estava praticamente embrulhado e decorado com um laço. Por que então ela não se sentia à vontade para usar suas armas?

Parecia que, ultimamente, o que ela mais fazia era elaborar perguntas para as quais não queria saber as respostas.

Meses antes, tudo estava muito claro. Dar um aperto de mão. Mostrar casas. Fechar vendas. Havia muita coisa que acontecia no meio do caminho que Quinn fazia no piloto automático, amparada pela experiência administrativa de Belinda.

Mas agora, de volta a Kingsford, ela se sentia mais à deriva profissionalmente e na vida pessoal do que nunca. Ela tinha receio de falar com Kristen, sua mentora, a quem sempre recorreu para resolver problemas difíceis relacionados ao trabalho. Acordava pela manhã mal estando de corpo presente. E estava se esforçando para atingir uma meta que não a fazia sentir nada.

Houve momentos em que Quinn desejou nunca ter voltado. As coisas teriam sido mais fáceis, mais simples. Reencontrar a irmã e Sawyer plantou algo que começou a crescer. E que agora estava florescendo de maneira descontrolada, apesar de seu esforço para extirpar esses sentimentos. Nenhuma quantidade de foco ou dedicação ao trabalho era suficiente para erradicá-los.

Odiava se sentir dessa maneira. Detestava o fato de ter de colocar o trabalho em primeiro lugar e não poder nem mesmo se permitir vagar pelos caminhos do “e se” e do “talvez” e passar alguns dias na feliz névoa das segundas chances. A única coisa sobre a qual ela se sentia no controle era não se permitir fingir que havia uma maneira de superar tudo isso, de que poderia dizer a Sawyer como se sentia e saber que conseguiriam passar por tudo isso juntas.

Mesmo que Sawyer quisesse dar uma chance a uma viciada em trabalho, sem vida social e com um histórico de fugir quando as coisas ficavam difíceis, será que Quinn voltaria para Kingsford? Ou Sawyer ia

querer se mudar para Nova York? Será que elas poderiam ser um daqueles casais que davam certo construindo uma vida aos fins de semana, coordenando os horários para passar algumas horas roubadas juntas?

Deus, ela estava fazendo de novo. Balançou a cabeça em sinal de frustração, só parando quando percebeu que isso estava impossibilitando-a de colocar os brincos. Depois de quase vinte anos usando apenas roupas de trabalho, Quinn comprou os pequenos acessórios de ouro em uma loja vintage no centro da cidade. Eram pequenos raios que não combinavam em nada com seu estilo corretora de imóveis, mas ela se sentiu atraída por eles. Talvez a lembrassem das tempestades de verão quando era criança em Kingsford, da forma como o céu se abria e tudo ficava banhado de luz por alguns segundos. Eram uma lembrança de uma época da sua vida em que as coisas estavam fora do seu controle, mas não pareciam assustadoras ou esmagadoras.

Ela gostava de como se sentia consigo mesma ao usá-los. E se não podia ter os olhos azuis e focados de Sawyer presos nela, fazendo com que se sentisse acolhida, vista e cuidada, os brincos eram a segunda melhor opção.

***

Assistir a crianças de cinco anos jogando futebol era tão fascinante quanto era difícil desviar o olhar de um acidente de carro. Havia algumas ali que Quinn qualificaria como *promissoras*, mas o jogo consistia principalmente em chutar e correr cegamente atrás da bola. Isso quando elas conseguiam se conectar com a bola. Quinn esperava que as caneleiras minúsculas que as crianças usavam fossem suficientes.

O árbitro, que era um pai voluntário, deu o apito inicial há cinco minutos. Mesmo com a área de jogo condensada em um quarto do campo

de uma escola secundária, pouco progresso foi feito. Ella, com seu cabelo preso em duas tranças embutidas, estava bem no meio de um grupo de jogadores que pareciam não ter nenhuma fidelidade ao time ou ao país.

Eram dez horas da manhã de um sábado, e Quinn estava cansada só de observá-los. Tomou outro gole de café e tentou entender se havia alguma tática naqueles movimentos. Finalmente, ela se virou para Kelly e perguntou:

— Eles vão para lá com um plano ou é uma espécie de vale-tudo?

Kelly riu.

— Este é o primeiro jogo da temporada, e é o primeiro ano em que Ella joga. Não sabemos muito bem o que esperar.

— Estou... — Quinn parou um segundo para escolher as palavras com cuidado — surpresa por Sawyer não ter vindo. Isso não parece o tipo de coisa que ela perderia.

Kelly a olhou de lado.

— Tentando obter informações privilegiadas?

— Sinceramente, não. — Quinn afastou a mágoa de sua voz, mesmo que o golpe de Kelly tenha sido merecido. Ela se aproximou demais da ferida já aberta da culpa que sentia, como se tivesse usado Sawyer e depois a jogado fora. — Vamos nos encontrar amanhã para discutir a casa, o que eu acho que ela te contou.

— Contou — Kelly disse e assentiu, mantendo os olhos no jogo.

— Espero que saiba que foi um erro honesto da minha parte. Eu nunca teria confundido as coisas se soubesse que ela era a proprietária. — Desde quando a opinião de alguém a seu respeito era tão importante? Esse era exatamente o tipo de situação em que não queria estar: explicando, apaziguando e tentando provar o motivo pelo qual fez isso ou aquilo.

Tomou outro gole de café quando Kelly não respondeu, o líquido quente se agitando de maneira desconfortável no seu estômago.

Os jogadores migraram para a borda do campo, ainda em um grupo restrito, com alguns mais distraídos ou desinteressados à margem. Quinn abafou uma risada baixa quando notou um garotinho do outro lado do campo girando em círculos. Trevor passou correndo por eles na lateral, com Luna correndo atrás dele. A menina acenou e gritou: *oi, Quinn*, enquanto tentava seguir o pai, que estava animado acompanhando o jogo.

Quando Ella ouviu a irmã, olhou para cima e viu Quinn também.

— Oi, Quinn! Estou jogando futebol — ela gritou animada, tentando chutar a bola e errando.

— Parece que você tem uma fã — Kelly comentou com um tom neutro, embora tenha sorrido para Ella.

Quinn não passava muito tempo com crianças e ficou surpresa ao perceber as personalidades definidas que elas já tinham construído. Ella era mais quieta e um pouco perfeccionista. Luna era selvagem, ousada e corajosa, e não se importava muito com o que os outros pensavam a seu respeito.

Quinn gostava que Ella gostasse dela, já que a menina mais velha não costumava expressar seus desejos, além de nachos, em voz alta. Isso fez com que Quinn se sentisse especial, da mesma forma que se sentiu quando Sawyer se dispôs a ser sua amiga quando eram crianças.

— Ela é uma boa menina. A Luna também. Você e Trevor são pais maravilhosos.

Kelly manteve os olhos no jogo, mas a plenitude na voz da irmã apertou o coração de Quinn de forma desconfortável.

— A vida é imprevisível, mas quero que elas tenham pelo menos estabilidade e amor em casa.

Foi muito fácil sentir que não estavam mais falando sobre as filhas de Kelly.

— Mas mesmo que não seja esse o caso, pode dar tudo certo — Quinn respondeu, dando uma olhada para a irmã.

Quando Kelly olhou para Quinn, ela sorriu e deu de ombros.

— Eu tive muita ajuda. — Um momento de silêncio passou entre elas antes que ela acrescentasse: — Quem te ajudou?

O aperto no coração de Quinn se afrouxou, substituído por uma vibração suave que era igualmente desconfortável. Ela interrompeu o contato visual.

— Sinto que você já sabe a resposta para isso.

— Estou só conversando.

— Olhe — Quinn falou, voltando a encarar a irmã —, não vou fingir que a Sawyer não é uma pessoa importante para mim, mas essa não é uma situação simples. Estou fazendo o melhor que posso.

Kelly levou alguns segundos para considerar a explicação de Quinn.

— Será que ela sabe disso? Ela sabe que é uma pessoa importante para você?

Quinn soltou o ar com desdém por achar que a pergunta era ridícula. Sawyer sabia, certo? Não tinha como não saber, especialmente depois de tudo o que aconteceu com elas. Quinn estava pronta para dizer um monte de coisas antes que a casa se interpusesse entre elas, como se um tornado a tivesse derrubado. Mesmo que Quinn não pudesse mais dizer tudo aquilo, Sawyer precisava saber. Ou não?

— Acho que ela sabe — Quinn disse em voz baixa, esperando que fosse verdade. Tudo o que fosse dizer a ela agora só ia piorar a dor das duas.

— Eu me tornei amiga de Sawyer cerca de quatro anos atrás. A mãe do Trevor tinha acabado de morrer inesperadamente, e nós estávamos limpando a casa dela e encontramos algumas antiguidades. Foi uma decisão difícil, mas precisávamos vender algumas coisas para pagar as despesas do funeral e garantir que pudéssemos manter a pista de boliche funcionando. Conheci Sawyer na loja, quando levamos os itens para serem avaliados.

Kelly tomou um gole de café, ganhando alguns segundos antes de continuar.

— Ela notou como eu estava sobrecarregada. Eu lembro de estar com Ella apoiada no meu quadril e de tentar não deixar as lágrimas caírem. Trevor mal falou uma palavra na semana que se seguiu à morte da mãe, e eu estava tão... — Ela não conseguia encontrar a palavra certa para descrever, deixando escapar um suspiro exasperado. — E Sawyer perguntou se eu queria tomar uma xícara de café. Ela disse isso de forma tão simples, como se eu não estivesse prestes a desmoronar na frente dela.

— Isso é a cara dela — Quinn comentou, lembrando de quando Sawyer agiu dessa forma com ela, antes de a ter afastado.

— E não estou quebrando nenhuma regra de amizade porque essa é uma história sobre mim. Se alguém perguntar, vou me ater a isso. — Kelly riu baixinho, mas Quinn podia notar que a irmã estava se esforçando para não ultrapassar algum limite de sua amizade com Sawyer. Porque uma amizade com alguém como Sawyer deveria ser protegida a todo custo. — É uma história sobre como conheci minha melhor amiga, que é a melhor pessoa que conheço. Ela coloca todo mundo em primeiro lugar, muitas vezes em detrimento de si mesma.

Quinn assentiu, mas não falou e esperou Kelly continuar. Se não podia falar com Sawyer, queria entendê-la, saber mais sobre a mulher incrível que havia se tornado.

— Então, de toda forma — Kelly finalmente continuou —, ela é o tipo de pessoa que você quer ter ao lado. E, como sua irmã, sinto que não seria uma pessoa muito boa se não dissesse algo. Sobre mim mesma, obviamente — Kelly mencionou isso com um pequeno sorriso nos lábios. — Porque esta é uma história sobre mim.

— Foi uma boa história — Quinn falou baixinho. As palavras pareciam difíceis de serem pronunciadas, era como se uma mão estivesse apertando seu coração. Era uma história muito parecida com a sua, mas Kelly tinha uma melhor amiga para mostrar. O que Quinn tinha? Quase duas décadas de arrependimentos e uma segunda chance que ela estava disposta a jogar fora.

E pelo quê? Uma venda?

Mas, no fim das contas, e isso era algo que ela não estava pronta para admitir para a irmã, Quinn estava com medo. Medo de ser amada, aceita e apoiada incondicionalmente. Estava com medo porque nunca sentiu que merecia alguém como Sawyer em sua vida.

E por estar preocupada com a venda e disposta a deixar Sawyer de lado, enquanto Kelly lhe dizia que Sawyer ainda era uma pessoa fantástica, tudo o que ela fazia era reforçar que ainda não merecia alguém como Sawyer.

***

Quinn caminhou pelo calçadão duas vezes no domingo de manhã antes de se encontrar com Sawyer às nove horas. Infelizmente, não conseguiu dar conta de toda a sua energia nervosa. Voar às cegas não era seu estilo habitual, mas não tinha ideia de onde estavam a cabeça ou o coração de Sawyer no momento.

Então se preparou para seja lá o que estivesse por vir e se dirigiu à casa de Sawyer, colocando um pé na frente do outro sem nem notar o caminho. Quando abriu o portão dos fundos e parou em frente à porta, mais do que algumas gotas de suor escorriam pelas suas costas.

Antes que tivesse a chance de bater, a porta da frente se abriu. Pensar em Sawyer era difícil, mas vê-la, de pé na sua frente, como se não houvesse um milhão de coisas não ditas entre as duas, era excruciante.

Ela respirou fundo e ajeitou a postura.

— Oi, Sawyer. Agradeço a sua disposição em me receber.

Sawyer assentiu e fez um gesto para dentro da casa.

— Entre.

Em qualquer outra situação de trabalho, Quinn assumiria a liderança para deixar a outra parte à vontade. Com Sawyer, estava procurando qualquer pista, por mais sutil que fosse, sobre o seu estado de espírito. No mínimo, precisava reconhecer o elefante na sala.

— Você se importa se eu me sentar? — perguntou.

— Claro. Quer um copo de água? Você parece um pouco... suada — Sawyer disse quando terminou de dar uma olhada em Quinn.

Ela corou. O calor que subia pelo seu pescoço, após a avaliação justa de Sawyer, não estava ajudando seus problemas de temperatura.

— Adoraria. Obrigada.

Sawyer foi até a cozinha e voltou com dois copos de água. Ela apoiou um na mesa de centro em frente a Quinn antes de se acomodar em uma cadeira em frente à amiga. Quinn a observou passar uma perna casualmente por baixo da coxa e apoiar o antebraço na cadeira.

— Então, você tem uma proposta ou algo assim? Eu nunca comprei ou vendi uma casa antes. Não entendo muito bem como tudo isso funciona.

Quinn arqueou uma sobrancelha. Elas iam mesmo fingir que o último fim de semana não aconteceu? Ou todas as semanas anteriores? As palavras de Kelly ecoaram em sua mente. Sawyer era uma pessoa maravilhosa, e Quinn não queria perdê-la novamente – nem mesmo como amiga.

— É mais uma conversa, mas eu queria começar me desculpando novamente.

Ela notou que Sawyer a estava analisando, mas ainda não conseguia entender como ela estava emocionalmente.

— E pelo que você está se desculpando?

— Pela semana passada. Pelo modo como eu fui embora daqui. Fiquei surpresa, para dizer o mínimo. Tentei ser sincera com você, mas percebi que a maior parte da conversa foi um monólogo. Não quero que você pense... — Quinn percebeu, enquanto falava, que era muito difícil pronunciar as palavras e soltou um suspiro trêmulo quando disse: — Não queria que você pensasse que a minha partida teve algo a ver com você.

Um indício de algo brilhou nos olhos de Sawyer, mas passou rapidamente.

— Sei que seu trabalho é sua maior prioridade, Quinn, e que nenhuma de nós esperava por isso.

Quinn soltou uma risada vazia.

— Eufemismo do século. Sei que a situação entre nós era nova e que estávamos mantendo tudo casual, mas lamento que isso tenha sido interrompido. É que eu... tenho uma responsabilidade para com meu cliente e não posso colocar isso em risco. — Suas palavras soaram vazias aos seus ouvidos. Se não conseguia se convencer de que eram verdadeiras, como poderia convencer Sawyer?

Mas isso não parecia ser um problema para a moça, que se mexeu na cadeira. Sawyer parecia calma, como se já tivesse superado as coisas entre

elas. Quinn gostaria de poder dizer que também conseguiu.

— Acho que saber que não era tudo unilateral me ajudou muito. — Ela se inclinou para a frente e olhou para Quinn intensamente antes de baixar a voz para dizer: — Quero ser honesta com você sobre uma coisa.

Uma onda de nervosismo surgiu no estômago de Quinn.

— Sou totalmente a favor da honestidade. — Ela não sabia se estava falando sério.

— Eu sabia, no ensino médio, que gostava de você para além de amiga. Nunca fui corajosa o suficiente para fazer algo quanto a isso, e então seu pai foi embora, e estar ao seu lado me pareceu mais importante do que ir atrás do que eu queria. — Quinn ficou atordoada com as palavras de Sawyer. Quando ela disse que seria honesta, não estava brincando. Mas Quinn conhecia a parte da história que viria a seguir, e a mágoa a atravessou preventivamente antes que Sawyer continuasse. — E então você começou a namorar meu irmão. O que foi... — Sawyer soltou um suspiro e riu. As duas sabiam que não era engraçado. — Eu nunca esperei que você gostasse de mim, mas te ver com ele, bem, doeu.

— Eu nunca quis que isso acontecesse — Quinn finalmente respondeu, sua voz saiu rouca pela mágoa que havia causado. Shane não foi nada mais do que um esforço errado e de última hora para fingir que sua vida não estava saindo dos trilhos. E talvez tivesse sido a oportunidade perfeita para cortar a amizade que as duas tinham construído, para ajudar Sawyer a ver que Quinn não valia seu tempo.

Sawyer a dispensou.

— Não quero que ninguém sinta pena de mim. O que estou tentando dizer é que foi bom te reencontrar. Ter uma segunda chance de saber que no futuro no qual eu pensava quando era adolescente havia um mundo no qual você sentia o mesmo por mim. Pude ter isso. — Sawyer sorriu com tristeza

e deu de ombros. — Pode não ser tudo o que eu queria, mas, ainda assim, tive.

Quinn se perguntava sobre isso, torcia, até, mesmo quando eram mais jovens, mas nunca se sentiu segura para dizer isso. Não parecia seguro arriscar a amizade mais importante da sua vida pela possibilidade de perder tudo. Não havia como admitir para Sawyer que a amava desde que eram crianças sem que tudo isso se desintegrasse, sem que Quinn implorasse por outra chance depois de todas as que já jogou fora sem cuidado.

Então, ela não o fez.

— Obrigada por ser sincera comigo. Eu gostaria de ter sido o que você queria quando éramos mais jovens, mas não estava em condições de ser essa pessoa. E agora...

— Ainda é complicado. Mas, desta vez, temos de responder a outras pessoas por nossas decisões. — Os lábios de Sawyer se inclinaram em um sorriso triste. — O que eu aceito, mas preciso ser honesta sobre outra coisa.

Quinn procurou os olhos de Sawyer para descobrir o que ela estava pensando, na esperança de diminuir a dor do que viria a seguir. Quando não encontrou nada, assentiu para que Sawyer continuasse.

— Eu te respeito demais para desperdiçar seu tempo. Não vou vender a casa que minha avó me deixou, embora eu aprecie sinceramente o interesse de seu cliente na propriedade. Espero que, da mesma forma que estou disposta a aceitar o que você precisa fazer em nome da sua ética profissional, você possa aceitar a decisão que estou tomando em nome da minha ética pessoal. — E então, como se não tivesse acabado de tirar o chão de Quinn, Sawyer se levantou, foi até a porta e a abriu. — Tenho certeza de que nos veremos por aí, especialmente junto com a Kelly e as meninas.

Quinn não conseguia se lembrar de uma única de suas dezenas de técnicas para manter um vendedor relutante envolvido em uma conversa. Sawyer acabou de lhe dizer que gostava dela desde que eram crianças. Que entendia as decisões que Quinn tomou naquela época e agora. E, como se a sua vida pessoal não tivesse sido jogada no caos, teve de colocar seu mundo profissional no caos também, declarando que estava fechando a porta para uma possível venda. Queria ficar frustrada e não ouvir nenhuma das coisas que Sawyer acabou de lhe dizer, principalmente porque, mais uma vez, as duas sabiam que ela era uma mulher incrível e corajosa. Uma mulher que Quinn nunca mereceu.

Embora não fosse o que Quinn queria ouvir, estava orgulhosa de Sawyer. Por ter se defendido. Por estabelecer limites claros para a situação. Por colocar suas necessidades acima de seu desejo habitual de agradar outras pessoas. E, sim, ela estava ligeiramente excitada porque, às vezes, Sawyer assumia o controle, embora normalmente fosse apenas no quarto. Tal ciência inundou a mente de Quinn enquanto ela pigarreava e esperava que seu rosto não estivesse tão vermelho quanto parecia.

Colocando o copo de água na mesa de centro, ela se levantou e foi ao encontro de Sawyer na porta.

— Respeito suas escolhas, mas você não acha que me tornei tão bem-sucedida por desistir com facilidade, acha?

Com um sorriso de flerte que bambeou as pernas de Quinn e a fez questionar todas as decisões que já tinha tomado, Sawyer deu de ombros novamente.

— Acho que vamos descobrir.

CAPÍTULO DEZOITO

Na terça-feira, Sawyer recebeu a primeira oferta oficial de Quinn para a casa.

Tecnicamente, não foi de Quinn, mas de uma pessoa chamada Belinda, que trabalhava para ela. Ela leu o e-mail e tentou não deixar os olhos saltarem do rosto quando viu a quantia. Era mais dinheiro do que jamais teve em sua conta bancária. Surpreendentemente, não era Quinn que estava em sua mente. Tudo o que isso fez foi deixá-la ainda mais irritada com Shane, que agiu como se estivesse lhe fazendo um favor ao tirar a casa de suas mãos para permitir que ela comprasse a loja.

Desde o jantar em que ele mencionou Quinn, Sawyer relutou em participar das refeições em família na casa dos pais. Fingir que as coisas estavam bem entre eles se tornou insustentável, e vê-lo na loja quando ele aparecia não a fazia querer ir até lá em seu tempo livre para encontrá-lo também.

Ainda assim, ela passava na casa dos pais de vez em quando para uma visita e ver como eles estavam.

Hoje, seu pai estava jogando golfe, o que era ideal, já que ela só queria ver a mãe.

Quando entrou na casa, Sawyer sabia que a mãe estava na cozinha pelo cheiro delicioso de pão que se espalhava pela casa.

— Oi, mãe — ela chamou, indo até lá para encontrá-la.

— Eu achei que você sempre estaria ocupada demais para vir me ver. — Ela limpou as mãos no avental e puxou Sawyer para um abraço apertado. — Quer experimentar meu pão de banana? Tem nozes-pecã.

— Aceito o pão, e faz apenas algumas semanas que não nos vemos.

Sua mãe finalmente a soltou e deu um beijo na têmpora de Sawyer.

— Por pouco você não pegou seu pai. Ele saiu para jogar golfe com Shane há cerca de uma hora.

Sawyer vacilou, e a indecisão inundou seu corpo, mas ela queria o conselho da mãe, mesmo que não fosse bem recebido.

— Não tem problema. Era com você que eu queria falar.

Com o olhar treinado, a mãe assentiu e apontou para a mesa da cozinha.

— Vamos nos sentar.

Ela seguiu a mãe e se sentou na cadeira ao lado. Se não tivesse que fazer contato visual, talvez fosse mais fácil.

— Então, o que está acontecendo?

Sawyer se sentiu como uma criança sendo forçada a confessar algo, mesmo que tenha sido ela quem tenha pedido para falar. Querer a aprovação dos pais não era novidade, mas ainda estava chocada com a rapidez com que voltou a se preocupar com a reação da mãe. No entanto, o julgamento não vinha da mãe, que estava apenas olhando para ela com uma mistura de preocupação e curiosidade.

Ela se esquivou e começou a falar.

— Estou pensando em fazer algumas mudanças na minha vida.

Sua mãe levantou uma sobrancelha.

— É? Que tipo de mudanças?

Respirando profundamente, ela tentou dizer as palavras de forma que soassem coerentes.

— Então, você sabe que eu tenho trabalhado na loja no último ano.

Ela olhou para cima e viu a mãe, calma e aberta, apenas esperando que ela continuasse. Sawyer ficou presa em suas próximas palavras até que

a mãe segurou sua mão e a apertou.

— Eu sei, querida. E você tem feito um ótimo trabalho.

— Obrigada — ela disse e pigarreou, querendo afastar o rubor. — A questão é que há algumas mudanças que eu queria fazer na loja. Mas a empresa não é minha, e embora eu respeite a decisão da vovó, não posso passar o resto da minha vida trabalhando para o Shane.

— Querida... — Sua mãe apertou sua mão novamente. — Ninguém esperava que você trabalhasse para o Shane para sempre.

Ela ergueu a cabeça.

— O quê? — Bem, aquilo era novidade para ela.

Ela viu hesitação nos olhos da mãe.

— Tento não me envolver nos negócios da família, já que sou uma Kent só por casamento, mas acho que você não entendeu a decisão da sua avó. Acredite em mim, eu não tinha entendido até perguntar a ela antes de falecer.

— Certo, antes de tudo, mãe, você é o porto seguro desta família. Seja por casamento ou por sangue, você nos manteve unidos a vida toda. Sei que você apoiou o papai, inclusive quando ele quis abrir seu próprio negócio. E você tem sido a melhor mãe que eu poderia desejar. Espero que nunca duvide disso.

A mãe sorriu para ela com carinho.

— Gostaria que você guardasse um pouco dessa confiança para si mesma, querida.

— Estou trabalhando nisso.

— E fico muito feliz em ouvir isso. — Os olhos de sua mãe procuraram os seus. — Isso tem alguma coisa a ver com o fato de Quinn McKinley ter voltado?

O rubor se intensificou.

— Não vamos perder o fio da meada — ela disse com um gemido. — O que você estava dizendo sobre a vovó?

— Quando descobri sobre a divisão do testamento pouco antes de sua avó falecer, fiquei furiosa. Você trabalhava lá incansavelmente desde os dezesseis anos. — Ela sentiu que a linha de questionamento sobre Quinn ainda não havia terminado, mas ficou grata pelo alívio que a mãe estava lhe dando.

Sawyer suspirou e mexeu na aliança de casamento no dedo da mãe.

— Eu sei. Eu me senti da mesma forma, mas, para início de conversa, eu nunca esperei nada. Não me pareceu justo tocar no assunto.

— Bem, vou dizer só uma coisa: aquela mulher era astuta. Se estávamos jogando damas, ela estava jogando xadrez. — A mãe olhou para Sawyer como se estivesse implorando para que ela entendesse. — Você recebeu a propriedade porque foi responsável. Era um lugar seguro para você sempre ter para onde ir, independentemente do que quisesse fazer. A vovó queria te dar a casa para que você pudesse ser livre para experimentar coisas novas e fazer grandes mudanças.

Sawyer sorriu, lembrando-se da mulher combativa que tinha pouco mais de um metro e meio de altura. Aquela mulher era capaz de vender sal a uma lesma. Ela sempre achou que a avó achava o irmão mais simpático e, portanto, uma escolha melhor para administrar a loja. Agora ela se viu compelida a saber a verdade.

— Por que ela deu a loja ao Shane?

— Você sabe como adquirir antiguidades e sabe como administrar o negócio. — Ela coçou a cabeça.

— Você entende que isso não faz o menor sentido, certo?

Sua mãe riu.

— Para sua avó, fazia. Ela estava disposta a dar uma chance ao Shane, mas apenas se ele merecesse. Ele não herdaria uma casa que poderia simplesmente vender. Se ele quisesse fazer tudo dar certo, precisaria aprender sobre o negócio e se manter por conta própria.

— Ah — Sawyer murmurou, tentando entender o que a mãe estava dizendo.

— Mas acho que ela não imaginava que você ficaria por aqui depois que ele herdasse a loja. Que você iria... sustentá-lo. — Estava claro que dizer isso magoava a mãe, admitir que Shane não estava vivendo de acordo com seu potencial.

— Mas eu adoro a loja.

— Você adora antiguidades. Adora encontrar peças com potencial e fazê-las brilhar. Não precisa da Kent Antiques para fazer isso. Tudo o que precisa é do que aprendeu trabalhando lá. De todo o tempo que passou com seu avô na oficina dele. Do que aprendeu observando sua avó negociar com os clientes que pechincham.

— Eu odeio pechinchas. — Sawyer sabia que estava com uma expressão azeda e infantil no rosto. Isso fez sua mãe rir.

— Sei disso, querida, e não tem problema. — Ela deu um tapinha na mão de Sawyer. — O que importa é que você está se entendendo mais. Ver sua criança feliz é tudo o que uma mãe quer neste mundo. Pelo menos, é tudo o que eu quero para você.

— Estou tentando, mãe. Estou realmente tentando — Sawyer falou, com a voz carregada pelo peso do assunto. O peso de todo o tempo que passou com muito medo de se arriscar.

— Sei que você está tentando, Sawyer. Você se doa, mas não pode descobrir um santo para cobrir outro. — Sua mãe se acalmou, fez uma

longa pausa antes de continuar. — Acho que Quinn já sabia disso há muitos anos, quando foi embora.

— Mãe, não quero falar sobre isso agora — Sawyer disse, com lágrimas nos olhos. Ela estava começando a fazer as pazes com o passado no que dizia respeito a Quinn, já tinha precisado trancar o presente em um compartimento pressurizado e fechado a vácuo para passar o dia.

— Está bem. — Sua mãe se inclinou e beijou a têmpora de Sawyer, como fazia quando ela era pequena. — Não precisamos falar sobre isso, mas, se quiser, estou aqui para te ouvir.

— Obrigada. Sei que você está sempre ao meu lado.

— Então... — sua mãe falou, se levantando e indo até o balcão. — Vou cortar alguns pedaços desse fantástico pão de banana para nós e, se me permite dizer isso, você vai me contar tudo sobre seus grandes planos.

***

Na quinta-feira, um plano estava começando a se formar na mente de Sawyer, um plano para transformar seus sonhos em realidade. Ela tinha alguns caminhos possíveis para fazer isso, mas, naquela manhã, precisou dar uma pausa em seu foco no trabalho. O que, na verdade, era um pouco chato, considerando o quanto estava gostando. Saber que estava fazendo algo por si mesma, que estava no controle de como as coisas se desenrolavam, era ao mesmo tempo assustador e estimulante.

Às dez e quarenta, chegou a uma casa pitoresca de um pavimento, a cerca de um quilômetro da pista de boliche.

— Olá, Bridget — ela disse ao sair do seu SUV.

Bridget era a namorada de Shane, eles estavam sempre indo e voltando há alguns anos. Eles ficaram juntos pela primeira vez pouco depois de Quinn deixar a cidade. Quando Shane voltou da faculdade,

durante o período em que tinham *voltado*, ela engravidou. Sawyer não ficou surpresa, pois conhecia o irmão, mas tinha ficado surpresa por ele ter deixado de ser uma figura paterna para Tate. Os dois tiveram excelentes modelos masculinos quando eram pequenos, e o modo como Shane encarava o fato de trazer uma criança ao mundo como algo casual que não afetava a maneira como tocava a vida era algo que Sawyer nunca entenderia.

Mas, como vinha dizendo a si mesma cada vez mais ultimamente, isso não era problema seu. Bridget lhe deu um sorriso caloroso.

— Oi, Sawyer. É um prazer te ver.

— Igualmente — ela respondeu, se inclinando para abraçá-la. — Já faz muito tempo que não nos vemos. O Tate está pronto?

— Sim. — Havia hesitação na voz de Bridget. — Ele foi instruído a se comportar da melhor maneira possível, mas...

Sawyer a afastou.

— Não tem problema. Não importa como ele se comporte, eu cuidarei disso. Só quero passar algum tempo com ele. — Ela se encostou na cerca de madeira da varanda da frente. — E sinto muito por não ter feito mais isso. Por muito tempo, senti que essa decisão não cabia a mim. — Ela sorriu com um tom irônico. — Foi uma coisa estúpida de se pensar. Ele é meu sobrinho, e eu gostaria de passar mais tempo com ele.

Via Tate ocasionalmente fora da pista de boliche, e ele ficava com Shane em alguns feriados por ano, na maioria das vezes só durante o dia, quando eles iam para a casa dos pais para jantar ou para uma comemoração específica.

O fato de não ter ideia do que um garoto de treze anos gostava deveria ser um problema, mas não estava preocupada. Mesmo que tudo corresse mal, Tate saberia que havia alguém na sua vida que queria passar

um tempo com ele. Caberia a ele decidir o que fazer com essa informação, mas ao menos ele saberia que havia pessoas do lado Kent da família, se ele precisasse delas.

— Oi, Tate — ela disse, quando um adolescente mal-humorado apareceu na porta, com cabelos soltos e o início de acne no que costumavam ser bochechas rechonchudas. Essas bochechas também diminuíram no último ano, e ele devia ter crescido pelo menos uns oito centímetros desde que ela o viu no Natal.

Sua única resposta foi:

— Está cedo.

— E embora eu odeie tirá-lo da cama no início da manhã — Sawyer olhou para o relógio e depois para ele —, infelizmente não posso controlar quando o grupo de boliche se reúne.

— Não quero sair com crianças pequenas — ele murmurou.

— Bem, a outra opção é irmos ao parque, nos sentarmos a uma mesa de piquenique e ficarmos olhando um para o outro. Vou fazer todo tipo de perguntas sobre sua vida e seus amigos por algumas horas. Isso parece mais divertido?

Tate revirou os olhos.

— Não.

— Perfeito. — Sawyer sorriu e bateu palmas. — Obrigada por me emprestá-lo, Bridget.

— Disponha. — Bridget acenou da porta quando os dois entraram no SUV de Sawyer.

Ela não esperava muita conversa, mas ficou surpresa com as respostas praticamente monossilábicas que ele deu às suas perguntas.

— Como está indo seu verão?

— Bem.

— Você pratica algum esporte?

— Futebol.

— Eu te vejo andando de skate às vezes. Como é andar de skate?

— Divertido.

O garoto não estava facilitando as coisas, mas ela não podia culpá-lo.

— Então, o que mais você faz para se divertir?

— Boliche é que não é. — Ela ia contar isso como uma vitória, já que era mais de uma palavra.

Sawyer deu uma olhada para ele. Ela o viu na pista de boliche algumas vezes com os amigos, mas a maioria dos garotos jogava as bolas na pista o mais forte que podia até serem convidados a sair.

— Trevor e Kelly, os donos da pista de boliche, também estarão lá. É um grupo bastante informal, portanto, se quiser ficar e jogar boliche em uma pista só sua, tudo bem. — Ela deu de ombros e voltou a olhar para a estrada, virando na direção do estacionamento. — Mas também há muitas crianças lá que podem precisar de ajuda extra, se você estiver interessado. Sem pressão, só para você saber.

— Um emprego de babá aos treze anos é exatamente o que eu sempre quis. — Sua voz saiu trêmula, e ele baixou mais o boné sobre a cabeça.

— Você aceita suborno? — ela perguntou enquanto estacionava o SUV na vaga. Funcionava com Ella e Luna. Ela era muito consistente.

Ele se sentou um pouco mais ereto.

— Com o quê?

Sawyer deu de ombros. Surpreendentemente, ela não pensou tão longe.

— O que você quer?

— Um celular novo.

— Ah, cara, Tate. Você vai com tudo. Respeito isso — ela respondeu com uma leve risada. — Infelizmente, não posso te dar um celular novo. — Mas, pelo menos, ele estava falando com ela, e isso já era alguma coisa.

— Mas o meu é muito velho.

— Acho que se você consegue enviar mensagens aos seus amigos para reclamar sobre como sua tia te arrastou da cama para ir jogar boliche, ele deve dar conta do recado.

Ele revirou os olhos pela segunda vez em quinze minutos, mas ela ficou surpresa quando Tate finalmente falou:

— Eu nunca consigo fazer vídeos quando fazemos truques para postar no TikTok. É constrangedor — ele concluiu, com a voz mais baixa.

Ela entendia como era ter treze anos e sentir que não se encaixava, independentemente do motivo. Com Sawyer, foi a sua personalidade dolorosamente quieta. Falar com outras pessoas a deixava nervosa, porque ela nunca sabia o certo a dizer. Ela melhorou um pouco com o passar dos anos, mas ainda precisava de tempo para processar as coisas. Grandes grupos, todos falando e gritando, provavelmente nunca seriam o que ela mais gostava no mundo.

Sawyer assentiu e deu um sorriso simpático.

— Mas você ainda pode participar dos vídeos, certo? Ou usar o celular dos seus amigos para filmá-los?

— Sim, mas... — Tate se sentou mais ereto no assento. Foi o primeiro sinal real de interesse que ela viu nele. — Depois, eles cortam os vídeos no aplicativo e os sobem online. Quero poder fazer isso — ele concluiu em voz baixa, como se tivesse falado demais. Ele colocou a mão sobre a testa e se inclinou para a janela do lado do passageiro.

— Eu tenho TikTok.

Ele se virou para ela, com descrença em sua voz.

— Para quê? O impressionante esporte que é o boliche?

Ela riu, mesmo que ele estivesse sendo um pouco petulante.

— Eu conserto jogos de fliperama muito antigos. Tipo, antes de os jogos terem telas e outras coisas. Depois, faço o upload dos vídeos dos meus projetos.

— E as pessoas se interessam por isso?

— O mundo é um lugar grande, Tate. As pessoas se interessam por muitas coisas.

Ele ficou sentado em silêncio, absorvendo as palavras dela.

— Quantos seguidores você tem?

— Cerca de vinte mil. — Ela sabia que isso era objetivamente muito, mas estava mergulhada no *AntiqueTok* e não fazia ideia de quantos seguidores as outras pessoas tinham.

A julgar pela forma como os olhos dele se arregalaram, ela supôs que era um número impressionante para ele. Mas, por ser um garoto de treze anos, não admitia rapidamente que qualquer coisa que os adultos fizessem poderia ser legal.

— Acho que tem muitas pessoas chatas por aí.

— Acho que sim. — Ela abriu a porta. Eles precisavam estar na pista de boliche em um minuto. — Mas se você gosta de editar vídeos, fique à vontade para vir me ajudar. Eu posso fazer os vídeos e você pode editá-los para mim.

Ele assentiu, considerando a oferta.

— Sim... talvez.

Sawyer sorriu e saiu do utilitário esportivo.

— Me avise se estiver interessado. Estou sempre trabalhando em projetos, então é só me avisar quando quiser.

Ela estava andando alguns passos à frente dele quando Tate acelerou o passo para alcançá-la.

— Então, tipo... eu posso só jogar boliche se eu quiser?

Abrindo a porta do prédio, ela fez um gesto para que ele entrasse, tentando esconder sua expressão de felicidade.

— Sim, Tate. Você pode só jogar boliche.

***

Na quinta-feira à noite, Sawyer respondeu à oferta. Seu dedo pairou sobre o botão enviar um pouco mais do que gostaria. Era difícil recusar aquela quantia, mas era a escolha certa para ela.

Quando clicou em enviar, parecia que estava convocando Quinn de volta a Kingsford. Ela sorriu e fechou o laptop. Imaginou que estavam prestes a descobrir o quanto as duas estavam dispostas a trabalhar.

CAPÍTULO DEZENOVE

Quinn não retornou a Kingsford no fim de semana. O evento de Dreyer seria na próxima quarta-feira, e ela precisava se concentrar para garantir que tudo se saísse bem.

Durante os momentos livres em que não estava trabalhando ou se deixando pensar em Sawyer, estava pensando em seu trabalho. Coisas simples, na verdade. O que gostava nele. Quanto estava ganhando com ele. O que estava construindo. Dinheiro era uma resposta óbvia. A essa altura, já tinha segurança financeira cinco vezes maior do que o necessário. Talvez não fosse dinheiro suficiente para *comprar um jato particular*, mas com certeza era dinheiro para *fretar um jato particular* se quisesse ir a algum lugar. Então, isso era bom.

No sábado à noite, depois de algumas taças de vinho, até se forçou a fazer uma lista.

As tendências do mercado imobiliário mudavam constantemente, mas morando na cidade de Nova York era fácil encontrar negócios estáveis, desde que conseguisse se adaptar. Se quisesse conquistar um cliente, geralmente conseguia uma reserva de última hora em praticamente qualquer restaurante. E já fazia isso há tanto tempo, que se sentia mais do que hábil. Talvez até demais. Será que era isso que a estava deixando um pouco sem brilho?

Criar sua própria agenda, sem um chefe tradicional a quem responder todos os dias, era uma vantagem. Mas, quando levou o pensamento adiante, percebeu que havia limitações. Exceto pelas férias em um destino tropical todos os anos no Natal, ela ficava perto da cidade para o caso de um

negócio fracassar inesperadamente ou precisar se reunir com um cliente para mostrar uma propriedade que surgisse no mercado.

Mesmo a duas horas de distância, em Kingsford, ela sempre mantinha o telefone à mão, e Belinda tinha um toque só dela para que Quinn soubesse que deveria atender imediatamente.

No fim das contas, porém, tinha tudo o que queria do seu emprego. Um pouco mais de flexibilidade seria bom, assim como trabalhar menos horas, mas os valores com que trabalhava exigiam disponibilidade. Não havia como contornar isso, a menos que quisesse dar um passo atrás e trabalhar em negócios menos lucrativos.

E esses negócios traziam um conjunto totalmente diferente de problemas. Sua disponibilidade, nesse caso, quase se tornou mais importante. No momento, o estoque estava baixo na faixa média do mercado, portanto, chegar a uma apresentação dentro de vinte e quatro horas após a casa ser colocada à venda era quase essencial. Se quisesse ganhar a mesma faixa de dinheiro, precisaria de ainda mais clientes para aumentar seu portfólio.

Balançou a cabeça e tomou outro longo gole de vinho. Não, diferentes tipos de negócios não eram a resposta.

Talvez investir? Tinha a maior parte de seus fundos em carteiras de baixo risco. Escolher algumas ações ou investir em uma ou duas empresas nas quais acreditava poderia ser um ótimo uso de seu dinheiro.

Qualquer coisa que investisse não a colocaria em risco de insegurança financeira se desse errado, mas poderia ser interessante observar as coisas um pouco mais de perto. Ver no que poderia transformá-lo usando algo diferente de juros compostos, que era uma frase que ela nem conhecia antes de sair de Kingsford.

Foi Kristen quem lhe ensinou mais do que apenas o negócio imobiliário. Ela foi diligente em preparar Quinn para o futuro, se certificando de que a aprendiz estivesse maximizando cada dólar que entrava. E isso lhe serviu muito bem.

Os fundos para a faculdade de Ella e Luna passaram por sua cabeça mais de uma vez. Kelly nunca lhe pediu nada, e Quinn duvidava que ela aceitasse um cheque se lhe fosse oferecido. Algo para as meninas era uma maneira segura de Quinn dar a elas um pouco de segurança também, embora não tivesse certeza de como abordar o assunto com a irmã.

Com o maior negócio de sua carreira atualmente em frangalhos, provavelmente não era o melhor momento para começar a pensar em dividir seu foco. Precisava fechar a venda para Clark Gleeson. Isso reduziria a complexidade da sua vida. Quando conseguisse fechar o contrato, Kingsford voltaria a ser nada mais do que um lugar onde ela morou, um lugar onde sua família ainda vivia.

E, com a vida pessoal em frangalhos também, um pouco de normalidade era exatamente o que ela precisava.

***

— Muito bem — Belinda disse, segurando a porta para Quinn ao saírem do escritório de acordos na tarde de quarta-feira.

Quinn convidou Dana Dreyer para se juntar a elas para um drinque de comemoração, mas ela tinha de pegar um voo de volta para o Reino Unido em algumas horas, para continuar trabalhando em uma fusão. Quando Quinn a conheceu, a respeitou profundamente. Mais do que querer fazer uma venda, queria fazê-la para Dana, que tinha uma ética de trabalho que rivalizava com a de Quinn. Não conhecia muitas outras pessoas que viviam e respiravam o que faziam.

Quando chegaram à calçada e começaram a caminhar de volta para o escritório, em vez de ficar impressionada, quando Dana saiu do prédio na frente delas, antes mesmo que a tinta dos contratos secasse, já no celular para atender a uma necessidade de trabalho, Quinn sentiu... ela procurou uma palavra, e acabou ficando com... *decepção*. Não era da conta dela o que um cliente fazia com a casa, mas saber que, depois de todo o tempo e trabalho que Belinda e ela dedicaram, Dana Dreyer talvez sequer colocasse os pés no lugar por semanas era decepcionante. Tantos dias daquela luz do sol entrando pelas janelas seriam perdidos. Mais frustrante ainda era o fato de que isso era algo com que ela nunca se importou. Estava trabalhando para garantir a Clark Gleeson sua sexta propriedade comprada no último ano. Sabia que ele não era do tipo que alugava uma casa em um *Airbnb* quando estava fora.

Isso a fez pensar em sua própria casa, como o único momento em que realmente passava lá era depois que o sol já havia se posto. Pensou em como ela estava seguramente separada de uma cidade pela qual pagava uma quantia exorbitante para morar. Como uma garrafa de vinho recém-aberta tinha um sabor melhor do que a taça mais bonita em um dos restaurantes mais badalados da cidade, porque não vinha acompanhada de uma conversa tediosa e obrigatória.

Ela afastou os pensamentos deprimentes.

— Eu não conseguiria fazer isso sem você, Belinda. Ainda quer tomar um drinque? — Belinda nunca foi incluída no grupo das *conversas tediosas*.

Pela visão periférica, notou Belinda lhe lançar um olhar estranho.

— Agora?

Quinn assentiu e continuou andando.

— Sim, agora. Se você estiver livre.

Belinda soltou uma leve risada.

— Bem, se você está livre, então eu também estou.

— Perfeito. — Elas andaram mais alguns quarteirões até chegarem a um bar de vinhos perto do escritório. Dessa vez, Quinn segurou a porta. — Depois de você.

Era início da tarde, e o ar-condicionado era um alívio bem-vindo frente ao calor sufocante que irradiava do cimento do lado de fora, entre os arranha-céus e pairando de forma sufocante sobre tudo ao seu alcance. Em Kingsford, fazia calor, mas perto do rio havia uma brisa suave que parecia amenizar o bafo enclausurador. Ela afastou esse pensamento também.

Quando estava prestes a se sentar, uma voz na mesa alta ao lado a chamou.

— Quinn!

Ela deu um sorriso de desculpas para Belinda, que foi prontamente dispensado. Belinda sabia, tanto quanto ela, que fazer amizades era parte do trabalho. Quinn ficou mais animada quando percebeu quem chamou seu nome. Ela abriu um largo sorriso quando estendeu a mão e segurou a de Bennett Burke.

— Bennett, quanto tempo. Como você está? Lily, é um prazer vê-la novamente — ela disse, se aproximando da mesa onde Bennett estava sentada com sua agora esposa, Lily. Quinn conheceu as duas meses atrás, em uma festa de arrecadação de fundos, e embora tivesse tentado atraí-las como novas clientes, as duas estavam felizes, por enquanto, em sua casa no Brooklyn.

— Estamos ótimas — Bennett declarou, irradiando felicidade. — Acabamos de voltar da lua de mel, e agora estamos de volta à rotina do trabalho com casamentos. — Bennett parecia muito animada com a volta ao

trabalho, e Lily espelhava a mesma energia. Estavam com as mãos unidas sobre a mesa, e havia uma garrafa de vinho vazia entre elas.

Lily assumiu a Southerland Wedding Company no lugar de Diane Southerland e, pelo que Quinn soube, estava fazendo um trabalho fantástico. Bennett agora era sócia da empresa, e se a lista de espera para garantir os serviços de planejamento de casamentos fosse um indicativo, estavam fazendo um excelente trabalho.

Quinn acenou com a cabeça para a garrafa vazia.

— Estão comemorando alguma coisa?

— A quarta-feira? — Lily perguntou, dando de ombros enquanto soltava uma risada leve e feliz. — Tivemos algumas reuniões esta manhã e decidimos desfrutar de uma tarde agradável. — Deus, isso parecia maravilhoso.

Quinn concordou, mesmo que não conseguisse imaginar um dia como aquele. O mais próximo que ela chegou foram as manhãs em que acordou na cama de Sawyer, bêbada, com a sensação de muitas possibilidades à sua frente, mas estava fazendo o possível para evitar pensar nisso. Em vez disso, sorriu e afastou as lembranças.

— A propósito, parabéns pelo casamento. Sasha me disse que foi um evento lindo. — Ela ajudou a amiga Sasha a fechar a compra de sua casa no Brooklyn há alguns anos, e as duas mantiveram contato, se encontrando em vários eventos.

— E a Sasha é a próxima — Lilly contou, animada. — Roger a pediu em casamento durante a nossa festa, o que nos deixou muito felizes.

Será que todos estavam loucamente apaixonados? Quinn reprimiu um gemido.

— Vou dar a ela meus parabéns também.

Bennett, já um pouco alta, agora que Quinn estava olhando mais de perto, inclinou-se em sua direção.

— Você está em um encontro? — ela meio que sussurrou. — Desculpe por termos interrompido!

Quinn balançou a cabeça.

— Eu vim com a minha colega de trabalho, Belinda. Acabamos de fechar uma venda, então viemos tomar um drinque para comemorar.

— Bem, parabéns a vocês também — Lily falou, segurando a taça vazia. As duas, Lily e Bennett, faziam com que tudo parecesse tão possível. Trabalhar juntas. Viver juntas. Amar uma à outra.

Talvez elas tenham tido mais facilidade para se encontrarem e crescerem juntas, sem medo, mágoa ou falhas de comunicação que as impedissem de serem honestas sobre seus sentimentos.

Por que, mesmo quando não se tratava de Sawyer, ela passava pela mente de Quinn nos momentos mais inoportunos? Era como se Sawyer estivesse sempre lá, esperando que algo fizesse com que Quinn se lembrasse do tempo que passaram juntas... e quase tudo a fazia se lembrar.

— Obrigada — Quinn finalmente respondeu com um aceno de cabeça e um sorriso caloroso. Ela bateu os nós dos dedos suavemente na mesa. Isso era tudo o que ela podia suportar no momento quando o assunto era desfrutar do amor verdadeiro. — Vou deixar vocês duas voltarem a comemorar... a quarta-feira — concluiu com um sorriso irônico.

— Você também. — Bennett tirou um cartão da jaqueta e o entregou a Quinn. — Caso você precise. Gostaríamos muito de trabalhar com você um dia.

Quinn riu e pegou o cartão, entregando o seu.

— Digo o mesmo para vocês duas. Se precisarem de um lugar maior, me avisem.

Elas se entreolharam, e Bennett apertou a mão de Lily.

— Talvez a gente até aceite essa proposta. Eu te ligo quando estivermos prontas.

Dessa vez, Quinn conseguiu dar um sorriso genuíno, e a pedra em que ela mantinha o coração fechado se quebrou um pouco. As duas realmente formavam um lindo casal, com olhares carinhosos e uma conexão íntima, sem serem exibicionistas.

Quando Quinn se acomodou na poltrona em frente a Belinda, ainda estava se recuperando de se deliciar com a força do relacionamento delas. Por muito tempo, não se permitiu considerar a ideia de estar com alguém. Estar *realmente* com alguém. Colocar as necessidades da outra pessoa acima das suas próprias. Encaixar a vida da outra na sua. Construir uma vida juntas. Por toda a sua vida adulta, o trabalho consumiu sua existência. Era seguro. Ela era boa nisso. Fazia todo o sentido do mundo. O casamento dos seus pais implodiu de forma espetacular, e tendo isso como base, não se sentia muito inclinada a tentar.

Mas agora, dando uma olhada de relance em Bennett e Lily, que eram pessoas independentes, mas que irradiavam uma coesão que as fazia parecer maiores do que a vida, Quinn se perguntou como seria ter algo parecido. E não foi difícil perceber com quem gostaria que fosse, se quisesse dar esse salto.

***

Na sexta-feira, Quinn fez o check-in em sua pousada de costume em Kingsford e, por um breve momento, pensou em perguntar se eles tinham cartões de fidelidade. Em vez disso, enviou uma mensagem para Kelly, confirmando os planos para o jantar em sua casa naquela noite.

Não queria falar sobre como sentiu falta de Kingsford nas duas semanas que passou longe, mas, faltando algumas horas para o jantar, decidiu caminhar pelo centro da cidade. Não foi difícil ver todas as mudanças que ocorreram ao longo dos anos. Atualizações estéticas. Lojas mais novas e sofisticadas. Restaurantes espalhados pelos cinco quarteirões mais próximos da orla, que não existiam quando era jovem.

Mas, no fundo, a cidade ainda era a mesma. O distrito comercial era ancorado pelo rio, com casas que se estendiam além dele, dando lugar a rodovias que levavam ao norte para Albany ou ao sul para a cidade de Nova York. Antes de seu pai ir embora e de sua mãe se recolher, Quinn gostava de morar na cidade. Era aconchegante, mas não claustrofóbico. Em outro mundo, seria para ela, como foi para Clark Gleeson, o tipo exato de lugar que gostaria de ter uma casa de férias.

Mas as cidades nunca pareciam as mesmas quando eram o local que você chamava de lar. Era impossível enxergar Kingsford como um enclave hipster emergente, não importava quantas cafeterias ou cervejarias surgissem. Para Quinn, era onde adolescentes entediados ficavam vagando pelo calçadão. Era onde o farol se acendia ao anoitecer todas as noites, sem falha, mesmo que os navios não precisassem mais dele para uma passagem segura. Foi onde ela se apaixonou pela primeira vez, quer admitisse isso ou não.

E agora era como se as duas lentes, passado e presente, estivessem se fundindo. Um bar irlandês que servia uma comida italiana incrível, com uma história de amor borbulhando logo abaixo da superfície. Uma nova geração de irmãs McKinley que se amavam intensamente, mas não hesitavam em jogar sujo. E, entrelaçada a tudo isso, a possibilidade de reviver a sensação do primeiro amor, que estava se mostrando tão complicada quanto da primeira vez.

Quinn mal conseguia pensar nisso sem que o peito ficasse pesado, pensar no que seria necessário para que desse esse salto. Não que tivesse dado a Sawyer um bom motivo para aceitá-la. Quinn deixou claro que estava colocando o trabalho em primeiro lugar.

Antes que percebesse, estava na hora de ir para a casa de Kelly. Pelo menos, passar a noite com a irmã e as meninas seria uma distração bem-vinda da ansiedade que se instalava no estômago sempre que tinha mais do que alguns minutos para ficar sentada pensando. Teve tempo para uma ducha rápida, secar o cabelo e vestir uma roupa casual, já que não sabia que tipo de estrago as meninas poderiam causar na mesa de jantar.

Poucos minutos antes das sete, bateu na porta da charmosa casa de Kelly e Trevor, em Cape Cod. Seu celular tocou, e ela viu a mensagem da irmã logo antes de a porta se abrir.

Sinto muito. Emergência veterinária no trabalho. Vou te deixar em boas mãos.

E então ela estava olhando diretamente para aquelas boas mãos, fazendo com que seus olhos seguissem o caminho até encontrar o olhar de Sawyer.

— Kelly teve uma emergência no trabalho. Ela não avisou?

Quinn ergueu o celular.

— Há, tipo, trinta segundos.

Se Sawyer sentiu que elas tinham caído em uma armadilha, não mencionou. Ela sempre foi menos desconfiada do que Quinn.

— As coisas provavelmente ficaram loucas por lá. Ela me ligou há pouco tempo pedindo que eu ficasse com as meninas antes de Trevor ir para a pista de boliche.

— Eu devo...? — Quinn deu um passo atrás. — Devo ir? Posso remarcar com a Kelly.

Sawyer se aproximou de Quinn e fechou a porta pela metade.

— Eu ficaria feliz se você ficasse. As meninas têm falado de você sem parar desde que cheguei. Mas... — Ela deu um pequeno passo para perto. Mais um centímetro, e se tocariam. — Só uma coisa.

Quinn estava desesperada para dar um passo à frente e diminuir a distância. Em vez disso, manteve as mãos ao lado do corpo e soltou um suspiro suave.

— O quê?

— Nada de falar sobre a casa hoje à noite — ela pediu, com uma força em seus olhos que fez com que Quinn percebesse o quanto Sawyer podia ser determinada quando se propunha a algo.

Ela assentiu para esconder o tremor em seu lábio.

— Nada de falar sobre a casa. Vamos só passar uma noite agradável...

— Fazendo o jantar — Sawyer disse antes de seus lábios se curvarem em um sorriso. — Ella, como você não deve estar surpresa em saber, sugeriu nachos. Nós combinamos de comer tacos.

— Pobre criança. Será que algum dia ela vai conseguir o que deseja? — Quinn brincou, afastando o frio no estômago, porque Sawyer estava perto dela novamente. As coisas não estavam indo bem entre as duas, mas só o fato de estar na presença da moça fazia com que se sentisse mais segura. Era como se olhasse para a situação delas pelo ângulo certo, e tudo pudesse dar certo.

Ela observou Sawyer umedecer os lábios antes que seu foco se fixasse na boca de Quinn e depois subisse novamente para encontrar seu olhar.

— Alguma de nós vai conseguir?

Quinn não costumava ficar sem palavras. Agora era um desses momentos. Finalmente, ela conseguiu, com uma voz insegura, bem diferente da dela:

— Se não posso falar da casa, você não pode dizer coisas como essas.

— Tipo o quê? — Sawyer a encarou com olhos arregalados e sem piscar. Ela estava mesmo se esforçando para manter esse lance de *inocente até que se prove o contrário*.

Houve um breve momento, que pareceu se estender por minutos, em que Quinn pensou em encostar Sawyer na porta e tirar aquela expressão do seu rosto. Mas isso não seria justo... para nenhuma das duas.

Em vez disso, ajeitou a postura e abriu as mãos, percebendo que estavam ficando dormentes de tão apertadas que as mantinha.

— Acho que deveríamos entrar.

Sawyer assentiu, mas não desviou os olhos de Quinn.

— Claro, espero que você esteja pronta para esta noite — ela falou, abrindo a porta a fim de voltar para dentro. — Vamos assistir a *Frozen 2* depois do jantar, então as coisas estão prestes a ficar bem selvagens.

CAPÍTULO VINTE

Na última hora, Quinn se comportou da melhor maneira possível. Isso fazia Sawyer querer gritar. No mínimo, a fazia se sentir louca, como se fosse a única a se entregar de maneira tão intensa e tão rápido. Como Quinn podia agir com uma simpatia tão casual, como se não tivessem passado várias noites enroscadas uma na outra?

Sawyer se lembrava de tudo. A suavidade dos lábios em contrapartida com sua língua habilidosa. A pele, macia e musculosa, que sentia quando passava a ponta dos dedos por cada centímetro do corpo de Quinn. E os olhos, caramba, Sawyer adorava os olhos dela. Era neles que a verdadeira emoção de Quinn transparecia. Passar a vida inteira aprendendo o significado de cada brilho e olhar parecia ser um projeto de paixão para o qual Sawyer se voluntariaria com prazer.

Houve uma vez, durante o jantar, em que pegou Quinn olhando para ela, mas tudo o que a moça fez foi dar um leve sorriso e outra garfada na comida.

Quando as meninas terminaram de comer, Sawyer se levantou da mesa e olhou para as duas.

— Vocês podem brincar enquanto eu lavo a louça? Não quero ter de contar para a sua mãe que, enquanto estava salvando animais, vocês duas estavam brigando. — Ella entendeu um pouco mais o que foi dito e fez uma saudação a Sawyer.

— Sim, senhora. — A menina segurou a mão de Luna. — Vem, Lulu. Podemos brincar de super-heróis.

Luna colocou a mão no quadril e ergueu a outra no ar.

— Ao resgate! — ela gritou, correndo em direção à sala de estar.

Sawyer olhou para Quinn, que estava recolhendo os pratos da mesa.

— Pode ficar com elas, se quiser. Eu vou limpar tudo.

Quinn balançou a cabeça.

— Faremos tudo mais rápido se trabalharmos juntas.

Como orgasmos, Sawyer pensou. Caramba, ela precisava se recompor.

— Você está bem? A comida não estava muito apimentada.

Primeiro seu cérebro, agora seu corpo. Ela estava sendo traída a cada passo.

— Estou. Vamos tirar isso daqui.

Quinn a seguiu em silêncio até a cozinha. Sawyer estava colocando tudo na máquina de lavar louça, pois sabia como Kelly gostava de organizá-la. Para dar crédito, Quinn raspou os pratos com eficiência e os enxaguou antes de entregar a Sawyer. Elas trabalhavam bem juntas, mas isso nunca foi um problema para as duas.

Um momento tão simples, as duas lavando tudo depois do jantar, fez o peito de Sawyer doer tanto, que foi difícil fazer contato visual. Tudo o que se referia a lidar com Quinn atualmente tornava as coisas um pouco mais difíceis do que o normal.

— Então, como estão as coisas com você? — Quinn perguntou, se concentrando em sua tarefa.

— Tenho andado bem. Ocupada, mas bem.

Ela viu que Quinn parou e olhou para ela.

— As coisas estão indo bem na loja? Isso é uma boa notícia. — E ela parecia estar falando sério.

Tudo o que o apoio sincero de Quinn fez foi intensificar a dor no peito de Sawyer. Esperava que estar perto daquela mulher começasse a se

tornar um pouco mais fácil, cedo ou mais tarde.

— Na verdade, estou trabalhando em algumas coisas fora da Kent Antiques.

Quinn parou de trabalhar e encostou o quadril na pia, encarando o olhar nervoso de Sawyer.

— Uau. Isso é importante.

Sawyer assentiu. Ainda parecia loucura pensar, quanto mais falar sobre o assunto com outras pessoas. De alguma forma, tornava mais real, elevando as apostas do que antes era uma vaga fantasia mergulhada na frustração de nunca ter colocado em prática.

E agora? Bem, tinha de agradecer à mulher à sua frente, juntamente com a outra irmã McKinley, por ter resgatado sua coragem. Ela poderia muito bem se agarrar a esse sentimento e conseguir sobreviver a essa conversa.

— Estou animada. Percebi que não posso continuar deixando a vida passar. Se há algo que quero, preciso ir atrás. — Ela observou os olhos cor de avelã de Quinn ficarem mais escuros, como se estivesse extraindo de suas palavras um significado aplicável a outras situações.

— Como Shane recebeu a notícia? — Quinn perguntou. Sawyer resistiu à vontade de rir quando a expressão de Quinn se transformou em uma alegria incontida.

Sawyer respondeu com uma pergunta.

— Não é fã de Shane Kent?

Havia exasperação em sua voz quando ela procurou os olhos de Sawyer.

— Pensei que não fôssemos falar sobre a casa.

— Ah, não — Sawyer respondeu, com uma leve risada antes de abrir um sorriso. — Só estou falando do seu ex-namorado.

A exasperação de Quinn se transformou em irritação, de uma forma que fez o sangue de Sawyer correr um pouco mais rápido.

— Golpe baixo — ela disse com os dentes cerrados. — Eu saí com ele por alguns meses. Não foi nada de mais.

Sawyer ficou surpresa com a dor aguda que a atravessou, tão surpresa que acabou deixando as próximas palavras saírem sem pensar.

— Bem, fico feliz que arruinar nossa amizade tenha valido a pena por algo que sequer importava para você.

— Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe, Sawyer. — Quinn deu um passo à frente. — Sua amizade era a única coisa que importava para mim.

— Então, por que...? — Essa não era a conversa que esperava ter esta noite, mas não queria parar. Ela passou muitos anos se perguntando por que não tinha sido boa o suficiente. — Por que você se afastou de mim? E, alguns meses depois, começou a namorar o Shane? Sabe como isso me afetou? — Ela baixou o tom de voz. — Deixando de lado meus sentimentos por você, como amiga, isso me magoou.

— Não faça isso, Sawyer.

Sawyer se aproximou mais. Elas estavam quase se tocando agora.

— Não faça isso, você, Quinn. Você simplesmente volta para a vida de todos nós depois de dezessete anos e espera que não haja consequências? Que você não será responsabilizada?

— Não fiz isso. Eu não podia... — Quinn estava tropeçando nas palavras, com uma expressão de dor marcando suas belas feições. Finalmente, ela soltou um longo suspiro e seus ombros murcharam. — Não queria levá-la para o fundo do poço comigo. E se eu tivesse dito o que sentia por você naquela época... se eu tivesse dito e você sentisse a mesma coisa, eu não teria ido embora. — Quinn soltou um soluço estrangulado e

colocou as mãos sobre o queixo de Sawyer. — Eu era infeliz sempre, menos quando estava com você. A maneira como você aliviou a carga que eu estava suportando era demais para você ter de suportar.

— Era demais para você suportar também — Sawyer respondeu, com a voz carregada de emoção, enquanto olhava diretamente para a tristeza nos olhos de Quinn. Ela pegou na mão de Quinn, a que segurava seu queixo como se fosse um tesouro precioso. — E essa não era uma decisão sua, o que eu poderia ou não suportar.

Quinn abaixou a cabeça e encostou suas testas, a respiração suave e quente contra a bochecha de Sawyer.

— Eu sei. Só não queria que você sofresse.

A vontade de ajudar de Sawyer não brotava de um senso equivocado de obrigação – algo como o que Quinn havia citado para justificar sua partida. Era amor. Ela sabia que amava Quinn naquela época, mas os sentimentos de seu eu mais jovem não se comparavam à maneira como queria Quinn no presente. Porque agora sabia como era ser desejada de volta... talvez até mesmo ser um pouco amada por ela. E perder isso era algo do qual não sabia o que fazer para se recuperar, racionalizar ou contornar.

A onda de emoção que vinha se formando lentamente atingiu seu ápice, e Sawyer sentiu as lágrimas se formarem nos olhos, combinando com os olhos vidrados que a encaravam.

— Não parecia muito sofrimento, desde que eu pudesse estar com você.

— Meu Deus — Quinn falou, soltando uma risada desesperada e se afastando para enxugar uma lágrima que rolou pelo seu rosto. — Não sei se me sinto melhor ou pior por ter te contado tudo isso.

Mesmo chorando, com os olhos um pouco inchados e lágrimas escorrendo pelo rosto, Quinn era a pessoa mais linda que Sawyer já tinha visto. Estendeu a mão e passou o polegar pela bochecha de Quinn, capturando outra lágrima que tinha escorrido.

— Você não precisa saber como está se sentindo agora. Eu estou... estou aqui.

Ela tentou mostrar isso a Quinn e disse isso, mas, no fim das contas, cabia a Quinn aceitar o que Sawyer queria dar.

Quando Quinn moveu a mão para cima e envolveu a de Sawyer, se esqueceu de como respirar. E quando Quinn aproximou os dedos entrelaçados de seus lábios e beijou delicadamente a ponta do dedo úmido de lágrimas, a respiração que estava prendendo saiu em uma expiração longa e irregular. Sawyer sentiu vontade de estar mais perto dela novamente. Parecia tão bobo que uma mistura de madeira, drywall e qualquer outro material de que as casas eram feitas fosse o que as mantinha separadas. Bem, isso e a relutância de Quinn em derrubar as próprias paredes. Elas eram mais fortificadas do que qualquer casa vitoriana de cem anos nunca seria.

Mas Quinn, pelo menos em alguns aspectos, se permitiu ser vulnerável com Sawyer. Ela se permitiu ser acalmada por um carinho gentil depois de dormirem juntas. Os suspiros de contentamento que deu foram como um bálsamo para o coração dolorido de Sawyer. E Quinn sorria sonolenta contra o travesseiro quando Sawyer dava beijos leves em seu rosto nas manhãs em que acordaram entrelaçadas, dizendo *faz cócegas*, mas virando o rosto para que tivesse mais espaço para Sawyer beijar.

Isso era tudo o que Sawyer queria. Era tudo o que ela sempre quis, desde que Quinn também quisesse.

Dando um passo à frente, colocou a mão livre no quadril de Quinn, saboreando o calor e a simplicidade do toque. Quinn juntou suas testas novamente, com os olhos brilhantes ainda cheios de emoção.

— Nós podemos...

— Vocês levam muito tempo para lavar a louça — Luna disse, entrando na cozinha. Quando viu o rosto das duas, inclinou a cabeça para o lado. — Por que vocês estão tristes?

Sawyer se afastou de Quinn e limpou o rosto, dando a Quinn um pequeno sorriso que ela esperava que deixasse claro que aquilo que acabou de acontecer era uma coisa boa, não algo a temer. Apertou seu quadril antes de atravessar o cômodo em direção a Luna e pegá-la no colo.

— Estamos bem, querida. As pessoas podem chorar por vários motivos.

— De qualquer forma, vou te dar um abraço — Luna declarou, passando os braços em volta do pescoço de Sawyer e apertando. — Eu sempre me sinto melhor quando ganho um.

— Você dá os melhores abraços do mundo, Luna. — Sawyer olhou para Quinn, cujos braços estavam ao redor de si mesma. Ela parecia tão pequena. E sabia que era difícil para Quinn admitir a verdade, estar vulnerável dessa forma com ela. Voltando-se para a menina, Sawyer perguntou: — Quer dar um abraço na Quinn também? E depois ela pode te levar para a sala de estar para começarmos o filme, que tal?

Luna já estava se desvencilhando de seu aperto e atravessando a cozinha antes que Sawyer terminasse de falar.

— Quinn, me dá um abraço — ela pediu, pulando nos braços da tia.

Quinn voltou a encarar Sawyer com Luna em seus braços, e a respiração de Sawyer ficou presa na garganta. Ver Quinn de volta a Kingsford junto com a família, em uma situação que obviamente exigia

muito esforço de sua parte, a fez se sentir incrivelmente orgulhosa, independentemente do que estava acontecendo entre as duas.

Mais tarde naquela noite, quando se deitasse na cama, poderia processar o que Quinn havia dito. Que todos os anos em que passou pensando que fez algo errado ou que não foi boa o suficiente, Quinn estava pensando o mesmo sobre si.

***

Quanto mais Sawyer pensava em Quinn na noite passada, mais confusa ficava. Quinn não só se afastou, em uma tentativa equivocada de protegê-la, como também a desejava naquela época. Ela a desejava de uma forma que Sawyer nunca acreditou ser possível. Era mais do que podia processar e, sim, isso fez com que a dor aguda pelo que estava acontecendo entre elas agora fosse um pouco pior.

Elas não conversaram mais depois que Luna entrou na cozinha. Em silêncio, assistiram ao filme com as meninas, Sawyer consciente de todos os lugares onde seus corpos se conectavam enquanto estavam sentadas juntas no sofá. Queria desesperadamente encostar a cabeça no ombro de Quinn, para lhe dizer que tudo ficaria bem.

Por que elas continuavam perdendo suas chances?

— Porque nós duas somos idiotas — Sawyer repetiu pela milionésima vez enquanto andava pela oficina no sábado de manhã. Adquiriu três peças novas na última semana, e uma precisou de um conserto surpreendentemente rápido.

Em vez de remoer o passado ou insistir em uma conversa que parecia que Quinn não queria ter, se forçou a manter o foco em suas metas profissionais. Talvez as coisas com Quinn estivessem estagnadas, mas

sempre se arrependeria se perdesse a motivação para se lançar por conta própria.

Naquela manhã, catalogou todos os itens existentes e tirou fotos para carregar no site que havia criado. Mesmo que ainda não tivesse uma loja física, poderia colocar os itens à venda na internet. Quando o site estivesse pronto, adicionaria o link em sua biografia do TikTok e, com sorte, teria um bom tráfego.

Ela começou com vídeos divertidos das máquinas em ação e do processo de restauração, e esse seria seu foco contínuo de marketing. Várias pessoas entraram em contato com ela no último ano para perguntar sobre a compra de alguns dos itens restaurados, e ela balançou a cabeça novamente, frustrada por ter esperado tanto tempo.

Mas naquele tempo ela não estava pronta. Fazer com que Shane concordasse em vender os itens na Kent Antiques pareceu uma batalha que valia a pena ser travada. Esse era um dos muitos ângulos a serem considerados, e ela queria explorá-lo por completo antes de tomar uma decisão. Achava que seus avós, especialmente seu avô, teriam ficado orgulhosos de os itens serem vendidos em sua loja. Pelo menos agora, ela podia dizer que tentou. Não havia culpa associada à sua decisão. Fosse lá o que acontecesse, Sawyer saberia que fez tudo o que podia, exceto sacrificar a própria felicidade para preservar o legado do negócio da família.

Quinn lhe ensinou essa lição, de não se sacrificar, e embora ainda sentisse que ela poderia ter lidado um pouco melhor com as coisas no que tange à honestidade e comunicação, Sawyer entendia as razões por trás dessas escolhas. E agora, dezessete anos depois, se deparava com uma escolha semelhante: trilhar seu próprio caminho e parar, como sua mãe disse com tanta precisão, de sustentar o irmão.

Inacreditavelmente, Shane ficaria furioso, mas ele já tinha um karma bem ruim para Sawyer achar que faria alguma diferença. Ela suspirou e colocou as ferramentas no chão para tomar um banho antes do trabalho.

Não havia motivo para se angustiar imaginando qual seria a reação dele, porque ela descobriria exatamente isso mais tarde, quando lhe contasse.

***

Alguns minutos antes de fechar, Sawyer, sentada à caixa registradora, olhou para cima de onde estava. Shane, como vinha fazendo desde que ela lhe disse que não ia vender a casa e que ele precisava desocupá-la, estava lhe dando um tratamento de silêncio.

— Ei, Shane. Preciso falar com você. — Sua voz soou surpreendentemente forte, e ela se concentrou nesse pensamento, embora o nervosismo percorresse seu corpo.

— O que é? — ele perguntou, um pouco irritado. Bem, ele estava tornando as coisas bem mais fáceis.

— Pode vir até aqui?

Ele caminhou, mal-humorado, em direção a ela.

— Sim?

— Olha — ela disse, se enchendo de coragem —, espero que você entenda que fiz tudo o que podia para que esse relacionamento comercial funcionasse, mas não estou disposta a te dar o que você quer.

— Eu realmente não vejo dessa forma, mas tudo bem. — Deus, ele era irritante. Talvez ele nunca visse dessa forma porque ninguém nunca lhe dizia não.

Ela seguiu em frente, apesar da cara feia do irmão.

— Como proprietário da Kent Antiques, você tem uma oportunidade de negócio fantástica. A cidade está crescendo, e o turismo está em alta.

— Sinto que há um *mas* vindo...

— Mas você está levando esse negócio à falência, e não posso ficar aqui para ver isso acontecer.

— Você está se demitindo? — O modo como a voz dele falhou quando a mente processou o que Sawyer disse foi realmente impressionante.

— Hoje, não — ela respondeu, sabendo que a parte que viria a seguir provavelmente provocaria uma reação pior. Porém, precisava dizer isso de qualquer forma. — Mas, em breve, vou ver se consigo fazer as coisas por conta própria.

As narinas dele se dilataram.

— O que isso significa?

— Vou começar a vender algumas antiguidades mecânicas na internet. Não queria esconder isso de você, embora eu não tenha um contrato de não concorrência, então está dentro dos meus direitos.

— Meu Deus, se quiser vender seus jogos de fliperama estúpidos na loja, você pode. Não é um problema tão grande assim. — Ele passou as mãos pelo cabelo em sinal de frustração e olhou para ela como se a conversa tivesse acabado.

— Não, Shane. Estou tentando fazer isso com você há um ano. Não se trata de uma jogada de poder para te fazer ceder.

— Isso não vai dar certo.

— Talvez não — Sawyer respondeu, dando de ombros. — Mas pelo menos saberei que tentei. Ficarei aqui para ajudá-la a fazer a transição, mas estou planejando parar no próximo mês.

Ele soltou o ar com desdém, mas ela notou o medo em sua voz.

— Então você vai tentar me derrubar para acabar com a concorrência o mais rápido possível?

Torcer a faca não era o seu forte, mas ele precisava saber a verdade. E mais do que isso, Sawyer precisava desabafar.

— Se eu fosse tão importante para a Kent Antiques, você teria aceitado minhas recomendações para fazer algumas mudanças. Não tenho dúvidas de que você conseguirá fazer as coisas funcionarem por conta própria.

— Mas você...

Ela o interrompeu.

— Trabalho até tarde? Faço o inventário? Concluo o faturamento e a entrega?

— Mas você é uma Kent, é o que eu ia dizer. — O medo transparecia em suas feições, e Sawyer não teve nenhum prazer em ver esse sentimento surgir.

Ela era uma Kent, mas não da maneira que Shane pensava, não significava que ela estaria amarrada com a obrigação de permanecer em um navio que está afundando.

— O que significa que quero seguir meu caminho. Nossos avós fizeram isso. Papai foi trabalhar por conta própria. Chegou a minha hora de fazer isso.

Foi só quando a campainha da porta tocou que Sawyer percebeu que eles se esqueceram de trancar quando o relógio bateu seis horas. Se ela pareceu surpresa ao ver Quinn entrar pela porta da frente, Shane parecia estar prestes a se urinar.

— Olá, pessoal — ela falou ao entrar na loja. Quinn parecia cansada, como se uma noite de confissões e crianças hiperativas tivesse lhe tirado todo o viço. Havia pequenas rugas ao redor de seus olhos, mas o mesmo

pensamento de ontem à noite atingiu Sawyer em cheio: Quinn ainda era a pessoa mais linda que já tinha visto.

— Oi, Quinn — ela respondeu baixinho, com o coração batendo forte no peito.

Shane olhou para Quinn e depois de volta para Sawyer.

— Ah, já entendi. Isso é porque você está chateada comigo por causa da casa. Eu não sabia que vocês duas estavam em conluio — ele falou, apontando entre as duas.

Sawyer tirou o foco de Quinn e olhou para o irmão.

— Isso não tem a ver com a casa, mas já que estamos falando disso, o que você fez foi muito desleal.

— Devo ir embora? — Quinn perguntou da porta.

— Não, Quinn. Pode ficar. Ou melhor ainda, podemos voltar para a oficina e eu posso te mostrar no que estou trabalhando. — Não que Quinn não estivesse interessada em suas peças mais recentes, mas era uma desculpa para se livrar das garras de Shane o mais rápido possível.

Quinn assentiu, mas não falou nada. Ela realmente parecia cansada, como se os anos finalmente a tivessem alcançado. Sawyer queria dar um abraço nela e dizer que tudo ficaria bem.

— Meu Deus, isso é muito bom — Shane disse com uma risada amarga na direção de Sawyer, antes de desviar o olhar para Quinn. A irmã dele grunhiu baixinho ao ouvir qualquer coisa idiota que ele estava prestes a dizer. — Você sabe que a Sawyer tem uma paixãozinha por você desde o ensino médio? — Ele sorriu, como se ter esse conhecimento exposto devesse ser doloroso.

E, talvez, há algumas semanas, teria sido. Mas não agora.

Sawyer se levantou, contornou o balcão e ficou frente a frente com ele.

— Ah, deixa disso, Shane. Só porque você atingiu o seu auge no ensino médio, não significa que precisa tentar derrubar outras pessoas com você na vida adulta.

A voz de Quinn chamou a atenção deles, e Sawyer quase se esqueceu de que Shane estava presente, mesmo que fosse ele quem estivesse sendo abordado.

— Você nunca foi páreo para sua irmã, Shane. Nem naquela época. Nem agora. — Quinn deu um passo em direção a eles e segurou a mão de Sawyer. Ela olhou para a moça com tanto carinho que todos os seus medos, dúvidas e a incerteza que pairava entre elas se dissiparam. E quando Quinn voltou a falar, era como se Shane não existisse.

— Quer me mostrar suas novas peças? Eu adoraria vê-las.

Sawyer assentiu e deu uma olhada no irmão, cujo rosto era uma mistura de confusão e raiva.

— Vamos terminar a conversa sobre minha saída mais tarde, Shane.

Com um aperto na mão de Quinn, ela começou a conduzi-la para fora da loja e de volta para sua casa.

Sawyer não fazia ideia do que viria a seguir.

CAPÍTULO VINTE E UM

Quinn seguiu Sawyer em silêncio até chegarem à oficina. Uma quietude pairava ao redor das duas, mesmo com sons de pessoas e pássaros flutuando no ar. Ela pensou que podia ouvir a água a três quarteirões de distância, mas sabia que era sua cabeça pregando peças.

Tudo parecia um pouco irreal, seus dedos se aninhando entre os de Sawyer quando elas entraram na casa. Admitir a verdade fez com que a barragem se rompesse, décadas de emoções, passadas e presentes, a inundaram.

Na noite passada, foi impressionante estar com Kelly e as meninas, se sentar com elas depois que Sawyer foi embora e pensar em todo o tempo que perdeu. Parecia que uma enchente tinha destruído tudo em seu caminho. Ela estava cansada, vazia.

Quando chegou à loja, não sabia o que estava procurando. Cair aos pés de Sawyer e pedir perdão? Uma segunda chance? Mesmo agora, na casa dela, ainda não tinha uma resposta. Tudo o que queria era estar perto dela. O tempo e o espaço entre elas não apagaram o fato de que Sawyer era seu porto seguro em uma tempestade.

— Quer uma xícara de chá? — Sawyer perguntou. Quinn não registrou a pergunta tanto quanto o fato de a mão dela ter soltado a sua.

Quinn sorriu e controlou a sensação de querer se enroscar em Sawyer.

— Claro. Parece uma ótima ideia.

— Volto em um minuto — a moça disse, já na porta que separava a sala de estar da cozinha.

Assim como algumas semanas antes, Quinn se sentou no sofá e se aconchegou nas almofadas macias. Seus olhos estavam fechados quando Sawyer voltou e colocou uma xícara na frente dela.

— Você parece cansada — Sawyer comentou, antes de franzir o rosto de forma adorável e acrescentar: — Desculpe. Não se deve dizer isso a ninguém.

Quinn assentiu.

— Você sempre terá passe-livre para ser honesta comigo.

Sawyer se sentou no sofá de frente para Quinn, com o braço apoiado no encosto.

— Quer conversar sobre alguma coisa?

— Na verdade, não. Encontrei com a minha mãe hoje de manhã. Fomos tomar café.

— Como foi? — A expressão de Sawyer não era de tristeza ou pena. Era de conforto, como se ela quisesse absorver toda a dor de Quinn. Era um olhar que Quinn nunca imaginou que outra pessoa pudesse lhe dar novamente. Teria de deixar alguém se aproximar para que isso acontecesse.

Quinn suspirou e colocou a xícara sobre a mesa de centro.

— Passei muito tempo emocionalmente fechada. Eu deveria ter escolhido um lugar mais fácil para começar.

A mão de Sawyer envolveu a sua.

— Você começou do início. Sempre é possível seguir em frente, mas acho que há muito sobre quem você se tornou que foi impactado por quem costumava ser.

— Essa é uma boa maneira de resumir. — Quinn esfregou a têmpora, tentando afastar a dor de cabeça.

— Como você resumiria?

Quinn soltou um gemido. Não fazia sentido esconder as coisas de Sawyer. Mais do que isso, ela queria contar a verdade.

— Que eu me tornei uma workaholic obcecada pela carreira para me absolver da necessidade de ter uma vida pessoal.

— Uau — Sawyer falou, apertando a mão de Quinn. — Não doure sua pílula. Diga o que você realmente pensa. — Quando Quinn não respondeu, Sawyer repetiu. — É assim que você se vê?

— Vou para casa e a encontro vazia todas as noites. Construo minha vida em torno das necessidades de meus clientes. Eu insisto, e insisto... — Quinn sentiu a respiração ficar presa na garganta quando admitiu: — Mas me sinto sozinha, e acho que só percebi isso quando voltei para cá.

Sawyer se fixou no olhar de Quinn.

— Então você precisa fazer algo a respeito. Como alguém que está assumindo a responsabilidade pela própria felicidade há cerca de duas semanas, me sinto muito bem versada nesse assunto.

Quinn sorriu e ondulou o ombro na direção de Sawyer.

— Você tem andado ocupada ajudando outras pessoas. Para mim, esse é um tempo bem gasto.

Ela ficou imóvel quando Sawyer tirou o braço do encosto do sofá e a abraçou.

— Talvez eu tenha sentido necessidade de compensar as coisas para as pessoas que eu sentia que não podia ajudar. — As duas sabiam de quem Sawyer estava falando.

Tudo o que Quinn queria fazer era se apoiar na estrutura sólida de Sawyer, e assim o fez. Seja lá o que estivesse acontecendo entre elas – ou não –, as duas tinham uma conexão. Talvez Quinn estivesse fugindo há muito tempo, mas o sentimento ainda estava lá. Sawyer permanecia em seu coração de uma forma muito real, como se fosse matéria orgânica.

Atualmente, sentia Sawyer sempre com ela, portanto não era forte o suficiente para não aceitar seu conforto naquele momento.

— Quer assistir a um filme ou algo assim? Só para relaxar? — Sawyer perguntou, sua respiração roçando na bochecha de Quinn. Apesar da exaustão, o calor se instalou no abdômen de Quinn. Mas então Sawyer acrescentou: — Nada de gracinhas, eu prometo.

— Um filme parece uma boa ideia. Já saiu *Frozen 3*?

Sawyer gemeu.

— Nunca mencione isso para Ella e Luna. Elas nunca mais vão parar de falar no assunto.

— Vou contar a elas na próxima vez que eu sair da cidade e te deixar lidar com as consequências. — Quinn percebeu imediatamente que suas palavras não foram convincentes.

— Não quero que as coisas entre nós sejam assim, Quinn. Não quero que você vá embora e não saiba quando vai voltar. — Ela não podia ver os olhos de Sawyer, mas sentiu a profundidade dessas palavras.

— Eu também não quero que seja assim, mas não conheço outra maneira. — Quando se deparou com um silêncio tão alto, que parecia que uma bomba havia explodido, Quinn se aqueceu no calor agridoce de Sawyer por mais alguns segundos antes de se forçar a se levantar. Enxugou rapidamente uma lágrima e passou as mãos na calça. — Eu estava planejando voltar para a cidade hoje à noite.

Suas idas e vindas estavam piorando as coisas. Para ela. Para Sawyer. Não queria ser a causa de um pingo sequer da dor dela.

Sawyer assentiu, o momento entre elas foi interrompido.

— Tudo bem.

— Obrigada. Por isso e, bem, por ser meu porto seguro, como sempre. — Quinn hesitou por um momento antes de perguntar: — Posso

avisar quando for voltar?

Outro aceno de cabeça, mas Sawyer se levantou e esticou os braços.

— Claro que sim. Podemos sair com a Kelly e as meninas.

— Sim, eu adoraria.

Quinn esperava que as lágrimas não viessem antes que ela saísse da cidade em segurança, sabendo que, para o coração das duas, passar mais tempo a sós não era uma boa ideia.

Ela estava errada. As lágrimas vieram assim que chegou à rua atrás da casa de Sawyer.

***

Quinn estava péssima. Desde que saiu de Kingsford, mal parou de chorar. Seu corpo doía. Seu coração doía. Seu rosto estava doendo, o que ela não esperava, mas conseguiu dar uma risada amarga diante do absurdo de tudo aquilo.

Cancelou todas as visitas no domingo, o que nunca fez desde que se tornou corretora de imóveis. Belinda enviou algumas mensagens, preocupada, mas ela deu respostas rápidas para apaziguá-la, incapaz de entrar no assunto.

Seu mundo inteiro parecia estar desmoronando, e a pior parte era que ela não conseguia nem mesmo sentir vontade de se importar. Alguns dias não a deixariam fora de si de forma significativa, mas a ideia de retomar a vida cotidiana parecia impossível.

Estava apaixonada por Sawyer. Provavelmente sempre esteve um pouco apaixonada por ela.

Poder encontrá-la novamente foi a maior realização que Quinn teve em toda a sua vida. Melhor do que quando Kristen a promoveu, apoiando-a na obtenção das suas credenciais. Melhor do que quando fechou sua

primeira venda de um milhão de dólares. E, depois, sua primeira venda de cinco milhões.

Tudo empalidecia em comparação a como se sentia nos braços de Sawyer, segura, protegida e tão amada, que fazia todo o restante parecer insignificante. Só de pensar nisso, seu estômago revirava, e o peso do que sentia era maior do que conseguia suportar. Mas Sawyer disse que tudo o que ela queria fazer era aliviar sua carga.

Será que ela queria isso?

Será que Sawyer poderia amar de verdade uma mulher que passou os últimos dezessete anos se escondendo de seus sentimentos para não ter de lidar com eles?

No domingo à noite, Quinn tomou uma decisão. Tudo o que Sawyer pediu a ela era que fosse capaz de decidir as coisas por si mesma. Escolher quem amava e onde gastaria seu tempo e energia. Assim que pudesse, Quinn queria lhe dar essa escolha. O que mais a aterrorizava e a fazia se sentir fora de controle e um pouco perdida era que a decisão de Sawyer dependia inteiramente dela.

***

— Fiquei surpresa ao ver seu pedido de reunião ontem à noite. — Kristen Bond estava sentada à mesa, em um escritório com pelo menos o dobro do tamanho do de Quinn. A Bond Real Estate tinha mais de trinta agentes até aquele momento e conquistou uma fatia desejável do mercado imobiliário da cidade de Nova York nos últimos quinze anos.

Era manhã de uma segunda-feira, e tudo o que Quinn fez nas últimas trinta e seis horas foi pensar em seu futuro.

— Obrigada por reservar um tempo para mim com um prazo tão curto.

Kristen assentiu e passou os dedos pelo cabelo loiro, curto e elegante. Ela tinha trinta e cinco anos quando a conheceu, a mesma idade que Quinn tinha agora. Naquela época, Kristen parecia ter tudo planejado. Ela estava pronta para se lançar por conta própria e deu uma chance a Quinn. Mais do que uma chance, ela lhe deu um propósito quando nada em sua vida fazia sentido. Quinn nunca se esqueceria disso.

— O que está acontecendo? — Kristen perguntou. Sua postura era profissional, mas havia um tom de preocupação irradiando em suas palavras.

Como poderia começar essa conversa? Ela passou horas pensando nisso no dia anterior, mas as palavras ficaram presas na garganta quando tentou pronunciá-las. Finalmente, ela se obrigou a dizê-las.

— Estou pensando em dar um passo atrás.

Kristen se sentou um pouco mais ereta e a estudou com curiosidade.

— Isso é por causa da lentidão no negócio com o Gleeson? Porque já te vi conseguir vendas muito mais desafiadoras do que essa. — Em outros tempos, o apoio de Kristen teria feito Quinn querer mover montanhas.

Ela balançou a cabeça e torceu para que sua voz não cedesse.

— Não é isso. Eu tive tempo e espaço para pensar em algumas coisas. Sou muito grata pela oportunidade que você me deu todos aqueles anos atrás e pelas oportunidades que vem me dando desde então.

Ela tentou não se remexer sob o olhar de Kristen.

— E o que você vai fazer a seguir?

Quinn sabia que esse era o código para perguntar se ela estava indo para outra corretora ou se abriria a sua própria.

— Vou tirar uma folga... por tempo indeterminado.

O rosto de Kristen finalmente mostrou algo, e ela ergueu a sobrancelha.

— Estou surpresa.

Quinn deu uma risada e mexeu na lapela do blazer.

— Sinceramente, eu também. Não era algo que eu estava planejando nem mesmo há alguns meses, mas, infelizmente, as coisas mudam. Queria que você fosse a primeira a saber.

— Você está planejando ficar para a venda de Gleeson ser concluída? — Kristen perguntou, batendo a caneta na escrivaninha como se fosse um metrônomo. Doeu um pouco em Quinn o fato de que, depois de quinze anos juntas, os negócios ainda eram a única coisa em que Kristen pensava.

— Acho que a venda não vai ser concluída, infelizmente. Essa é a outra coisa que eu queria que você fosse a primeira a saber. Não há interesse em venda por parte de quem detém a propriedade. É uma casa de família, e será mantida desse jeito. — *Eu a amo e não vou fazer outra oferta para ela. Estou tentando dar outra coisa a ela,* foram as palavras que Quinn guardou dentro de si.

A caneta parou.

— Essa é uma notícia decepcionante.

— Se eu achasse que poderia ser concluída, eu repassaria para outro agente. Mas não vai acontecer.

— Agradeço sua franqueza sobre a situação. Em que ponto estão seus outros negócios?

Outra pontada aguda de dor atingiu Quinn pelo fato de Kristen continuar concentrada no trabalho e em nada mais.

— Ruiz termina semana que vem. Tenho dois outros clientes com os quais estou conversando, mas ficarei feliz em passá-los para um agente da sua escolha. — Antes que qualquer outra coisa acontecesse, ela só precisava se certificar de uma coisa. — Só preciso saber se Belinda poderá trabalhar para outra pessoa ou, caso ela queira, se você consideraria permitir que ela

trabalhasse como agente. Ela tirou a licença há alguns anos, para poder redigir contratos para mim.

Kristen assentiu.

— Só ouvi coisas boas sobre o trabalho da Belinda.

Quinn se levantou, surpresa com a falta de emoção com tudo aquilo. Kristen parecia sentir remorso, por falta de uma palavra melhor, por saber que Quinn estava indo embora, levando em conta que ela era uma ótima agente que a fez ganhar um dinheiro significativo na última década. Tudo o que isso fez foi reforçar que Quinn estava tomando a decisão certa. Havia pessoas que queriam apoiá-la e aliviar sua carga, e havia pessoas que queriam extrair valor dela. Sempre seria grata a Kristen pela chance que lhe foi dada, mas foi um relacionamento útil para as duas. Sua chefe treinou uma versão jovem e perdida de Quinn, que precisava de um lugar para canalizar sua frustração, e ela conseguiu um foco, uma maneira de superar sua tristeza e se perder na construção de algo.

Elas formavam uma boa equipe, mas Quinn estava cansada de pular de um negócio para o outro.

— Obrigada, Kristen. De verdade. Enviarei um e-mail formal ainda hoje e a manterei a par de todas as atualizações sobre a venda com Ruiz.

— Obrigada, Quinn. E, por favor, peça a Belinda para vir me ver quando você contar a ela. Terei prazer em conversar sobre suas opções.

Quinn deu uma olhada para o escritório que ela cobiçou como o auge do *sucesso*. Agora, tudo o que via era uma sala habilmente decorada, sem fotos ou lembranças pessoais. Nunca notou isso antes porque não queria notar.

No caminho de volta ao escritório, ela parou na porta da sala de Belinda e se anunciou.

***

— Não se preocupe, deixe que eu fale — Quinn reiterou, pelo menos pela terceira vez desde que contou a Belinda sobre seus planos de deixar a Bond Real Estate algumas horas antes. Elas estavam no elevador, a caminho do apartamento de Clark Gleeson para dar as más notícias sobre seu negócio pessoalmente. — Essas conversas nunca são divertidas e geralmente não acontecem com frequência. Normalmente, há um meio-termo a ser alcançado, mas casos em que a casa não está realmente no mercado são sempre um pouco raros.

Belinda assentiu e absorveu as palavras de Quinn.

— Então, vou lá para que, exatamente?

— Apoio moral, principalmente.

— Para você ou para ele? — Belinda perguntou, curvando os lábios para cima.

Quinn riu.

— Para quem mais precisar. — Enquanto o elevador subia, ela aproveitou seus últimos segundos a sós. — Se quiser se tornar agente, é bom você aprender essas coisas. Como ter conversas difíceis. Como abrir uma nova porta quando outra estiver se fechando.

Como Quinn planejou, as portas do elevador se abriram. Elas caminharam até a última porta, no final do corredor. Ela bateu e esperou, respirando fundo algumas vezes. Em todos os seus compromissos anteriores, Clark Gleeson foi calmo e acessível. Ela esperava que esse temperamento persistisse quando ele fosse confrontado com o fato de não conseguir o que queria.

Depois de baterem na porta, elas esperaram. Sem obter resposta, Quinn bateu novamente.

Finalmente, a porta se abriu. Clark Gleeson, parecendo desarrumado, as cumprimentou.

— Olá. Sinto muito. — Ele as conduziu para dentro.

Havia papéis em quase todas as superfícies livres à vista de Quinn, com um quadro branco que parecia ter aparecido do nada e estava no meio da sala de estar.

— Viemos em uma hora ruim?

— Não, é uma ótima hora. Estava querendo te ligar. — Ele se sentou em um banquinho na ilha da cozinha e fez um gesto para que elas fizessem a mesma coisa.

Quinn se sentou em frente a ele.

— Clark, esta é minha colega Belinda.

O homem apertou a mão da assistente de Quinn e depois coçou a barba, que estava bem menos cuidada do que ela se lembrava.

— Enfim — ele disse, um pouco desconcentrado —, peço desculpas por não ter entrado em contato com você antes, mas não preciso mais dos seus serviços para a casa dos Kingsford.

— Hã? — Era uma situação em que todos ganhavam, mas Quinn levou alguns segundos para entender o que ele tinha acabado de dizer. Ela se recompôs rapidamente. — Posso perguntar por quê?

Ela notou a hesitação de Clark, com os olhos dele passando entre Quinn e Belinda.

— Danielle e eu não estamos mais juntos, então um gesto romântico não vai ser realmente necessário.

— Sinto muitíssimo — Quinn falou com empatia. E, de fato, ela sentia. Clark Gleeson foi um cavalheiro exemplar em todas as etapas desse processo.

— Agradeço. É melhor descobrir cedo, e a infidelidade fazia parte do acordo pré-nupcial, então... — Exatamente por não querer falar isso, Clark parecia ter algumas coisas a dizer, Quinn notou. Ela sempre gostou de

homens capazes de falar honestamente sobre seus sentimentos. No entanto, ser traído com um ano de casamento deve ter doído muito. Clark estava reagindo muito melhor do que ela o faria. Mas, por outro lado, Quinn nunca deixou ninguém se aproximar tanto a ponto de sentir algo parecido com a mágoa que ele devia estar sentindo.

Quinn se virou quando a voz de Belinda cortou o silêncio.

— Parece que você encontrou uma maneira de se distrair desse desvio inesperado em sua vida. No que está trabalhando?

A maneira como os olhos de Clark se iluminaram tirou ao menos uma década de seu rosto.

— Não posso contar muito, mas durante minha depressão nas últimas semanas, tive uma nova ideia de *startup*.

— Fico feliz por você. Sei que é um momento inesperado na sua vida, mas parece que você está fazendo o melhor que pode durante ele.

— Estou tentando. É... bem, não é algo que eu goste de admitir, isso que está acontecendo agora com minha vida pessoal, mas é importante. Talvez algo de bom possa sair disso.

Belinda assentiu como se entendesse completamente.

— O amor é uma coisa maravilhosa, mas quando ele segue seu curso, uma distração às vezes pode ser a coisa mais útil.

Clark apoiou os antebraços na ilha da cozinha e se inclinou para frente.

— Exatamente.

— E quando você estiver pronto para se lançar em algo, você saberá. Até lá... — Belinda continuou, acenando com a mão no ar. — Você pode apenas criar alguns produtos novos que mudarão o mundo.

O leve rubor nas bochechas dele se avermelhou, e a melhor maneira que Quinn poderia descrever era que ele parecia ter sido atingido por uma

flecha de Cupido. Aparentemente, Belinda era melhor no lado pessoal das coisas do que ela imaginava. Mas quando Quinn olhou para ela, viu que um rubor semelhante coloria as bochechas de sua assistente. Ora, vejam só.

Infelizmente, ela teve de intervir em um momento em que estranhamente estava sobrando.

— Clark, não vamos tomar muito mais do seu tempo. Gostaria de te contar que estou me afastando da minha função de agente imobiliária. Mas Belinda vai ficar na Bond Real Estate, então tenho certeza de que ela ficará feliz em lhe dar suporte para qualquer necessidade.

Ela nunca viu alguém entregar um cartão de visita tão rápido quanto Belinda deslizou seu cartão preto fosco sobre a mesa.

— Ficarei feliz em ajudar.

Quinn reprimiu o riso e tentou manter a expressão profissional. Não foi fácil, já que Clark pegou o cartão e o virou entre os dedos como se estivesse planejando emoldurá-lo e colocá-lo na sala de estar.

— Bem, então — ela falou, se levantando e estendendo a mão. — Clark, foi um prazer trabalhar com você, embora eu lamente como as coisas aconteceram.

Ele deu de ombros e se levantou antes de colocar o cartão de visita no bolso.

— Estou seguindo em frente. Você foi uma excelente profissional o tempo todo, então, obrigada. — Ela não iria corrigir sua fala. Regra número um: aceite o elogio e corra.

Depois de uma despedida desconfortavelmente longa entre Clark e Belinda, elas desceram de elevador e chegaram à calçada. Caminharam pelas ruas da cidade lado a lado. Quinn ia sentir falta de trabalhar com Belinda, as duas eram muito sincronizadas. Mas, pensando bem, gostava do trabalho por causa de Belinda, por causa da pessoa que ela era e de como se

sentia bem por saber que tinha apoio. Ela sempre tinha equiparado isso ao trabalho, mas não era bem assim. Agora entendia.

A última coisa que tinha para dar a Belinda era algo que percebeu que nunca recebeu de sua mentora, que era a vulnerabilidade.

— Sabe, quando voltei para Kingsford, eu me apaixonei — Quinn falou, se virando para frente, enquanto continuavam caminhando. Ela podia sentir a assistente olhando para ela, mas manteve os olhos focados na calçada à sua frente. Parecia importante dizer isso, e não queria mais guardar dentro de si.

— Eu imaginei.

Quinn a interrompeu, erguendo os ombros para encarar Belinda.

— Como assim você imaginou?

Belinda deu de ombros antes de sorrir.

— Trabalho para você há uma década, Quinn. Nunca houve nada que a deixasse fora de jogo. Imaginei que poderia ter sido sua família, mas também parecia ser algo a mais.

— Será que tenho *idiota apaixonada* estampado na testa ou o quê? — Surpreendentemente, não se sentiu nem um pouco constrangida ao perguntar isso. Ela estava genuinamente curiosa para saber o que sua assistente perspicaz tinha notado.

— Sawyer, certo? Falei com ela uma vez.

Só o fato de ouvir o nome dela fez o corpo inteiro de Quinn se iluminar.

— Não sabia disso.

— Quando ela recusou a primeira oferta, liguei para marcar uma reunião para discutir os termos a serem alterados. É algo que faço com muitos clientes.

— E parece que você conseguiu algo com isso?

— Ela foi... surpreendentemente impetuosa. Acho que ela não sabia que eu tinha como prática padrão coordenar reuniões.

Agora foi a vez de Quinn corar.

— O que ela disse?

— Espero que você pergunte a ela na próxima vez que a vir.

— É a mesma coisa que jogar uma dinamite em um barril — Quinn comentou, revirando os olhos enquanto voltava a andar, Belinda fazendo a mesma coisa.

— Sentirei sua falta, Quinn. — As palavras foram baixas enquanto caminhavam pela cidade, mas o tom sincero de Belinda cortou os táxis, os pedestres e os sons das milhares de pessoas ao redor das duas.

— Eu também sentirei a sua. Não suma, está bem? Sei que nunca nos relacionamos muito fora do trabalho, mas gostaria de mantê-la em minha vida.

Parecia que essas palavras tocaram Belinda, cuja voz estava embargada quando respondeu:

— Eu adoraria.

Ao chegarem ao escritório, Quinn parou do lado de fora sem entrar.

— Vou dormir cedo.

— A gente se vê amanhã?

Quinn assentiu.

— Sim. Até lá.

Seu corpo ainda estava na cidade de Nova York, mas sua mente e seu coração já estavam a uma centena e tantos quilômetros ao norte, de volta a um lugar e junto a uma pessoa que ela nunca conseguiu esquecer. Agora, tudo o que precisava fazer era encontrar uma maneira de dizer isso.

Pegou o telefone e agradeceu por terem atendido ao primeiro toque.

— Oi, Quinn.

— Oi, Kelly. — Sentia o nervosismo irradiando de seu corpo enquanto respirava rapidamente. — Preciso da sua ajuda.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Sawyer não via Quinn há três semanas. Depois de outro momento perdido, quando Quinn se fechou em si mesma, ela não estendeu a mão. Era muito doloroso. A essa altura, voltar a ser amiga de Quinn era uma ideia difícil de aceitar. A pior parte era que ela realmente achou que estavam progredindo.

Sawyer se repreendeu por ter pressionado Quinn, embora, no fundo, soubesse que não tinha feito nada de errado. Sua felicidade era responsabilidade dela, e queria que Quinn fizesse parte. O mais difícil quanto a estabelecer limites ou tomar decisões é que ninguém realmente se prepara para quando as conversas não saem do jeito que se quer. O fato de que havia todos esses fragmentos de momentos perdidos, confissões e um monte de *talvez* que poderiam ter se tornado algo mais.

Por isso, Sawyer se dedicou ao trabalho. Conseguir um empréstimo empresarial foi o primeiro passo, e a aprovação veio no dia anterior. Veria como seriam as vendas on-line antes de se comprometer com uma loja no centro da cidade, mas a resposta inicial foi positiva. Das dezenas de máquinas que consertou, já tinha conseguido vender cinco delas para compradores pelos Estados Unidos.

Nesse meio tempo, planejava converter a casa dos avós em um espaço de trabalho híbrido, onde haveria não apenas uma espécie de showroom, como também seria o espaço para fazer vídeos e fotos melhores dos itens e um escritório. Shane deveria desocupar a casa até o final da semana, embora ela não estivesse apostando muito nisso.

Perdida em seus próprios pensamentos, sentada em frente às peças mais recentes, mal percebeu Tate aparecendo ao seu lado.

— Tia Sawyer?

Ela balançou a cabeça e pigarreou. Não ajudou muito a clarear sua mente, mas ela sorriu para o menino mesmo assim.

— O que houve?

Ele devolveu a ela o celular.

— Terminei os vídeos da máquina Red Arrow Paces Races. — Sawyer não acreditou na sorte que teve quando se deparou com ela há algumas semanas em uma venda de bens pessoais. O proprietário faleceu com noventa anos, mas foi dono de um bar nos anos 1950. Quando as máquinas quebravam ou saíam de moda, em vez de vender, ele as deixava em uma garagem, acumulando poeira durante os sessenta anos seguintes. Uma versão original do jogo de corrida de cavalos foi vendida por mais de dez mil dólares em 2008, o que fazia dele a peça mais cara do seu estoque. Junto de meia dúzia de outras peças, embora menos valiosas, que adquiriu na venda, ela tinha meses de estoque em mãos para manter o negócio funcionando.

Foi, muito possivelmente, a descoberta da vida de Sawyer. Parecia um sinal cósmico de que tudo daria certo. Claro, poderia ter alguns meses difíceis pela frente, mas saber que era responsável por seu sucesso ou fracasso a fazia se sentir mais leve em vez de sobrecarregada.

E com seu novo assistente de confiança, Tate, que provou que podia, e de fato gostava, de dar mais do que respostas monossilábicas, parecia que tudo estava finalmente se encaixando.

Ela se levantou e se aproximou do jogo, admirando os sete cavalos de cores variadas sob a caixa de vidro protetora.

— Parece muito bom — ela falou, tentando não soar muito arrogante com o trabalho que fez.

— É do cacete — Tate disse, animado, inclinando o rosto sobre o vidro.

— Quer testar? Fazer alguns vídeos com ele ligado?

Parecia haver um código tácito para não se empolgar com nada quando se tem treze anos de idade, mas na segurança da oficina, o rosto de Tate se iluminou.

— Puta merda, e como!

Sawyer tirou algumas moedas do bolso da calça.

— Vamos nos limitar a um único palavrão por minuto. Pode ser?

— Pode.

Ela entregou as moedas.

— Coloque uma em cada fenda. Isso fará com que o cavalo com a cor correspondente possa correr.

Concentrado, Tate começou a colocar as moedas em cada uma das fendas. Sawyer o observava, feliz por ver como ele estava mais aberto agora do que no último mês. Essa era uma boa experiência para ele, mas ter a chance de apoiá-lo foi mais gratificante do que Sawyer esperava. Isso a fez se lembrar dos dias que costumava passar com o avô, observando-o trabalhar e aprendendo sobre o processo. Talvez não houvesse nada que mudasse sua vida, mas ela esperava que esses momentos fossem lembrados com carinho por Tate quando ele crescesse.

E, na verdade, tê-lo por perto foi uma boa distração. Kelly andava mais ocupada do que o normal ultimamente, e Sawyer apreciava o fato de não ter muito tempo para se afundar na saudade de Quinn.

Com o tempo, isso se tornaria mais fácil e, com sorte, quando acontecesse, elas poderiam voltar a ter algum tipo de amizade que não

fizesse Sawyer sentir como se seu coração estivesse sendo arrancado do peito e partido em pedacinhos cada vez que Quinn ia e vinha. Deus, ela torcia por isso.

***

Na semana seguinte, Sawyer estava começando a se sentir um pouco como antes. Era seu último dia na Kent Antiques, embora não esperasse uma festa de Shane. Ela nem mesmo sabia se ele perceberia o fato.

Mas, enquanto fazia as contagens finais do inventário e os relatórios de vendas do dia, percebeu que era difícil se importar. Tudo o que aconteceu no mês anterior reforçou que ela estava no caminho certo. Sawyer passou tempo demais tentando agradar a todos, mas esquecendo de si. Queria ser útil? Sem dúvida. Mas não à custa da própria felicidade. Ela finalmente percebeu esse detalhe, que era um preço alto demais.

Junto com essa percepção veio a aceitação de que Quinn também tinha razão, todos aqueles anos atrás, quando deixou Kingsford. Não conseguia imaginar como foi difícil tomar essa decisão, deixar tudo e todos que conhecia para ter uma chance de ser feliz.

Quando percebeu que Shane já havia saído, ela foi até a porta e virou a placa para *fechado* pela última vez. Trancou a fechadura, fazendo um clique fraco, e sorriu. Essa loja foi sua vida por tanto tempo, mas agora estava na hora de expandir seu mundo.

Kelly insistiu em um jantar de comemoração mais tarde, no qual prometeu que não haveria menção a Quinn, a menos que Sawyer quisesse falar sobre ela. Alguns drinques provavelmente decidiriam a resposta por ela.

Em geral, era uma caminhada rápida pelo quintal, mas ela parou quando percebeu que havia alguém encostado na porta que dava acesso à

oficina. Sawyer deu alguns passos nessa direção.

Quinn.

De short jeans e camiseta branca, Quinn parecia o retrato da perfeição descontraída. Sawyer teve de se lembrar repetidamente, enquanto cruzava os últimos metros entre as duas, que não fazia ideia do que Quinn queria ou por qual razão estava ali.

— Oi — Quinn a cumprimentou um pouco sem fôlego. Ela se afastou da porta em que estava encostada e ficou na frente de Sawyer, com uma sacola de papel nas mãos.

Será que Sawyer queria se jogar nos braços de Quinn? Com certeza. E iria fazer isso? Gostaria de saber a resposta para essa pergunta.

— Oi, Quinn. Não sabia se veríamos você de novo.

— Eu precisava... — Quinn ficou um pouco mais ereta e recomeçou: — Precisava cuidar de algumas coisas em Nova York.

Bem, isso despertou uma curiosidade esperançosa em Sawyer, um sentimento que já estava percorrendo suas veias e a deixando irritada consigo mesma de várias maneiras. Tudo o que conseguiu dizer foi um *é mesmo?* nada casual em resposta às palavras de Quinn.

Quinn assentiu e deu um sorriso cauteloso.

— Posso entrar? Gostaria de te contar algumas coisas, se você estiver interessada.

Sawyer passou por ela, garantindo que seus corpos não se tocassem, e destrancou a porta da oficina. Para dar o crédito, Quinn a seguiu sem dizer nada, passando pelo amontoado de máquinas que cobriam todos os espaços disponíveis, caminhou para a sala de estar.

— Então, como você tem passado? — Quinn finalmente perguntou.

— Profissionalmente, estou muito, muito bem. Hoje foi meu último dia na loja e agora vou me concentrar em meu próprio negócio.

— Que notícia incrível — Quinn falou antes de seus lábios se curvarem. — E pessoalmente?

Não queria admitir que um buraco foi deixado em seu coração, mais uma vez, pela ausência dela. Mas chegaram até aquele momento por causa da honestidade, embora parecesse que ainda havia quilômetros a percorrer.

— Bem... reencontrei uma velha amiga, e foi surpreendente, inesperado e mais do que um pouco irritante quando ela foi embora novamente.

Os lábios de Quinn se curvaram para cima, mas seus olhos estavam tristes.

— Parece que talvez ela tenha pensado que não merecia te ter na vida dela.

Sawyer sentiu como se seu coração estivesse sendo apertado. Depois de todo esse tempo. Depois de tudo o que tiveram juntas. Quinn ainda sentia que não era boa o suficiente. Em um passado e um presente em que ela ainda era tudo, era difícil de entender.

— Parece que você conhece o tipo — Sawyer falou, dando um passo à frente. — Você acha que ela se sentiu assim porque foi embora da primeira vez ou porque esperou tanto tempo para voltar?

— Talvez as duas coisas — ela respondeu com a voz baixa. — Talvez ela tenha sentido que nunca foi boa para você, nem naquela época nem agora. Talvez tenha se sentido envergonhada pela forma como tem levado a vida.

Sawyer examinou os olhos de Quinn, procurando qualquer indício de que ela estava com a cabeça no lugar.

— É um monte de presunções, mas ela poderia ter me perguntado pessoalmente.

Foi Quinn quem deu o próximo passo na direção de Sawyer.

— Eu estava com medo. De você. De nós. De como eu me envolvi rapidamente no desejo de estar com você. Eu... — A voz de Quinn estava entrecortada, mas ela seguiu em frente. — Nunca me permiti sonhar em ter outra chance. Dizer a mim mesma que a parte da minha vida em que você poderia estar presente já havia terminado possibilitou que eu existisse. E então eu voltei.

— E então você voltou — Sawyer repetiu, mas sua voz soou com muito mais esperança do que o tom desanimado das palavras de Quinn.

— Você estava ainda melhor do que eu me lembrava — Quinn comentou, com os olhos brilhando. — Em seus braços, me senti tão segura, protegida e... amada. — A palavra ficou suspensa entre elas. — Passei os últimos dezessete anos fazendo tudo o que podia para me proteger. Você acabou com todas as defesas que eu construí em questão de meses.

— Por que você diz isso como se fosse algo ruim? — Sawyer deu mais um passo.

A frustração ecoou em sua voz quando Quinn respondeu:

— Porque estou com medo.

— Eu também estou. — Como Quinn não percebia isso? Por mais aterrorizada que Quinn estivesse por ter suas defesas arrasadas, Sawyer também estava do mesmo jeito. Seu coração não era mais seu, e ela estava à mercê da mulher que amava para mantê-la segura.

Quinn soltou um soluço meio estrangulado e atravessou os últimos centímetros de espaço entre elas.

— Eu te amo, Sawyer. Sempre te amei. E tenho tanto medo de não te merecer, de estragar tudo ou de...

Não parecia haver um mundo em que Quinn acreditasse no que Sawyer dizia, então Sawyer simplesmente mostrou. Passou o braço em volta da cintura de Quinn e a puxou para si, beijando-a profundamente. Os

corpos se fundiram um no outro, e tudo o que Sawyer podia ver, tocar e sentir era Quinn. Era tudo o que queria. Era tudo o que sempre quis.

Apesar de todos os protestos de Quinn, seu corpo tinha outras ideias, cedendo ao beijo exigente de Sawyer. Suas línguas se encontraram, e Sawyer ficou atordoada com a força da conexão.

Finalmente, quando estava confiante de que Quinn não iria começar a falar novamente sobre ideias insanas de que não era boa o suficiente, Sawyer interrompeu o beijo e mordiscou o lábio inferior de Quinn.

— Você é exatamente a pessoa que eu quero.

Quinn passou os dedos pelo rosto de Sawyer, traçando seu rosto de leve.

— Quero ficar com você. — Com essas palavras, parecia que os pedaços do coração de Sawyer que foram arrancados estavam voltando ao lugar.

— Sempre foi você — Sawyer disse, com a emoção ameaçando fazê-la explodir em lágrimas.

Foi o que aconteceu quando Quinn disse:

— E sempre foi você. Não quero mais ter medo disso. Estou voltando de vez para Kingsford. É por isso que fiquei longe no último mês, estava tentando colocar tudo em ordem.

Sawyer encostou a cabeça no ombro de Quinn e deu uma risada exasperada.

— Por que não começou a conversa dizendo isso? Meu Deus, Quinn.

Quinn largou sua bolsa na mesa ao lado delas, e abraçou Sawyer e fez um carinho em suas costas.

— Porque é óbvio que sou péssima nisso — ela declarou antes de se inclinar para trás. — Mas quero melhorar.

— Tudo o que eu sempre quis foi você. Exatamente como você é.

— Vou jogar isso na sua cara quando você descobrir que sou uma péssima cozinheira — Quinn disse.

— Eu te ensino.

Quinn assentiu.

— Adoraria.

— Há tanta coisa que quero que façamos juntas. Você é minha pessoa favorita, Quinn. Estou muito animada.

— E você é o amor da minha vida — Quinn declarou, provocando um friozinho na barriga de Sawyer. — Tudo o que eu quero fazer é passar o restante da minha vida mostrando isso a você.

***

Uma hora... bem, uma hora e meia depois, Sawyer segurou a mão de Quinn enquanto caminhavam pelo calçadão para irem jantar com Kelly. Ela foi compreensiva com o atraso da amiga e a chegada inesperada de Quinn, o que significava que, muito provavelmente, era Sawyer quem estava atrasada nesse jogo.

Sawyer deu uma olhada de relance na linda mulher que caminhava ao seu lado. A mulher que ela chamava de sua.

— Kelly sabia que você estava vindo, não é?

— Se você achar que é fofo da parte dela estar disposta a me ajudar, então, sim. — Quinn olhou para ela e a encarou com um olhar que Sawyer mal acreditava que poderia se perder. Mas foi a forma como os lábios de Quinn se contraíram em um sorriso malicioso que fez seu coração vibrar. — Se você não achar, então ela não tem nada a ver com isso.

— Vocês duas são terríveis, iguais a outras irmãs McKinley que conheço — Sawyer resmungou, apertando a mão de Quinn para fazê-la

começar a andar de novo. Kelly era compreensiva, mas isso já estava beirando o exagero.

Quinn assentiu, e a outra moça viu seu sorriso se tornar incrivelmente mais largo.

— Senti muito a falta dela. Estou animada por poder passar mais tempo com Ella e Luna também. Parece que tenho muito para compensar.

— Bem, então não posso invejar que vocês estejam de conluio contra mim. — Porque Sawyer nunca, jamais, invejaria a chance de Quinn ter sua família de volta.

— De conluio *por* você — Quinn a corrigiu. Ela franziu o nariz de forma adorável e colocou as mãos entre elas.

Sawyer achava que nunca se cansaria de coisas simples como essa: passear de mãos dadas pelo calçadão, algo com que sempre sonhou, mas que nunca imaginou ser possível.

— Então, além de criar laços com sua família, tem algum plano para a vida em Kingsford? — Não sabia por que fazer essa pergunta a deixava nervosa, mas nunca chegariam a lugar algum se não fossem abertas e honestas uma com a outra.

— Bem, vou tirar uma folga — Quinn respondeu com entusiasmo. — Porque não faço isso há muito tempo. E então veremos.

A sobrancelha de Sawyer se ergueu.

— Isso não se parece muito com a Quinn McKinley calma, tranquila e controlada que conheço — ela provocou.

— Quero dizer, tive uma ideia e ia te fazer uma sugestão. — Ela fez uma pausa e depois disse rapidamente: — Mas só se você estiver interessada.

Isso despertou a curiosidade de Sawyer. Ela duvidava que Quinn deixaria de surpreendê-la.

— Qual é a ideia?

— Eu ia nos deixar aproveitar a novidade pelo menos mais um pouquinho, mas não quero esconder nada de você.

— Passamos muito tempo escondendo coisas uma da outra. — Sawyer deu a Quinn um sorriso. — Principalmente nossos corações.

— Bem... me disseram que sou bastante hábil com vendas — Quinn falou com um sorriso. — Portanto, se precisar de alguém na loja, se decidir abrir uma, ficarei feliz em ajudar.

A voz de Sawyer era uma mistura de surpresa e adoração.

— Você está me pedindo um emprego? — Quinn deu de ombros e lhe lançou um olhar tão incisivo e atencioso que fez Sawyer querer se ajoelhar ali mesmo no calçadão.

O que Quinn disse em seguida também não ajudou em nada.

— Tudo o que eu quero é aliviar sua carga também. Você merece todo o sucesso do mundo, e se puder ajudá-la de alguma forma, eu quero.

Sawyer conseguiu responder quando se aproximaram do Murph’s.

— Você não pode dizer coisas tão românticas quando estamos prestes a jantar em público.

Quinn abriu a porta, gesticulando para que Sawyer entrasse. Ao passar, ela sussurrou no ouvido de Sawyer:

— Pode ficar à vontade para me agradecer depois.

A moça reprimiu o desejo ardente que se espalhava pelo seu corpo.

— Se sobrevivermos a seja lá o que Kelly tenha reservado para nós. — Ela não tinha dúvidas de que sua melhor amiga tinha preparado um ótimo churrasco.

Passando por trás de Sawyer, Quinn entrelaçou seus dedos novamente e os apertou de leve.

— Eu faria qualquer coisa por você, então vamos começar com isso.

Durante o jantar, Sawyer observou Quinn e Kelly e o carinho mútuo que construíram nos últimos meses. Sawyer estava nervosa antes de passarem pela porta, mas Quinn segurou sua mão com firmeza sobre a mesa enquanto Kelly dava sorrisos de apoio a cada poucos minutos.

Tudo parecia um sonho, mas amanhã, quando acordasse, saberia que Quinn ainda estaria ao seu lado.

***

Às onze horas, Sawyer destrancou a porta de casa e riu quando deixou o chaveiro cair no chão.

— Sawyer Kent, você está bêbada? — Quinn perguntou quando fechou a porta assim que elas entraram e puxou Sawyer para os seus braços.

Não havia outra resposta possível a não ser abraçar os ombros de Quinn.

— Não. Apenas feliz. — O que era a verdade. Ela tomou algumas cervejas no jantar, mas sua empolgação se devia, em grande parte, ao fato de a noite ter corrido bem. Kelly foi o equilíbrio perfeito entre estímulo e apoio, e elas tinham planos de se encontrarem amanhã e irem ao jogo de futebol de Ella.

Quinn roçou seu nariz no de Sawyer.

— Eu também estou. Muito, muito feliz. Ainda não consigo acreditar que isso é real.

Sawyer aninhou o rosto no pescoço de Quinn e suspirou. Isso era tudo o que ela queria. Que ficassem juntas, sem medo.

— Esqueci de te dar o seu presente — Quinn sussurrou em seu ouvido.

Sawyer voltou a olhar para Quinn e estudou suas feições.

— Você não precisava me dar um presente.

— É que... é quê... — Quinn estava surpreendentemente nervosa quando se afastou para ir até a mesa de cabeceira, onde ainda estava a sacola de papel que ela trouxe. Atravessou o espaço com rapidez e empurrou a sacola em direção a Sawyer. — Segura.

Sawyer deu um sorriso para Quinn que compensou seu pequeno revirar de olhos quando ela disse:

— Romântica como sempre.

— Você está me provocando?

Com a sacola nas mãos, Sawyer se aproximou um pouco mais.

— Sim. — Ela se inclinou para a frente e beijou Quinn de leve. — E só para constar, acho que reorientar toda a sua vida e ser corajosa o suficiente para dizer que me ama é muito romântico.

As bochechas de Quinn ficaram rosadas.

— De qualquer forma, como eu disse, não é nada de mais. É só uma coisa...

Sawyer envolveu o item com as mãos e o retirou rapidamente. No segundo em que seus dedos o tocaram, ela soube o que era.

— Você completou o conjunto — ela disse, com a voz cheia de admiração. Em suas mãos estava o segundo ônibus que completaria sua máquina Bryans Double Decker Penny Pusher 1968. Eram difíceis de encontrar e ligeiramente caros.

— Parecia simbólico, sabe? — Quinn comentou um pouco nervosa, como se estivesse implorando para Sawyer entender.

Mas Sawyer queria ouvi-la dizer isso.

— Fale.

Quinn soltou um gemido fofo e irritado.

— O jogo funciona sem os dois, mas não está completo. — Envolvendo Sawyer com uma das mãos, ela começou a massagear a base

do pescoço de Sawyer. — É assim que me sinto em relação a você. Eu estava conseguindo sobreviver, e você também, mas isso não é mais suficiente.

— Não?

Quinn balançou a cabeça.

— Não. Nem perto disso. Você rompeu algo em mim quando voltei para casa, e eu não poderia voltar atrás mesmo que quisesse. Acredite em mim, eu tentei.

Sawyer riu. Não podia culpar Quinn por ter pensado dessa maneira. As duas estavam se esforçando tanto, inutilmente, para não deixar as coisas ficarem complicadas.

— Ao que parece, meu charme irresistível ataca novamente.

— Seu tudo irresistível — Quinn falou com seriedade, se inclinando para dar um beijo carinhoso nos lábios de Sawyer. Quando ela se afastou, os olhos cor de avelã estavam claros e focados. — Só quero poder acompanhá-la.

Sawyer passou a mão em volta dos dedos que massageavam seu pescoço e começou a levar Quinn de volta para o quarto.

— Acho que vamos descobrir.

***

Era cedo na manhã seguinte quando Sawyer acordou com as mãos de Quinn passando de leve pelos seus cabelos. Elas fizeram amor por horas, mas esse momento estava fazendo com que Sawyer se sentisse igualmente realizada. Quinn tinha o olhar brilhante e calmo, como se o cansaço tivesse finalmente dado lugar a uma sensação de paz. Ela passou os dedos longos no couro cabeludo de Sawyer, como se tivessem todo o tempo do mundo.

E talvez finalmente tivessem.

Não havia nada que as separasse. Nem a distância, nem seus medos, nem a incerteza de que apenas uma delas estava se apaixonando. Na primeira vez em que se encontraram, foi frenético, como se precisassem solidificar todas as palavras compartilhadas com o ato físico da intimidade. Essa foi uma experiência que deixou Sawyer sem fôlego e feliz.

Mas então Quinn segurou o rosto de Sawyer e beijou de leve seus lábios, bochechas e nariz, sussurrando *eu te amo* repetidas vezes no quarto escuro.

Na vez seguinte, quando ela fez Sawyer se soltar lentamente, com suspiros suaves, toques gentis e exploração lânguida, a moça sabia que nunca mais seria a mesma.

Mergulhando na lembrança de apenas algumas horas antes, Sawyer suspirou e encostou a cabeça no peito de Quinn. Ela se aproximou ainda mais e passou um braço ao redor da parceira.

— Você não está cansada?

Quinn passou os dedos pelo rosto de Sawyer.

— É que eu gosto muito de estar aqui com você.

Demorou alguns segundos, mas Sawyer se forçou a abrir totalmente os olhos e observar Quinn. Com os cabelos desgrenhados e o lençol puxado até o quadril, os dedos dela se afundando em seus cabelos, Sawyer poderia facilmente acreditar que aquilo era um sonho.

— Eu também gosto de estar aqui com você. — Era como se não conseguisse se aproximar o suficiente, então colocou uma perna sobre Quinn, de modo que ficou meio deitada sobre ela. Em seguida, passou a ponta dos dedos pelo contorno dos lábios da parceira, porque isso era algo que podia fazer agora. — Adoro seus lábios.

Quinn prendeu o lábio inferior entre os dentes antes de soltá-lo para mordiscar a ponta do dedo de Sawyer. O desejo já estava começando a se

manifestar no centro de Sawyer, e a coxa dela deslizou entre as pernas de Quinn.

— Você me enlouquece — Quinn disse, um pouco sem fôlego, quando Sawyer deslocou seu peso contra o centro dela.

Mas foi a maneira como Quinn estava olhando, cheia de amor, que fez com que Sawyer tivesse dificuldade para respirar. Embora o calor que irradiava de Quinn estivesse em segundo lugar.

E então os olhos cor de avelã se abriram um pouco mais, e ela parou de brincar com o cabelo de Sawyer para abrir a mão por seu peito.

— Eu queria te perguntar uma coisa.

— Espero que seja uma pergunta fácil, porque mal consigo pensar nesse momento.

Quinn sorriu antes de começar a brincar com o mamilo de Sawyer.

— Minha assistente mencionou que você disse algo a ela no telefone, mas não me contou o que foi. Queria saber.

Sawyer gemeu e tentou se aconchegar no calor de Quinn, mas a mulher a observou, com os olhos cheios de curiosidade.

— Bem, preciso saber se você vai ficar toda evasiva se eu contar.

Sawyer sabia que estava corando. Ela ficou surpresa naquele dia, quando a assistente de Quinn, Belinda, ligou. Reagiu daquela forma porque a pessoa que sempre quis e que chegou tão perto de ter estava se afastando, por isso Sawyer estava abalada.

Quinn abaixou a cabeça e capturou o outro mamilo de Sawyer com a boca, sugando de leve.

— Você não está jogando limpo — ela protestou e sentiu Quinn sorrir contra sua pele.

— Achei que você gostasse do fato de eu ser determinada.

— Determinada a me torturar.

— Provocar. Pensei que já tivéssemos esclarecido esse detalhe — Quinn disse sem remorso.

Quinn pressionou Sawyer com as coxas, e ela adorou o som entrecortado que saiu dos lábios perfeitos de Quinn.

Com a vantagem acidental, Sawyer tentou estabilizar a respiração.

— Eu disse a ela que, se você quisesse algo de mim, precisaria aparecer e pedir pessoalmente.

Quinn inclinou o olhar para cima, com o queixo no peito de Sawyer, e a encarou com atenção.

— Não foi tão dramático quanto pensei.

— Bem... provavelmente foi mais sobre *como* eu disse do que sobre *o que* eu disse. Talvez eu tenha sido um pouco agressiva.

— Tudo para que eu voltasse à cidade e tentasse convencê-la a vender uma casa que você não tinha interesse em vender?

Sawyer tentou colocar em palavras o que sentiu na época, o que nunca era fácil para ela.

— Eu queria você aqui. Queria conversar. Brigar. Rir. Eu senti o gostinho de como era acordar com você pela manhã, de como era quando você me olhava de forma tão intensa, que parecia que éramos as duas únicas pessoas no mundo. Não queria deixar de me sentir assim.

Quinn deu um beijo no peito de Sawyer. Depois se virou, para que estivessem de frente uma para a outra, e Sawyer a recompensou exatamente com o olhar que a fez sentir como se não houvesse mais ninguém além delas.

— Eu odiava ficar longe de você, sabe? Não apenas quando voltei, mas quando fui embora pela primeira vez.

Tais palavras fizeram Sawyer parar.

Inclinando-se para a frente, Quinn deu um beijo leve nos lábios dela.

— Senti sua falta todos os dias em que morei em Nova York. Quando me mudei para lá, doía tanto que eu mal conseguia respirar.

Sawyer abraçou Quinn com mais força, imaginando uma jovem de dezoito anos determinada e sozinha no mundo.

— Mas você conseguiu voltar.

Quinn franziu o nariz no que devia ser, na opinião de especialista de Sawyer, a expressão mais bonita que ela já tinha visto na vida.

— Acho que talvez uma parte de mim sempre soube que, se eu voltasse, seria o fim. Eu não seria capaz de me obrigar a deixá-la novamente. Por isso, passei bastante tempo entre a garota assustada que foi embora e a pessoa que me tornei, na esperança de que isso me tornasse forte.

— Você já era forte.

— Só porque você fez com que eu me sentisse assim — ela declarou, e Sawyer se perguntou se algum dia deixaria de se surpreender com Quinn.

Ela passou a mão pela mandíbula de Quinn.

— Você também faz com que eu me sinta assim. Mais corajosa. Não assumi a responsabilidade pela minha vida até você voltar para a cidade. E, quando voltou, eu não conseguia me imaginar viver aquela existência passiva. Você me fez querer muitas coisas. Fez com que eu quisesse lutar por essas coisas. Nunca subestime todo o bem que você traz para a vida das pessoas.

— Se pensar dessa forma, parece que fomos feitas uma para a outra. — A voz de Quinn estava tão cheia de certeza, que Sawyer pôde perceber que não se tratava apenas de um comentário de momento, que o amor entre elas era tão abrangente, que as décadas que as separaram e as centenas de quilômetros não chegavam nem perto de impedi-lo de florescer.

Ela se inclinou e beijou Quinn profundamente.

— Não há mais ninguém que eu preferiria ter como minha outra metade.

Finalmente, com essas palavras, a postura de Quinn relaxou, e ela soltou um bocejo suave, aconchegando-se mais perto de Sawyer.

— Eu também.

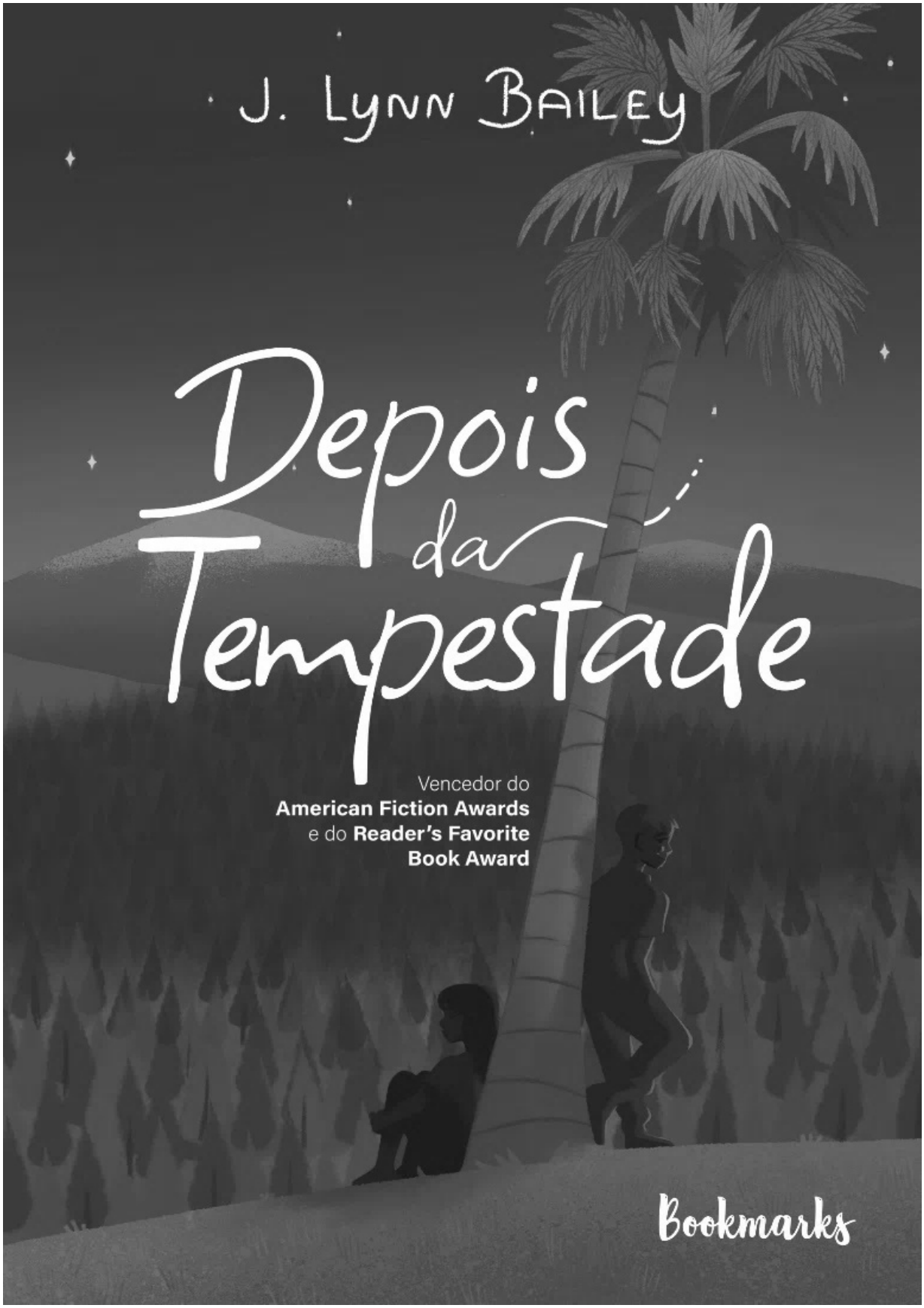
Quinn puxou o braço de Sawyer ao seu redor e puxou contra si a moça, que alegremente se aconchegou. Quinn passou muito tempo tentando se virar sozinha no mundo, não permitindo que as pessoas entrassem no seu coração porque parecia mais seguro do que enfrentar o medo de amar alguém tão profundamente. Mas nenhuma das duas estava mais sozinha, e isso encheu Sawyer de tanta leveza que ela pensou que poderia flutuar.

— Eu te amo — Sawyer disse baixinho, próximo ao ouvido de Quinn.

— Eu também te amo — Quinn respondeu, sonolenta, enquanto entrelaçava seus dedos. — Sempre te amei.

FIM

LEIA TAMBÉM:


J. Lynn Bailey
Depois da Tempestade
Vencedor do
American Fiction Awards
e do Reader's Favorite
Book Award
Bookmarks

Uma história **forte e bonita** sobre **luto, amor e persistência**.

Quando Livia Stone **perde de forma repentina** Jasper, seu irmão gêmeo, ela precisa aprender a viver sozinha. Enquanto enfrenta a tragédia e começa um **caminho para a autodestruição**, Daniel entra em sua vida. No momento em que ela mais precisa.

Depois da tempestade é uma **história tocante**, relevante e comovente sobre **sobrevivência**, coragem e compaixão em que os **leitores irão chorar, rir** e, acima de tudo, debater os **problemas que afetam a vida de pais e adolescentes** em uma jornada de esperança e perdão.

01

Tracy e Poppy estão preocupadas comigo.

Não é porque não falei mais de dez palavras com Tracy nos últimos trinta e três dias. Nem porque, de acordo com Poppy, minha ingestão de alimentos é tão rara quanto a aparição de um Ganso do Havaí, na ilha de Maui. Claro que algumas pessoas discordariam e diriam que esse tipo de ave é bem comum para os habitantes locais e visitantes. No entanto, se perguntar ao meu pai ou a qualquer membro da família Stone, vão dizer que é incomum, quase extinto e ilusório, pois ainda não conseguimos vê-lo em Maui nas últimas oito viagens que fizemos.

O problema é a camisa do Jasper.

— Liv, você não tira a camiseta... dele — ela mal consegue dizer seu nome — há dias.

Semana passada, completou duas semanas. Minha mãe, Tracy, também falou isso.

Com os fones de ouvido ao meu lado, olho para ela sem saber o que devo fazer, porque, neste momento, farei qualquer coisa para calá-la.

Vou me consultar de novo com a dra. Elizabeth, quero dizer a ela, mesmo que eu a tenha expulsado do plano de recuperação do luto de Jasper — sem que ela saiba.

Vou fingir queimar a camisa do AC/DC. Porque essa é a única que ainda tem o seu cheiro.

— Liv, estou preocupada. — Tracy se senta ao meu lado no sofá. As linhas nas laterais dos lábios, que antigamente formavam sorrisos, estão mais profundas e pronunciadas, fazendo seu rosto parecer longo e rígido.

As olheiras refletem os dias de insônia. Tracy é enfermeira do Hospital Redwood Memorial no turno da noite. Em minha defesa, é uma camisa AC/DC desbotada que encontrei no cesto de Jasper no dia em que ele viajou para Los Angeles para visitar nosso pai. Eu estava prestes a lavá-la.

Mordendo o que resta da unha do polegar, olho para o telefone para ver se há uma mensagem de Simon, mas as mãos de Tracy chamam minha atenção. Gostaria de dizer: *você deveria comer um pouco, mãe. Está tremendo.* Mas não falo.

Poppy está olhando pela janela da frente da nossa antiga casa vitoriana. Observo o cabelo tingido de vermelho e os cachos modelados à perfeição. Ela se vira para nós.

— Ela tem razão. Você deveria mesmo tirar a camiseta do Jasper. E, pelo amor de Deus, coma alguma coisa. — Poppy olha para a filha com as sobrancelhas franzidas. O lábio inferior de Tracy começa a tremer, e eu reviro os olhos. Talvez em parte porque estou chateada, mas também porque não sei como resolver isso. É a terceira vez que vejo as lágrimas de Tracy.

— Mãe. — A palavra sai apressada, precipitada. Como ela se fosse a última pessoa com quem quero estar agora. E talvez seja verdade.

Tracy balança a cabeça, como se estivesse tentando nos libertar da nossa tragédia e coloca as pontas dos dedos nos lábios. Poppy atravessa a sala na direção de Tracy e coloca as mãos nos ombros da filha, beijando o topo da sua cabeça.

— A sua mãe está preocupada, Liv. — A voz de Poppy é calma e serena. Ela não para de dizer que minha promiscuidade com Simon James não é o caminho para superar o que aconteceu e que sexo não vai curar meu coração. Ela já me disse que nunca agi assim e que essa não sou eu.

Coisas que já sei.

Quero discutir. Dizer que ela não sabe do que está falando, porque nunca teve um irmão gêmeo.

Mas não o faço por duas razões:

1. Jamais se discute com a matriarca da família.

2. Não quero assustar a Tracy.

A última vez que fui contra Poppy na sua frente, ela ligou para a casa do psiquiatra com quem trabalha às dez horas da noite.

Poppy, minha avó, morreu há quase cinco anos.

A dor está de volta, mas, desta vez, no meu peito. Não é uma dor física, mas é como se meu peito estivesse prestes a se abrir e fosse explodir em lágrimas, porque sou orgulhosa demais para permitir que elas escapem dos meus olhos. Sei que está na hora de tomar o comprimido branco que está no meu bolso.

Jasper costumava consertar as coisas entre mim e Tracy. Ele era nossas palavras. As coisas que não podíamos falar uma com a outra.

Pego os fones e os coloco nos ouvidos conforme a dor se aprofunda. Aumento a música, rezando para que o som me leve a Júpiter ou Plutão, uma visita ao sistema solar que durasse o ano inteiro.

Qualquer lugar que não fosse aqui. Longe deste sofá. Longe de Tracy.

Sair de Belle’s Hollow para sempre.

Talvez eu possa viver no espaço, onde a gravidade é um passatempo e minhas lágrimas não serão capazes de cair.

Jasper costumava dizer que nossa mãe e eu éramos muito parecidas e que era por isso que não conseguíamos nos comunicar.

Olho para Tracy para ver se ela está chorando ou se está segurando as lágrimas como eu. Ela as está enxugando com as pontas dos dedos. Desde que meu irmão se foi, ela tem feito muita hora extra. Acho que é pela

mesma razão que faço o que faço: para esquecer nossa nova realidade, nem que seja só por um momento.

Meu telefone toca e para a música. É uma mensagem de Simon. O relaxamento temporário encontra meu peito e a dor diminui, porque sei que o alívio vai chegar em breve.

Simon: Te encontro em 5 minutos. Ponto R?

— Tenho que ir. — Me levanto e coloco o celular no bolso, rezando para Tracy não dizer algo como: *Por favor, não vá. Preciso de você*. Porque tenho que ir. Tenho que deixá-la aqui com sua dor, pois não posso lidar com os termos que a vida nos impôs.

Graças a Deus, ela não diz nada.

Faço uma pausa na porta, querendo me virar e encará-la, mas não posso. Em vez disso, ouço o silêncio dos nossos mundos e me viro para encarar o lado de fora. Aposto que ela está bebendo café na caneca lascada de Jasper, onde está escrito: *Jasper Stone, Parque Nacional Grand Teton*. Poppy a comprou para nós dois quando ela e o vovô passaram férias lá. As unhas de Tracy, com o esmalte vermelho descascado, refletindo o ótimo atendimento ao paciente e, talvez, a falta de amor por si mesma, devem estar acariciando o *S* e o *E* do nome dele na caneca.

O silêncio cresce entre nós, me fazendo sentir mais invisível que nunca desde que Jasper e eu éramos crianças. Ele sempre foi o seu favorito. E ficou tudo bem por bastante tempo. Além disso, eu era mais próxima do meu pai, Ned. Até que um dia, há três anos, ele decidiu que achava sua secretária de vinte e quatro anos, *transplantada* de Los Angeles, mais atraente que sua família. Ser *transplantado,* em nossa região, significava que a pessoa não era nascida e criada em Belle’s Hollow. Ned nos disse que

ia se mudar para Los Angeles. Quem faz isso? Se afasta do trabalho e deixa a família para superar o desastre. Um idiota

Talvez esse seja o motivo de eu ainda estar brava com Jasper por ter ido para Los Angeles. Ele estava tentando consertar os erros do nosso pai, tentando enxergar as coisas pelo ponto de vista dele. Se Jasper não tivesse ido para Los Angeles, nada teria acontecido. Só de pensar nisso, meu interior fica vazio, minha garganta seca e meu estômago se aperta.

Ando a pé pela cidade e enfio casualmente o comprimido branco na boca. Vou em direção às árvores verdes que circundam Belle's Hollow. Nossa cidade foi construída dentro de uma floresta de sequoias, em uma encosta que serpenteia em direção ao oceano. População: cinco mil habitantes.

Jasper e eu fomos criados aqui. Exploramos cada centímetro de Belle's com curiosidade e amor. Ninguém podia fazer nada aqui sem que todo mundo soubesse. Foi o que aconteceu quando viram meu pai com a amante no banheiro da Breck's Tavern. Gloria Randall estava lá com suas amigas, Nancy Boeing e Stacy Lynch, e testemunharam a coisa toda.

Minha mãe estava cobrindo o turno de Macy Landry, pois ela havia tido gêmeos.

Cara legal, né?

Paro a música quando me aproximo das árvores e espio na escuridão. São só quatro e meia da tarde, mas os troncos das sequoias sempre deixam tudo escuro.

— Ei.

Ouço sua voz e sinto suas mãos nas laterais do meu corpo. Ele encaixa o nariz entre o lóbulo da minha orelha e meu pescoço. A maneira como ele faz não é suave. Sei que isso não tem nada a ver com a transa que

estamos prestes a ter, mas sim com dois jovens sofrendo pela mesma pessoa.

— Camiseta legal. — Ele me vira e empurra meu cabelo loiro, que vai até a cintura, para o lado. Tracy sempre disse que meu corpo era como o de "uma bailarina". Meus seios eram bem pequenos e meus quadris estreitos. Acho que era uma forma suave de dizer que eu tinha *o corpo de um garoto*.

Simon era o melhor amigo de Jasper.

Depois que Tracy e eu voltamos de Los Angeles, Simon e eu nos encontramos na Farmácia Green. Ele não estava bem, e sei que eu parecia um trapo loiro, com os cabelos embaraçados e os olhos vermelhos. Era quase uma deusa grega, seja lá que deusa fosse. Só que feia.

Porém, de alguma forma, me sinto mais próxima de Simon do que de qualquer pessoa. Não que sejamos amigos. Na verdade, o odiei em alguns momentos da minha vida. Seu sarcasmo me faz querer bater nele e tenho certeza de que fiz isso quando tínhamos dez anos.

Ele é um *bad boy* que vive disfarçado. Cabelos castanhos, magro, olhos azuis e algumas sardas no nariz. Nada flagrantemente óbvio indica que seus pais são quase imaginários. Que eles podem ou não estar trabalhando com coisas ilegais ou usando a substância branca que os mantém acordados por dias seguidos para concluir o *trabalho*.

Tracy teria adotado Simon há muito tempo se ele tivesse concordado. Ele é o tipo de garoto que está sempre prestes a tomar uma boa decisão, mas faz a escolha errada no último minuto. Como o fato de seu corpo estar coberto de tatuagens e ele ter decidido fazer uma lágrima caindo do olho, como os assassinos costumavam fazer, embora eu não ache que ele já tenha matado alguém. Não, retiro o que disse. Sei que ele nunca matou ninguém.

Ele é o garoto que costuma fumar atrás do Bob’s na hora do almoço e do intervalo. Mas nunca seguiu esse caminho.

Simon James é um garoto de aparência normal, com momentos de clareza. Acho que isso o manteve longe da prisão. E acho que Jasper o ajudou a permanecer no caminho certo. Até agora.

Toda vez que nos tocamos, sinto que ele precisa disso tanto quanto eu.

A princípio, apenas nossas línguas se enroscaram. Era simples e fácil. Reconfortante. Mas, por algum motivo, precisávamos de mais. Então as coisas progrediram rapidamente.

Dedos que tocavam. Braços que envolviam. Línguas em todos os lugares.

E agora, nos encontramos aqui quatro vezes por semana para transar.

Eu o sinto endurecer de encontro ao meu corpo e olho em seus olhos. Ele andou chorando. Desde que Jasper morreu, nunca presenciei Simon James, o *bad boy fake*, chorando, mas vi as evidências. Não pergunto se ele está bem, porque sei que não está.

Eu teria prazer em desistir da terapia em favor de Simon. Abriria mão da consulta com a dra. Elizabeth por ele, se soubesse que ele iria. Se soubesse que isso o ajudaria. Nem tenho certeza de que seus pais saíram do estado de torpor causado pelas drogas por tempo suficiente para saber que o Jasper morreu.

Seus olhos azuis sem vida e atormentados por lembranças ruins provam que o brilho está lá, escondido atrás dos hematomas que ele carrega por baixo das roupas. Os hematomas que eu vejo. E o azul sem vida conta uma história diferente daquela que sai da sua boca. Uma história mais sombria. Aquela que ele finge que Jasper e eu não sabemos e que não quer que a gente saiba.

Simon sempre tinha uma desculpa.

Caí das escadas. Eu me queimei.

Trombei com a parede.

Sem que eu soubesse, ele já havia colocado um cobertor no chão. Toda essa cena faz meu estômago subir para a garganta. Simon nunca fez algo assim nas duas semanas em que estamos dormindo juntos. É como se estivesse tentando fazer disso algo romântico. Mas não é. Pelo menos para mim. É uma necessidade existencial. E o sexo parece ser uma cura momentânea, mesmo correndo o risco de perder sua amizade. Mesmo que ele corra o risco de que sua namorada, Whitney Patmore, descubra e que eu perca minha dignidade, meu respeito próprio ou qualquer coisa associada ao sexo casual.

Não ligo

Preciso me sentir bem.

Quando seu perfume atinge meus sentidos, os feromônios me atacam e se prendem a mim. Puxo seus lábios na direção dos meus enquanto ele me deita no cobertor.

Não é como se eu não pudesse me ver com Simon. Acho que talvez pudéssemos ficar juntos em uma vida diferente. Quem sabe?

Enquanto ele coloca a camisinha, tudo em que consigo pensar é no quanto vou me sentir melhor quando estivermos em ação. Isso vai levar todos os meus pensamentos e minha dor embora. Mas sei que a tristeza, a culpa e as consequências de tudo isso virão logo em seguida. Sempre vêm. Elas chegam rápido e com força total, e vou me arrepender do que fiz. Vou desejar ter tomado uma decisão melhor. E vou deixar Simon com a intenção de nunca mais encontrá-lo.

Mas, na manhã seguinte, a dor e a amargura do desespero vão me atingir mais uma vez e vou sentir que não tenho escolha.

E todo o ciclo doentio vai recomeçar.

***

Quando chego em casa depois de uma série de decisões ruins, envergonhada e com remorso, Tracy já foi trabalhar. Há um prato de comida no forno e um bilhete.

COMA!
COM AMOR, MAMÃE

Pego o prato e o coloco no micro-ondas. Me encosto no balcão e tiro o telefone do bolso de trás. Cao me mandou dezessete mensagens. Não, espere. Dezoito. Acabou de entrar mais uma.

Cao: Se você não me responder, vou ligar para a polícia.

Eu: Estou bem.

Desde que tínhamos três anos, Cao Smith assumiu o papel de melhor amiga e ninja residente de Belle's Hollow. Seu pai, Stan, é instrutor de karatê, o que torna óbvio o fato de que Cao tem todas as cores de faixas, incluindo a preta.

Obcecada por Ed Sheeran, fumante inveterada e indicada como oradora oficial da turma, Caltech é uma garota super esperta, que fala de si mesma de um jeito franco. Ela também não faz ideia do que está acontecendo entre Simon e eu. Uma parte de mim quer contar. Não quero manter esse segredo como se fosse algo sujo e desagradável e do qual ninguém acreditaria pela forma com que me comporto. Por eu interpretar tão bem meu personagem. Isso me faz sentir mais mentirosa do que há

trinta segundos. Ela provavelmente iria rir na minha cara. E depois choraria, porque perdi a virgindade e nem contei a ela.

Meu telefone toca novamente.

Cao: Tá. Até amanhã de manhã. P.S. Amanhã vai ser ótimo. Te amo.

Amanhã volto à escola. Estou no último ano da Belle's Hollow High. A terapeuta, dra. Elizabeth, convenceu Tracy de que seria o melhor a se fazer.

Não ligo muito para a dra. Elizabeth. Ela fica mordendo o lábio e o solta lentamente enquanto me ouve. Faz isso três vezes seguidas e depois para. Um minuto depois, faz de novo. Três vezes. Então para. E ela tem uma pinta do lado esquerdo da boca. Quando ela faz esse movimento, o sinal se move e não consigo me concentrar. É perturbador. Quero perguntar se ela pediu ao dr. McGoldrick para examinar aquele sinal. Tenho certeza de que eles são colegas. Acredito que ele já viu aquilo. Vivemos em uma cidade muito pequena, então digo a mim mesma para esquecer desse assunto. Tenho certeza de que não há qualquer problema com ela.

O micro-ondas apita. Pego a comida e me sento sozinha na sala de jantar escura. Fico na escuridão porque é diferente de como Jasper e eu costumávamos jantar. Ele colocava nossa comida no micro-ondas e eu arrumava a mesa. Ele tomava leite e eu, água. Fazíamos FaceTime com a Tracy e conversávamos rapidamente sobre o nosso dia.

A mesa parece grande, solitária e silenciosa esta noite. Me levanto e vou até o armário. Pego um prato, talheres e encho um copo de leite. Coloco tudo na ponta da mesa. Era lá que Jasper se sentava.

Coloco as mãos entre as pernas e permito que a tristeza vá embora. Começo a acreditar em algum tipo de alternativa para a minha realidade:

será uma vida longa.

— Estou feliz que você esteja de volta, Livia — minha avó falecida fala.

02

— Não queria te assustar. — Poppy cruza os braços, se inclina no lugar de Jasper à mesa e seu casaco floral cor de rosa brilha no escuro.

— Você não pode aparecer de surpresa assim. E no escuro — digo baixinho, ainda sentindo meu corpo tremer pelo susto.

Um longo e pesado silêncio paira no ar como fumaça de cigarro, espessa, imóvel e sufocante.

— Você gosta desse garoto?

Reviro os olhos, parcialmente envergonhada por Poppy saber que estou transando com Simon. Me pergunto o que ela viu entre nós e sinto meu rosto corar. Só sei dizer que é bom. Não a parte do sexo. Bem, às vezes... é mais a pressa de tudo. O fato de ser tocada como os outros não me tocam.

Mas dou de ombros só para tirá-la do meu pé.

— Coma. Tenho certeza de que é o que estava escrito no bilhete. — Poppy se inclina ainda mais, tentando chamar minha atenção.

Estou com os olhos fixos no alimento verde que está no prato — também conhecido como brócolis.

— Seu avô e eu perdemos um filho. — Suas palavras são rápidas, mas diplomáticas. — Antes da sua mãe nascer. A Tracy não sabe disso.

Pego o garfo e cutuco o brócolis, ouvindo o que ela está dizendo. Olho para cima para vê-la levar os dedos ao rosto e afastar os cachinhos para o lado. Em seguida, afofa o cabelo com as duas mãos. Quando estava viva, costumava fazer isso se ficava nervosa.

Poppy arqueia as sobrancelhas e olha para a minha comida.

— Seu avô sentiu todo o peso disso. — Ela sorri. — Ele processou a dor da mesma maneira que você. Procurando uma solução, suponho.

Coloco o garfo sobre o prato e limpo a boca.

Nosso avô morreu quando Jasper e eu tínhamos dez anos. Me lembro que ele andava com uma espingarda. Jasper e eu nos sentávamos no mesmo banco em uma pista de boliche, onde o vovô nos dava batatas fritas e refrigerantes até nossas barrigas doerem e não conseguíssemos parar de rir.

— Sei que você se sente abandonada, Liv. Primeiro pelo seu pai e agora, por seu irmão. Mas isso é algo que foge do seu controle. Você não se sentirá menos abandonada buscando aceitação através do carinho de outra pessoa. — Ela empurra seus cachos novamente.

Pare, quero dizer.

Assim eu poderia comer meus brócolis sem precisar aceitar o peso da minha dor, que me encara do outro lado da mesa se assemelhando ao vulto de um monstro.

— Olá?

Ouço a voz de Cao.

Olho para onde Jasper se sentava antes de responder. Poppy se foi.

— Aí está você. Por que está no escuro? — Cao pergunta. Está claro que ela não está esperando uma resposta, porque continua. — Não que eu esteja te vigiando vinte e quatro horas por dia ou algo assim, nem que seja sua guardiã ou algo do tipo, mas você precisa me avisar onde está. Fico preocupada, Liv.

Ela vai até a geladeira, pega algumas uvas e se senta na outra ponta da mesa. Olha para o lugar de Jasper e, em seguida, para mim. E então repete o movimento. A preocupação em seu rosto é nítida, mas ela não faz perguntas. Come algumas uvas e depois se recosta na cadeira, cruzando os braços.

— O que foi? — Ela empurra os cabelos compridos e negros para o lado e se inclina para frente.

Cao é eclética em sua escolha de roupas. Usa praticamente qualquer coisa. Seu estilo a torna única. Ela lança tendências, desde calça tipo pijama estampada às polainas. Com a cintura fina e a altura que têm, quase tudo cai bem nela.

— Você odeia uvas — digo, largando o garfo.

— Por que está sentada no escuro? — Ela coloca outra na boca.

Às vezes, ficar no escuro é mais fácil. Quando o mundo não parece tão barulhento e tão caótico.

— Por que você está comendo uvas?

— Por que está sentada no escuro?

— Acho que parece mais calmo. — Sempre desisto primeiro.

Ela cospe a uva na mão.

— Graças a Deus você cedeu. Minha mãe fez comida chinesa mais uma vez para o jantar. Dei a maior parte para a Rosie. — A Golden Retriever da família. — Estou morrendo de fome e as uvas eram minha única opção na sua geladeira vazia.

A mãe de Cao, Beth, tem feito pratos típicos chineses nas últimas três semanas, pelo que ela me contou. Ela apoia a cabeça na dobra do braço e faz uma pausa antes de continuar.

— E... encontraram meu esconderijo.

Quero dizer *eu te avisei*.

— Quando?

— Ontem. Eles demoraram.

Cao fuma constantemente na janela do quarto para provar que o cigarro não causa câncer de pulmão. Ela afirma que é pesquisa. Mas acho que ela se viciou enquanto tentava confirmar sua tese.

— Meus pais acham que estou passando por algum tipo de crise de identidade por ter sido adotada na China e ter pais brancos. Foram as palavras deles, não minhas. *Queremos que você sinta que pode ser quem realmente é, baby. Achamos que você pode estar usando o cigarro como válvula de escape para o que está sentindo*. E o que a minha mãe fez? Colocou arroz no meu almoço e, hoje de manhã, encontrei toda a coleção de livros de Amy Tan na minha mesa. O problema é que a Amy Tan nasceu em Oakland. E, se me conhecessem, saberiam que já li todos os livros dela. Acredito que se eles quisessem que eu adotasse minha cultura, me mandariam para algum acampamento na China ou algo assim. Não sei. — Ela bufa. — Pronto, é isso. Agora sua vez. — Ela para. — Por que está sentada no escuro, Liv?

Quero contar a ela que estou dormindo com Simon. Que não consigo evitar e que toda vez que vou embora depois de ficarmos juntos, sinto nojo de mim mesma por causa das decisões que tomei. Por esse motivo, é mais fácil me encarar no escuro. Mas não quero entrar nesse assunto. Não tenho energia.

Pego o pingente do meu colar, aquele que tem a impressão digital de Jasper, que meu pai fez para mim e para Tracy quando meu irmão faleceu, e tento me esconder atrás do muro que construí ao meu redor.

— Sabe, com o cancelamento do show em Orange, Califórnia, não acho que a camiseta do AC/DC vá fazer sucesso amanhã na escola. Muita gente do colégio está chateada.

Sei o que Cao está fazendo. Ela está tentando ajudar sem dizer que usar a camiseta do meu irmão morto é estranho e assustador. E que, de alguma forma, preciso me arrumar e usar algo diferente para ir à aula amanhã. Entendo tudo isso pelo olhar que ela está me dando agora.

— Vista aquela rosa — ela insiste. Ela tenta colocar outra uva na boca, mas cospe o pedaço inteiro na mão logo em seguida. — Não. Simplesmente não consigo. — Ela faz uma careta.

Na verdade, eu não planejava usar a camiseta. Não havia planejado usar nada, porque não me importo. Então faço uma nota mental para não vestir a camiseta do AC/DC de novo. Talvez eu use a rosa que Cao sugeriu. Com o colar e a calça jeans, é claro. Não tenho certeza quanto ao jeans. Mas calça, sem dúvida.

— Vou te buscar para irmos para a escola amanhã. — Forço a conversa, mas não é fácil para mim. — Espere, quem te trouxe?

— A minha mãe. Ela está no carro. Quer que eu fique com você hoje à noite? Posso pegar minhas coisas.

Balanço a cabeça.

— Estou bem.

— Você não está bem, Liv. Mas entendo o porquê. E não vou insistir, mas vou te enviar mensagem e, se você não responder, vou ligar para a polícia. — Ela aponta o dedo para mim.

— Eu te respondi e, mesmo assim, você veio.

— Eu sei. Estava entediada em casa. — Ela morde o lábio. — E preocupada.

Assinto e pego as uvas, meu prato e depois vou para a cozinha. Cao me segue. Ela encosta no balcão, de frente para mim enquanto coloco a louça na máquina de lavar.

Então olha para a sala de jantar. Para o lugar do Jasper.

— E aquela?

— Pode pegar para mim? — pergunto, ligando a máquina.

Olho para o lugar vazio e sinto um nó se formar na garganta quando ela se afasta, mas sou capaz de engoli-lo antes que volte.

Cao chega com o prato vazio e o copo cheio de leite. Observá-la carregar o conteúdo para a cozinha me faz sentir que estou enlouquecendo.

— Obrigada — falo.

Eu me pergunto o que Poppy deve estar pensando enquanto despejo o leite na pia. Quando éramos crianças, ela reutilizava tudo. Desde restos de uma colcha que havia costurado, até o café. E quando digo *restos*, quero dizer até um pedacinho de tecido que poderia ser confundido com confete. E comida. Se você desse duas garfadas em uma costeleta de porco, teria que comer ela toda. Um pedaço de pão? Seria guardado para um sanduíche mais tarde. Quando Jasper e eu passávamos a noite na casa da Poppy, ela se certificava de que comêssemos todo o nosso jantar. Mesmo que fosse fígado acebolado. Uma vez, tentei esconder meu brócolis no leite. Ela o encontrou e me fez comer. Quatro horas depois.

— Terra para Liv. Você está aí? — Cao pergunta, sentada no balcão.

Tento fingir que estava prestando atenção o tempo todo.

— Você ainda está fazendo terapia com aquela psicóloga? Qual é o nome dela? Dra. Elizabeth?

— Não. — Limpo a bancada com uma esponja. — Para que ela me diga que arrumar a mesa para o meu irmão morto não é normal e que usar a mesma camiseta por três semanas faz de mim *uma candidata potencial para uma instituição de malucos*? Não.

Deus, seria ótimo poder tomar um daqueles comprimidos brancos agora.

— Talvez você devesse tentar uma terapeuta diferente.

— Cao, estou bem, tá? Estou bem. — Minha voz soa mais alta do que eu pretendia.

Ela solta sua gargalhada terrível. Aquela pela qual é conhecida.

— Essa é a pior justificativa de todas, Liv. — Ela para a gargalhada na hora e me fuzila com os olhos. — Nós duas sabemos que você não está bem. — Ela usa os dedos para fazer aspas. — Seu irmão acabou de morrer de um jeito horrível. Nada menos que seu irmão gêmeo. Faz um mês. Você só veste a camiseta favorita dele.

Ela olha para a peça com uma mancha de espaguete na frente. E tenho certeza de que o cheiro está péssimo, mas estou com muito medo de lavá-lo, porque quando o fizer, o cheiro dele vai desaparecer para sempre. Faço uma nota mental para verificar se há outras camisetas mais limpas que eu possa usar.

Merda.

Estou louca.

Cao interrompe minha confusão mental:

— Em que ponto você vai admitir que não está bem? — Ela apoia as mãos na bancada.

Minha melhor amiga fala muito com as mãos. Ela diz que é pelo fato de seus pais serem descendente de italianos. Não sei qual é a correlação, especialmente quando se considera o argumento da natureza versus criação com o fato de ela ser adotada e tudo mais, mas não questiono.

— Olha, é meu dever como sua melhor amiga apontar o que você não está enxergando. Por que não voltamos a jantar no Bob’s Footlongs nas noites de sexta-feira e vamos ao cinema aos sábados?

Quero normalidade. Quero voltar no tempo. Voltar trinta e três dias. Melhor ainda, dois dias antes, quando Jasper estava em casa. Seguro. Comigo. Voltar para quando Simon era só o melhor amigo do meu irmão e não meu parceiro sexual. Voltar para quando as coisas eram menos complicadas. Mais normais. Naturais, não forçadas.

— Sim — falo enquanto olho Cao nos olhos.

— Certo. E nada de usar a camiseta do Jasper na escola amanhã.

— Sim — digo novamente.

***

Desmorono na cama. Normalmente, depois da terceira noite de insônia, consigo dormir rápido. Exausta, puxo as cobertas e a escuridão se instala ao meu redor. Ouço os barulhos habituais da casa e meus sentidos parecem mais normais do que no mês passado.

Poppy costumava aparecer no meu quarto à noite, mas eu disse a ela que isso me assustava. Não sei se é por causa de toda essa ideia de fantasmas e pesadelos ou porque nossa antiga casa vitoriana balança quando o vento sopra, mas ela não apareceu mais depois disso. Acho que também não penso em Poppy como um fantasma ou o algo do tipo. Talvez seja uma percepção da minha realidade.

Uma sensação estranha me atinge.

E se Poppy for fruto da minha imaginação? Ninguém mais pode vê-la ou ouvi-la. Ela só começou a aparecer depois que o Jasper morreu. E se eu estiver mesmo delirando e não consigo enxergar isso porque acredito no que vejo? E se nada disso for real?

E se eu estiver ficando louca?

Só de pensar nisso me sinto enjoada. Me viro e encaro a mesa de cabeceira, onde guardo o remédio para ansiedade. Pego o frasco como se fosse um copo de água.

Leio o rótulo: *Tomar um comprimido a cada quatro horas, Livia Stone*, e sinto como se a embalagem estivesse falando comigo.

Quase espero que a embalagem crie vida e me dê mais um sermão com o tom de voz da dra. Elizabeth sobre cuidados pessoais e sono.

Muitos alunos em nossa escola se tornaram viciados em medicamentos. Alguns os compram nas ruas. E quando digo ruas, me refiro a garotos ricos que moram em casas enormes na colina, protegidas por portões imponentes como Gabriel Struvios. Jovens ricos são os maiores traficantes. Alguns são prescritos, outros são roubados dos pais. O que dizem sobre cidades pequenas não é verdade. Na verdade, o abuso de álcool e drogas cresce mais em pequenas cidades. E isso não se baseia em dados armazenados em algum banco de dados. É o que eu vi.

Viro o frasco para não ver o rótulo, esperando que isso me impeça de tomar os dois comprimidos prescritos para a noite. Eu os vejo ali dentro, esperando para serem ingeridos.

Se eu tomasse o frasco inteiro, pararia de respirar? Seria capaz de ver Jasper novamente?

Sinto uma necessidade enorme de vê-lo novamente. Apenas por um momento.

E se eu tomá-los? E se ele aparecer para mim como Poppy? Quem me encontraria se eu tivesse uma overdose?

Provavelmente, minha mãe. Então o pensamento de tomá-los desaparece rapidamente, porque sei que Tracy não aguentaria perder os dois filhos. Um já foi difícil o suficiente. Ela acha que não consigo ouvir os soluços que ela tenta esconder de mim no chuveiro, todo dia de manhã. Embora Tracy e eu tenhamos um relacionamento tenso, sei que ela me ama. Nas duas últimas semanas, acordei com seu braço em volta da minha cintura e a cabeça enterrada na minha nuca.

Olho novamente para as pílulas, pego o telefone e programo o alarme para a aula de amanhã.

Apago a luz e rezo, pedindo por algumas horas de sono. Tique-taque.

Tique-taque.

Tique-taque.

Tique-taque.

Tique…

Acendo a luz e tomo os dois dos comprimidos brancos que a dra. Elizabeth prescreveu.

03

[início da mensagem celular]
Simon: *te vejo na escola. Boa sorte*.
[fim da mensagem celular]

A mensagem de Simon chega quando estou indo para o meu Honda Civic 2002 branco. A mensagem não é do tipo *sou o cara que está dormindo com você.* Claramente, parece a mensagem de um namorado. Mas ele já tem namorada. Meu estômago dá um nó quando jogo a mochila no banco de trás. Sei que é gentil e que ele fala de coração. Mas é muito íntimo e amoroso.

De mim para Cao: *Chego em cinco minutos*.

Ela costuma zombar de mim porque não consigo — correção — *não* digito coisas como *DPS, MTO, VC, KKK*. Quando escrevo, é necessário que haja frases completas e gramática correta. Talvez a culpa seja da escritora que existe em mim. Aquela que não escreveu uma palavra desde que Jasper se foi.

Usar a expressão *se foi* é muito melhor do que morreu. Morrer passa uma sensação de fim. *Se foi* parece menos definitivo. Como Poppy. Seja ela uma invenção da minha cabeça ou não, ela parece real. E se vem até mim, por que Jasper não pode?

Meu telefone toca mais uma vez, no momento em que viro à esquerda na Main Street. A chuva começa a cair. Novembro começou, e com ele, a chuva. Pensando que é a Cao, olho para o celular, no caso de ela estar se

sentindo mal ou algo assim. Pensar nisso faz meu estômago se apertar. Toda a expectativa pelo primeiro dia de aula sem meu irmão se acumula. Não posso ir à escola sem ela.

E se ela estiver doente?

Não entre em pânico, digo a mim mesma. Mas não é uma mensagem de Cao. É do meu pai.

Pai: *Boa sorte na escola hoje, Mimi. Eu te amo*.

Seu apelido para mim. Mimi.

Jasper e eu tivemos dificuldade em nos chamar pelo nome quando éramos pequenos. Então, eu era *Me* e ele era *You*, como *eu* e *você* em inglês. Mas Jasper nunca ganhou o apelido de *yoyo*. Talvez porque fosse muito parecido com ioiô, ou talvez porque fosse engraçado.

A última vez que meu pai me mandou uma mensagem foi no dia do funeral, e tudo o que disse foi: *eu te amo, Mimi*.

Eu queria ficar com raiva naquele dia. Por razões egoístas, não queria que ele fosse ao funeral. Ele tinha acabado de perder um filho. Então não fiz nada. Não fiz uma cena e disse o quanto eu o odiava. Não o chamei de destruidor de lares. Nem de traidor. Sequer acenei quando nos olhamos. Só olhei para ele.

O funeral foi um borrão para mim. Foi triste. Me lembro de algumas partes e outras, não.

A dra. Elizabeth disse que foi um choque. *A resposta natural do corpo ao trauma*.

Pego o pingente e o puxo pela corrente quando entro na Highway 36 e desço a Weaverton Gulch. Atravesso as sequoias, observando a escuridão depois das árvores.

O funeral de Jasper foi feito com caixão fechado e foi realizado na igreja Belle's Hollow First Christian. Não somos religiosos, o que, com um pai traidor e os segredos da família Stone, foram varridos para debaixo do tapete. Eu tinha certeza de que havia uma inscrição qualificada para um funeral na casa de Deus, certo? A grande igreja branca da cidade, com a torre que pode ser vista do espaço. Mas eles não pediram nada. Simplesmente disseram que poderíamos fazer o funeral lá.

O pastor Randy fez o louvor. As únicas palavras de que me lembro, aquelas que ficaram na minha cabeça, foram: "Fomos vítimas uma vez. Não seremos vítimas novamente".

Tracy e eu organizamos tudo como se nada tivesse acontecido. Como se não tivéssemos perdido Jasper. Era como se estivéssemos no piloto automático. Tracy me pediu para escrever o obituário, então eu o fiz. Consegui escrever. *Conseguir* era a palavra chave. Conseguir significava fazer. Não tenho muita certeza do que escrevi, mas enviei para o Necrotério de Goble, o único da cidade, mais antigo que Cristo e que fica na rua da Belle's Hollow High. Tenho certeza de que eles fizeram o que as casas funerárias costumam fazer para corrigir obituários ruins.

Existe uma aula onde se ensina a escrever obituários ruins?

Escrita de Obituários de Merda 101, com o sr. Merda.

Algumas pessoas da equipe de emergência de Los Angeles apareceram em nossa cidadezinha. Os departamentos de polícia envolvidos e vários membros do FBI também apareceram. Acho que a parte mais difícil de toda a situação foi fazer contato visual com uma das socorristas enquanto seguíamos o caixão de Jasper até a frente da igreja naquele dia. Sua expressão era típica de quando algo horrível acontece. Seu rosto se contorceu, as lágrimas caíram e ela segurou a minha mão. Sua voz estava

embargada e, embora tentasse provar sua convicção, ela não conseguiu aguentar. Seu olhar fez meu interior se retorcer. Fiquei gelada.

O que ela viu na cena foi assim tão horrível?

Simon e Whitney apareceram. E isso foi realmente estranho. Na época do funeral, tínhamos dormido juntos só uma vez. Mas foi difícil olhar Whitney nos olhos. E Simon estava péssimo. Ele me abraçou e não me soltou. E não acho que fosse por amor a mim, mas sim pelo vazio que meu irmão costumava preencher.

Antes do funeral e depois do FBI ter liberado o corpo do Jasper, ele perguntou se podia vê-lo, então eu o levei ao necrotério.

Nunca vi um garoto chorar tanto quando se sentou ao lado de Jasper. Me afastei e o deixei passar um tempo com seu melhor amigo. Observei como ele tremia, porque as lágrimas não preenchiam a necessidade de sua perda.

Quando seus soluços ficaram mais altos, me aproximei, coloquei a mão em seu ombro, me sentei e apoiei a bochecha em suas costas.

Tudo o que pude dizer foi:

— Eu sei.

E tudo que Simon conseguiu murmurar foi:

— Ele está tão frio, Liv.

Paro na casa de Cao, e o barulho dos pneus me trazem ao momento presente.

Ela está vindo para o carro enquanto sua mãe, Beth, a chama.

— Tem arroz no seu almoço, Cao. Também coloquei os pauzinhos que você gosta. Te amo. — Beth faz uma pausa. — Oi, Liv. — Seu tom muda e fica mais suave. Então vem até a minha janela, se inclina e me puxa para si.

Ela não precisa dizer nada que já não tenha sido dito. Beth já esteve em casa várias vezes desde a morte de Jasper. Ela organizou a maior entrega de refeições da história de Belle's Hollow. Tracy e eu ficamos agradecidas, não me interpretem mal, mas não sei como voltarei a comer frango.

Frango e bolinhos.

Peito de frango recheado.

Caçarola de Frango.

Enroladinho de frango.

Frango ao alho.

Frango com limão.

Frango assado.

Frango Cordon Bleu.

Frango.

Blergh.

Era como se Belle’s Hollow se juntasse e dissesse: *Vamos fazer frango para os Stones para todas as refeições.*

Frango. Frango. Frango.

Mais da metade ainda está no freezer e, provavelmente, ficará lá pelos próximos quarenta anos.

Beth bate no capô do Civic e voltamos para a Gulch.

— Não sei por quanto tempo posso aguentar, Liv — Cao fala enquanto remexe na sua mochila. Ela pega o almoço, abre o potinho de arroz, abaixa o vidro e joga tudo pela janela.

— Não acho que isso seja bom para os pássaros.

— É boato. Pesquisei no Google. — Ela empurra o pote vazio de volta para a mochila. — Os pássaros realmente amam arroz e o comem até o período migratório e... — Cao coloca o telefone na na frente do meu rosto

até que o pássaro azul da tela fique embaçado e quase desapareça — Ed Sheeran curtiu meu tweet!

Cao tem um fascínio por Ed desde os onze anos. No ano passado, fomos a um de seus shows em Sacramento, e acho que ela chorou o tempo todo.

— Quando é o casamento? — pergunto, implorando a mim mesma para voltar ao que era antes. Mas sinto que estou virada no avesso e de cabeça para baixo. Nada parece certo. E tudo parece errado.

— Eu te aviso — ela fala enquanto digita, com os olhos brilhando. — Pronto. Agora está na minha página do Instagram, e eu retweetei e o marquei. — Seus brincos de pandeiro balançam de um lado para o outro.

Cao se inclina e enfia a mão na mochila novamente. Ela pega um conjunto de pauzinhos, retira do papel e os joga pela janela.

Quero dizer a ela que isso é lixo e há uma multa associada a jogá-lo na rua, mas não o faço.

Estamos chegando ao topo da Gulch quando noto uma jaqueta vermelha. E, pela altura da pessoa, posso dizer que é do sexo masculino. A maioria das meninas da nossa idade não é tão alta.

— Sabe o que a minha mãe fez? Ela comprou um pacote gigante desses pauzinhos na Costco, Liv. Um pacote gigante — ela fala, revirando os olhos. — Ela nunca vai conseguir acabar com aquilo tudo. Eu disse que se ela deixasse de ser tão estereotipada em suas tentativas de me fazer abraçar minha cultura, eu nunca mais fumaria outro cigarro.

Desacelero.

Quem caminha pela Gulch?

Olho pelo para-brisa para o maníaco suicida. Não é alguém da região. Talvez seja alguém que deseja morrer?

A Weaverton Gulch é uma assassina conhecida: de acidentes de carro a pedestres que são atropelados e mortos por caminhões de madeira. Todos os habitantes da região sabem disso. Então reduzi o número para um, e ele não é daqui.

Cao grita e bate palmas.

— Ali está ele! O garoto britânico de quem *A Herdeira* tem falado. Desacelere. Desacelere. — As pontas dos seus dedos roçam no meu braço. — Vamos perguntar se ele precisa de uma carona.

Cabelo vermelho escuro escapa pela parte de trás de seu gorro. Sua mochila está ao seu lado quando ele se vira em direção ao meu carro.

Diminuo a velocidade e sigo tão devagar, que ouço as pedras pulando e se arrastando debaixo dos pneus. Nós o seguimos pela lateral da estrada como duas perseguidoras.

Ele para. Eu paro.

— Ei. Você é o garoto novo, certo? O do Reino Unido? — ela pergunta.

— De Kingston Upon Hull, na verdade. — Suas palavras são lentas. — É como se eu te perguntar: *você é dos Estados Unidos?* Mas os Estados Unidos é um país enorme. Gigantesco, certo? — Ele faz uma pausa novamente, como se a necessidade de esclarecer os fatos o distraísse da conversa em questão.

Cao lentamente afasta os olhos do telefone e olha para ele.

— Na verdade, o Reino Unido é quase do mesmo tamanho do Oregon e a metade da Califórnia, então comparar os EUA com o Reino Unido é ridículo no se refere à dimensões. — Cao respira fundo. — Ah, você quer uma carona?

Ele arregala os olhos.

— Nem vou perguntar como você sabe disso.

Suas sardas leves, como estrelas aparecendo ao anoitecer, pontilham o nariz. E ele pronuncia *perrrguntar* como se tivesse um R dobrado, o que me provoca um frio na barriga. Me sinto como quando eu tinha catorze anos e assisti *Gatinhas e Gatões*, na parte em que Jake beija Sam enquanto está sentado à mesa da sala de jantar.

Inacreditável.

— Ah, eu sou a Cao e essa é a Lívia.

— Daniel — ele fala, se aproximando do carro para apertar nossas mãos. Seus olhos ficam presos nos meus, como se eu tivesse aparecido do nada. — Sabe de uma coisa? Eu realmente agradeço a oferta, mas acho que estou bem.

A chuva diminuiu, mas as nuvens estão escuras. Olho para o céu pelo para-brisa dianteiro.

— Como você sabe que não sou um *serial killer* psicopata? — Seus olhos ainda estão me avaliando.

Quase sorrio, por duas razões: um, Jasper e eu costumávamos assistir ao programa *Dateline*, que apresenta crimes violentos o tempo todo. E, muitas vezes, eu dormia no chão do quarto dele, porque os barulhos da nossa casa ficavam tão altos que eu me convencia de que alguém viria nos matar. Esse alguém seria um assassino em série psicopata. Segundo, quero sorrir com o jeito que ele inclina a cabeça para mim, com um olhar mais preocupado como se dissesse: *Você não deveria ter parado o carro*.

— Assassinos psicopatas não têm cabelos ruivos. Pesquisas sugerem que a cor dos cabelos deles variam entre castanho ou preto — Cao responde, claramente entediada com a conversa.

Daniel morde o lábio. Um pequeno sorriso exibe as covinhas nas bochechas.

— Como sabe disso? — Ele olha de mim para Cao.

— Li em um artigo na *Newsweek*. — Cao olha para o telefone por um momento.

Ele me encara novamente, e eu finjo não estar olhando para sua bochecha. Seu rosto é comprido e magro. Finjo não olhar para os seus olhos, que parecem duas pedras de topázio azul perfeitamente modeladas. Um presente de Deus para ele.

Daniel bate na janela de Cao.

— Te vejo na escola.

Acelero lentamente e volto à estrada para seguir em direção à Belle's Hollow High.

Cao grita.

— Queria saber se ele conhece o Ed Sheeran. — Ela agarra meu braço. — Eu deveria perguntar.

Pegamos a estrada para a Twelfth Street e sigo para a escola.

Nossos telefones tocam ao mesmo tempo.

— Atualização do blog *A Herdeira* — Cao fala, olhando para a tela. — Ela tem sido cruel ultimamente.

Blog A Herdeira

Bem, Garotas da Belle's, hoje é o primeiro dia da Livia Stone depois de um longo hiato causado pela perda do irmão e nosso colega de classe, Jasper Stone. É tudo o que vou dizer sobre isso. Espero que alguém possa curar esse coração partido. ;) ;)

Sinto meus pulmões se contraírem. A Herdeira sabe sobre mim e Simon? Meu corpo fica úmido de suor.

Certo, agora as fofocas suculentas: Lowery, professor titular de química, está se divorciando por causa do seu incontestável problema

com a bebida. Vamos ver como isso se desenrola. Não sei, se eu fosse casada com uma vaca gorda, provavelmente também beberia.

P.S. As perguntas sobre química para a prova final estão disponíveis em www.k12.hschemistytest.questions. Parece que o sr. Lowery não se incomoda com as perguntas do teste para a final, pois isso interfere no problemas com vacas e com José Cuervo.

Próxima fofoca, e ainda mais suculenta: Mark Pattison, pegador da classe sênior, e, escuta essa, Leah Moran... SIM! Foram pegos transando no vestiário masculino há duas noites, depois do treino de futebol. E, aparentemente, o sr. Pattison ainda estava com as suas ombreiras de futebol, assim disse o zelador da noite. *DISSE O QUÊ?* Eu sei. Também estou passada com isso.

Se precisar de ajuda para estudar para as provas finais de inglês avançado, não se preocupe, porque dizem as más línguas que o garoto ruivo e gostoso do Reino Unido se inscreveu para orientar vocês, seres humanos lamentáveis que não têm nada melhor a fazer com seu tempo do que estudar com um garoto inteligente. Aposto que a lista de inscritos aumentará 100%, e todas serão meninas. Confie em mim, garotas, se vocês o virem, definitivamente vão querer entrar nessa lista. Na verdade, não estou na aula de inglês avançado e me inscrevi para aprender a língua, se é que me entendem. :)

Por enquanto, é isso. Feliz primeiro de novembro!

Até mais, garotas. BeLHo

Para continuar a leitura, clique aqui.

Editora Bookmarks.
Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972
contato@editorabookmarks.com
facebook.com/editorabookmarks
instagram.com/editorabookmarks
twitter.com/editorabookmark